

UMA LOJA EM
PARIS

MÀXIM HUERTA

AUX TISSUS DES VOSGES
Alice HUBERT
NOUVEAUTÉS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UMA LOJA EM
PARIS

UMA LOJA EM
PARIS
MÀXIM HUERTA

Tradução: Fal Azevedo



Copyright © Màxim Huerta Hernández, 2012
Copyright © Ediciones Planeta Madrid, S.A, 2012
Copyright © Editora Planeta, 2015
Todos os direitos reservados.
Título original: *Una tienda en París*

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são fruto da imaginação do autor ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou não, é coincidência.

Preparação do texto: Alyne Azuma
Revisão: Gabriela Ghetti
Diagramação: SGuerra Design
Capa: Adaptada do projeto gráfico original.
Imagem de capa: © Image Source / Corbis e Shutterstock
Ilustração de capa: © Jean Llobregat
Conversão eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H881u

Huerta, Màxim

Uma loja em Paris / Màxim Huerta ; tradução Fal Azevedo. - 1.
ed. - São Paulo : Planeta, 2015.

Tradução de: *Una tienda en París*
ISBN 978-85-422-0470-4

1. Ficção espanhola. I. Azevedo, Fal. II. Título.

15-19131

CDD: 863

CDU:

821.134.2-3

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar

Ed. Horsa II – Conj. Nacional – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para você, que sempre desejou voar.

“É sempre preciso um golpe de loucura
para desafiar um destino”

MARGUERITE YOURCENAR

Esta história é quase verdade.

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Bibliografia

Capítulo 1

Nada havia mudado em anos. Minha mania mais exótica era colecionar, guardados em uma mala, retalhinhos de tecidos de todos os vestidos que usei na vida. Desde pequena alimentava essa absurda nostalgia por minha roupa. Aquela mala e eu éramos uma só. Minha primeira reação, quando tinha de abandonar um vestido (obrigada por minha tia), era pegar a tesoura, recortar um pedaço onde o buraco passasse despercebido, quando colocássemos a roupa na sacola para doá-la para a caridade e esconder o fragmento com os demais retalhos na minha mala. O tempo me deu razão: as cores iam se mimetizando à minha maneira de vestir.

- Você está sempre usando cinza.
- Não é cinza, é azul, tia.
- E é você quem vai me explicar o que é cinza?
- É que é azul mesmo.
- Não fale assim comigo! Tão jovem e tão teimosa! Pelo menos, vista algo por cima, alguma coisa que a deixe feminina. Na sua idade, eu... Vamos! Ande, pegue o lenço que dei a você de aniversário para alegrar um pouco essa cara. Está pendurado na entrada. Parece que você ainda está de luto!

Minha mãe morreu quando eu era menina. Tinha sete para oito anos. A tutela caiu como um fardo pesado nos braços de minha tia Brígida. Sua irmã gêmea. Ela cheirava a conhaque e a perfume na mesma proporção e assim continuava, vinte anos depois. Gerenciou minha vida à sua imagem e semelhança, dizendo como e quando eu deveria falar, o que vestir e como, além de estabelecer uma rotina

rígida de horários e estudos ferrenhos. A tarefa mais difícil da minha vida foi encontrar frestas por onde escapar, e para isso tinha desenvolvido uma habilidade incompreensível: prender a respiração por dois minutos. Fazia sem que se notasse, diante inclusive dos convidados de um de seus jantares de “gente como nós”.

Assim haviam se passado os anos.

Assim eu havia passado os anos. Prendendo a respiração. Até aquele momento.

Depois de um inverno longo e terrivelmente frio, de neves e geadas, a cidade despertou com as promessas da primavera. Ainda solteira, definhava no apartamento mais maravilhoso da capital. Morava na cobertura dos meus pais, trabalhava na fundação que deles herdei e passava as tardes lendo livros que escolhia pela capa e procurando postais antigos de Paris em antiquários. Posso ser considerada metódica, talvez, mas prefiro me definir como cuidadosa. Afinal de contas, fazia anos que ninguém cuidava de mim, eu era minha própria obrigação e administrava meu tempo caprichosamente. Solitária? Melhor dizer desabitada.

Naquela tarde de primavera, vinha eu das aulas de pintura nas quais quatro mulheres como eu me faziam companhia dois dias por semana (às terças e quintas-feiras) durante três horas. Digo “como eu” porque também tinham tempo e dinheiro para se entediar em uma sala envidraçada do bairro madrileno de Chamberí, na qual um velho pintor de 83 anos fazia as vezes de mestre e psicólogo. Começamos com carvão, desenhando frutas, garrafas e jarros rachados; logo passamos para o lápis de grafite macio, mais adequado por sua flexibilidade e expressividade, e traçamos linhas mais vivas; mas como para nós cinco aquilo era mais um passatempo do que um talento, voltamos ao carvão, técnica em que as sombras terminam por corrigir qualquer defeito. Isso se aplica à vida.

O carvão permite trabalhar com rapidez, fluidez e, uma vez aplicado, pode-se usar uma esponja, a mão ou um esfuminho para melhorar o que está irregular. É um truque para dissimular a falta de destreza. Assim como na vida.

Naqueles dias tínhamos começado a desenhar entediadas nos femininos que copiávamos de folhas que o velho pintor guardava em gavetas estreitas, divididas como um catálogo: botânica, objetos, corpos, paisagens e naturezas-mortas. Todas queríamos chegar às cores, mas a vida nos havia deixado por meses no preto e branco. Duas de minhas companheiras chegavam sempre juntas, de braços dados e em um estado de contínua contrariedade dissimulada, dispostas, com suas bolsas, a passar a tarde em um banquinho alto de tal maneira incômodo que nos obrigava a ficar eretas como um cajado de pastor. Uma chamava-se Rosa, e a outra, Maribel; quase idênticas, uma meio que imitando a outra no passo em que subiam os degraus da sala de aula com aventais passados de maneira similar. Falavam em voz baixa, quase imperceptível até mesmo para elas. Assim, optou-se pela cumplicidade de duas mulheres, talvez parentes, que foram decepcionadas muitas vezes pela vida. A terceira era Isabel, devia ter a minha idade, acho que disse que já se aproximava dos quarenta, e sua presença na aula era sutil como uma borboleta: era magra e frágil, com os cotovelos ossudos assim como os joelhos de pele seca, e sorridente e abatida ou desanimada, tudo ao mesmo tempo. Era dona de um traço maravilhoso com o carvão, tanto que, para o velho pintor, era “marcante”, coisa que para as demais tanto fazia, porque nos bastava compartilhar algumas horas umas com as outras. Sua maneira de desenhar era delicada; sobre o papel, o carvão quase não fazia ruído, deslizando com uma musicalidade que deixava o traço inexistente, já que, com a ponta dos dedos, sombreava o desenho ao mesmo tempo que riscava a folha. Não fazia manchas, fazia contornos com uma precisão que, apostado, seria capaz de reproduzir um mapa da Europa sem necessidade de copiar de um atlas. Eu sempre a chamava de Inês, não sei por que razão. “Olá, Inês, boa tarde. Gosto de como você desenha.”

— Isabel, eu me chamo Isabel.

— Desculpe de novo, Inês; perdão, Isabel.

Pedia perdão, espantada pelo eterno engano, como se minha tia fosse aparecer, dura de raiva, no corredor. Tantas vezes errei que estive a ponto de pedir: “Você me permite chamá-la de Inês?”, mas

entendi o absurdo da ideia. Ela também estava calada na aula de desenho, assim como a quarta mulher. Essa era a mais velha de todas, Inmaculada, viúva desde sempre — a expressão é dela — porque seu marido tinha morrido em casa logo que se casaram. Um dia tinha chegado em casa e o encontrado adormecido no sofá; não lhe disse nada para não o incomodar e esteve com o morto durante a tarde toda até que chegou a hora do jantar e não teve outra opção senão aproximar-se e tocá-lo no ombro. “Desabou no chão”, disse a senhora quando surgiu o tema da viuvez. “Estou acostumada, sou assim: acho que nasci viúva, já nem tenho a lembrança de ter sido casada. Meu casamento são duas ou três fotos que guardo em alguma gaveta, apenas isso, não há dor”, contava, sem mágoa.

— Você se lembra dele? — perguntei-lhe da minha cadeira, onde me apurava tentando desenhar uma garrafa de conhaque e duas taças que o velho havia arranjado.

— Só lembro que era um homem — disse, voltando o olhar para o papel; fez um traço longo na silhueta negra que tinha entre as mãos, olhou de soslaio a natureza-morta e se voltou para mim. — Era um homem, nada mais. Seu rosto já pertence a outro mundo, até me parece estranho se começo a pensar em como era ou como eu era com ele. Não é voluntário, é que já se foi.

— Nem... seu perfume?

— Joguei tudo fora. Na verdade, eu era a única que usava perfume.

Inês ou Isabel (como quer que se chamasse) se enternecia visivelmente a escutá-la, porque sua expressão mudava de leve ao franzir os olhos, mostrando uma deferência caricatural de mulher para mulher. Eu, verdade seja dita, notava mais o mal-estar em quem escutava a ladainha de viúva do que naquela que contava o drama. O sofrimento estava de tal forma adormecido que não havia recordações tristes para projetar sombras em suas palavras; talvez, uma música de fundo invisível servisse mais como trilha sonora de seu relato, pontuando cada frase da memória revivida, que de evocação da morte. Sozinhas. Estávamos sozinhas. Nós e as pinturas. Rosa, Maribel, Isabel, Inmaculada e eu.

Acho que não disse ainda, mas me chamo Teresa e uma vez me apaixonei por um pintor chamado Laurent.

Capítulo 2

— O segredo da vida está na confiança. A vida, por exemplo, é esta tela...

Era evidente que aquela tela era minha vida. Quer dizer, além da tela branca, também imaginava o que eu devia pintar. Alguns pintam e depois explicam. Não é meu caso; eu buscava motivações até para posicionar a tela na vertical ou na horizontal. O velho pintor tinha pouca agilidade para se mover pela sala de pintura com sua bengala como os cegos que conhecem o caminho; ficava cansado com frequência e necessitava apoiar-se no encosto das cadeiras para recuperar o fôlego e dar a aula. A princípio, parecia austero, intratável por seu aspecto murchado pelos anos, mas nos enternecia com aquela forma que tinha de tagarelar: deixava o olhar perdido no horizonte para falar, de costas para nós. Imagino que para não ver nossos desastres. Batia palmas duas vezes antes das explicações, e todas levantávamos a cabeça como pombas assustadas. Comovia-me reparar nos restos de comida que sempre levava entre os pelos da barba que, sem dúvida, eram o reflexo da eterna viuvez, do deserto que deixa a solidão.

Falava apaixonadamente. Ou contava tudo muito devagar. Talvez quando se dava conta de que éramos umas ociosas sem vontade, mas com tempo.

— Vocês deveriam ter mais confiança em suas possibilidades. Deviam esfumar o carvão para conseguir o cinza desejado; peguem o pano de algodão para corrigir esse traço... ou seu dedo.

Gesticulava ao falar, girando o pulso da mão direita tal como as pás de um moinho.

— O giz branco é só para dar pontos de luz, vamos usá-lo unicamente para ressaltar as partes mais brilhantes do desenho. Por

exemplo, o brilho desta maçã, deveríamos dar um toque de giz para que seja um claro. É como fazer luz numa zona de sombras. Mas agora vamos deixar a luz de lado.

A luz de lado,

A luz de lado, à parte,

A luz de lado...

Todas começavam a pintar. Todas, menos eu. Aquela frase me deixava desconectada de tudo: “Deixemos a luz de lado”. Fazia transbordar minha cota de ansiedade, aquele frasco imaginário que minha tia vinha enchendo com sua maneira imponente de falar e de ordenar. “Você não deve andar tão lânguida. Estique bem o cabelo, faça o rabo de cavalo bem-feito! Assim você parece uma maltrapilha, levante o queixo! Vista-se bem! Não ponha os cotovelos sobre a mesa! Você parece tão pouco sua mãe...”

Como ela se parecia pouco com a irmã, que pouco parecia minha mãe.

Era como se o tempo tivesse parado nela e em sua maneira de ser comigo. Sempre estava atenta a mim, ao que eu fazia e como o fazia. A vida me converteu em um espelho do que ela queria ser e cresci morrendo de medo de improvisar, porque os olhos de minha tia sempre se voltavam... para mim. Acostumei-me a crescer assim, paralisada, incapaz de ser eu mesma senão por decisão dela.

Tinha um olhar de esfinge. Rejubilava-se ao falar comigo do alto das escadas, apoiando a mão no corrimão e com um inquietante aprumo. Então — como somos nós, os humanos — eu teria dado tudo para ter seu andar, deslizando tão ereta pelos corredores que parecia levitar, como se estivesse pendurada nas molduras do teto.

— Está na hora do piano, Teresa... Vamos.

Isso significava trocar de roupa, esticar muito mais o rabo de cavalo a partir da testa e ir com ela para a biblioteca. Aquela sala imensa na qual os lustres do teto eram os únicos objetos que impunham mais presença do que minha tia. Tirava do aparador algumas partituras e as abria na estante.

— Vamos em frente, Teresa.

O piano conhecia meu medo, meu estremecimento era familiar a cada uma das teclas. Minha tia, vestida com um de seus trajes

escuros, me observava de uma das poltronas de couro, virada de costas para que eu não visse que enchia a taça de conhaque sobre a mesa mais de uma vez, mas percebia que movia os braços como uma regente de orquestra. A cabeça delicadamente apoiada no respaldo, mas sempre levantada para não estragar o penteado, e os olhos entreabertos em um cochilo demoníaco.

Assim fiquei, assim cresci. Conduzida por ela, como outra partitura. Exagerando sua delicadeza, seus gestos e sua disciplinada feminilidade que deveria se refletir em mim. E por isso também me inscrevi nas aulas de pintura.

— Nas primeiras aulas vamos usar só o preto do carvão e todos os seus matizes. Não é preciso explicá-las, vocês são senhoras muito atentas. Por isso, quando errarem, vamos apenas corrigir o erro deixando cinza as zonas necessárias. Passem a ponta dos dedos por cima para modificar uma linha. Vejamos — insistia. — Esfumacem, esfumacem o erro todo...

O que Laurent teria pensado? Teria me falado da cor de outra maneira, com aquela força tão sua de expressar as palavras com grandes gestos. Sem meias tintas, sem matizes. Não desfrutei tanto dele como quando pensava nele. Essas coisas da vida e que demorei bastante para entender. Nesse caso era melhor acompanhar a aula de pintura e esquecer o que poderia ter sido. Aceitar. Esse verbo que aparece tão rápido no dicionário e que demora tanto para ir embora.

“Esfumacem, esfumacem...”. Suas palavras faziam todas concordarem ao mesmo tempo com a cabeça baixa, como se tocadas pela brisa em um arrozal.

— Não é um grande problema — dizia, enquanto agitava os dedos torcidos pela artrose. Os pequenos erros podem ser corrigidos. Se for grande, é só começar de novo. Começar. Co-me-çar.

Que a lógica vá para o inferno. Odiava ter de recomeçar. Durante toda minha vida preferi esfumaçar meus erros antes de rasgar o papel e começar a desenhar de novo. A gênese das coisas me parecia a coisa mais chata do mundo. Digamos que, sinceramente, isso é o que mais me define. Quando ia à escola, antes que meus pais

morressem, e eu fosse viver na casa da minha tia naquela eternidade de café da manhã, colégio, piano, missa e febres, detestava começar a recitar as tabuadas repetidas vezes. Esperava até aprendê-las de cabo a rabo para, então, pular no quadro negro e escrevê-las perfeitamente, sem falhas, para não ter de recomeçar.

Começar, começar, começar. Não, não, não.

— Você deveria retomar o poema partindo do zero — disse uma das professoras em uma daquelas aulas anteriores ao verão em que tudo era esticar o tempo para sobreviver até o fim de junho do ano letivo.

Com uma altivez incrível, respondi com tranquilidade.

— Não.

Fiquei de pé, e ela me encarou, estupefata, apoiada no quadro negro. Minhas pernas começaram a tremer ao pensar se, por acaso, aquela negativa chegasse aos ouvidos de tia Brígida. A professora abriu um sorriso hipócrita e disse em voz alta, diante de todos: “Você é impossível”. Era impossível. Pois, assim, cresci impossibilitada de embarcar em coisas que merecessem começar de novo. Pelo visto, esse medo não era estranho e exclusivo a mim. Também não ia ser a única, nem necessitava ser. Há pessoas que, paralisadas como eu ante um projeto, sentem todo tipo de reação, palpitações, urticárias, suores e, sobretudo, silêncio. Aprendi que calar também não era tão mal.

— O esfuminho serve para diluir um erro ou para clareá-lo. Juguem com seu matiz e tentem dar volume aproveitando esse erro. Tudo bem? Que tal?

Dirigia-se a mim. Conseguí articular algumas palavras de mentira.

— Gosto de como está ficando.

— Não está certo, você não gostou. Mas você continua aí, teimosa em plena lida com seu ir e vir de carvão. Comece a desenhar de novo.

— Tenho pena de desperdiçar o papel.

Ele riu com doçura.

— Está esperando o quê? — disse o professor com toda a tranquilidade do mundo. — Rasgue o papel!

Estava totalmente desconectada da situação. Sua presença atrás de mim, me convidando a começar de novo. Aquele homem tinha uma força nascida da calma que paralisaria um exército de lanças vindo em bloco à fortaleza.

— Sofre por não apagar e sofre muito no seu âmago — disse, sossegado — por não começar. — Aproximou-se devagar e notou meu tremor a quatro dedos de distância. Senti latejar o sangue nas têmporas, que começaram a doer. Esticou o braço diante do meu rosto e arrancou o papel na minha frente.

— Pronto!

— Sinto-me humilhada — disse a ele.

— Não, sintase aliviada. Você não consegue sentir-se assim.

Fiquei imóvel. O ar que respirava me parecia novo porque alguém tinha tomado a decisão por mim. Não era a primeira vez. Recebi um verdadeiro golpe no dia que o veterinário nos contou que deveria colocar o cachorro para dormir. Isso de dormir era outra forma de esfumar a realidade, precisavam sacrificá-lo. Disseram que eu decidiria. O veterinário lutou para manter vivo meu companheiro de vida, um basset de pelo grosso que tinha sobrevivido a um tumor e a uma queda da janela, um golpe que foi amortecido pelas folhas de uma árvore, mas que o deixou convalescente com as duas patas traseiras quebradas e arrebentado por dentro. Durante noites, quando vinha me dar uma lambida na cama antes de dormir, já não me reconhecia, mas devia se tranquilizar porque adormecia a meus pés, enrolado em uma manta que minha tia deixava embaixo da cama. Eu teria dado minha vida por ele. Tinha tanta energia quando fugíamos descendo as escadas, que, naquele momento, vê-lo passar as horas de espera naquela farsa que o veterinário tinha inventado era horrível, não havia maneira de manter a esperança. A partir daquele momento, minha desesperança se converteu também em minha prioridade. Eu ia para o colégio pensando que, ao voltar, ele estaria morto. Mas, quando voltava, o pequeno basset continuava murchinho em sua dor à espera de que eu desse a ordem funesta do “vamos”. Eu triunfaria se fizesse o médico fracassar, evitando a

eutanásia com uma morte casual. Acho que me lembro, um dia, ao chegar, de encontrar meu cachorro esticado no corredor no meio de uma poça de urina e ficar contente, tranquila por ele ter me liberado da decisão.

— Está morto! Lupas morreu!

Minha tia saiu pelo corredor amaldiçoando os gritos que eu proferia e lhe deu um golpe suave com o cabo da vassoura. O cheiro da urina parecia o cheiro da morte. Foi em vão.

— Está nas últimas. Você deveria acabar com o sofrimento do pobre animal — decretou ela, dando meia-volta.

Fui correndo para meu quarto porque meu cachorro continuava vivo. Quando mais tarde veio se arrastando com sua dor, poderia tê-lo matado com um chute, mas apenas pude chorar ao vê-lo do chão me pedindo o adeus. Suas pupilas acinzentadas já eram o anúncio de óbito; mal podia me ver com a catarata e, ainda assim, queria me lambe. Acho que se deu conta de que eu era a pessoa na casa encarregada de pôr data e hora para acabar com sua angústia.

— Basta. Assim não pode continuar — sentenciou, inflexível, tia Brígida.

Na manhã seguinte, na mesa da biblioteca, encontrei sua coleira de couro com o nome gravado na plaquinha. Minha tia havia madrugado para ligar para o veterinário antes do meu café da manhã e tomado a decisão por mim. Eu soube de sua morte naquele momento, ao chegar em casa. Não disse nada. Tinha ficado órfã pela segunda vez. E, sim, eu não pude tomar a decisão.

Capítulo 3

Naquela tarde, felizmente, saí da aula sem minha grande pasta, não tinha vontade de continuar o desenho em casa. Deixei-a junto das pastas das outras aprendizes no terraço, onde o velho pintor guardava todo o material, apoiada no parapeito retangular em que, às vezes, alguma de nós subia e ficava sentada, enquanto as demais sofriamos o indizível buscando uma perspectiva pela qual retratar a companheira. Era a parte mais ridícula das aulas: sentir nós mesmas e nossos complexos inspecionados, e ver que, através do carvão negro, todas essas inseguranças podiam ser piores no papel à vista dos demais. O primeiro dia provocava risos; o segundo, ira; o terceiro, silêncios; o quarto já provocava indiferença: ser retratada gorda, malvestida, feia, imperfeita, horrível, estranha e, sobretudo, como outra que não é você.

Tudo isso acontecia sob a cúpula do terraço do edifício onde ficava a sala de aula, muito acima dos plátanos gigantes que cresciam imensos na calçada em frente e que, ao se mover, criavam tormentas de folhas e galhos batendo contra as sacadas. O terraço do velho pintor era o acabamento caprichoso da esquina de um edifício modernista de sete andares, que surgia na paisagem da cidade qual um farol, com uma cúpula octogonal de ardósia, brilhante sobre colunas alternadas, com janelas amplas e altas que deixavam entrar a luz durante todo o dia, desde que o sol nascia até a hora em que se escondia atrás da serra, sempre visível da sala de aula. Ao mesmo tempo belo e espantoso. Uma sala impregnada por um cheiro intenso de aguarrás, tintas a óleo, terebintina, tudo guardado em latas que se acumulavam em um pequeno móvel embaixo do janelão ao sul e que eu gostava de xeretar do mesmo

modo que fazia na penteadeira de minha tia: na ausência dela, bisbilhotava suas coisas para encontrar algo que a tornasse humana. Além de uma garrafa de conhaque já aberta, encontrava terços com cheiro de rosas. Era sua maneira de benzer a si mesma. Amém.

Ficava assim escondida sua personalidade. Sob o poder das novenas à santa da família e do perfume inebriante que saía de algumas gavetas, alguns casacos, lenços e algumas luvas. Conhecia cada centímetro de seus armários. Com o coração pesado, invadia seu quarto para descobrir que mistério se ocultava por trás da rigidez corrompida pelos anos e pelo mau caráter. Enquanto enfiava as mãos entre os lençóis bem-dobrados, arrumados em pilhas ordenadas, minha pulsação se acelerava de forma endiabrada. Era um risco que precisava correr. Quando achava ter encontrado um bilhete, na verdade era um santinho. Quando notava algumas bolinhas, eram terços outra vez.

O espelho alto de seu quarto, cheio de manchas onde o mercúrio se separava do estanho, criava uma visão fantasmagórica e disforme de quem avançava pelo cômodo. Era uma loucura entrar. Dava-se de frente para ele, o vigia delator. Minha tia, porém, só utilizava um pequeno espelho que apoiava sempre em diagonal no aparador dourado com pés esculpidos em mármore para, como dizia ela, marcar “o negro dos olhos como se fossem dois azeviches”. Eu os imaginava como baratas.

Não acredito que tivesse se olhado alguma vez de corpo inteiro.

Lutando ao extremo contra o medo, abri uma das gavetas na qual ela guardava os broches e as caixinhas aveludadas nas quais estavam os anéis e os brincos... de minha mãe. Ela tinha guardado tudo.

“Depressa.”

Acelerei e peguei rapidamente os brincos que mamãe sempre usara. A casa estava mergulhada em um silêncio angustiante; tinha medo de que minha tia chegasse de repente. Quando toquei as duas pedras, senti o peso das mãos de minha mãe sobre meus ombros me tranquilizando. Meu coração acelerou, e meus olhos lacrimejaram. Lembrava perfeitamente o dia em que ela se fora, por ter sido doloroso demais... Inclusive a hora. E a maneira como minha tia

havia me contado: “Você vai ter de ser forte e não chorar quando a família chegar...”. A família.

Lancei-me sobre ela em busca de conforto. Ela me abrigou em seus braços por meio minuto. “Vai amarrotar meu vestido.” Ela me afastou, eu me afastei dela e acabei passando aquele dia todo em meu quarto, trancada, imersa na penumbra, calada, vencida pelos acontecimentos, secando constantemente o rosto para que ela não me visse chorar. Minha tia entrava a cada instante, acendia a luz para me olhar e a apagava de novo. Meu coração parou pela primeira vez. Haveria outras.

As tintas a óleo do velho pintor eram tubos grandes e enrugados, ordenados sem critério em uma caixa que tinha a tampa sempre aberta e suja, como se também tivesse sido usada como paleta; ganhava-se uma mancha ao tentar pegar uma das embalagens porque o óleo das tintas fazia os tubos colarem uns aos outros, formando assim uma massa pegajosa. Eu amava os nomes das cores. Pigmentos da marca Charvin que evocavam ideias como terra, siena, laranja indiano, anil, esmeralda, vermelho rubi, magenta, azul-turquesa, azul royal, vermelho flor de linho, vermelho carmim, terra de cassel...

— Estou cansada de preto e branco. Preciso de cor — disse ao velho em uma tarde em que minhas companheiras saíram antes de mim.

— Você tem de conquistá-la. E, para isso, precisa saber utilizá-la bem. Não é fácil misturar as cores umas às outras. Vamos pouco a pouco. Primeiro as básicas, em seguida rebaixamos os tons com branco, depois introduzimos marrons, azuis, verdes, alaranjados... — parou de repente, apontando um quadro pendurado em um dos pilares, pequeno, de apenas vinte por vinte centímetros. — Sabe de quem é aquela pintura a óleo?

Observei a tela em silêncio, imóvel sobre o piso de mármore qual um caçador à espreita de sua presa.

— Do seu filho?

Franziu a testa.

— Não, Teresa. Esta tela é a minha primeira; devia ter catorze anos e tinha todo o material necessário para pintá-la.

— É bonita.

— Agradeço o elogio, senhorita Teresa, mas não é verdade. Ter tudo de que precisava para pintá-la não significa que pudesse fazê-lo. É uma tela ruim. Além da perspectiva, da composição, a escolha das cores foi absolutamente infeliz. Nada funciona.

— Então por que a guarda? Se não gosta dela...

Olhei para ele ali, de pé, e vi como franzia a testa e constatava minha obsessão por obter resposta para tudo. Mas ele, com a mesma vitalidade que empregava no uso do pincel ao corrigir nossos traços enquanto ziguezagueava entre os cavaletes, retrucou:

— É preciso saber esperar, há que saber esperar, saber esperar...

— repetiu como um mantra ao se virar na direção da janela buscando um ponto de fuga para continuar seu discurso. — Eu também tinha pressa, sempre tinha pressa para tudo, para correr, para comer, pressa para dirigir, para crescer, para envelhecer! Isso é o mais absurdo de tudo, não? E a pressa, senhorita Teresa, e tenho a certeza da desagradável maturidade que me deram os anos, não vale nada. É preciso saber esperar...

— Sim... — encerrei a conversa com um monossílabo, em minha mania de dar sempre a última palavra, tal como diziam meus pais. Calculei que, naquele ritmo, demoraria anos até poder pintar uma tela com cores. Não conhecia bem o velho pintor. De fato, pouca gente no bairro o conhecia de verdade. Talvez por isso eu desejava tanto conversar com ele. Aliás, falava mais com ele do que com qualquer outra pessoa. Havíamos alcançado um nível de conversa — jamais entrando no campo pessoal — totalmente aceitável.

O quadro era uma pequena paisagem com dois cumes de montanha e uma casa de tamanho desproporcional que tinha as cores de Van Gogh e as linhas simples e tensas de um desenho de Antonio Fabrés. O professor era um homem complexo, talvez de aspecto rude, mas suavizava os estados de ânimo melhor que o chá quente fazia com a solidão. Puxou seu relógio do bolso pela correia de couro quebradiço e olhou as horas, trazendo-o até bem perto do nariz. Fazia isso com frequência, sobretudo para marcar o espaço

entre ele e seu interlocutor. Isso o ajudava a parar o tempo, livrando-o de qualquer coisa que o incomodasse. Guardou o relógio no bolso e disse:

— A cor vem pela sua imensidão. Primeiro você precisa dominar o branco e o negro e não se sentir assustada com sua lugubridade; precisa saber encontrar a luz do branco em meio à penumbra. Jogue com as sombras, faça o espaço branco ser ainda mais luminoso do que poderia ser um amarelo, um laranja, um azul-celeste. O dia que se sentir à vontade com todos esses carvões é porque chegou o momento de encher tudo de cor.

— Mas me cansa pintar com o preto! — exclamei, um pouco irritada.

Pensava no negro azeviche, o negro das baratas, o piano de casa...

— Deixe espaços.

Tossi para limpar a voz e retruquei, como que em um desabafo:

— Mas me sinto ansiosa ao ver tudo assim, tão triste. As frutas não parecem frutas, as figuras parecem mortas, as paisagens são fúnebres... Olhe meus desenhos, são densos, os pássaros não voam, são blocos enegrecidos.

O velho pintor ouvia tudo com uma expressão tensa.

— Escute — disse, enfático, com uma autoridade mais próxima a de um sacerdote que a de um professor. — Deveríamos ser muito mais ambiciosos conosco mesmos, mas, fundamentalmente, você deveria escutar menos a si mesma e se deixar levar pela pintura. Vocês agora estão em uma fase que pode ser longa e desgastante; estamos jogando com a bruma do negro. Tudo o que vemos à nossa volta tem cor, tudo é composto de cor, repare, senhorita Teresa. Olhe para lá, ao fundo da janela...

Era uma tarde com muita luz, e os telhados e as varandas de Madri estavam fortemente iluminados. Sucediã-se edifícios que obedeciam a uma estrutura ordenada e rígida, as sacadas pretas de ferro com curvas e rosáceas e as balaustradas maciças das fachadas mais espetaculares ao longe, amareladas pela vegetação. Abaixo, os pórticos de folha dupla, os anúncios de rua, as lojas com toldos de listras, as pessoas, as roupas, os sapatos, as calçadas de meios-fios

brilhantes. De cima abaixo havia todo um universo de cores em que os edifícios iluminados pela tarde desempenhavam um papel essencial.

— Os tijolos estão alaranjados — disse.

— É surpreendente, Teresa — afirmou, virando na mesma direção que eu —, que seja capaz de olhar mais além. Só quero que observe o céu.

— Azul.

— O que acontece com você, senhorita Teresa? Olhe bem... Azul é a primeira cor que vemos; o branco também aparece, toque o turquesa, aprecie o anil, o rosa, o amarelo, um violeta, algo de vermelho, outro azul, mais forte, mais delicado, um marinho quando se choca com as chaminés, cerúleo lá, um índigo claríssimo ao se perder ao fundo, o violeta outra vez...

Olhei como o velho pintor depurava cuidadosamente o céu. Ele ofegou.

— Não desista, senhorita Teresa — incentivou ele, me encarando —, não relaxe. É difícil ver, mas, às vezes, tudo está à mostra mais do que podemos perceber. O que podemos fazer? — perguntou, com entusiasmo. — Você precisa aprender a ver. As pessoas não sabem ver, andam pela rua e cruzam umas com as outras, correndo os olhos por semáforos, mesas, pisos mal-encaixados. Os toldos se abrem sobre nós quando o sol queima, desenhando sombras no chão às vezes sutis; as folhas das árvores em que se apoiam as lixeiras formam desenhos, folhas que são marrons, beges, tostadas, cor de baunilha... O asfalto não é negro, tem um tom azul siena às vezes, outras, cinza-azulado, acinzentado, inclusive. Olhe para isso. Os pórticos criam universos dentro e fora, o vermelho do seu casaco é magenta às vezes, outras é ameixa, cereja, pêssigo maduro... Varia, as cores vão mudando aqui e ali; quando nos movemos, tudo se modifica. As cores são singulares em si mesmas, assim como o cinza e o preto que você tanto detesta. A cor vai chegar. Mas você deve preparar os olhos para saber observá-las...

— Como você sabe disso?

— Dizem por aí — confidenciou, em voz mais baixa — que nós velhos sabemos mais por sermos velhos. O diabo sabe mais por ser

velho do que por ser diabo, não? Sei que sua vida está rodeada de branco e preto, sei que está cansada do pretos, que a fadiga a mantém anestesiada, mas acho que isso acontece porque você se instalou nele; você vive no cinza. Espere. Precisa aprender a esperar. Agora aprenda a ver a luz na mancha dessas negruras que pintamos aqui com carvão. A cor vai chegar. Não tenha pressa.

“A cor vai chegar...”

Os últimos lampejos da tarde brilharam entre os edifícios através da grande janela, tingindo de tons ocres suas palavras. Ele, indiferente à surpresa boquiaberta com que eu fitava o infinito, claudicou com sua bengala até o armário das tintas a óleo. Quando os raios de sol timidamente se apagaram, virei para pegar minhas coisas. O velho professor estava acendendo seu cachimbo, e o tabaco em brasa me pareceu um pequeno entardecer.

— Seja paciente — repetiu, com a testa franzida ao aspirar a fumaça. — Tudo se resume a isso.

Capítulo 4

O choque estava prestes a me atingir. Era o dia marcado, e eu andava despreocupada, os braços livres. Saí do ateliê de pintura sem nenhum compromisso marcado e com tempo para gastar, assim pude me deixar levar pelas ruas em um passeio sem rumo antes de chegar à casa de minha tia. Como de costume, desde muitos anos, comprei uma caixa de biscoitos de chocolate, o único doce passível de amenizar, por um segundo, o ricto amargo daquela mulher — era a minha tentativa desesperada de adoçá-la de alguma maneira. Comia as bolachas cobertas de chocolate com uma calma irritante, estendendo o tempo gasto no lanche e me obrigando a tocar, com estoicismo, o piano para entretê-la.

Encontrava-me justamente à altura da casa de minha tia para a visita de rotina quando recebi sua ligação.

— Filha, hoje estarei a tarde toda na fundação.

Respirei. Aquilo tinha caído bem. Voltei a caminhar. Passei pela Paróquia de Santa Bárbara como que em um ritual e segui até o bar em que Tomás, o garçom, trazia — outro tipo de cerimônia — um gim-tônica com algum gim novo até a minha mesa e puxava conversa. Esperei perto da janela de vitrais onde minha vida se tornava quadriculada como em um caleidoscópio. Tomás não estava trabalhando naquela tarde; ganhei de novo a rua.

Uma senhora caminhava à minha frente levando um cachorro; ia lenta e ofegante pela velhice e carregada de sacolas. A cada dois passos parava. Abri a caixa de biscoitos de minha tia e joguei-os para o cachorro. Aproveitei para atravessar a rua e mudar de calçada. Depois de parar por um breve momento na loja de plantas

para sentir o perfume que emanava de seu interior, notei que todos os meus sentidos estavam alertas. Que estranho.

Foi então que, ao passar pela porta de uma galeria improvisada, notei à venda, entre milhões de coisas, uma tabuleta de madeira muito antiga:

Aux tissus Vosges, Alice
HUMBERT, nouveautés^[1]

Entrei.

O antiquário casual da rua Fernando VI tinha ao alcance todo um sortimento de móveis que pareciam saídos de velhos parques parisienses: cadeiras dobráveis brancas, agora enferrujadas, do tipo que jamais estão firmes, ao lado de bancos de madeira descascados, projetando um cenário de filme decadente. Havia mesas gigantes de pés torneados, que custavam uma fábula, servindo de apoio a dezenas de grandes vasos de cristal cheios de rosas frescas de caule longo. Cada centímetro da loja estava ocupado por objetos mais ou menos valiosos, mas meu pulso se acelerava impulsionado pela poderosa influência da tabuleta que se via da porta, pendurada ao fundo.

Os dois grandes lustres que dominavam a área dos relógios tilintavam com a brisa que vinha da rua; abaixo deles, uma cama dourada gigantesca despertava a vontade de pular como uma criança enlouquecida na Noite de Reis, e dois ou três berços de níquel me provocaram calafrios. É algo que trago em mim. Sempre que vejo objetos de infância sinto uma repulsa irrefletida — falo de objetos como bonecas de cerâmica e jogos de lata, similares aos que também havia ali. Uma estante, gasta pelos anos, cheia de bonecas de olhos arregalados que afugentavam até onde estavam os objetos de cozinha — inúteis, mas deliciosos. Havia candelabros e luminárias de mesa, pequenas caixas de madrepérola abertas, com antigas joias que também estavam à venda, e um piano que, com teclas faltando, servia de mesa para as coleções de partituras que

agora os decoradores usam como papel de parede de corredores ou de quartos.

O tempo tinha parado naquele antiquário. Ao fundo ouvia-se uma música clássica impossível de identificar, porque se misturava com o murmúrio dos clientes, entretidos em esmiuçar o conteúdo de caixas e de alguns baús imponentes, dos quais surgiam guarda-chuvas de cabo polido como esqueletos. Havia muitas cadeiras acolchoadas, poltronas e banquetas de veludo puído e brilhante — estas disputadíssimas, a julgar pelo número de pessoas que as rodeavam. Precisei de um tempo para conseguir chegar até a tabuleta — minha tabuleta —, fascinada por sua simetria e suas letras. Fiquei assim, estática diante da madeira pintada, incapaz de escolher outro objeto.

Naquele momento algo havia mudado minha rotina, algo tão absurdo quanto uma velha tabuleta de uma loja de Paris.

Eram “Tecidos de Vosges. Novidades”. A proprietária anunciada na tabuleta tinha um nome precioso, Alice Humbert. Lembrei-me de quando era menina, recortando pedaços de meus vestidos, escondida de minha tia, para guardá-los em minha maleta. A tabuleta era de madeira envelhecida e tinha sido reforçada por ripas novas na parte posterior do quadro onde havia sido montada; na loja, me garantiram ser do início do século XX, sem poder precisar de qual ano, e mesmo assim ainda era possível apreciar as cores, um fundo cinza azulado bem clarinho, azul-turquesa na primeira e na última linha e as letras da tal Alice em minúsculas, em rosa ou um vermelho morango gasto pelos anos, mas ainda legível em sua grafia, e o sobrenome Humbert em maiúsculas. Era suficientemente grande para que eu a visse desde a porta do lugar, onde parei, abstraída e curiosa pela primavera seca que cobria a entrada.

Fiquei em silêncio olhando a tabuleta.

Paguei por ela duzentos euros. Deixei o dinheiro sobre a mesa e levantei o olhar para o jovem que amavelmente me atendia. Presenteei-o com um sorriso porque senti uma estranha excitação de levar algo mais que um simples letreiro de madeira. Ele me repetiu várias vezes, insistindo nos adjetivos, que era uma “tabuleta parisiense original” e rara pelo seu estado de conservação e pela

“cor excepcional”, depois de ficar anos pendurada ao ar livre e “sob as chuvas e os frios intensos de Paris” e blá-blá-blá, continuava falando enquanto a embrulhava em papel pardo e plástico-bolha para “não danificar a pintura das letras”, de acordo com suas palavras. Soprou a franja antes de prosseguir:

— Trazemos todas estas coisas de Paris, são de velhos armazéns que acumulam...

—... histórias — apressei-me em dizer quando ele amarrou o pacote com um cordão.

— Muitas histórias, sim. Certamente. A verdade é que você leva o objeto mais bonito. Se quiser que reservemos alguma outra coisa de que tenha gostado, é só dizer.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e três. Por que pergunta?

— Nada, só por perguntar.

Vi como amarrou forte o cordão com vários nós simples enquanto disfarçava sua curiosidade diante de minha pergunta e como alisava com a mão as rugas do papel nas quinas do pacote onde tinha acrescentando fita adesiva e alguns pequenos pedaços de papelão para fortalecê-lo contra possíveis golpes no meu trajeto até em casa.

Interrompi-o.

— Você toma muito cuidado com as coisas.

Desta vez ele nada disse. Continuei.

— Não é preciso tanto, eu moro muito perto.

— Não se preocupe, é minha obrigação. Assim fica bem protegido.

O garoto me contou a história do antiquário, tentando escapar da minha conversa, e se ofereceu para buscar alguém para entregar o pacote em casa, já que “é bem pesado para você; se quiser, providencio o transporte”, tentou me ajudar.

— Domingo vou abrir o presente — menti para distraí-lo.

— Como? — O rapaz olhou para mim, surpreso.

— É um presente. Este é meu presente — acrescentei.

— Então muitíssimas felicidades — retrucou ele, com gentileza — e que seja apreciado por...

Voltei a interrompê-lo.

— Por mim. Eu devo apreciá-lo.

Tinha me especializado em entabular conversas com empregados, auxiliares, porteiros, taxistas, lanterninhas... Porque, se assim não fosse, não falaria com quase ninguém. Fazia isso sem notar, brincando infantilmente com as palavras e saltitando de uma frase para outra, cortando-lhes a fala e confundindo-os com outra opinião; às vezes, escutava e rebatia seus argumentos ou então mergulhava em suas palavras para passar o tempo batendo papo e alargar o tempo de conversa, mesmo que só estivessem embrulhando um presente que eu mesma abriria.

— ...E, se eu gosto já, é suficiente. É a mim que vou presentear.

Ele sorriu de forma mecânica, como fazem todos os empregados bonitos que estão contando as horas para o fim do expediente.

— Muita sorte — disse, um pouco distraído por minhas palavras. — E que tudo saia muito bem — acrescentou, de maneira não muito convincente, antes de se virar. Na realidade acrescentei ao pagamento uma boa gorjeta porque ele era bonito; olhar para ele dissimuladamente me deixava excitada. Seu cheiro, sua camiseta apertada, seus braços.

A tabuleta era bonita, mas essa não era a razão da minha compra. De jeito nenhum. Tinha a casa cheia de quadros herdados, mesas cheias de porta-retratos, caixinhas com minúcias de madreperla, suvenires de viagens, muitos postais de Paris, cinzeiros Hermès sem nenhum uso, bandejas feitas de corais quebrados... Não havia lugar para mais recordações, nem as minhas nem as de minha família morta. Bem, havia algo mais naquela compra: uma intuição ou um palpite de que o meu destino passava necessariamente por ali. Um estremecimento fez eu me conectar àquela velha tabuleta. No momento em que a vi, um pressentimento me conduziu como um fantasma até o interior daquele antiquário e até aquela tabuleta francesa de princípios do século que, assim que cheguei em casa, pendurei sobre a mesa do meu escritório. Tinha bastado chamar o porteiro para que subisse para colocar dois pregos na parede, mas ao tirar dois quadrinhos que ocupavam a área entre as janelas, descobri que se encaixava exatamente na medida de dois pregos ali já dispostos.

“Perfeito”, disse a mim mesma. “Que coisa!”

Recuei e contemplei minha nova aquisição, como que feita para o lugar, mas sobretudo para mim. Saí e entrei várias vezes da sala de forma quase cansativa para ver como ficava pendurada ali; parecia que era “seu lugar”. Dei um passo atrás, mais um, quase como um robô caminhando de costas, para me deter na distância na qual uma pessoa muda de expressão e sorri também automaticamente. “Sim, é aí.” Dava um ar cálido ao escritório, como se devesse estar ali desde sempre. No Liceu Francês, onde estudei, havia uma tabuleta parecida sinalizando as oficinas de artesanato — o único lugar onde era feliz. A professora de argila passava a aula cantarolando canções que aprendíamos de maneira natural enquanto enfiávamos as mãos no barro quente. Aquela liberdade para se sujar tinha sido uma celebração em minha vida diária.

— Onde você estava, Teresa?

— Fui ao banheiro, senhorita Florence.

— Mas agora é a aula de argila.

— Bem, se me sujo, vão brigar comigo... Não trouxe o avental.

— O que você vai fazer? Não tocar a argila? — perguntou, carinhosa, acariciando-me o cabelo.

— Mas... Minha tia... Não vai ser bom. Posso chegar com a roupa manchada...

— Pois vai ser difícil para você. Todas já têm seu pedaço de argila e estão pensando qual forma dar a ele no torno. Você vai ser a única a não participar? — Sua voz refletia a angústia que sentia por mim. — Estamos esperando você.

— Não sei, preciso pensar, mas eu gostaria.

— Tenho certeza de que você já pensou qual figura vai fazer com o barro...

Não hesitei.

— Uma caixinha.

— Viu? Pois então vou falar com a secretária e pedir para procurarem um avental para você. Talvez tenha algum sobrando de outro curso. Você quer, Teresa?

A senhorita Florence me olhou fixamente para que eu visse em seus olhos a confiança que me faltava em casa.

— E...?

— Quero ser como todas.

— Então seja, se você fica feliz.

Acho que ela sempre teve consciência de meus temores e de minha cautela. Naquelas aulas, eu me sentia protegida e alheia à conduta marcial de tia Brígida; ainda que por lealdade à minha família materna, ela manteve sempre o silêncio e me ajudou a lavar as mãos e o rosto com mais vontade que as demais. Amei aquela professora francesa de forma absoluta.

Depois de olhar um momento a tabuleta de Alice Humbert, me deixei cair sobre o sofá e dormi abrigada entre as almofadas.

O rádio começou a tocar.

Fiquei atordoada, confusa. O aparelho tinha ligado *motu proprio*. Abri os olhos. Um raio de sol atravessava as cortinas. Virei para a mesa de café para alcançar o controle remoto sem que o sono saísse de cima de mim. Estiquei o braço e abaixei o volume até deixá-lo quase inaudível, tão suave que mal se escutava. Odiava as coisas técnicas. “Compre o de sensores, muito mais qualidade por um pouco mais”, tinha dito o vendedor para me convencer. Apertei o *off*.

Tocou outra vez. Ligeiramente mais alto.

“O que foi agora?” A música soava alto, violenta; levantei com um salto e procurei o controle remoto outra vez. Aquilo tinha saído totalmente dos trilhos. Estava certa de que tinha apertado o *off* no meu cochilo. Voltei a fazê-lo e tornei a entrar em um estado de transe por um longo tempo, esquecendo-me da música que aleatoriamente tinha tocado fora de hora.

A vida na horizontal era mais vida. Morava em uma cobertura de quatro quartos. Janelões de vidro duplo. Piso de madeira. Porta blindada. Aquecimento individual. Tapetes por toda a casa. À prova de todo som, exceto o da minha respiração. Não chegava nenhum ruído da rua. Naquele momento só se percebia a música que inadvertidamente tinha começado a tocar mais alto. E, agora, ainda um pouco mais alto. Peguei o controle e apertei com força o *off*.

Demorei muito a dormir e passei um tempo agitada no sofá. A tecnologia não podia estar me pregando essa peça. Em numerosas ocasiões acordei e olhei a tela do aparelho de música. Os números marcavam a hora, o rádio estava desligado, e o reproduzidor de CDs, vazio. Não fazia nenhum sentido. Tive vontade de desligá-lo da tomada, mas, para não levantar, desisti. Era o meio da tarde quando adormeci. Uma hora depois...

Clique. Reagi tensa como um chicote, entre os almofadões. Abri os olhos e pude ver claramente como acendia a luz verde na tela. De novo tocava a música. Era a mesma canção. Outra vez! Fiquei tão surpresa que gritei.

Estive a ponto de jogar o controle remoto no chão, mas hesitei; quis prestar atenção à canção:

*Je ne sais pas qui tu peux être,
je ne sais pas qui tu espères,
je cherche toujours à te connaître et ton silence trouble mon silence...*
[2]

Minhas pernas fraquejaram.

A canção tocava alheia a mim, mas eu a senti como uma mensagem. Era uma canção em francês. Dei alguns passos pela casa; nervosa, acendi um cigarro e o fumei sentada no terraço prolongando o ato até o final. Com um pouco de sorte, descobriria que canção era. Cantarolei a melodia, apoiada no parapeito e olhando como todos os carros paravam ao mesmo tempo no semáforo em frente à cafeteria, soltando fumaça sobre os clientes relaxados. Era um som que eu me lembrava de ter escutado antes, uma canção conhecida. Acendi outro cigarro depois de jogar a bituca pela grade. Não havia escolha. De toda forma, não ia deixar de cantarolar — estava certa disso — até encontrar a canção. Quando estava desanimada, o que era habitual, podia ficar no parapeito horas, alheia a ser vista daquela altura, como um deus. Imaginava as relações entre os vizinhos, suas histórias, suas ocupações, seus problemas. Podia ter imaginado seus amores, mas

em questões de amor eu só sabia fantasiar comigo mesma. Com frequência dizia “Somos demasiados”, como se temesse que alguém tivesse de decidir quem deve viver e quem deve morrer. Devia-se à preocupação que sentia desde que meu cachorro tinha adoecido e me fizeram atuar como Deus todo-poderoso com ele. Não pude. Provavelmente era essa incerteza o que me mantinha cantarolando a melodia.

Ia pelo terraço ruminando as notas.

Uma vez metida em um pesadelo circular, era capaz de continuar até me martirizar e terminar exausta. Afinal, herda-se o que menos se espera de sua família. Minha tia, que tomou por mim a decisão de matar meu cachorro, tinha — suponho — bom coração, mesmo que isso servisse quando se tratava de ordenar a morte ou deixar viver. Durante muitos anos a odiei porque não queria odiar a mim mesma por aquela decisão. Eu era nova e ainda não muito alta. Magra e com o cabelo sempre trançado para “ter o rosto livre”, palavras de minha tia. Em minha casa, em 1986, podia ser dia de trabalho ou feriado, estar em casa ou na rua, mas sempre devia ter o rosto livre. Em minha liberdade posterior, quando minha tia começou a ficar velha, e eu, adulta, cortei o cabelo com franja para ser do contra e me esconder.

Fiquei pensativa, animada frente à insensatez do fenômeno. Não podia afastar a vista do salão, mesmo que o reflexo dos cristais me fizesse ver todo o tipo de idiotices; entretanto, permaneci um momento no terraço; tampouco era tão valente. Dali de cima, apoiada na balaustrada da minha cobertura, minha cabeça dava voltas centrifugando notas musicais enquanto buscava o título da minha entonação. Imaginava as emoções de todas aquelas pessoas ali embaixo e quantas, no mesmo instante, teriam tomado uma decisão acertada ou equivocada apenas por estar contra alguém. Por escrever sua vida à sua maneira.

Apaguei o cigarro e saí em disparada até a porta da rua.

“Não posso ter medo...”.

Ainda estava petrificada, cigarro novo na mão; senti um ruído atrás de mim ao subir o elevador. Dei a volta para apertar o “B” e, sobressaltada, senti uma presença ao fechar a porta. Meu sangue

gelou. Abandonando o edifício, peguei a saída até a rua Almagro e desci até Alonso Martínez para me enfiar entre as pessoas que estavam na varanda da Santa Bárbara. Procurei um lugar e uma mesa com vista livre, mas estava lotado; então decidi continuar caminhando pela Orellana. Caminhar sempre me ajudava a relaxar, a me livrar da ansiedade como se entrasse no mar para mergulhar. Sentia-me estranha, mas não queria esquecer o que tinha acabado de acontecer em casa; talvez gostasse da ideia de estar *acompanhada*. Isso era o mais estranho.

“Não sei quem você pode ser, não sei quem você espera ser...”.

Precisamente isso, não sei quem esperava ser. A única imagem que guardava de minha mãe comigo eram fragmentos à beira da cama, quando ela se sentava para me dar boa-noite e se aconchegava a mim até que eu pegasse no sono. Só me lembro dela tossindo, com aquela afonia que já pressagiava um final que chegaria cedo demais. “O que quer que eu conte para você?”, me perguntava. “Uma história?” Eu apenas queria tê-la perto, sentir aquele calor de que tanto senti falta durante a adolescência, no colégio, quando cresci, ao viajar, no meu primeiro amor, em meus segredos, sempre ao dormir cada noite de minha vida. Todas as noites de minha vida. “Quer uma história? Era uma vez um lugar cheio de borboletas coloridas que voavam por um bosque cheio de luz e árvores...”. E tinha de parar e se cobrir ao meu lado porque não podia aguentar aquela tosse interminável. “Fique boa, mamãe, fique boa agora...”, dizia quando ficávamos coladas, brincando com a borda do lençol como se nos cobríssemos, escondidas de um futuro negro que já estava ali, nos olhando de perto.

— E quando eu crescer, o que vou ser, mamãe?

— Você vai ser o que quiser, você é minha menina.

— Por quê?

— Porque você é minha menina e porque sei que será forte; você se esqueceu disso?

— Você é muito valente.

— Ah, sou?

— Querida — dizia me acariciando o cabelo —, estarei sempre com você. Entendeu, meu amor? Sempre. Você me conta cada dia ao

dormir suas coisas, o que aprende no colégio, o que faz, do que você gosta, do que não gosta... e tudo o que acontece com você. Quando tiver medo se cubra com o lençol, morda como se fosse uma bala de menta, e estarei aqui. A seu lado. Se algo preocupa você, vou poder ajudá-la, você me conta à noite, depois que tiver rezado. Combinado? E ainda que eu esteja longe...

— Longe? Longe, onde é?

— Longe é mais além da porta, Teresa... Mais além da porta.

— Bom, mamãe. Não vá para mais longe.

— Morda bem forte o tecido do lençol, sem medo, você precisa ser uma menina invencível e pensar que, se fechar os olhos, estarei com você... Com você.

— Sim, mamãe.

— Em caso de apuro, você me chama. Fico aqui ao seu lado, esperando. Quando a luz se apagar também estarei...

— Sim, mamãe...

— Boa noite, meu amor.

Passei a tarde caminhando pela rua Argensola, Regueros, Belén, Plaza de las Salesas e acabei sentada em um banco em frente à estátua de Bárbara de Braganza, justo na praça Villa de Paris. Mas isso era uma autêntica casualidade ou simplesmente a expressão do meu desejo? O que estava acontecendo? Algo me empurrava na mesma direção? Esperei alguns minutos antes de me mover. Talvez essa proteção seja a que me fez instintivamente ficar ali durante um longo tempo. A mesma proteção que me levava a morder o lençol todas as noites, pensando em mamãe.

Ao chegar em casa, um casaco jogado no chão me impediu de abrir direito a porta. Tive de empurrá-la com força para poder entrar. “É algo normal, é algo normal...”, dizia a mim mesma. Deve ter caído quando saí em disparada pela rua. Entrei de lado, com vontade, pendurei-o outra vez no cabide e entrei furtivamente no salão.

Confesso: não tinha medo. Por momentos me sentia ansiosa, mas logo confiante porque não sentia receio algum; depois, de novo hesitante se acaso voltasse a tocar a música inesperadamente. Passei o tempo com o pensamento fixo em uma ideia estranha. Queria

acreditar que eram coisas da tecnologia, mas a vontade de estar enganada me devorava... Alice, Alice Humbert, repeti para mim mesma. Seria morena? Que dia teria aberto a loja de tecidos? Como seriam os tecidos? Alice devia ser jovem, imaginava-a com seu cabelo preso em uma fivela de madrepérola, com aspecto saudável, bonita, rosada pelo ruge e com autêntica paixão pelo seu negócio. Uma mulher que dá seu nome ao estabelecimento já me parecia uma heroína do começo do século. Se fosse solteira, seria uma solteira cheia de pretendentes, com algum romance que a levaria para passear sorridente pelas explanadas da Exposição de Paris, sob a recém-inaugurada Torre Eiffel ou pelos bulevares que se enchem de mesinhas de café.

Fantasiava como ela seria, vendo como abria seu negócio com as mãos cobertas por luvas curtas de renda que depois guardaria cuidadosamente em sua bolsa antes de empurrar com a ponta da botina a porta encaixada no batente. Já dentro da loja, acendendo a luz e abrindo as cortinas das vitrines. Uma sala gigante, com um mezanino, talvez em Saint-Germain, ou pela avenida que leva a Ópera e que, em seus melhores dias, era dominada por mulheres que procuravam tecidos para impressionar as amigas com uma nova saia e uma blusa ajustada à cintura e generoso decote. Mulheres da alta sociedade francesa, acompanhadas de modistas que decidiam os metros de tecido necessários para o corte da saia de suas senhoras, cochichando sobre as novas obras da cidade na fila do balcão.

Uma porta que, aberta, fazia soar campainhas, um perfume de talco, estantes carregadas de rolos de tecidos coloridos como a palheta de um pintor. Xantungue de seda, piquete, musselina, linho, sedas, viscoses, glacê, cretones, percal... Uns sobre os outros até o teto, alcançável apenas com uma escada de madeira que o ajudante arrastava. As tesouras grandes rasgavam o tecido diante da plateia, que admirava a segurança do corte, a rapidez da lâmina que não desviava nem um milímetro. O som da caixa registradora soando forte enquanto a garota envolvia a encomenda em papel. Uma porta ao fundo que se abria para um armazém e a da entrada, com vidros de cristal, que vibrava pela corrente de ar enquanto alguma senhora aproveitava para sair à rua. O garoto se chamaria Léo e seria o filho

pouco estudioso da melhor amiga de Alice, que precisava se ocupar para controlar sua hiperatividade. “Próximo!”, diria ela, dirigindo-se genericamente à fila de mulheres que esperavam, bolsa em mãos, para serem atendidas enquanto observavam as cores da parede. “Recomendo o glacê, é perfeito, seu efeito furta-cor o faz tão maravilhoso que você ficará belíssima”, diria, estendendo uma amostra de dois metros sobre o desgastado balcão. “Não se preocupe, pode tocá-lo, me parece tão único!”, diria enquanto a cliente torcia, coquete, o pescoço tentando se ver vestida naquele tom.

Como seria a voz de Alice: grave, delicada? Era segura ao falar? Não soube responder a essa pergunta, mas a visualizei cortês, gastando palavras acertadas entre a clientela. Ela, minha Alice, usava gola de rendas até o queixo, como mulher prometida de algum Mathieu, Clément, Antoine ou não sei quem. Perdi-me em pensamentos, deixando que meu olhar percorresse uma vez mais as letras da tabuleta que havia entrado em minha vida. Acabei me detendo no nome da antiga proprietária daquela loja de tecidos que acabava de entrar na minha casa. Alice Humbert.

Dei um grito.

Consegui! Consegui!

La question. A canção de Françoise Hardy. Era essa a canção! A canção que tinha tocado mais cedo! Era uma das canções que escutava, menina, com a senhorita Florence. Entrei no corredor como uma trapezista, virei na direção do escritório, avancei me esforçando para afugentar a desconfiança e empurrei a porta engolindo em seco, olhei de frente a tabuleta dos Tecidos de Vosges de Alice Humbert...

Ali estava, como um vitral colorido em uma catedral, esperando ser observado, guardando uma mensagem que só seria decifrada por alguns fiéis, como um código oculto. Não pude deixar de me perguntar de novo por que o rádio havia começado a tocar do nada, como se algo me levasse a ele. Deixei a porta aberta, esforçando-me para entender o porquê do meu nervosismo. Que devia fazer? Aguardar um sinal? Tive a impressão de que, de um momento ao outro a música tocaria de novo e inexplicavelmente, não me

provocava nenhuma desconfiança. Estava disposta a ser surpreendida. Desejava que tocasse. Pedia que tocasse. Que rugisse a canção com uma audácia do destino. Observei a tabuleta durante um momento, muda e pensativa. Fiquei pensativa sobre o nome, como se quisesse me dizer algo. Turvada pela situação. Contive o alento. Passaram-se alguns minutos, e finalmente pude articular em voz alta.

— Alice...? Quem é você?

Capítulo 5

Na manhã seguinte, preparei para mim um café da manhã daqueles que só são servidos em hotéis — não tem muito sentido viver sozinha e não mimar a si mesma. Sentei-me na cozinha. Os quadros de flores rodeavam um relógio antigo de ponteiros, cujos movimentos podiam ser ouvidos caso se prendesse a respiração. Eu o tinha trazido de Praga, junto com um calendário manual que, por preguiça, passava a eternidade na mesma data — o aniversário de Laurent, aquele com quem eu deveria ter sido feliz.

A cozinha dava para o terraço e tinha uma grande janela que ficava totalmente aberta nos dias de temperatura agradável, para que tudo fosse inundado pela luz. Luz. Anestesiada pela luz. Eu precisava de luz, era uma obsessão. Não por acaso as grossas cortinas marrons do palacete nunca deixavam os raios de sol entrar; todos acabávamos dentro de casa por ordem de tia Brígida. Cortinas e mais cortinas. Tudo fechado. Iluminado por luz artificial. Como minha tia.

Às oito em ponto soou um *clique*, e a irrigação automática começou a molhar todas as plantas. O mesmo *clique* que tinha me levado até quinze anos atrás: uma garota animada, que ajudava a família na fundação — o cabelo trançado e o desejo de sair daquela concha marmórea de cortinas marrons. Tinha tanta paixão pelas galerias de arte que vivia fugindo para exposições, munida dos convites que nos mandavam. Logo eu tentava convencer minha tia a comprar outro quadro para a sala de reuniões, a colocar tal gravura no corredor, a dar uma nova cara ao vestíbulo com o trabalho de um pintor novo que eu tinha descoberto. “Isso não vale nada”, ela me dizia, com o tom de grandiloquência que trazia impresso em

seus genes. “Vai valer, dá para perceber que o artista tem talento, que pinta como os melhores”, justificava-me diante dela, depois de me deixar seduzir pela masculinidade de um rapaz que expunha pela primeira vez.

Foi Laurent que me tirou daquela peregrinação por galerias de arte e exposições em antros de artistas. Eu o conheci em uma tarde de sexta-feira, justamente em uma galeria. Era uma mostra dedicada a diferentes jovens pintores europeus que tinham recebido bolsa de estudos para expor na Espanha. Ele era de Paris, e eu amava Paris. Aproximei-me de uma tela gigante pendurada no fundo da mostra, e a explosão de cor me surpreendeu: era uma rua pintada em blocos de cor, sem pretensão. Cada cor estava em seu estado primitivo, sem matizes, sem dissoluções, sem doçura. O quadro havia sido pintado com pinceladas ferozes, que aniquilavam a perspectiva sem compaixão.

— Gostou?

— Eu?

— Sim, claro que é você. Quem mais poderia ser?

— Gostei... muito.

Ao responder “muito”, já estava me aproximando para ver a assinatura na tela. *Laurent...* Nessa mesma hora, o rapaz ao meu lado, o tal Laurent, sussurrou:

— Não é um bom quadro, mas gostaram dele.

Depois sorriu, o mesmo sorriso dos canalhas que passam sem dificuldade pela vida. Virei, surpresa por um pintor me dirigir a palavra em meio a tantas pessoas, a uma desconhecida como eu. Sorri em resposta. Ele continuou:

— Você não concorda? *Vamos, aponte as falhas da obra!* — E, me pegando pelo braço, me arrastou pela sala, entre galeristas, colecionadores, curiosos, fotógrafos e pintores, em direção ao bar, onde ocorria uma degustação de vinhos.

— Vi como você olhava meu quadro. Sou Laurent.

— Sim. Eu vi no quadro. Sou Teresa.

Enquanto pedia duas taças de vinho “vermelho” — pensei que ele falava assim porque lidava com cores e quadros, mas, dias depois, descobri que os franceses falam vermelho, em vez de tinto —, fixei

meu olhar em suas mãos grandes, apoiadas no balcão do bar. Eram mãos de marinheiro — ou, ao menos, como eu imaginava como seriam as mãos de um marinheiro. Morenas, fortes, decididas. Apoiou-as no balcão, improvisado com caixas gigantes de madeira, que se passavam por embalagens grandes. Bastava olhar ao redor para perceber que aquela exposição tinha muito mais forma do que conteúdo, tudo arrumado para parecer improvisado, como se o moderno necessitasse ser pobre para parecer *cool*. Laurent me disse:

— Aqui, sua taça. Vamos brindar?

— À sua obra — apressei-me em dizer.

— Não — retrucou, alternando um gesto de sedução com outro sorriso.

— Não?

— Ao azul cobalto.

Seriam necessários anos até que alguém voltasse a mexer comigo daquela maneira. Mas então, eu já estaria vivendo em outra cidade. Foi a primeira vez que um rapaz, um homem, olhava para mim como se fosse um exército invadindo meu Estado. Ocupando-o. O flerte provocou tamanha onda de excitação e pânico que emudeci. “...Azul cobalto”. Era a cor do meu vestido. O mesmo que tirei naquela noite, no apartamento de Laurent, no bairro La Latina, para me entregar a ele, depois de subir a escadaria estreita que levava ao primeiro andar, onde ele havia levantado um alpendre.

Mas ali, um minuto antes, com meu vestido azul cobalto, se por dentro me sentia a pessoa mais cafona daquela sala cheia de artistas e amantes da cultura, por fora aparentava naturalidade. Ao redor, todos flanavam com suas taças, tecendo comentários sobre os quadros de maneira trivial.

E eu vestida de azul. Como uma boneca. Isso acontecia por ter sido criada por uma tia empertigada e intrometida que me havia me ensinado a me vestir como “uma mulher adulta e feminina”, como se eu tivesse de ser entregue a uma tribo como dote de casamento. Sob aquela perspectiva, eu era um anacronismo do século XIX entre homens barbados de aparência moderna, com cabelos longos e

roupas cosmopolitas, aparentando conhecer o mundo. Aquilo tudo me sugeria liberdade. Sentamos ao redor de um barril que servia de mesa diante do balcão de vinhos. Laurent pediu, em seguida, dois “vermelhos”, mas, segundo ele, era imperativo que saíssemos de lá para comer alguma coisa, antes que nos embebedássemos por estarmos de estômago vazio.

— Você conhece Madri melhor do que eu, precisa ser a guia.

Não consegui disfarçar que, sobre lugares agitados da moda, eu nada conhecia. Não tanto por medo, mas por inibição.

— Bom, imagino que você seja o tipo de pessoa que convidam para estas exposições, não é?

Encarei-o, surpresa. Como hesitei em responder, ele continuou:

— Sim, eu sou um pintor em ascensão. Estou começando, assim como 90% dos sujeitos que estavam no salão. E posso garantir que você é a garota bonita que gosta de circular por esses eventos. Ou é isso, ou... é uma negociante de arte muito precoce.

— Eu só... me interesso pelos quadros, então apenas venho. Mas se você se refere à maneira como me visto... Eu gosto.

Queria passar uma imagem de independência, em vez de parecer uma covarde que ainda usava o que mandavam.

— Continuo achando que azul cobalto cai muito bem em você. Embora devêssemos chamá-lo de azul Klein, certo?

— Ou como as piscinas de David Hockney — completei, feliz em mostrar que conhecia mais um pintor que sabia como manejar um belo azul, além de Yves Klein.

— *Touché*, você tem razão.

— Gosto de visitar as galerias de arte, onde se fala baixo e pode-se ouvir a respiração alheia. Sempre há uma paz que obriga a desacelerar enquanto se caminha a pequenos passos, como um bando de sonâmbulos. Para atingir tal estado, recorro às exposições e também vou a concertos.

— Concertos, também?

— Ah, sim! Tenho certeza de que você gostaria deles; todos com músicas estranhas.

— Verdade? O que acha? Vejamos... De que tipo de música você acha que eu deveria gostar?

— Ah... Não sei, não conseguiria adivinhar. Você é francês. Mas suponho que goste de tudo que derive do jazz.

— Bem, não é um palpite ruim. Não mesmo. E do que você gosta?

— Você está falando de música francesa? Ou espanhola?

— Qualquer uma, a que ouve antes de dormir. Conte-me qual é a música que passa pela sua cabeça quando vai se deitar. Ou melhor, a que invade sua mente, quando vai tomar um banho.

— Não sei! Você me desconcerta. Enfim, em casa ouço todo tipo de música. Jazz, inclusive, como você.

— Sim, só porque eu falei que gosto.

— Não, não. É sério! — Não conseguia acreditar na tranquilidade com que eu caminhava ao lado de Laurent. Nunca havia passeado com um homem e, desde o início, tão à vontade, esquecendo-me da hora, de mim e do meu vestido azul.

— Ali, vamos entrar nesse bar? Também quero beliscar alguma coisa. Como os franceses chamam isso?

— Comer? — Ele deu uma gargalhada. Eu também comecei a rir.

— Já sei que se chama comer, eu me refiro a... Ah, esqueça.

Estava feliz como uma menina diante da novidade e de seu terrível sotaque francês, que se chocava com aquele aspecto viril de homem das montanhas. Era estudante de Belas-Artes e tinha nascido em Lille, ainda que logo tivesse ido morar em algum ponto que desconheço da *rue* Richelieu, em Paris — essa é a única lembrança daquele momento, no que se refere ao lugar. “Você é muito linda”, disse, me deixando colada ao seu lado a noite toda.

Seu alpendre era, de fato, um lugar, um espaço que tinham transformado em uma espécie de pátio de luzes, que antes devia estar revestido de azulejos e coberto por uma claraboia e que, agora, era um cômodo surrado de paredes finas. Era tão precário que, com duas cortinas marrons, qualquer um acreditaria que estávamos em uma cena de *Os Miseráveis*, porque a água que caía da calha fazia um barulho absurdo sobre nossas cabeças. Minha tia teria me enxotado dali a vassouradas, mas passei nesse lugar as tardes com Laurent. Como dois “miseráveis”. Seus ombros e braços eram rígidos (coisa que não se encontra nos homens esqueléticos de hoje em dia), mas tinha a pele macia como a de uma mulher. Moreno de pele,

com os cabelos castanhos. Suas mãos eram... perfeitas. De um modo delicado. Tão seguras no toque, percorriam com esmero cada parte do meu corpo. Sabia chegar aonde minha mente desejava que a ponta de seus dedos roçassem, como se desenhasssem na minha pele um mapa para auxiliá-lo. Todos os caminhos que percorria desde meu ombro, meus seios, meus quadris... terminavam ali. Por Deus, eu me acreditava moribunda, toda vez. O vinho era a droga que me deixava solta. Estava livre. E o cheiro de sua pele tinha o sabor da primeira vez. Essa noite permanecerá em mim por toda a minha vida.

Fizemos amor durante horas. Nunca lhe contei que era virgem porque, em seus braços, ele me dizia como tudo era maravilhoso. “Você é perfeita”, dizia, entre dentes, enquanto mordida minha orelha, às vezes, em espanhol, às vezes, em francês. Eu era nova, recém-liberta dos grilhões que me prendiam e dos meus vínculos familiares, tudo por fazer amor com Laurent. Estava longe de imaginar que sua presença seria uma lembrança inócua e estéril pouco tempo depois. Sempre é muito cedo, sempre é muito pouco.

Passei muitos meses vivendo as tardes sob aquele teto de telhas de amianto, que cheirava a sexo e a pigmentos de tintas. Durante o dia, ia para a universidade, almoçava com minha tia e escapava, fugindo ao seu encontro. Quase sempre ele ia me buscar, pois sua vida era um desastre em termos de horários, sem qualquer ordem, e eu era seu único compromisso do dia.

— Já estou aqui.

— Sim.

Eu só sabia sorrir. Esperava-me a várias quadras do palacete. Em outra porta, em outro edifício. Era uma sensação maravilhosa, que me obrigava a me esconder e a me deixar levar por seus braços, para qualquer lugar. Parecia que ele era de Madri, e eu, de Paris. Laurent decidia tudo, e a mim cabia apenas relaxar. Não sentia culpa de nada. Se passava do horário de chegar em casa, ele me dava a desculpa, se o telefone tocava, e minha tia atendia, ele se fazia passar por um pesquisador, que precisava entrevistar todas as pessoas da casa — aquele velho casarão de madeira, que rangia a cada passo que eu dava, ao sair correndo escada abaixo. Ele chegou

a fazer voz de garota para fingir que era uma amiga de escola, com quem eu tinha marcado para estudar na biblioteca; alugava motocicletas que dizia terem sido roubadas na rua, para dar mais emoção à viagem pela serra. “Suba, ande logo, que vamos sair!”, chamava com urgência, já de capacete e com o motor ligado. “Somos os colonizadores da montanha,” apontava para uma garrafa de vinho que despontava de sua mochila, “e vamos em busca de uma nova terra. Você está convidada a ser a princesa do monte!” A moto corria a toda velocidade. Eu me sentia livre. E, quando se é livre, anseia-se por mais.

Conhecia o corpo dele perfeitamente, mas me dei conta de que não sabia nada do que se passava em sua mente.

— Já sei no que você está pensando. Quer...?

— Você sabe que sim.

— Então, tenho só de sair e voltar.

Aproximou-se de mim como se fosse substituir minha alma pela dele. E me abraçou.

Ficava quase dois meses sem voltar para casa. Era uma alma livre e não tinha nenhum vínculo familiar; suponho que era isso que o tornava tão independente. Voava. Com ele, se voava. O tempo passara a uma velocidade que jamais voltaria a alcançar, faminto de atividade. Já faz um ano? Avisou que precisava voltar.

— Meu pai — disse, e eu entendi. O tempo da ausência me abriu um poço de ansiedade. Falávamos por telefone todas as tardes e trocávamos cartas compulsivamente. Não sobravam horas no dia para pensar em outra coisa que não fosse seu retorno.

Tudo cessou de repente. Não houve mais telefonemas. Nem cartas. Lembro-me muito bem do ápice de minha obsessão por encontrar sentido no tempo que passava, porque, indo até o terraço, tão magoada, tão sozinha, busquei a lua e ela não estava no céu, numa daquelas noites sombrias, sem luar.

Um ano depois da exposição em que nos conhecemos, minha vida tornara-se árida. E assim permaneceu, por anos. Já não se ouvia a trilha sonora da minha existência, como um seletor em *off*. Se ao menos eu tivesse guardado alguma foto, se uma imagem dele permanecesse gravada em mim... poderia me lembrar de seu rosto.

Por outro lado, sua ausência repentina e inexplicável tinha me deixado no escuro. Lembro-me de uma foto — que pena a memória ser capaz de guardar tudo. Alguém tirou uma fotografia nossa, em um fim de semana em que fingi passar com amigas. Quem me dera ter essa foto, sua única lembrança agora.

Por meses, continuei indo até sua casa todos os dias — cheguei mesmo a entrar, mas ela já estava ocupada por outros estudantes bolsistas. Não havia nenhum vestígio dele. Nem de seus objetos, de suas telas, nem suas pinturas coloridas. Assim, passei para o outro lado, o lado cinzento. E ali me instalei. Aquele seria o meu lugar, de forma masoquista e voluntária, por mais estranho que parecesse, vindo de uma garota de vinte e poucos anos que tinha acabado de ser abandonada no melhor momento de sua vida. Li, na sala de espera do dentista, algum tempo depois, em uma revista antiga, que, por chorar demais os olhos podem acabar secos. O autor afirmava que, algumas vezes, parece que as lágrimas não são suficientes, e o excesso de choro acaba por secar os olhos. Então — dizia ele — é quando o gemido passa a ser um lamento que golpeia a alma em algum lugar do peito, e dói mais do que o desespero onde se está imerso. Não sei. O pior sentimento não é estar sozinho. É ser esquecido por alguém de quem nunca se esquecerá. Foi nesse momento que me tornei órfã de novo e senti que meu destino era viver uma vida medíocre.

Capítulo 6

Eu não era necessária na fundação — o pior é que deixavam isso claro e de preferência às sextas-feiras, quando entrava no edifício para a reunião do conselho. Os olhares de desprezo que deveriam ser para tia Brígida eram direcionados a mim. Todos pensavam que eu era o prolongamento de seu mal. Apesar dos muitos contrastes, as lembranças que aquela família de trabalhadores tinha estavam ligadas a meus pais.

— Bom dia, senhorita Espinosa — cumprimentou a secretária.

— Bom dia, senhorita Espinosa — repetiu o funcionário mais antigo da administração.

— Bom dia, senhorita Espinosa — disseram em coro as pessoas presentes no auditório.

— Bom dia, senhorita Espinosa, deseja alguma coisa? — perguntou o diretor do departamento financeiro.

— Ah, eu já disse que me chamo Teresa. Existe alguma forma de vocês se lembrarem disso?

— Claro, senhorita...Teresa.

A ordem era dela. Para que não me chamassem pelo meu primeiro nome. “O tratamento deve ser distante, para saberem quem é o pilar desta instituição”, rosnava, com ares de educação vitoriana. Por isso sempre assinei como Teresa, que era o nome de minha mãe. Era a única ocasião em que podia contrariá-la.

O homem engolia em seco, acostumado a lidar com minha tia. De vez em quando, abaixava a cabeça, emudecendo, para dissimular. Aquela tarde também. Assinei vários documentos e sentei, pensativa, no sofá da sala de reuniões. Deixei-me ficar, confortável, a cabeça inclinada sobre o encosto que cheirava a couro rançoso.

Comecei a me lembrar da menina que tinha sido, escondida atrás do sofá para que não me encontrassem. Virei a cabeça e confirmei a lembrança, vendo os rabiscos do meu nome no couro. Minha assinatura era necessária em todos os documentos protocolares com que se encerravam as atas, nos agradecimentos aos ministérios, em cartas cordiais a outras fundações e nos cartões de Natal, que tia Brígida escolhia entre os quadros mais funestos que retratavam a Natividade. Nada mais. Eu era parte da estrutura da fundação como uma anedota de uma árvore genealógica que tinha juntado trabalho árduo e atos de benevolência em partes iguais. Assim, a gestão do palacete, da construtora e dos aluguéis era centralizada no mesmo prédio, e eu passava por lá — de acordo com minha tia — para que vissem o peso da família. Esse peso estava me matando.

Minha visita transcorreu como sempre. Rotineira, quase telegráfica, porque eu não fazia falta; tudo girava graças às rodas de uma engrenagem velha e azeitada, como todas as empresas que tinham nascido ao redor de uma família. Minha tia, a que tinha me criado com o gênio de uma mulher que tinha passado a infância sob a tutela de um colégio de freiras, entrava agora no recinto com toda a pompa de quem gosta de ser líder.

Eu a vi desde a janela da sala principal. Trajava o casaco de pelo de coelho, o que indicava que fazia frio naquela tarde de primavera (ela sempre estava “indisposta”), subindo as escadas da entrada de forma cerimoniosa para dar tempo ao porteiro para abrir o portão que dava para a escadaria de mármore. Foi lá que recebi meus primeiros tapas por escorregar, com a saia levantada, pelo corrimão amplo e sinuoso. “Está mostrando tudo, Teresa, está mostrando tudo! Comporte-se!”, gritava comigo enfurecida, preparando a mão aberta para me dar um tapa. “Não pode”, sentenciava por sobre o som oco, pois eu tinha aberto a boca. Ela era rígida, e o tapa servia mais para mostrar aos outros a educação rigorosa que recebia a pequena Teresa, órfã de pais, do que para corrigir meus erros. Precisava terminar o trabalho, e essa era sua maneira de fazê-lo. O tapa era tão real quanto a vida, era seu modo de dar carinho enquanto eu crescia e ela envelhecia. Creio que isso me fortaleceu; a prova é que nunca fiquei doente. “Sem erros há futuro — recitava

minha tia —, porque o futuro é feito isento de erros.” E meus erros eram os mesmos de uma menina sem qualquer dificuldade nos estudos e incapaz de tomar decisões, somente porque sempre tomavam por ela. Por isso, tinha acessos de ansiedade quando precisava lutar por mim mesma. Na minha casa, eu era rainha em companhia do meu cachorro, escudeiro de mimos.

A roupa que não usava mais era enviada a escolas de freiras ou a organizações como a Cáritas, onde “fariam mais falta”, segundo as palavras exatas. Eu, que me afeiçoava a tudo o que tocava, tive de aprender a me desapegar de objetos, casacos e vestidos, que entregávamos em malas para os outros. Nunca soube quem eram, mas foi na época de colégio que nasceu minha coleção cuidadosa e obsessiva de retalhos, que aliviava a entrega de roupas quase novas e sem uso para a caridade. Tive de cortar vestidos de que era impossível passar despercebida a falta de um pedaço, mas, mesmo assim, o fazia. Como uma contorcionista, me esforçando para dissimular o que fazia, eu me apegava às minhas recordações, cortando pedacinhos da minha vida. Chamei-a de “Minha coleção de vida”, da maneira mais brega e comovente que pode ter uma menina que não quer se desfazer de sua roupa.

— Tia, posso ficar com este?

— Não. Nem esse.

— Acabei de ganhar, tia.

— Não seja ingrata.

— É que gosto muito dele — choramingava, cabisbaixa, para comovê-la, sem êxito.

— Já disse mil vezes que, quando um vestido novo entra no armário, outro tem de sair. Tem sido assim e vai continuar assim.

Ela era como uma juíza. E eu, uma romântica suscetível a qualquer gesto de carinho.

— Suponho que você já tenha assinado todos os documentos das pastas. — Não disse mais nada ao entrar na sala e tirar o casaco. — Estou exausta. E notei que ainda não pintaram o portão. Disseram que vão fazê-lo na primavera e que estão esperando, mas o quê? Tenho de fazer tudo? Parece que devo rezar para Nossa Senhora de

Fuencisla. E você também, não? Vou falar agora com José Manuel e pedir para pintarem o portão. É o cúmulo!

Foi até o bar e encheu um copo com seu conhaque.

— Sim. Assinei os documentos — eu disse, afinal.

— Você os leu?

— Não. Acho que não preciso lê-los.

— Ah!

Encarou-me. Não creio que houvesse mais desprezo na maneira como levantava as sobrancelhas enquanto observava minha indiferença com relação aos papéis. Dei de ombros.

— Mas quer começar a recolher os rendimentos alguma hora?

Fiquei em silêncio.

— Estou falando com você, Teresa. Acho que deveria levar as coisas a sério, não é uma brincadeira. Entendeu? Pensei que já sabia disso, que já tinha começado a ser uma Espinosa. Mas se parece cada vez mais com...

Emudeceu.

— Minha mãe? Ia dizer “com sua mãe”?

Torceu o pescoço como uma garça, buscando o copo que tinha deixado sobre a prateleira. A rejeição veio acompanhada de um abrir e fechar das mãos, o que me deixava nervosa porque os ossos dos dedos e os anéis faziam um barulho desagradável; bebeu e repetiu o gesto, arrumando depois os brincos. Soltou o copo e disse:

— Você é igual a ela. As mesmas fantasias, o mesmo jeito de sonhar com bobearias. Nossas vidas ligadas, mas tão diferentes. Não consigo entender isso. E você... Não sei quanto tempo vai levar para crescer. Pensei que a vida sozinha no ático moldaria sua autoestima e a faria levar tudo a sério. Ah! Talvez seja preciso que eu morra para você começar a levar a vida a sério.

Dei de ombros. Ela se enfureceu mais.

— Quem dera eu morresse, não é? — Falou como se estivesse me desafiando a dizer a verdade. — Talvez não.

“Não acredito que você um dia vá morrer”, pensei.

Minha aversão àquele mundo era visível; levava toda minha vida ajustando-me aos ditames da minha tia e da fundação, mas esquecera os meus e acho que era o que ela percebia. Porque uma

coisa é querer dirigir o curso de um rio, e outra é o que o rio quer. Pedi que se acalmasse, dizendo que tinha assinado os papéis como de costume. Fui até a janela, esperando me livrar daquela pressão. Ela estava de pé, do outro lado da mesa de reuniões, com as mãos apoiadas sobre o tampo, como se fosse começar a vomitar um monte de impropérios. Vendo como eu fugia em direção à janela.

— Escute, parece certo ainda não levar isso a sério?

— Por que quer discutir, tia?

— Porque tenho a sensação de que você está brincando comigo. Noto em sua expressão. Não pode haver nada que me desagrade mais do que vê-la aqui como se isso fosse um jogo, uma brincadeira. Isso é sério. Entende?

— Eu também.

— Você também o quê?

— Também preciso levar alguma coisa a sério.

— Do que você está falando?

— Falo de mim.

— Quando eu não a levei a sério? Quando? A vida inteira educando você...

— Sim, me educando. É fácil falar.

— Pode explicar?

— Deixe para lá — respondi, me dirigindo à porta.

— Eu dei tudo a você. Como pode me culpar? Tem o que muitas desejariam: estudou nos melhores lugares, vive na melhor casa — teve acesso a tudo, cuidados, idiomas, aulas particulares, tudo. Muito mais do que muitas outras pessoas sequer imaginariam!

— Justamente por isso! Porque me deu tudo não sei quem sou. Esse “tudo” tem sido muito pouco. Não a estou culpando por nenhuma dessas coisas. Falo de outras, falo de amor.

— Agora isso! É como se estivesse escutando sua mãe falar.

— Quer parar de falar da minha mãe? Poderia mostrar um pouco de respeito!

— Respeito seria começar a levar sua vida e este lugar um pouco mais a sério. Já que você fala tanto de sua mãe, quero que saiba que tudo isso que vê é parte dela, de seu pai, de seus avós, de...

— Deixe os mortos em paz!

A sala girava, e minha mente corria velozmente. Tudo começava a explodir dentro de mim, saindo pela garganta. Abri as cortinas em busca de mais luz, mais ar. Sequei as lágrimas e me virei para ela, que vinha devagar em minha direção ruminando palavras.

— Amor? Não lhe dei amor?

Olhei-a com asco.

— Espanta-me você perguntar isso. O amor não é uma aula particular, pela qual se paga para recebê-la das 16 às 18 horas.

— Quanto tempo levou para você me desprezar assim?

— Não sei. Só vim hoje para assinar seus papéis. Na verdade, já deveria ter ido embora. — Dei-lhe as costas, decidida. — Não tenho mais nada a fazer aqui.

— De qual amor você está falando? Daquele que foi embora?

Encarei-a, tomada por irritação.

— Cale a boca!

— Você chama de amor aquele rapaz que vinha à sua procura? É? Pensa que não me lembro? Não sou boba, nem o fui naquela época. Fingia que saía para estudar na casa de uma amiga, quando ele a esperava quatro ruas adiante. Em uma moto, estou errada? Nunca me esqueço de um rosto e vi, todas as tardes, o seu aparecendo nas janelas de seu quarto para, em seguida, descer pelas escadas, gritando: “Já estou saindo, não demoro!”. E sim, demorava. Talvez eu não seja sua mãe, mas me preocupava, não era indiferente... E deixei que acontecesse porque sabia que era um romance de verão. Você acha que fui uma tola. E não é uma pergunta.

As lágrimas me impediram de ver como minha tia voltava para o bar e enchia seu copo de novo. Laurent era apenas uma lembrança dolorosa da juventude e estava me machucando como se acabasse de sumir da minha vida outra vez. Minha tia continuou, sem me dar tempo para desabar no sofá, mudando o tom da conversa.

— Pois, saiba, por amor, protegi você sua vida toda.

— O que você sabe sobre o amor? — perguntei, em meio às lágrimas.

— Sim. Muito bem. Diga o que quiser. Está disposta a me humilhar na minha idade? Tenho 75 anos.

— Não, está enganada. Você é que se dispõe a fazer uma vez mais, a me humilhar. O que, aliás, faz muito bem — retruquei. — É o que faz de melhor.

— Uma vez mais? Do que está falando?

Meus olhos transbordavam de ódio.

— Não deveria nem responder, mas vou.

Respirei fundo, torcendo as mãos tensas, e atravessei a sala em diagonal, sem conseguir fugir de seu olhar, que já era um fantasma dela mesma. Tive medo de que ficasse agressiva comigo, como quando batia as portas ao virem os funcionários que chamava. Disse tudo que me vinha à cabeça.

— Passei a vida recebendo ordens suas, fazendo tudo o que você dizia, assumindo como minhas as suas coisas, caminhando pelas ruas que me mandava seguir, calando, falando, vestindo... Tudo como você queria. E olhe para mim. Olhe! Consegui que eu não fosse nem uma imitação sua. Cada dia, desde sempre, diariamente fazendo tudo conforme seus horários e sua disciplina, com a cabeça fria para não errar, para não manchar a reputação de não sei qual sobrenome que não é seu, porque é do meu pai... Oh, os Espinosa! Não sei em que dia deixei de ser eu mesma para ser apenas um prolongamento de sua pessoa. “Precisa fazer...” ou “É melhor que...”, “O que deveria...”. Sempre foi assim: segundo o que disse, o que escreveu. E sempre a mesma insegurança tenebrosa: eu. Estou cansada. Essa é minha única certeza, a de que estou cansada.

A sala esfriou como se o inverno tivesse chegado de repente. Aquele edifício antigo de paredes grossas — escadas, móveis encostados nas paredes, estofados idênticos de seda, as cristaleiras arrumadas como fileiras de exércitos, os tapetes pesados — tornou-se um túmulo. Sobre a mesa, o copo de conhaque de minha tia. Ela, em pé, fulminada pela cólera. Eu, diante dela, pálida depois de despejar minha ansiedade. As duas impassíveis como esculturas de jardim, em conflito e sem nada a ver uma com a outra. No entanto, havia um fio que ela precisava puxar para ganhar aquela briga. Respirou fundo para derrubar as paredes daquele edifício e despejou, fria:

— Seu Laurent morreu.

Disse isso como quem fecha a tampa do caixão com um golpe violento, para que não houvesse tempo para despedidas. A crueldade em sua voz ao dizer aquelas três palavras foi mastigada com todo o rancor do mundo. Não tive como reagir ao seu golpe. Tampouco tive como respirar, porque ela continuou falando com o mesmo tom de voz.

— Seu Laurent enviou cartas durante semanas, que eu guardei, para que você tentasse esquecê-lo. Não lhe convinha, nem era o momento para uma relação, à época da escola ainda. Guardei todas as cartas. Todas. Mas não peça por elas, não existem mais. A última que recebi foi de seu pai. Houve um acidente de moto. Um acidente que o vitimou. Ele se matou. Agora você sabe. Ele está morto. Nós duas estamos livres de um problema.

Capítulo 7

Aumentei o volume da música e andei a esmo pela casa, perseguida por mim mesma. A voz de Françoise Hardy inundou cada canto e, aos poucos, aliviou a tensão na qual eu tinha submergido, voluntariamente ou não. Esquecer Madri. Deixar a fundação. Romper. Sair daquele ático. Programar a irrigação das plantas para a eternidade. Procurar um lugar. Parar de andar pela minha rua. Deixar-me levar. A música me acompanhava na libertação dos meus medos. Liberar a dor. Aonde devo ir? Sozinha. O que devo fazer? Agora não é a hora. Você está instalada aqui. Madri é a sua cidade. A fundação precisa de você. Seus pais deixaram para você a responsabilidade de terminar o projeto. Minha casa. Meu lugar. Os acordes da música se colavam em cada canto da casa. Eu estava descontrolada, andando pelo corredor, entrando nos quartos, acendendo e apagando as luzes, como se precisasse de toda a energia para sair dali. A corrente de ar entrava pela janela da cozinha balançando as flores arrumadas sobre o aparador da entrada e que, estranhamente, permaneciam vivas há semanas. Fiquei aborrecida por vê-las tão frescas.

Fui para a cozinha beber um copo de água e fiquei presa à voz da canção, que irradiava uma energia renovada. Minha cabeça não estava dormente; desafiava-me pela primeira vez, e não sentia qualquer pontada de misericórdia e de arrependimento. Segui até o escritório e olhei para a tabuleta. Estiquei o braço, como se quisesse tocar todas as letras desde a porta, desenhando-as no ar, A-L-I-C-E, na tentativa de quebrar o século que nos separava. Alice e eu.

— Acredito que temos alguma coisa em comum — falei em voz alta, sem perceber.

A música que vinha da sala parou. A presença se fazia evidente. Engoli em seco.

Dei alguns passos, caminhando de costas, acendi um cigarro e fui para minha suíte. Fechei a porta e comecei a encher a banheira. Precisava de um banho quente que me ajudasse a encontrar algumas respostas para tudo aquilo que rondava minha cabeça. Não havia um desejo mórbido de que alguém aparecesse ali. Um fantasma. Em absoluto. Tampouco me atraía a ideia de que aquilo tinha se tornado normal, porque não era assim. Eu tinha o estranho sentimento de que na Paris de Alice Humbert estava o meu lugar, que ali tudo seria diferente — para o bem, de um jeito feliz. Foi aí que uma coisa assombrosa aconteceu. Quando estava tirando a roupa para entrar no banho, ouvi um estrondo seco, vindo do final do corredor.

“Lá está... O sinal.”

O som repentino veio acompanhado de uma série de pequenas coisas que caíam em cascata. Com o coração apertado, fui em direção ao local de onde vinha o barulho, sentindo ao me aproximar uma sensação tão ameaçadora quanto atrativa. Não pressenti qualquer perigo, mas...

Um calafrio me percorreu a espinha. A música tinha começado a tocar outra vez. “Alice”, murmurei. Não tive resposta. Ou tive.

Ao acender a luz do escritório, vi que a tabuleta havia se desprendido da parede e derrubado tinteiros e canetas no chão. A música invadia o espaço, impondo suas sensações às minhas profundezas. Agachei para apanhar a tabuleta, agora partida em um canto. Na moldura, na parte de trás, um pedaço de madeira mais nova, que servia de proteção à antiga estrutura, estava solta, ficando à vista o tom original. Podia-se ler claramente, escrito à mão:

10, rue du Pont Louis-Philippe. Paris.

Tratei de adotar um ar de segurança quando, na verdade, sentia-me lançada a um universo completamente estranho. No entanto, estava tranquila, disposta a enfrentar o caos e o infinito.

Capítulo 8

— Lembra quando falei da minha aversão ao preto e branco?

Os olhos do velho pintor se viraram, lentamente, para a janela oeste, de onde se via o sol se pondo entre os telhados de Madri. Era evidente que, também para ele, o pintor e professor, às vezes isso não era nenhuma surpresa.

— Você não quer falar de preto e branco. Ficou até o fim da aula para falar de outra coisa. Pode ficar tranquila, aqui falamos de pintura ou da vida, se for preciso. Mas saiba que me saio melhor com a pintura...

Custei a falar, imersa como estava em meus pensamentos.

— Então, digamos que estou cansada da cor preta. Que já não aguento mais, que fiquei muito tempo dentro dessa cor, que desejo saber como são as cores, de onde vieram, como usá-las, como encher... minha tela de cor.

— Não precisa dizer tela; pode dizer “vida”, se quiser.

Naquele momento sorri, e mil borboletas dançaram em minha barriga.

— Decidi ir para Paris.

O velho pintor me encarou, e, pela primeira vez, o cinzento puído de seus olhos me pareceu azul. Fiel a seu costume, ele brincava, preguiçosamente, com um pincel entre os dedos.

— Nós, os homens, somos em geral seres que vivem paralisados pelo medo. Essa é a principal barreira que nos impede de ser felizes. Tenho 83 anos; meu despertador soa às sete muito porque quero que o dia seja longo. Haverá tempo para dormir depois. Sinto a necessidade de me levantar de manhã para ver que cor está o céu do dia, se azul-claro, cinzento, cerúleo ou provençal; preciso tomar um café quente, recém-preparado, e saborear minha geleia de pêssego

com uma torrada que eu mesmo preparo e senti-la se desfazer em minha boca, como se fosse a primeira vez que a como. Quando me banho, com o cuidado que se imagina para a idade, experimento uma sensação como se todos os pensamentos negativos que grudam em minha pele descessem pelo ralo e me farto da água fresca; caminho pelas ruas, olhando as cornijas porque muitas vezes descubro algum elemento novo, também perfeito para ser pintado. Hoje mesmo notei as lagartixas que vagavam pela fachada de um prédio da rua Mejía Lequerica, e sabe o quê...? Bem, deve comprovar por si mesma: são verdes, mas de que tipo de verde? Para isso deverá ir vê-las e consultar a cartela de cores de Charvin. Gosto de tirar uma soneca rápida, bem rápida, pelo único prazer de ter outro amanhecer no mesmo dia, voltar a tomar outro café e subir para essa cúpula, de onde tenho a melhor vista de Madri. E quando começo a pintar uma tela nova, volto a sentir o nervosismo do quadro anterior, e creio que não vou ser capaz de lidar com a perspectiva, que o enxame de edifícios vai parecer uma massa uniforme, e não um mosaico precioso de janelas, telhados, calçadas e portas.

Fez uma pausa. O silêncio se adensou enquanto girava o pincel outra vez entre os dedos.

— Está pensando que faço tudo como se fosse a última vez, porque não tenho muitos anos pela frente. E você se engana, Teresa, se engana. Faço como se fosse a primeira vez, porque quero seguir mantendo viva a capacidade de surpreender-me. Há muito tempo, me perguntaram, em uma exposição, por que mantinha uma atmosfera tão perfeccionista em meus quadros e, às vezes, tão infantil — infantil! Respondi que queria seguir sendo um menino até que a velhice me surpreendesse. Se eu penso assim? Desejo ser menino até que a velhice chegue. Quando já não temos vontade de evoluir, começamos a morrer aos poucos. A criança foge de nós. Você vê um velho; eu continuo sendo uma criança. Só a carcaça mudou.

Observou-me com um olhar penetrante, enquanto eu me sentia diminuir diante dele.

— O que você quer? Cor?

— Sim — balbuciei.

— E o que a impede? — perguntou, com voz suave. — Os únicos limites são aqueles que impomos a nós mesmos. Quer que eu repita a minha idade?

Olhei por uma das janelas. Via-se toda a Madri entardecendo: olhei à direita, a luz alaranjada brilhando sobre os telhados; à minha esquerda, as árvores do Retiro pareciam se mover em massa em direção ao sol do meio da tarde. Imaginei que, atrás de mim, o crepúsculo começava a aparecer. Era o pôr do sol de um dia, mas senti que também era o fim de uma época. Nada me impedia; tinha me desfeito de uma parte do meu peso, e o velho pintor cortava o último laço inútil.

— Ninguém vai andar por você. Deixe de andar em círculos e suba até onde queira ir, Teresa... Marche! Voe!

Capítulo 9

O táxi me deixou na esquina da rua do Hotel de Ville, perto de uma antiga loja de bebidas, agora transformada em *brasserie*, cujo número coincidia com minha data de nascimento, do que achei graça. “Que coisa!”, disse a mim mesma. Olhei pela enésima vez para meu papel: *10, rue du Pont Louis-Philippe*. Pressenti que, nesse mesmo momento, tudo estava começando. Desci com minha mala, a tabuleta embalada e um casaco verde para indicar, com ele, que tinha decidido colorir minha vida a partir daquele instante. Olhei ao redor e vi que a rua anotada no papel era justamente a que se abria diante da ponte Louis-Philippe. Caminhei ao longo da amurada, em um exercício absurdo de caminhar na corda bamba, e estive a ponto de me refrescar com a água que corria pelo esgoto de Paris, envolvida pela essência de uma cidade que, só de pisar em seus paralelepípedos, me fazia imensamente feliz.

Ali estava. Feliz. Posso repetir: muito feliz e confiante. Estranho, pois a recepção tina sido horrorosa, desde a imobiliária que tinha me pedido mil e uns documentos e, com isso, quase me fizeram desistir de meu intento. Papéis, papéis, papéis, garantias, contas correntes, cheques... E, como pano de fundo, a indiferença burocrata, que acaba matando a ilusão. Mas, apesar de tudo, não me deixei abater por um erro de um funcionário; estava acostumada a eles, em seus diversos tipos, desde pequena.

A propriedade que decidi comprar não tinha nome. Praticamente nenhuma loja nos arredores — muito menos essa, a minha — estava vazia; não parecia muito danificada por fora e podia ser comparada a um típico postal da velha Paris de Eugène Atget. A fachada era toda em madeira, com uma porta principal e janelas de vidro dos

dois lados — a maior parte, quebradas e enegrecidas; tinha cinco andares e terminava em mansardas visíveis apenas da rua. Meu novo negócio ficava entre uma papelaria distinta e chamativa e uma loja de litografias e molduras refinadas. À porta, esperava-me Sophie Charagnac, da imobiliária com a qual tinha fechado o contrato, com as chaves na mão e um sorriso de orelha a orelha — excessivo, até, como se por fim tivesse se livrado daquele imóvel que comprei. Houve uma troca de saudações. E eu, com a expressão encantada por tudo o que queria dizer, quis agir e me mostrar alegre.

— *Thérèse?* É você?

— Sim, sou eu. Teresa Espinosa. Muito prazer.

— Muito prazer — repetiu à maneira espanhola, separando as sílabas como que ditasse as palavras. — Até que enfim chegou o dia. Depois de tantas mensagens e fotos, chegou o momento de conhecê-la. Fez boa viagem?

Pegou duas chaves marcadas de vermelho e as enfiou em um chaveiro para me entregar.

— Quer abrir a porta? Pode-se dizer que já estamos em sua preciosa “loja”, é sua — disse-me, estendendo a mão e se esforçando para ser de uma simpatia desproporcional ao valor da minha nova propriedade. — Acredito que tenha feito uma boa compra; é um lugar ideal, esta é uma rua belíssima, tranquila, como você pode ver, iluminada, e as lojas são... Bem, vai ter tempo de conhecê-las. Maravilhosas. É um lugar muito especial de Paris.

— Eu sei. Estou muito animada. Ainda que pareça cansada.

— Entendo — retrucou, como que por hábito.

Era impossível que compreendesse. Enquanto ela fechava um negócio às pressas, eu estava abrindo minha vida aos poucos, com a calma que traz a felicidade. Meu olhar ansioso ia da porta da loja até os vidros da vitrine, tentando adivinhar o que havia em seu interior. Sophie Charagnac pegou o celular que vibrava dentro de sua bolsa Louis Vuitton, atrapalhada, e me dispensou para continuar a conversa.

— Um momento... Tome. — Enfiou as chaves na minha mão.

— Sim? Já estou na porta, acabei de chegar. Vou agora mesmo... Certo, certo, vou chegar antes ao metrô, não se preocupe... Sei

perfeitamente que é do outro lado de Paris e... me dê meia hora.

Deveria fingir que não estava escutando, mas não me pude evitar.

— Não tem problema. — Fiz sinais com as mãos para que ela soubesse que podia me deixar sozinha. — Tudo certo. Fico com as chaves. Se tiver algum problema, eu ligo.

— Sério? — perguntou, sem soltar o celular. — Se quiser, eu explico...

— Não, pode ir. Tudo certo. Muito obrigada.

— Obrigada, então, e até logo. Aproveite...

— ... minha loja em Paris.

Coloquei a chave na fechadura e prendi a respiração. A imagem daquela menina que descia feliz pelo corrimão de mármore da fundação passou pela minha cabeça. “Recomeçar. Rasgar o que foi escrito. Voar.” Tinha chegado o momento.

A sala era simples e antiquada, saltava aos olhos que tinha sido limpa para a venda, mesmo que ainda flutuasse no ar um cheiro intenso de fechado. O interior era um cômodo só, tão amplo quanto a fachada, e consistia em uma peça ampla. A parede da esquerda não poderia ser derrubada, era a que sustentava o prédio. Havia uma única coluna de ferro fundido no centro do cômodo, não muito larga, com as vigas do telhado não muito próximas umas às outras; uma escada de madeira onde os degraus íngremes apoiavam-se sobre dois suportes gastos. No andar de cima, uma sala de chão inclinado, mas não muito, pelo açoite dos anos, o que ficou claro quando eu me aproximei da janela e senti que era empurrada naquela direção. Sob a escada, escondido entre poeira e caixas apodrecidas pela umidade, havia um porão. Segundo a planta que tinham me enviado, era do mesmo tamanho do espaço térreo, mas sem iluminação exterior nem acesso por fora; segundo a documentação, “era um ponto cego pertencente ao imóvel, mas inútil e sem energia elétrica”. A moça tinha acrescentado em uma mensagem: “Você pode ver por si mesma”.

Qualquer um sairia correndo em segundos e se negaria veementemente a investir na compra de uma loja velha em Paris; seria jogar dinheiro fora. Todos sabiam da situação econômica do país e me tinham advertido dos problemas que teria. Contudo, o

prato da balança oposto àquele onde repousava meu desejo estava vazio, e nada me faria desistir da ideia de abrir uma loja em Paris e de desejar que tudo me ocorresse, se não bem, ao menos de maneira diferente naquele novo lugar.

A moça da imobiliária tinha me entregado as chaves, duas, e saído apressada para seu novo destino como se a propriedade fosse assombrada. Não era uma coisa que me assustava. Não creio em fantasmas retornando do outro mundo, cem anos depois, para assustar os que vêm a seus estabelecimentos. Havia uma sensação positiva em mim, além de um barulho de corrente elétrica, um rádio que ligava sozinho ou flores que duravam algumas semanas mais que o normal. A corretora não tinha nenhuma obrigação de me falar nada, porque, creio eu, não havia nada de concreto a relatar. Na *rue du Pont Louis-Philippe* os comerciantes sabiam que aquela propriedade estava fechada fazia anos e poderia ficar assim por muito mais tempo. Mas era pouco provável que aquele vazio de décadas tivesse alguma coisa a ver com minha *sensação*. Senti uma corrente de ar em minhas costas e me virei.

— Olá? — A voz vinha da porta. — Sou da loja ao lado. Vi quando você chegou.

— Pode entrar. Sou Teresa. Bom dia.

— É uma pena essa loja ter ficado tanto tempo fechada. Era a única que permanecia nesse estado. Tão vazia, tão triste. Sou Hélène, trabalho na Orphée.

— Agradeço demais a visita. Acabei de chegar e estou inspecionando o lugar pela primeira vez. Acabo de comprar a loja e estou me inteirando de seu estado. Perdão, deixe-me levantar, sou tão mal-educada...

Eu continuava agachada, tentando abrir a portinhola do porão, mais por curiosidade do que pela intenção de inspecioná-lo. “Não há como abrir esta portinhola, além disso não há luz”, pensei, em voz alta. “Está presa no chão.”

— Quer ajuda? Posso trazer algumas ferramentas, e você vai precisar de uma lanterna — disse, enquanto se punha ao meu lado, diante da pequena entrada fechada.

— Não adianta — retruquei, ao comprovar que estava fechada pelo tempo e pela umidade. — Vou chamar um carpinteiro. Deixe para lá, pode se machucar, as madeiras estão presas. Isso não é jeito de recebê-la!

Trocamos um aperto de mão, depois de hesitar ao sentir que a minha poderia estar suja.

— Isso pode ficar bonito — disse, olhando para a vitrine —; é idêntica à minha: mesmo tamanho, mesma profundidade, a altura das divisões...

— Gosto dela, tem muitas possibilidades.

— Eu temia que nunca mais abrissem esta propriedade. Tornou-se a loja mais enigmática da rua. Brincávamos que sua dona anterior tinha enfeitiçado o local e era contra que voltassem a abri-lo. Sabe como é. Essas lendas absurdas que acabam tomando conta de um lugar. Fantasmas, que bobagem!

Fingi que não me interessava pelo que ela falava e mudei de assunto.

— Se tudo correr bem, vou abrir a loja em poucos meses — disse à senhora da Orphée, limpando discretamente a palma das mãos nos bolsos. Seu comércio tinha um mostruário heterogêneo de canetas, papéis de qualidade, lupas, cartões exclusivos, de todos os tamanhos e marcados em aquarela, com letras góticas, e toda uma série de material refinado para escritório que valia a pena usar. Por trás de seus óculos de aro marrom, escondiam-se olhos cinzentos como os de tia Brígida, mas, nesse caso, eram amáveis.

— Seja bem-vinda. Se precisar de alguma coisa...

— Não duvide de que vou acabar pedindo ajuda. — Fiquei surpresa com a amabilidade de minha vizinha, depois da maneira com que fora tratada na imobiliária. Paris era minha obsessão havia anos, mas estava ciente de seu caráter arisco, ainda mais acentuado em relação aos espanhóis. Eu também não era a rainha do convívio social, assim não me incomodava o temperamento áspero e distante dos parisienses. Percebi que, no fundo, eu mesmo fora sempre pouco carinhosa. Era fácil para mim imitar seus gestos e seu espírito. A tática é parecer que guarda um segredo importantíssimo e vital para

a paz mundial, adotando, ao mesmo tempo, a postura de revisor uniformizado.

— Esse bairro é muito bom. Você vai ver. E não dê ouvido aos rumores.

Acompanhei-a até a porta, onde alguns comerciantes, com poucos clientes, tinham se aproximado para ver quem era eu.

— Ah, com certeza! — interrompeu bruscamente suas despedidas. — Uso o porão como estoque; é uma pena perder aquele espaço. A verdade é que era útil. Vai ser ótimo se um carpinteiro conseguir abrir a porta.

Não estranhei ao notar que todo mundo se conhecia naquele quarteirão de lojas de Point Louis-Philippe. Ali pouco havia do turismo mais turbulento de Paris; era uma área com acesso diferente — desde o Sena — no sentido do Marais. A partir da rua de baixo, depois de passar pelo La Perla, um restaurante mexicano, cuja especialidade eram os *mojitos*, entrava-se na *rue* Vieille du Temple, cheia de cafés e lojas de roupas que, tal como uma espinha de peixe, era cortada por vielas que, por sua vez, se dividiam em outras tantas, pequenas e retorcidas. O bairro judeu, moderno e contemporâneo, era misturado em um ir e vir de nacionalidades e cortes de cabelo. Soube que minha nova vida seria dar as costas para tudo isso, preferindo olhar para o Sena e para a ilha de Saint-Louis. Para isso aluguei o último andar — outra vez nas alturas — do edifício onde ficava o restaurante *Chez Julien*.

Aujourd'hui
Thon blanc,
Salade de pousses d'épinards,
Riquette et daikon,
Vinaigrette mangue^[1]

Esse era o cardápio do dia. Não sabia o que era *daikon*; assim, decidi comer no L'Ébouillanté um *feuilleté de chèvre* e *tarte aux agrumes^[2]* com uma taça de vinho tinto por quinze euros. Era um lugar da *rue* des Barres, do qual me tornei cliente habitual desde

esse primeiro almoço pois tinha muita cor, que era o que eu tinha ido buscar. (Azul da Prússia e anis: o velho pintor ficaria contente com meu matiz.) Foi um alívio encontrar uma mesa e saber que me deixavam ficar sentada junto à janela que dava para a Saint-Gervais, uma igreja de onde sempre entravam e saíam freiras com um semblante de felicidade. Do lado de fora havia um pequeno jardim, uma fachada coberta de hera e várias fileiras de mesas azul índigo, que serviam de descanso para aqueles que subiam as escadarias da igreja, de onde saíam crianças.

— Acredito que você seja a nova proprietária do número 10 da Louis-Philippe. — A notícia tinha se espalhado em poucas horas.

— Estou querendo abri-la de novo. Sou espanhola.

— Tínhamos perdido a esperança quanto a esse imóvel, é uma pena ter ficado vazio depois de tantos anos, parecia que ficaria assim para sempre — explicou o garçom, enquanto eu tomava um café e uma água mineral.

— Posso apostar que sua loja vai ser uma livraria — disse.

— Não colocaram muitos obstáculos, não é? — perguntou a garota de cabelo comprido, à porta da cozinha.

Silenciei, como que para agradá-los.

— Estou acostumada às dificuldades.

A senhora mais velha, na mesa ao lado, escutava comovida. Era o que dizia seu olhar: a turista que acaba de chegar à caverna. E olhou para a dona a fim de ver se ela também se aquietava com aquilo. Mas seja porque eu não tinha conhecimento de todos os sinais ameaçadores, seja porque tinha uma grande ilusão sobre mim mesma, a senhora apenas sorriu e continuou com seu café.

Olhou-me com afeto e me dei conta de que eu tinha uma missão: devolver àquele lugar a vida que tivera no início do século. Àquela altura, era absurdo montar um comércio de quadros, nada tinha de costureira, nem estava à procura de tecidos para fazer saias, casacos, ou blusas; a moda estava há décadas nas lojas a preços mais acessíveis do que aqueles pagos a uma costureira ou a um alfaiate. Porém, pensei, tinha sido a minha primeira ideia, ao me postar diante da porta de minha loja, que um comércio de chapéus, uma joalheria pequena e discreta e bijuterias delicadas para o cabelo,

muitos cachecóis e lenços coloridos, seria perfeito. Era meu único pensamento. Montaria um escritório no andar de cima e um pequeno estoque na parte desconhecida daquele porão que deveria inspecionar. Tudo me parecia tão perfeito quanto o espetáculo musical da orquestra que cruzou a rua em direção ao pavilhão, na parte de trás de Notre Dame.

O moço me acompanhou até a porta, alguns metros apenas, me ajudou com a mala, e eu abracei o pacote com o cartaz de Alice Humbert, protegendo-o da garoa fina que caía. Tinha escurecido bastante, pois as nuvens tinham começado a ficar mais baixas sobre os telhados da pequena *rue du l'Hôtel de Ville*, na parte de trás que dá para o cais. As janelas estavam fechadas, e os pássaros descansavam, nesse momento, pelo encanamento de barro, uns tubos, que iam em direção ao Sena.

— Quer que eu ajude com o pacote? É um presente? — perguntou o moço.

— Não, não, não. Prefiro eu mesma carregá-lo — apressei-me em responder, como se Alice estivesse falando atrás de mim.

— Ah, essa loja vai reabrir...

— Sim. Comprei-a hoje mesmo.

— E... já lhe contaram?

— Não acredito em azar, se é o que vai me falar. Eu já sei.

— Bem, você tem cara de ser boa pessoa.

Faltou dizer: “Você é a idiota para quem venderam isso?”.

Coloquei a tabuleta na entrada de minha nova casa. Quase no mesmo lugar em que estava pendurada em Madri (o acaso é um jogo de nuances), havia dois ganchos que coincidiam com a distância entre os dois anéis da tabuleta. Não deveria interferir em nada. Era igual em Madri. Pendurei-o provisoriamente ali, pelo menos até a inauguração de minha loja, e levei a mala até o quarto. Deveria estranhar o acaso, mas do que me serviria pensar que o destino estava ao meu lado? A certeza de que tudo ia bem me perseguia desde que uma primavera seca, da rua Fernando VI, fez-me parar a fim de olhar dentro de um pátio em que se amontoavam dezenas de tralhas velhas, mais ou menos valiosas, que costumava ter o mesmo encanto de um trapeiro de Emaús ou do mercado de pulgas. Não

teria de procurar: ali teria o meu presente. E aqui o tinha agora, pendurado no sexto andar do distrito 4 de Paris.

Na casa não havia qualquer aquecimento; congelada, abri as janelas para a umidade vinda do Sena ganhar a batalha contra a temperatura irritante que fazia dentro da casa. As janelas da sala se impunham sobre o telhado, quatro partes brancas que quase iam até o teto, protegidas por uma pequena cerca de ferro. Tudo que alguém poderia imaginar se encontrava naquele lugar espaçoso e com mansardas. Não ia prejudicar a vista com cortinas, nem mesmo com o sofá que estava sob o parapeito. Arrastei o móvel até outro lado da sala e deixei o espaço livre para desfrutar a liberdade do meu paraíso: a ponte Louis-Philippe, que leva até o *quai* d'Anjou e o de Bourbon. Aquela era a pequena ilha de Saint-Louis, onde parecia ter sido escondido o tesouro de todos os reis com sobrenomes de bebidas. Durante uns dez minutos — ainda era verão — apoiei-me no parapeito de minha janela — minha janela, repeti — cheia de sujeira de pombos. O céu exalava um cheiro de tempestade e a ilha de Saint-Louis acolhia turistas que tentavam evitar a chuva desde a parte de trás de Notre Dame, aqueles que não ficavam na fachada principal e preferiam permanecer nos portais do parque, onde às vezes pintores vendiam quadros de péssimo gosto. O Sena, cujas águas baixavam aos poucos, golpeava as pedras de suas margens, molhando e desenhando vagas que secavam instantaneamente. As ondas eram maiores quando algum barco, carregado, descia a correnteza e provocava uma ressaca de risos e marolas, como se estivesse decidido a manter a cidade sempre agitada. Os historiadores devem contar dezenas de mortes naquelas águas, congeladas até agosto. Centenas de mortos. Entretanto, a vida não para na superfície, indiferente aos anos de guerra que a cidade atravessou. Esse instante de sossego me desconcertou; um barulho seco fez-se ouvir atrás de mim, como se uma caixa de livros tivesse caído. Virei assustada, e as folhas da janela se fecharam. “Uma corrente de ar”, pensei. Fui até o canto da sala de onde me parecia ter vindo o ruído.

— Alice... Alice? — perguntei, sem pensar.

Como esperado, não obtive resposta.

Em minha casa, os fantasmas eram chamados de fantasmas e diziam que deveríamos ter mais medo dos vivos do que dos mortos; contudo, estremei ao andar pela casa em que moraria a partir daquele momento. Era pouco provável que algo sobrenatural fosse aparecer, mas eu estava preparada. Abri a porta do banheiro e acendi a luz; vi que estava tudo em ordem. Não havia nada de perturbador que justificasse aquele barulho repentino. Quando fui para o quarto, voltei os olhos para a sala, como se estivesse sendo seguida. Qualquer pessoa que me visse naquele momento pensaria, acreditaria que eu estava bastante tranquila. A pouca luz permitiu vislumbrar um vulto próximo à cama. Abafei um grito de medo, cobrindo o rosto.

Estava sozinha. Prendi a respiração. Mesmo paralisada, abri os olhos para ver melhor. A mala estava aberta no chão, havia caído da cadeira e inexplicavelmente achava-se escancarada, caída no parquê. “Tenho certeza de que a tranquei, sempre giro os números do segredo para que fique bem fechada”, murmurei pra mim mesma, “e mesmo assim está aberta”. O conteúdo continuava em ordem, disposto como se a mala acabasse de ter sido arrumada. Ao olhar demoradamente a cena acabei por dar uma gargalhada nervosa, o que dissimulava meu estado de espírito. Não sei o que o velho pintor pensaria de tudo aquilo. Em ocasiões como aquela, era quando mais lamentava não o ter por perto para contar-lhe o que estava acontecendo em minha vida. O celular, que tinha sido deixado em modo silencioso dentro da mala, piscava cheio de mensagens e chamadas perdidas do diretor da fundação, o único ser gentil daquele lugar: “Teresa. Você não atende ao telefone. Essa é a única maneira de dizer que sua tia Brígida morreu de um infarto esta tarde. Amanhã é o funeral. Entre em contato conosco.”

Enquanto tomava banho, tentei controlar os nervos e disfarçar minha alegria sob o jato d’água. Estava em Paris e não pensava em voltar.

Capítulo 10

O carpinteiro fincou seu cinzel em um pequeno entalhe da porta do porão, soltando-a aos poucos do chão para abri-la.

— Você é corajosa por querer descer. Hoje em dia deve estar como uma caverna escura — disse agachado, enquanto recolhia seu material espalhado no chão.

A princípio eu não estava muito convencida, tampouco me sentia apavorada. Em absoluto. O medo me era desconhecido e, se pensava em Alice, era apenas porque a obsessão dos últimos dias tinha me levado ao ponto de esperar sua aparição. Ou que me chamasse. Teresa, estou aqui. Saber o que ela queria de mim. Seu segredo. Seu nome. Não podia, não queria, não deixava de pensar nela. Oferecia-me uma paz que tinha apagado anos de tédio em Madri. E, além disso, tinha acabado com minha relutância.

Peguei a lanterna. A porta do porão estava aberta e, se me oferecia uma escuridão tão relaxante e quieta dois metros sob meus pés, não cooperava para me deixar tranquila. A imaginação corria a tal velocidade que eu não conseguia me concentrar em nenhum pensamento; se olhasse para baixo, a decisão que tinha me levado até ali, pronta e determinada a seguir adiante, escapava-me como se fosse uma pluma. Não era nada além de um porão, um cômodo vazio que vinha junto com a propriedade. “Nada mais...” Eu estava confiante e também animada, mas tinha a impressão de estar em um filme norte-americano no qual, em um escritório, a mulher se arrisca no clímax da história para se salvar do vilão. Em se tratando de mim, ali havia apenas sombras profundas. Eu confiava plenamente no meu anjo da guarda e que as escrituras da casa tivessem alguma razão. Era a necessidade de mudar de vida que havia me levado a

Paris, a fim de me recuperar de tantos anos estéreis. Não queria que os medos já tão familiares, e que me continham, ressurgissem, as ansiedades que sempre aniquilaram tudo. Foi aquela nova sensação de plenitude que me fez descer.

A escada não poderia ser mais barulhenta; estava a ponto de quebrar, e eu seguia lentamente, bem devagar, um degrau depois do outro, e mais outro. A lanterna iluminava o caminho, e o ar estava viciado pelos anos. Minhas pernas fraquejaram, e estive a ponto de perder o equilíbrio. Continuei descendo em silêncio, mas não calma, tendo toda a atenção voltada para meus pés, para me manter em segurança. Outro degrau. O único som que chegava ali embaixo era o do suave, cru e úmido frio do abandono. Ao pisar em solo firme, percebi uma poça de água e, ao levantar a lanterna para iluminar a parede, não consegui reagir. Estava completamente sem rumo pela situação em si, a visão me aterrorizou. Era ela. Eu estava diante de Alice Humbert. Nua, com o rosto pálido e me olhando nos olhos. Engasguei. Estava paralisada. Era-me impossível respirar. Apertei o peito e subi correndo para a superfície, inundada pelo desespero. Voltei sem pisar os degraus, tinha a sensação de flutuar em busca da rua. Meus pensamentos se chocavam sem qualquer concentração. Não conseguia encontrar o oxigênio necessário para tirar o corpo daquela dormência. Estava preparada para isso, mas, se estava, não sabia como assimilar a situação. Cheguei à rua, buscando ar fresco. Hélène estava na entrada de sua loja, fumando um cigarro, quando me viu, notando imediatamente que alguma coisa tinha acontecido.

— Thérèse, você está bem? Parece que viu um fantasma, está pálida...

A voz de minha vizinha chegava distante aos meus ouvidos. Meus olhos estavam dilatados pelo esforço feito para enxergar na penumbra do porão. Eu estava tomada pelo espanto ali, na porta de minha loja, sem conseguir me mexer, pois o sangue tinha deixado de banhar as minhas articulações. Apoiei-me na parede. Demorei a responder, pois estava tentando assimilar o que tinha visto no porão; por isso, fiquei quieta e me contive para não estragar tudo.

— É a asma. Não estou passando bem. Acho que a umidade da madeira está me fazendo mal. Só preciso de ar fresco — respondi,

para acalmar a ela e a mim mesma.

— Vai ficar assim por poucos dias. Na semana que vem já não vai cheirar à umidade, vai precisar de ventilação para a madeira respirar.

— Certo.

A parede do porão estava cheia de fotos de mulheres nuas, todas da mesma pessoa: Alice Humbert. Como eu temia, aquele lugar guardava todas as respostas. Seu nome estava escrito na parte de trás das fotografias e, ainda que fosse impossível ler o texto, desgastado pelos anos — a tinta tinha se convertido em manchas azuladas devido à umidade —, ainda assim era possível ler em letras grandes, de uma caligrafia bem-feita: *Je t'aime*.

Lágrimas de inveja caíram dos meus olhos. Sob minha loja havia dezenas de imagens de uma mulher que guiava a câmera fotográfica, pois sabia ser irresistível, sensual, com os seios à mostra, sem nenhum pudor. Orgulhosa, presunçosa, vaidosa, bonita, com a pele perfeita, sem sardas, estrias nem qualquer imperfeição. E tudo isso em uma época em que a fotografia mostrava tal como se era. Alice era uma mulher jovem e belíssima. Avancei lentamente, com uma lanterna maior e mais brilhante, dessa vez jogando o feixe de luz em todas aquelas imagens que enchiam a parede, respirando um ar úmido e com gosto de bolor, que me fazia ligeiramente mal. Uma leve pressão me oprimia a boca do estômago, enquanto me deixava levar à meia luz e me perguntava que mulher tinha sido aquela que agora estava diante de mim. Sua presença, o rosto que eu vi espantada assim que joguei sobre ele o foco da lanterna da primeira vez que descí, era uma imagem que continha toda a força vital do mundo — uma mulher feliz. Alice sorria, a pele branca, em meio a uma atmosfera apodrecida, que se purificava pelo esplendor daquela modelo.

Se o brilho dos anos 1920 se deveu a muitos rostos reconhecíveis, é injusto que nenhum deles tenha sido o daquela mulher das fotos. A serenidade transmitida por seu sorriso, à luz de seus dezoito anos, era tão preciosa que me obrigava a desviar os olhos em busca de

outras fotos ao redor. Alice aparecia vestida, apoiada em colunas romanas, usando túnicas que a cobriam parcialmente; sentada em poltronas, oferecendo os seios ao fotógrafo; lasciva, com a mão sobre o sexo; feminina, coquete, com o cabelo cortado *a la garçonne*; infantil, segurando um pássaro empalhado entre os dedos; primaveril em uma imitação do nascimento de Vênus. Havia fotografias para alimentar o ego da que deve ter sido a mulher mais feliz de Paris.

Eu devia recolher todo aquele material com muito cuidado para guardá-lo. E devia fazer isso logo, para evitar que apenas um dia a mais fosse o bastante para destruir a beleza das fotografias. Assim que saí para fazer compras, voltei com uma caixa de latão, comprada na minha rua, em cuja tampa se lia “fotografias”: era perfeita. Em uma das ocasiões em que desci depois, menos ansiosa do que da primeira vez, percebi que o chão estava bastante encharcado em algumas áreas mais baixas, devido aos anos em que o porão estivera fechado, e cheio de bitucas de cigarros e pacotes amassados de cigarro Gitanes. O único móvel que eu tinha encontrado no porão era uma poltrona baixa.

Fui para cama com uma xícara de café com leite bem quente, ajeitei a caixa de fotografias ao meu lado e comecei a arrumá-las sobre a colcha. Uma pessoa consegue ver a própria vida na vida dos outros; cada sorriso, cada pose, cada gesto de liberdade de Alice era um reflexo de tudo aquilo que eu não tinha experimentado mais do que uma vez em minha vida.

Pensei em Laurent. Quanto mais olhava a felicidade alheia, mais ganhavam vida em mim aqueles meses passados com meu amor. Se ao menos tivesse me dito por que tinha ido embora, tivesse me explicado as razões de sua partida, eu teria a oportunidade de me opor, de me queixar, de pedir que ficasse, gritar que não me deixasse sozinha depois de encher meus dias de felicidade. Mas ele foi embora. Sua partida, tão repentina, fora tão dolorosa que me impediu de refazer minha vida.

Quando começava a namorar sério outro homem, quando voltava a me deixar convidar para um jantar — inclusive por um funcionário da fundação —, bem naquele momento alguma coisa me

fazia lembrar. Uma música que me fazia lembrar dele, um cheiro com que eu cruzava na rua e me revolia por dentro as lembranças, uma nuca raspada como a dele, que me fazia acelerar o passo como uma louca para ver se era ele...

Pouco a pouco fui me cansando de procurar, de esperar sua volta, de aguardar uma carta que explicasse tudo, um telefonema que esclarecesse a sua partida, para quê? O que ele poderia me explicar? Que tinha ido embora? Perdi a vontade de voltar a amar. E também de voltar a vê-lo. Seu corpo tinha deixado marcas no meu como um decalque colorido que, por mais que eu tentasse lavar, mesmo com força, não saía: era incapaz de preencher sua ausência. Não poderia ser mais órfã do que era.

Já na cama, notei que tinha começado a chover. A janela de canto, que dava para a ponte, tinha uma chapa metálica que servia de peitoril, e as gotas de chuva a golpeavam como se fossem os dedos de um pianista. Primeiro de maneira suave, o ritmo foi aumentando, e a chuva se mostrou torrencial. Cobri-me mais um pouco e me abriguei na felicidade de Alice. A vida daquela mulher tinha sido apaixonante, foto a foto, eu me deparava com um desfile de festas, excessos e vestidos. A primeira fotografia que me chamou a atenção era da entrada de uma cafeteria chamada *The Jockey*, onde apareciam homens vestidos a rigor, engravatados, aparentemente bonitos — a foto estava um pouco fora de foco —, olhando para a câmera, orgulhosos das três garotas que os acompanhavam, com seus decotes generosos e suas joias vistosas até mesmo em preto e branco.

Em todas as fotos se via um grupo receptivo e livre, algumas vezes em cafeterias, restaurantes, terraços, mas, sobretudo, em uma profusão de festas. Alice era uma garota com a expressão romântica dos anos 1920, uma mistura de infantilidade e sexualidade que deveria fazer estragos nos homens. Às vezes, posava recostada em uma mesa, com o olhar perdido em seus pensamentos; outras vezes, as demais, nua, oferecendo-se à câmera. Algumas fotos tinham sido tiradas em salões de um luxo obscuro, entre cadeiras e xales bordados que apareciam jogados nas poltronas; outras mostrava-a nas pedras de um rio, recém-saída da água, sem nenhuma roupa,

nada mais do que uma corrente sobre o colo. Treize, Kiki e Alice. Eram esses os nomes que mais se repetiam nas imagens; as três eram belas, evocativas e felizes. E depois, generosas e provocativas, apareciam rodeadas de pessoas em um *night club*, no qual, o que me surpreendia, também estavam os garçons e o porteiro negro do local, como se conhecessem todo mundo. Fiquei fascinada pela maneira sem pudor adotada pelas moças e pelo quanto as festas pareciam maravilhosas, sempre em meio a garrafas, senhores de chapéu e cachecol, barulho e despreocupação. Eram todas assim.

A fotografia de Alice apoiada no batente da porta, completamente nua e com uma tartaruga pequena a seus pés, estava marcada com o número 9 da *rue Campagne Première*. Parecia que descansava de uma sessão de fotos. Calçava sapatos de salto e usava o cabelo cortado *a la garçonne*, o olhar perdido no chão de madeira e, ao fundo, não dava para ver nada, pois a luz vinda de uma janela ofuscava o interior do quarto.

A chuva tinha parado. Fiquei muito tempo deitada na cama, mordendo a ponta do lençol, sem conseguir dormir e cheia de perguntas. Eu não tinha vivido nada em comparação àquela mulher, esse era o maior castigo que poderia infligir a mim mesma: ver a felicidade dos outros. Mas também era o melhor combustível para dar partida no motor de minha existência. Na vida, o que às vezes parece um fim é, na verdade, um novo começo. Fechei os olhos e, ao abri-los, olhei ao meu redor. Alice, Kiki e Treize bebiam e brindavam com vinho em uma das fotografias. Aquelas festas cheias de glamour e animação me pareciam tão desejáveis, tão apaixonantes, tão distantes... Acabei levantando e indo até os vidros úmidos e frios da janela. Sequei minhas lágrimas.

Capítulo 11

Gostaria de dar menos importância, mas não... Podemos odiar os mortos? Aquela forma de me maltratar e de gritar comigo pelo olhar fez parte da minha vida desde muito cedo. Se me sentia culpada por alguma coisa, era precisamente disso: de não dar menos importância. Só sentia saudades de minha mãe. No entanto, marquei seu número de telefone com as mãos trêmulas, confiando que escutaria sua voz gêmea. Depois, fechei os olhos para ouvi-la... Laurent, você me diria: “O que está fazendo, pequena? Esqueça a dor, fique com sua lembrança, a verdadeira”. E como um moleque despreocupado, ele me levaria para tomar um ar e umas cervejas. Sem demora, apertei as teclas do telefone em silêncio. Calando-me, como se me escondesse em um paradoxo absurdo de mim mesma. Mas não ouvi minha tia, e sim o diretor da fundação, que, laconicamente, estava atendendo todas as suas chamadas: “Teresa, você deveria ter vindo a Madri, sua tia Brígida teria desejado que estivesse em seu velório”.

— Não fez falta minha presença, eu asseguro, eu asseguro...

Eu já tinha visto aquela mulher morta no dia em que minha mãe morreu. Minha tia estava junto ao caixão, chorando pela morte de sua irmã gêmea, e meu único consolo era pensar que era ela quem estava deitada sobre aquela seda branca, e não minha mãe. Eu poderia ter mudado aquilo que aconteceu? Enquanto me vestia, fechava os olhos para sentir como eram suas mãos, as de mamãe e não as dela, as que me faziam o laço às minhas costas, que trançavam meu cabelo ou fechavam meu vestido. Não tinha medo; minha imaginação me fez crer que tinha sido minha tia que fecharam no caixão, para carregarem nos ombros pelos corredores. Por isso não chorei. Vivi durante meses pensando que minha mãe

continuava viva comigo. Eu a seguia pelos corredores, esquivando-se das cadeiras ou por trás das cortinas, sua mesma forma de caminhar, seu mesmo tom de voz, seu perfume... Depois, aproximadamente dois anos mais tarde, comecei a perceber que o “não” também existe. Precisei aceitar que a terra tinha levado minha mãe e deixado para mim sua cópia malvada. Então, vomitei. Eu a tinha perdido. E também minha tia. Porque, até quando gritava comigo ao telefone, ouvia a voz de minha mãe.

Capítulo 12

Consultei o mapa e atravessei a rua. Meu ímpeto de investigadora me deixou às dez e meia na esquina que abre a Campagne Première. Era essa a rua mostrada nas fotografias do porão. Uma rua inóspita, cheia de carros comuns estacionados em fila junto ao meio-fio, comércios sem nenhuma vida: uma loja de frutas em que apenas uma mulher atendia ao público, uma tinturaria abarrotada de sacos e tapetes, um estabelecimento de massagens chinesas... Nada que pudesse evocar a presença de Alice, nada até que cheguei ao número 9.

O taxista tinha me trazido a toda velocidade, cruzando o Sena até Saint-Germain; ignorando tranquilamente alguns sinais vermelhos, escolheu ir por Saint-Michel em direção a Montparnasse. Dois minutos mais tarde estava instalada em um café, próximo ao endereço que me atraía para aquele lugar, La Closerie des Lilas, na porta do qual lhe pedi que parasse. Preferia me deixar hipnotizar por uma zona desconhecida de Paris.

— Bom dia, pode entrar. Estamos apenas arrumando as cadeiras.

— Ah, bom. Quero tomar café da manhã: café, suco de laranja e *pain au chocolat*. Obrigada — disse, me instalando em uma das mesas de vidro.

O garçom esboçou aquele sorriso morno francês que, parece, se deve dar como que pedindo desculpas por estar ali e foi para o interior do café. Talvez não fosse a hora: estavam arrumando as mesas para o almoço com toalhinhas cheias de assinaturas e anotações de antigos visitantes do lugar. Um canto do bulevar com *l'Observatoire*, o final do jardim de Luxemburgo, que tem a alma de séculos acumulados em sua atmosfera. O terraço coberto de vegetação acentua a história do lugar, elegante e decadente. Meses

mais tarde me dei conta do motivo daquela altaneira presença dos garçons na Closerie, protegendo a quintessência do parisiense como se fosse o Santo Graal.

Perambulei um pouco pelo bairro, encontrando pretextos para caminhar mais devagar e atrasar meu destino daquela manhã. Estava descansada, havia algo de detetivesco em minha rota que me obrigava a me deter em cada um daqueles detalhes do bulevar. Sem o encanto de outras áreas de Paris, percebi que aquela rua manejava a rotina dos cidadãos residentes ali, que fazem compras em supermercados comuns ou se dirigem ao trabalho, e que se desviam disfarçadamente dos turistas que perambulam perdidos fora da Paris monumental e percorrem sua cidade em outro passo. Aquele ar tão uniforme de cidade normal é o que me fez duvidar se estava no endereço correto. Não vi pintores nem fotógrafos nem aroma de crepes tostando na chapa.

Aquele era o prédio. O número 9.

Na entrada, solidamente trancada, brincavam duas meninas de cabelos muito claros, muito mais pela luminosidade cinzenta que cobria a cidade e que embranquecia seus cabelos. A entrada era sóbria, uma porta de duas folhas cinza-azuladas muito altas com acabamentos dourados para empurrar com os pés, um aviso de acesso para os bombeiros e arrematada com um simples adorno lavrado em pedra, semelhante a um brasão, em que o número 9 aparecia como um escudo de armas. O detalhe mais importante naquele momento: estava trancada.

Fiquei frustrada com o cenário que tinha encontrado: a rua era comum demais, não tinha nada de especial que ressuscitasse todas as fantasias que eu tinha imaginado ao descobrir as fotografias. Estava desapontada. O que poderia fazer? A pessoa pode ter uma vida semeada de dificuldades que evita ou assume, mas como fazer para entrar em um edifício em que é necessária uma senha numérica para tocar uma das campainhas? Apertei alguns números do porteiro automático ao acaso. Não tinha nada a perder, apenas esperar que algum dos vizinhos entrasse ou saísse. O ruído do trânsito no grande bulevar de Montparnasse me distraiu enquanto eu fumava um cigarro atrás do outro.

Voltei a apertar alguns números do porteiro automático. As meninas começaram a me olhar, desconfiadas. Devia estar apertando combinações absurdas, e elas se deram conta de que eu estava confusa.

— Você precisa escolher quatro números... Apenas quatro.

Uma das meninas louras que brincava deteve as piruetas duvidosas dos meus dedos. Por que fazia tudo isso? Por que estava sendo levada a averiguar a vida de uma mulher que parecia estar dirigindo a minha vida? Teria gostado de ter uma solução, mas apostava que o portão 9 da Campagne Première era como os banhistas que se instalam na beira da praia esperando que Netuno lhes dê respostas.

A mãe das meninas as chamou da loja de frutas, e elas correram para ajudá-la com as sacolas. Ficou evidente que moravam ali. Entretanto, como me juntar a elas? As pequenas tinham me visto rondar o portão como uma vigilante sem uma campainha certa para tocar. Recuei até o meio-fio da calçada esperando que a mãe e as meninas abrissem o portão. Se enfiasse o pé ali, poderia entrar. Era triste chegar àquilo, mas era minha única opção. As meninas não iam facilitar a coisa.

Efetivamente, quando chegaram me aproximei; abriram o portão e entraram todas. Enfiar o pé entre a porta e o batente, mas a menina mais alta me olhou como se olha uma assassina que franze o rosto ao apontar uma arma antes de puxar o gatilho; tive de retirá-lo antes que a mãe se desse conta de que havia uma intrusa às suas costas. Algumas vezes a vida era injusta.

Estava de volta à estava zero. No mesmo lugar, mas do lado de fora. A espera estava longa, e quase não passavam vizinhos pela rua em direção ao número 9. Todos iam longe, para Montparnasse ou Raspail. Não tirei os olhos do portão, uma fachada do arquiteto Taberlet — gravado a cinzel no primeiro andar —, que era o único destacável do lugar.

Às onze em ponto percebi um leve ruído do interior da portaria, um ruído de rodas que se arrastavam. Observei o portão que, naquele momento, abriu-se de repente, me deixando nervosa: uma senhora de cabelos brancos apareceu empurrando uma enorme lata

de lixo verde. Era melhor sorrir. Uma citação de Benjamin Franklin me veio à mente: “Seja cortês com todos, sociável com muitos, familiar com poucos”. Optei pelo último, que poderia vir a calhar para ganhar a confiança da desconhecida. Era a porteira; vestia uma calça comprida chamativa e larga, sapatos confortáveis de sola grossa e uma capa de chuva dois números maior que o dela, o que a convertia em um saco escuro. Era gorducha e de rosto rosado, algo que aproxima os estranhos na hora de se sentir intrometido. Era a hora de colocar o lixo para fora. Não tinha se dado conta de que eu estava ali; voltei a ser invisível. Ela fez menção de entrar, sem perder o sorriso. Não acreditava ser possível, mas tomei a dianteira.

— Posso...? — perguntou a senhora.

— Claro, claro!

Estava como uma boba atrapalhando a passagem, impedindo que ela saísse com o lixo. Afastei-me e segurei a porta, passando para o beco que se abria no número 9 da Campagne Première. Meu incômodo tinha se tornado felicidade: estava dentro do edifício e relaxei ao dar uma primeira olhada. Já estava dentro.

Era um corredor bastante amplo, a céu aberto, luminoso e cheio de janelas envidraçadas enormes em três alturas; toda a construção era de janelões de ferro que iam do chão ao teto e, em alguns casos, cobertos por cortinas. Uma passagem que avançava em rampa, descendo até o que parecia uma figueira, e deixava de um lado os apartamentos e, do outro, um jardim de plantas que ocultavam em boa parte um tapume do beco. Parecia ancorado no século passado, as latas de lixo reciclável eram o único elemento atual naquele entorno selvagem e bagunçado. A umidade escorria pela fachada em meio aos canos dispostos tortuosamente para evitarem uns aos outros. Nem a primeira portinhola, à minha direita, parecia ter mudado desde 1900. Comecei a sentir um calafrio semelhante ao que me levou ao antiquário de Madri, algo idêntico, uma chamada de outro universo a que eu não pertencia. Estava tudo conservado, sem vida. Aquele lugar se sincronizava com o toque mágico que tinha me levado a Paris. A chuva começava a dar àquele monte de vidraças o toque de lirismo necessário. Irradiava tanta energia que parecia sentir a presença de Alice por toda a parte, mesmo sem vê-

la, como se uma aura de outro plano avançasse desde o final do corredor em minha direção. Tinha a impressão de que uma mulher, vestida como na época, ia me saudar de alguma das janelas, me convidando docemente a subir para tomar um chá e me explicar tudo em detalhes. Depois de tudo, encontrava-me em uma circunstância bastante singular, exposta absolutamente ao passado. Por que fazia tudo aquilo? Teria gostado de saber qual interesse havia naquele percurso. Não havia nenhum meio para investigar.

— A senhora é turista? Pode ficar nesta área, não mais além da fonte.

Sua frase me deixou perplexa, tinha passado pela dificuldade de esperar como uma delinquente na rua e, afinal, se podia entrar para olhar o interior. A porteira de cabelo branco devia ter setenta e poucos anos, e sua casa fazia parte do imóvel.

Um edifício protegido que guardava as respostas.

— Espanhola?

— Sim, de Madri. Mas moro em Paris, não conhecia este lugar.

— Ah, já não é o que costumava ser.

— E... E o que costumava ser? — perguntei, imediatamente.

A senhora ia e vinha com as latas de lixo, caminhando com um curioso balanço, sem perder o sorriso nem o movimento; tanta lida arrastando o lixo me fez acabar ajudando com a tarefa, apesar de sua reticência: “É meu trabalho”. Foi para a fonte e começou a encher baldes com água. Não disse nada durante um momento, esticou a mangueira e deixou-a preparada diante da área ajardinada. Mergulhei em pensamentos, observando a escassa vida que se oferecia das vidraças. Ouvi alguns ruídos, um vizinho que se movia entre as cortinas. Nada digno de nota. Não perdi de vista a porteira e, em certo momento, ela se foi para as escadas, e avancei um pouco mais para o interior. Não havia passado vinte segundos, e me assustei. “Não pode passar!”, escutei sua voz do interior. Ela me observava como, agarrada à minha bolsa, averiguava todas as janelas. Não sei se foi pelo meu aspecto de jovem independente e arrumada à parisiense, mas o fato é que a mulher veio até mim com total confiança quando abandonou suas tarefas. Estava surpresa com minha forma de olhar, me disse depois. A princípio eu tinha

parecido a ela a típica turista que entra perdida no edifício e olha ao redor “como uma doida”. Comoveu-lhe a maneira como eu tinha hesitado diante do beco.

— Você me lembrou de mim mesma — disse, recuperando o ar depois de idas e vindas — quando caminhou alguns passos, e eu a vi olhar ao redor.

— Por que diz isso?

— Este lugar é pouco frequentado pelos turistas. Primeiro pensei que tinha entrado sem se dar conta de onde estava, e depois que era uma jornalista que queria me perguntar sobre o senhor Ardisson, Mathieu Ardisson.

— Quem é?

— Não o conhece? É um famoso jornalista francês. Um cavalheiro.

— Ah, sim! — disfarcei.

Instintivamente olhei para as vidraças do que pareciam antigos ateliês. Era a única coisa que me levava até Alice. A porteira recitou quase de forma mecânica:

— Esses são os antigos ateliês dos artistas que abandonaram Montmartre em busca de nova inspiração mais além do Quartier Latin. Como vê, eram bem-iluminados e custavam pouco, por isso trabalhavam e moravam aqui. O edifício foi construído pelo arquiteto Taberlet com os materiais que recuperou da Exposição Universal de 1889. A da Torre Eiffel. Pois tudo o que sobrou está aqui, com tudo o que foi abandonado eles construíram este edifício...

Uma imagem voltou à minha mente. As fotografias do porão.

— Mas, não restam mais pintores, fotógrafos? — perguntei.

— Ah, não! Agora aqui moram só famílias. Aquela foi outra época, outra Paris... Outra Paris! — balbuciou, nostálgica.

Estava dentro do que tinham sido os ateliês de muitos pintores da Paris de princípios do século XX. Ali, nua atrás das janelas, tinha estado Alice, posando.

— Como você se chama? — perguntei.

— Ah, não! Não importa como me chamo, não quero ser famosa.

Sorri ao observar um gesto coquete alheio à sua idade, quando alisou distraidamente o cabelo grisalho. Um vizinho a chamou da porta de madeira em frente à fonte para entregar alguns envelopes; aproveitei o instante para memorizar o número do apartamento que estava na caixa de correspondência do senhor Ardisson. Mathieu Ardisson.

Capítulo 13

—Sou eu, Alice!

Não sei se foi o crescente temor ou a necessidade de dinheiro, mas o fato é que, com os nervos à flor da pele, minha voz falhou. Aquele era o lugar que me haviam indicado: lá estava eu, à porta dos estúdios da Campagne Première.

— Alice Humbert!

Precisei repetir várias vezes para que me ouvissem.

— Eu sou Alice, Alice! A menina de segunda-feira!

Ainda que surpresa num primeiro momento, a necessidade me fez recuperar o fôlego, arrumar o casaco e avançar pelo corredor dos estúdios. Subi as escadas, ajeitando cachos de cabelo atrás das orelhas — eram pequenas e bonitas; eu gostava de exibí-las. Retoquei o batom e ajeitei a gola da blusa. Não fazia nem cinco minutos que eu tinha engraxado os sapatos, mas resolvi lustrá-los com o lenço antes de tocar a campainha, excitada com o que estava por vir. Quando a porta se abriu, eu ainda estava abaixada, ocupada na tarefa de parecer uma garota arrumada. Ele estava diante de mim, usando uma camisa branca coberta de manchas de tinta, o cigarro apagado no canto da boca e um ar insolente que não me passou confiança. Só piorou minha apreensão quanto a posar nua, e os cinco rapazes dentro do estúdio devem ter notado minha expressão.

— É sua primeira vez, certo? — o mais jovem perguntou quando me viu agarrada à bolsa junto à porta. Imóvel.

— É, sim — gaguejei.

— Então entre, faça isso rápido e vá embora. É a melhor maneira de esquecer que você está nua: é mera formalidade para chegar à obra de arte. Estamos cansados de ver mulheres nuas.

— Posso ir para outro cômodo? — perguntei.

— Para quê?

— Para tirar a roupa.

Riram como se eu tivesse contado uma piada, mas não olhavam para mim, e sim uns para os outros, como se fossem companheiros de bar. Eram rapazes da estirpe dos que riem mais do que o normal — a hilaridade que nasce em um e contagia a todos — e que abusam de gestos para mostrar que são homens. Colei-me à estufa; tinha chegado gelada, entorpecida da rua.

— Você pensa que está na Academia Colarossi? Tire a roupa aqui mesmo. Esse é um estúdio, como pode ver. Somos nós e você.

Era um cômodo feio e cheio de tranqueiras que mais parecia um depósito, apesar de ter cavaletes e telas amontoados em todos os cantos. À direita, à esquerda — havia tranqueiras em todos os cantos.

Não sabia o motivo da risada daqueles homens. Claro que eu estava lá tremendo de medo, claro que estava apavorada, claro que preferia dar meia-volta e sair correndo, o que os faria rir mais ainda. Mas precisava do dinheiro. O estúdio tinha trinta metros quadrados abarrotados de esculturas, quadros e telas de mulheres nuas.

— É o assunto favorito de Kisling — disse um sujeito de bigode quando virei para uma parede cheia de mulheres sem roupa, de seios brancos e quadris largos.

Ouvi uma voz impressionante.

— Uma garota bonita e nua me enche de alegria, fico com vontade de amar, de ser feliz, e espero que até o pano de fundo de onde posem expresse essa sensação. Quero que a vida seja bela, e que os desejos e a existência das mulheres desejáveis sejam cheios de cor. Sou um afortunado. Gosto de carros, adoro cantar, amo a vida e as mulheres. Repito: sou afortunado. Vocês vêm aqui, e eu pinto vocês.

Era a voz de Kisling, até aquele momento de costas para a algazarra dos rapazes, quando fez seu discurso, os olhos fixos além das janelas.

Ele se virou para mim com a arrogância que só um pintor tem.

— Quem é a nova puta? — perguntou ele.

Essas foram suas palavras ao cravar os olhos em mim. Disse-o sem rodeios, sem nenhuma transição entre a pergunta e seu discurso retórico sobre a beleza feminina, e dirigindo-se a um dos pintores, sem me encarar. Comecei a tremer; sua soberba, tratando-me como prostituta sífilítica e perniciosa, era obscena e cruel.

Ele era orgulhoso, arrogante, vaidoso, animalesco, gordo. Não tinha outra intenção além de afirmar que eu era um bom pedaço de carne exposto na vitrine de um açougue. Muda e humilhada, comecei a me despir.

— De onde você saiu? — perguntou ele, aproximando-se devagar, até quase enfiar o nariz na minha nuca.

— Eu a encontrei segunda-feira no mercado e prometi a ela um contrato de três meses — respondeu o sujeito de bigode que tinha aberto a porta para mim.

— Ela não sabe falar? — perguntou Kisling ao rapaz, enquanto me examinava.

— Sim, mestre. Desculpe. Ela é uma menina bonita, por isso eu pedi que viesse. Achei que o senhor fosse gostar dela.

O sr. Kisling assentiu. Ele me comia com os olhos enquanto eu, alheia às vozes desrespeitosas, comecei a me despir para não prolongar o meu calvário. Fui empilhando minhas roupas em uma das cadeiras junto aos cavaletes, sem levantar os olhos do chão de madeira suja. O que eu poderia fazer?

Na segunda-feira de manhã havia um mercado de modelos. No bulevar de Montparnasse, desde a madrugada, famílias inteiras perambulavam pela *rue* de La Grand Chaumière, na esperança de se transformarem, por uma semana, em madonas, querubins, heróis mitológicos ou deusas clássicas. Tinham-me dito que as garotas eram contratadas por esse tempo. “A cada sete dias, as modelos são substituídas”, era o que me diziam. “E não pagam mal.”

Às vezes, se a garota merecesse, recebia a oferta de algum estúdio para posar por três meses. Os contratantes, então, ofereciam sopa, café quente e até mesmo hospedagem em hotéis próximos. Calada e nua podia-se ganhar a vida, sobreviver e alimentar-se. Caindo nas graças do artista, os primeiros francos começavam a aparecer mais rápido, tornando-se um ganho considerável porque outros artistas

acabariam por requisitar sempre a mesma modelo. Com a Primeira Guerra Mundial, o governo francês havia declarado que todas as antigas modelos italianas eram “estrangeiras sem ocupação”, extraditando todas elas. Nós, as parisienses humildes, tínhamos, então, encontrado uma forma de ganhar a vida.

— Está demorando demais para tirar a roupa. Conheço garotas mais rápidas — disse um deles, se agitando por ter-me ali, indefesa.

— Você tem sorte de ser bonita — observou outro.

— Ninguém mais tem paciência com garotas tímidas — comentou um barbudo enquanto eu tirava a saia.

— Sua mãe deveria ter lembrado vocês de que estamos na era moderna. Vocês perderam o rumo; a vida mal começou! O século teve início agora!

Todos os homens falavam ao mesmo tempo.

O mais jovem deu de ombros e, à medida que avançava em minha direção, onde havia um largo pedestal sobre o qual eu posaria nua, me inspecionou como se eu fosse material de pintura.

— Você é muito bonita, tem luz própria — disse ele. — Tem sorte, e esta pode ser a habilidade que a transformará no que desejar, uma deusa ou uma fabulosa ninfa do bosque. Com Kisling, você pode acabar nos museus.

Perguntou meu nome sem me encarar e, apontando o queixo para mim, me incentivou a tirar as últimas peças que ainda me cobriam: minha roupa de baixo.

— Quero vê-la nua. Agora. Já. E eles também querem — disse Kisling.

Era o último passo.

Tirei toda a roupa. Subi no pedestal. Todos olharam para mim...

Meus mamilos endureceram; cobri meu sexo com as mãos congeladas.

— Relaxe os ombros, deixe os braços caírem ao longo do corpo, eles precisam estar relaxados, os cotovelos livres — ordenou ele, mecanicamente. — Se sentir frio, aproxime-se da estufa.

Não houve nenhum gesto de acolhimento; todos agiam secamente. Podia-se dizer que apenas fingiam, como se não se

importassem que houvesse uma garota de dezoito anos diante deles ou que, em seu mundo, fazer arte implicasse agir com presunção.

Uma cadeira tinha sido colocada sobre o pedestal para que eu me sentasse, evitando que meus joelhos falhassem. “As garotas mais novas tremem tanto que só é possível pintá-las depois que se acalmam.”

— Esse primeiro ensaio será assim, senhorita, e depois você vai começar a fazer mais poses, como a das belas mulheres que ocupam nossas paredes. Note que não é algo de outro mundo. Estamos cansados de ver coisas belas. Por ora, fique sentada e entrelace os dedos como se estivesse esperando pela noite.

Fiquei ali, imóvel, e tratei de explorar a sala com os olhos. Havia uma porção de quadros que mostravam mulheres provocantes, como um jardim de estátuas onde eu era apenas mais uma; um exército de garotas parecidas, algumas usando túnicas minúsculas, outras envoltas em tecidos diáfanos, coladas a uma pilastra, a maioria com os seios violentamente expostos à luz.

Uma das modelos aparecia em muitos quadros; uma menina bonita com um sorriso enorme e olhos pintados. Todas aquelas mulheres anônimas de pele branca e púbis à mostra pareciam assistir à minha estreia em uma sessão de pintura.

Kisling começou a dar instruções aos alunos; falavam entre si usando frases bastante circunspectas — um tom grave que, vejo agora, me afastava deles e me fazia esquecer-los. Ofereceram-me álcool; recusei. Tinha ouvido uma porção de coisas sobre aquelas sessões com pintores e decidi ser cautelosa. Não podia me esquecer de que estava nua.

Tossiam quando eu me retorcia nervosa ou curvava as costas; tratava então de voltar o quanto antes à pose. De vez em quando, falavam comigo para que eu levantasse o colo.

O chefe perguntou, à certa altura, se eu tinha me alimentado bem antes de ir à sessão, “são muitas horas de trabalho, ainda que divididas em turnos”. Disse que sim, mas era mentira; havia um tempo que eu fazia somente uma refeição por dia, graças a Chez Rosalie. Aceitei um café e segui exposta aos muitos olhares.

Nada os perturbava; me lembravam de que eu podia descansar a cada vinte minutos para que minhas articulações não ficassem doloridas. Dava tapinhas nas pernas para que não enrijecessem de cansaço. Claro que nada em mim poderia relaxar muito: eu estava apavorada, envergonhada, tremendo na frente daquele grupo de pintores que me encarava revirando e arregalando os olhos. Para mim, pareciam um grupo de lunáticos.

Essa foi minha rotina por vários dias. Conforme as sessões avançavam, sentia meu medo encolher (ou deveria eu dizer libertar-se?).

Ao chegar, tirava a roupa e tomava café, nua, na frente deles, observando como progrediam com suas pinceladas. Eram todos especialistas em formas femininas. Tirar a roupa não era mais tão constrangedor, e eu tinha me tornado capaz de suportar os olhares. Já não os evitava mais. Em vez de estremecer entre a dor e o constrangimento, sentia-me desejada. Tinha começado a me perceber provocante, me dando conta de que era atraente. Uma tarde, me ofereceram um copo d'água e a senti escorrer da boca pelo pescoço. Um dos pintores me secou para que eu não perdesse o equilíbrio no pedestal. Quanto tempo passei ali, sendo atentamente observada por aqueles homens que fumavam e erguiam os olhos acima de suas telas? “Você é uma mulher e precisa do dinheiro”, lembrava a mim mesma. O senhor Kisling aproximava o nariz do meu umbigo, perto do meu sexo, ajeitava a posição das minhas mãos, movia minha cadeira de leve para que eu arqueasse a perna e voltava satisfeito ao seu lugar, depois de farejar minha pele. Os outros pintores eram mais tímidos. Ele, não. Da mesma forma que aprendi a lidar com minha nudez, naqueles momentos — vários dias tinham se passado — comecei a me sentir a estrela do estúdio. Estava nua o tempo todo, e o constrangimento havia se dissolvido entre os francos que iam se acumulando em meus bolsos.

Eu tinha aquilo de que eles precisavam, e a respiração, agitada de início, agora se transformava em uma companhia que me embalava, como uma canção de ninar. Talvez os vapores de toda aquela tinta estivessem me afetando, mas o fato é que, na semana seguinte, os olhos de Kisling começaram a me parecer interessantes. O corpo

dele era um horror, gordo, flácido, mas masculino e provocante em suas atitudes. Claro que não era o homem com que eu sonharia ter minha primeira vez.

Mas o dia chegou. Por diferentes motivos, eu sempre acabava ali sozinha com ele, depois de os outros terem ido embora. Kisling vasculhava os bolsos à procura do meu dinheiro e me pagava enquanto eu me vestia. Lavei o rosto, ainda nua; apanhei minha roupa fingindo estar com pressa.

— Então, é isso — disse.

— Já está indo? — perguntou ele, buscando devagar os francos no bolso da calça.

— Aonde você vai?

— Para casa.

— Imagino que você viva perto daqui.

— Não muito, moro em Mouffetard.

— Ah... Bela região.

— Minha casa não é exatamente o que se pode chamar de bonita... Quem me dera.

Ele me deu a impressão de estar interessado. Avançava o mais lentamente possível na minha direção e percebi, quando ele aproximava, como sua mão se movia, ajeitando o membro dentro da calça. Eu sabia que o mais sensato seria sair dali naquele instante, mas não me mexi. Quanto antes acontecesse, melhor. E eu também não queria perder aquele trabalho. Estava acostumada a ter homens implorando minha companhia, e aquele era mais um.

Todos os domingos, meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu nos reuníamos na casa dos Fresnault para tomar sopa de cebola. Eles acrescentavam bastante queijo, e aquela era a única refeição substanciosa que fazíamos na semana. Os Fresnault eram um casal idoso, donos de uma propriedade para além do Bois de Boulogne, onde, apesar da idade, cultivavam tudo o que cozinhavam. Meu pai esperava que, de tanto visitá-los, aquele terreno, cuidado com mimo e dedicação por Antonie, acabasse se tornando nosso. Por isso, todos os domingos, antes de sairmos de casa, enfatizavam que deveríamos

ser muito amáveis e que beijássemos a senhora Madeleine e recitássemos para ela alguma canção popular, com delicadeza. “Como se fosse um poema”, dizia papai. O senhor e a senhora Fresnault eram os únicos amigos da família porque, com a guerra, nossos vizinhos de verdade tinham se alistado, aos gritos de “Para Berlim!”. Havia no ar uma euforia com a ideia de vingar a derrota anterior que não se justificava — era o que dizia minha mãe —, e todos queriam ser soldados e passeavam pelas ruas de uniforme, como se tudo aquilo não passasse de um baile a fantasia. Mas a euforia inicial se diluiu quando a luta começou a cobrar seu preço em vítimas. Logo começaram a chegar notícias de mortes, de jovens amputados, de epidemias, de olhos rasgados por estilhaços, de intoxicações por gás, de horror. Os arredores do Hospital Militar de Paris eram o lugar onde mais se achavam tristeza e drama na cidade. Meu pai também se ofereceu como voluntário, mas não foi aceito por motivos de saúde. Sua condição delicada o levou à sepultura um mês antes de a guerra terminar. O pobre coitado nem entendeu o que tinha acontecido. Minha mãe nos contou, escolhendo as palavras para não nos magoar além do necessário. “O pai de vocês nunca teve sorte, e vamos virar a providência a nosso favor”, disse ela, com a expressão esgotada de quem sabe que a desgraça tinha caído como um fardo sobre o seu lar e que tardaria em partir.

Ela nos abraçou e beijou; não sentimos o luto. Viver de caridade não era o bastante para nós, então minha mãe foi obrigada a trabalhar. Encontrou emprego como faxineira na Maternidade Baudelocque. Assim, os meses foram se passando, e nós seguíamos jantando todos os domingos com os Fresnault. Um dia, eu voltava correndo da maternidade pelas sinuosas ruelas do nosso bairro quando cruzei com o doutor Bellver, que me parou para perguntar como estávamos. Minha mãe sempre falava dele. Era um ditador, sempre aos gritos pelo hospital, fosse com enfermeiras, parteiras ou faxineiras. O médico me agarrou pelo braço. Naquele dia, ele usava um terno justo e um lenço colorido no bolso do paletó. Depois de uma baforada do cigarro, sorriu ao olhar para mim. Eu me surpreendi, temendo seu olhar. Não tinha medo de ninguém, mas

aquele homem se impunha. Um grupo de soldados surgiu no início da rua, e tive vontade de pedir ajuda a eles, mas pensariam que eu estava louca, uma garotinha conversando com o chefe de sua mãe no meio da rua, em plena luz do dia. Um respeitável médico. Deixou cair o cigarro, esmagou-o com o pé e, então, me obrigou a olhar direto em seus olhos enquanto perguntava por minha mãe. Aqueles olhos sujos me impediam de falar qualquer coisa, nem mesmo uma palavra. Assim que percebi que ele furtivamente tocava meus seios por cima da blusa, sem se importar que eu prendesse a respiração para gritar. O médico deslizava a mão em meu peito ao mesmo tempo que, rindo, fazia perguntas tolas apenas para me manter quieta ali, naquela ruela.

— Você é muito bonita, vai ser uma mulher belíssima, tem um belo porte, como sua mãe.

A escuridão daqueles olhos ao dizer aquilo e a maneira como ele umedecia os lábios, como um lobo prestes a devorar sua presa, me envenenaram para sempre. A presença daquele homem tornou-se constante, como a hera que vai se apoderando da fachada de um edifício até fazê-la desaparecer. Ele sempre acabava me encontrando na rua; um dia, outro dia, e mais outro. Chamava-me de longe usando o nome de minha mãe de maneira ameaçadora, para que eu acreditasse que alguma coisa poderia acontecer a ela. Ninguém na rua percebia nada. Ele aparecia com aquele aspecto untuoso, se apoderando de mim. Sorria antes de me cumprimentar, para parecer que estava interessado em como ia nossa vida depois da morte de nosso pai, e eu me perdia nos seus modos de general de jaleco branco. Um belo dia nos encontramos em outra zona de Paris. Ele parecia um fantasma, surgindo de repente quando dobrei uma esquina, tropecei e caí sobre ele. De bruços. Estávamos na porta de sua casa. Ele imediatamente quis me arrastar para cima, mas, como que enviado dos céus, um amigo dele passou por nós e o cumprimentou: “Doutor Bellver, que bom vê-lo!”. Com isso, eu me livrei de seus braços, e ele sorriu, revelando os dentes amarelados.

Tentou pelo menos quatro outras vezes.

Minha mãe observava como minha feminilidade se convertia em um deleite para os homens e nunca falava sobre isso, mas sentia

como eu que aqueles olhares marcavam minha carne de forma indelével. E fui crescendo assim.

Algumas semanas depois de começar a frequentar o ateliê de Kisling, era domingo, e voltávamos do jantar na casa da família Fresnault, minha mãe quis saber mais sobre meu trabalho naquele estúdio de pintores em Campagne Première. Voltávamos para casa a pé, de braços dados. Visivelmente contrariada, olhou para mim e disse:

— Cuide de seu coração, Alice. E, acima de tudo, cuide de seu corpo.

Teria gostado de me parecer com ela, tão maternal, tão linda, sempre com o cabelo preso em um coque alto e com a postura impecável como a das damas que frequentam a ópera. Eu, por outro lado, tinha herdado os olhos verdes de meu pai, seus cabelos louros e sua vaidade.

Naquela noite, em frente à lareira, depois que meus irmãos adormeceram, enquanto cerzia as mangas brancas do uniforme da maternidade, minha mãe foi se dando conta de que minha dedicação à arte estava me levando por outros caminhos. Por mais que eu explicasse que meu trabalho era apenas posar, ela não entendia que, com os francos que me pagavam, eu podia comprar aquele vestido de listras verdes e azuis. Não teve escolha a não ser sentar ao meu lado, mais perto do que antes, fazer um silêncio no qual se ouvia a lenha da lareira crepitando, para depois falar com os lábios franzidos de indignação e vergonha.

— Alice, podemos conversar?

— Sim, mamãe.

— Você está bem, minha filha?

— Sim, mamãe, claro.

— É muito difícil para uma mãe cuidar sozinha de sua família.

— Eu sei, mamãe. Mas somos fortes.

— Eu faço o que posso, Alice.

Ainda que estivesse escuro ali, junto ao fogo, o olhar dela iluminava a sala bem mais do que as chamas.

- Só quero saber se você está bem.
- Estou bem, mamãe.
- Você tem passado muitas horas naquele estúdio.
- São horas em que sou paga para não fazer nada, mamãe.
- É nisso que não sei se acredito.
- É verdade, mamãe, não sofra por isso.

O rosto de minha mãe mudava de expressão assim como a madeira que ia sendo consumida. Eu não era capaz de desfazer sua inquietude nem abrindo um sorriso para que minha mãe visse que tudo estava bem.

Fiquei quieta um momento.

— Sei que estamos em péssima situação, que seu pai se foi, sei que, apesar dos nossos esforços... Precisamos de dinheiro. Os Fresnault nos prometeram alguma coisa da horta deles... E sei que você tem tentado ajudar em casa e que, por isso, se enfiou nesse estúdio, mas sabe, você não precisa...

- O quê?
- Podemos sobreviver sem isso.
- Eu sei, só estou tentando ajudar.
- O que eu quero dizer é...
- Mamãe...
- ... Não quero que você... que você se perca...

— Ah, não! — apressei-me em dizer. — Eu só poso para as pinturas. É um trabalho mal pago, mas não preciso fazer nada.

— Nada?

Ficamos as duas em silêncio. Os olhos de minha mãe se acalmaram com minha explicação. O fogo continuou crepitando na lareira. Apanhei o atiçador. Minha mãe estava curvada na direção da lareira, abraçando o calor como uma oração, pensando em mim. Voltei a notar seu olhar eclesiástico. Não era difícil adivinhar no que estava pensando. E ela não queria prolongar o mistério:

— Alice, você não está frequentando a Maubert...

No distrito 5, bem no coração do Quartier Latin, na margem esquerda do Sena, viviam dez mil sem-teto de Paris. Em algum lugar nas imediações ficava uma antiga casa de prostituição, aonde iam

todos os tipos de homem. Um bordel para vagabundos como o da *rue* de Fourcy, frequentado por fotógrafos e pintores.

Eu a encarava boquiaberta e não conseguia falar porque, em parte e sem ser o caso, eu me sentia nua. Beijeí minha mãe, apertei sua mão com força e disse: “Não”. Quando voltei à cozinha, comecei a chorar.

Kisling acabou o que tinha começado. Tirou o dinheiro do bolso e o exibiu obscenamente, dizendo que as modelos dos grandes pintores não eram mulheres, eram inspiração. E foi assim que deixei que ele o fizesse. Começou a acariciar meus seios de uma forma quase humilhante, apertando e apalpando como se fosse comprá-los. Depois de alguns minutos, não sei quanto, porque olhei o rosto de todas as mulheres nuas que enfeitavam o estúdio, Kisling desceu a mão ao meu sexo. Introduziu-a firmemente entre minhas coxas, como se fosse o livro a ser encaixado entre outros em uma estante cheia. A mão dele era seca, áspera e rugosa como os ramos de uma videira. Aquele quarto frio no qual dormiam com meus irmãos mais novos, a sopa de cebola, o calor em agosto, a doença de meu pai, as dores nas costas de minha mãe esfregando o chão, costurando aventais, a horta prometida dos Fresnault, a merda, a fome, meus irmãos menores, a dor... Tudo isso me vinha à mente enquanto ele esfregava sua mão entre as minhas pernas e mordida minha orelha agora cheia de saliva. Balbuciava palavras das quais não me recordo porque não quero nem posso. Ele me apertava, se curvava sobre mim, a boca flácida pregada ao meu pescoço. Ajoelhando-se, deteve-se brevemente, cambaleou, explorou meu sexo e então caiu, rendido. Acabou.

Eu, claro, não abri a boca. Nem para sorrir. Peguei o dinheiro. Aquela casa em que vivíamos não tinha mais do que uma janela estreita e alta, respirávamos a fumaça da lareira do vizinho e, quando saía do ateliê, me dei conta de que jamais tinha visto roupas masculinas tão caras jogadas pelo chão.

— Alice, você pode abrir as cortinas?

Observei-o levantar as calças. Inconscientemente, eu me cobri com as mãos ao caminhar até a janela. Era a primeira vez que via um homem nu, e eu, depois de semanas posando sem roupa diante

de pintores que, fazia semanas, não tiravam os olhos de minhas curvas, nunca tinha me sentido tão despida. Ele se vestiu ainda ofegante, e fui até o espelho à procura de marcas no pescoço que poderiam me denunciar em casa. Pior ainda, o cheiro de homem que estava em meu corpo me assustou. Pensei que todos saberiam que eu havia me deitado com o senhor Kisling. Enfiei a mão no frasco de aguarrás e esfreguei meus joelhos antes de vestir as meias e calçar as botas. Eu fedia. O momento que levamos nos vestindo pareceu interminável; sexo não tinha nada a ver com as histórias contadas nos bares de Paris.

Logo percebi que não queria mais fazer aquilo com ele, apesar de sua aparência agitada prenunciar que aquilo aconteceria de novo. Assim que me recompus, me enrolei em meu xale e coloquei o dinheiro no bolso. Ele quis me beijar, mas dei um passo para trás, resistindo.

— Aproveite e compre um perfume para você, vai ser bom. Mulheres perfumadas dão melhores retratos. E assim que gastar parte desses francos consigo, não vai mais haver quem a despreze, vendo que é tão bela.

Encarava-me; prendi a respiração. Tratei de agradecer com um sorriso, já decidida a sair dali o quanto antes.

— Você devia aproveitar.

Observei-o ao dar forma às sílabas.

A-pro-vei-tar.

De sua voz fez-se eco.

Capítulo 14

Duas da manhã. Não conseguia dormir. Três da manhã. Continuava desperta. Por momentos sentia-me ansiosa; logo, preocupada; depois, começavam as dúvidas. As fotos do porão continuavam sobre a colcha da minha nova cama parisiense. Sentimentos contraditórios tomavam conta de mim: o desejo de descobrir o motivo das fotos de Alice (aquela, estava convencida, que dirigia minha vida desde que tinha saído de Madri), e por outro lado, o medo de entrar em uma vida que não era minha.

Paris, nessas horas de calma, é um lugar perfeito para a melancolia. Fiquei em minha cama, desperta, me esforçando para colocar em movimento todas aquelas imagens. As fotos me convidavam a seguir seus passos. Para dançar, brindar, se despir. Eu, que tinha sido tão correta, calma e certinha com meus compromissos e tão desajeitada para amar... Mais por estar sozinha do que por desejo, é verdade. Decidi me levantar da cama para ir até a sala, recostar no sofá que dava para a janela com horizonte para o rio; viver em Paris e não olhar para o Sena é um crime, aquela noite estava tão linda, que era hipnotizante, mas logo mudei de opinião: a tranquilidade que me davam os lençóis quentes acabou me convencendo a ficar onde estava. Às sete da manhã, eu me levantei, me vesti e me despi várias vezes para matar o tempo. Às oito, fui para rua; ainda não era a hora. Tinha planejado voltar à casa de Mathieu Ardisson para obter informações sobre aquelas fotos no porão. Queria saber de que mulher estávamos falando, se posava com tanta desenvoltura, com certeza aquela loja tinha mais história do que eu pressentia.

Plantei-me diante da casa do jornalista por volta das dez da manhã.

— Senhor Ardisson, bom-dia.

— Quem é?

— Sou... — Tive dúvidas de como me apresentar. — Sou uma jornalista espanhola, vim morar em Paris e me passaram seu nome.

— O que você deseja?

— Tenho umas fotografias de uma mulher dos anos 1920. Disseram-me que o senhor poderia se interessar.

A porta se abriu. Seu interesse por minhas fotografias correspondia à sua hospitalidade. A música que tocava na casa de Mathieu Ardisson era envolvente, parecia clássica, mas não soube distinguir qual era, apesar das minhas aulas obrigatórias de solfejo desde os dez anos.

— *L'art du violon*, Pierre Baillot.

Emudeci ao escutar os acordes.

— Sim... — concordei, afinal, atenta à música.

— Entre, senhorita...

— Teresa, Teresa Espinosa.

— Sente-se. Sou todo ouvidos. Comecemos do início. Então você soube que coleciono fotografias do começo do século...

Consegui pesquisar algo sobre ele ao procurar seu nome no *Google*; era um historiador que tinha feito verdadeiros milagres compilando e ordenando uma grande quantidade de material fotográfico de arquivos, bibliotecas e colecionadores particulares. Além disso, tinha organizado exposições importantes e recorria diariamente a antigas galerias de arte, a maioria fechada ao público, para adicionar fotografias à sua coleção.

— Se tem uma coisa que gosto de fazer em Paris é passear pelas margens do Sena, gosto muito de olhar os *bouquinistes*^[1] — comecei, para quebrar o gelo — sobretudo os que exibem fotos de época...

— No entanto, essas imagens são na maioria cópias. Não são boas. Sem dúvida, as pequenas lojas em volta do Sena são bonitas, podemos encontrar pequenas joias nelas, normalmente revistas de moda ou livrinhos com anotações curiosas. Mas eu lhe asseguro: tudo o mais é só para turistas, bobagens para aqueles que procuram

a Paris da torre Eiffel ou do filme *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*. Esses acreditam que todos nós fazemos crepes ou andamos cantarolando músicas de Gainsbourg. Mas é bonito, sim, é bonito. As cidades que conservam seu passado olham melhor para seu futuro. Isso acontece com Paris.

— Visitei a cidade muitas vezes, mas, desta vez, decidi ficar e viver aqui.

— Viver em Paris?

— Sim, é um sonho que tenho há anos.

— E agora o tornou realidade. Por quê? — Encarou-me como se me conhecesse.

— Não sei explicar... Começar de novo.

— Ah, bem. Isso sempre é bom — retrucou Ardisson, rindo. — Qual a razão?

— Quem sabe eu deveria buscar outro motivo? — retorqui, diante de seu olhar ladino.

— Não, não. Este soa bem. Vocês espanhóis e seus sonhos sobre Paris...

Torci as mãos, nervosa.

— Você disse que era jornalista, então pensei que tinha vindo até aqui a trabalho...

— Não, não. Vim para ficar. Decidi por outros rumos em minha vida, não sei se para melhor ou pior, mas precisava mudar, e quero que seja aqui, não sei o que essa cidade tem que...

— ...É apaixonante — completou, aproveitando a deixa.

— Não estou bem certa sobre isso — contestei-o, totalmente consciente da minha necessidade de continuar a conversa. — Paris não é um lugar, é um estado de espírito.

Levantei o olhar e vi Mathieu Ardisson de pé, junto a uma grande janela. Tinha aberto as cortinas; era imensa, ocupava toda a parede, e dela dava para ver a zeladora empurrando as latas de lixo para a rua.

— Fale-me sobre suas fotografias.

Esperei alguns instantes, enquanto ele se aproximava das poltronas marrons nas quais tinha me convidado a sentar. Depositei

três das fotografias sobre a mesa. Ele me encarou fixamente, sem esconder seu interesse.

— Onde você as achou?

— Na minha casa.

— O que está me dizendo? — gaguejou de maneira atropelada, os olhos brilhando ao olhar as fotografias mais de perto.

— Sim, estavam na minha casa.

Seu rosto se iluminou. Fiquei quieta e observei como segurava as imagens com todo cuidado.

Ficamos em silêncio por vários minutos. Mathieu Ardisson, com uma chamativa lupa quadrada que tinha pegado em sua mesa, estudava, absorto, cada detalhe daquelas mulheres em preto e branco que eu tinha levado até sua casa. Não olhava para mim, mas eu me divertia vendo como não tirava os olhos do que qualificou, em voz baixa, como “pequenas obras de arte”.

Sentou-se depois de, absorto, passear com as fotografias nas mãos por entre os móveis da sala. A música continuava tocando, os violinos de Baillot. Fui a primeira a falar.

— Senhor Ardisson... Essas fotografias estavam em meu porão, preciso contar que comprei uma propriedade que pretendo transformar, se Deus quiser, em uma loja. Contudo, ainda não sei o que vou vender, mas estou decidida a reabri-la, assim como era. Gostaria de manter a ideia original. Estou pensando em uma restauração minuciosa para recuperar tudo o que puder e, não sei por que, tenho a sensação de que essa mulher, a que aparece mais vezes nas fotografias, a tal Alice, foi quem me trouxe até aqui. Como vê, todas têm seu endereço como marca d’água, olhe bem... — aproximei-me de sua mão.

Ele assentiu, torcendo o bigode.

— Além disso, aparecem esses nomes de mulher, Kiki, Treize e Alice... E sua vida, pelo que pude adivinhar pelas fotos, deve ter sido fascinante. Não parece? Quem foram elas? É uma pergunta que não tiro da cabeça, ou melhor, é porque me sobra tempo, e tenho essas manias de mulher solteira independente, ociosa e cheia de horas livres, mas...

O sr. Ardisson tentou me interromper, mas desistiu ao me ver cheia de vontade de me explicar.

— Antes eu era uma mulher que passava alguns dias em estado de desânimo e outros de mau humor e agora... Tudo é muito estranho. Não sei por que estou lhe contando isso. Estou impulsionada a mais. Eu sei. É uma bobagem, são apenas fotografias. Bem, não são só fotografias. Pode rir, mas é por isso que vim até aqui. Faz anos que quero ser feliz. O senhor vai pensar que estou desequilibrada.

Ele me escutou em silêncio, enquanto eu contava como tinha encontrado a tabuleta, a música que tocava na minha casa, as flores eternamente frescas, a presença inquietante de Alice... Sem me julgar. Seu silêncio foi meu abrigo. Só rompeu meu monólogo quando viu que eu tinha dito tudo.

— Muitas vezes me fiz a mesma pergunta. O que nos move? Compreendo que esteja surpresa. Eu estaria.

— Sério que me compreende? — Dei um pulo, angustiada por ter falado demais.

— Kiki, Treize e... Alice. A desaparecida Alice. Um dia, desapareceu e não se soube mais dela; evaporou de Paris.

O silêncio nos envolveu, e ficamos olhando para as fotografias. Compreendi que Ardisson era o homem certo. Estava absorto diante da minha galeria de imagens, impressionado. Não era preciso que eu falasse... Não precisava falar. Tampouco o fiz durante um bom tempo. O que precisava era encontrar respostas e escutá-lo. Observou todos os detalhes, as poses e aquele sorriso indefinível de Alice. O olhar do jornalista se perdeu em um ponto infinito.

— Vejamos... Essas fotografias são de Man Ray, e esta mulher é a desaparecida Alice.

— O que quer dizer, sr. Ardisson?

Ele falou bem devagar.

— Para isso, preciso falar sobre Montparnasse — respondeu. — O centro do mundo — corrigiu-se. — Venha comigo em uma caminhada pela rua, vai entender a força dessa mulher. — Ardisson pegou seu guarda-chuva e me convidou a ir para a rua. — Essa Paris de que tanto gosta está sempre chuvosa, sempre nublada — disse,

enquanto girava duas vezes a chave na fechadura, assegurando-se, com um pontapé, de que a porta estava bem-trancada.

Apertei meu corpo contra o dele para me deixar levar pelo bulevar, protegidos da chuva que começava a cair sobre nós. As garotas louras do outro dia saíram em disparada, procurando abrigo, escondendo-se sob os portais. Pareciam pouco à vontade. Senti-me estranha por caminhar de braços dados com um homem que tinha acabado de conhecer e que, ao mesmo tempo, me incomodava e me reconfortava, pois parecia ter a chave para minhas perguntas. Apenas quando nos aproximamos do cruzamento das ruas dos cafés nas calçadas foi que parou de chover, e consegui compreender o motivo da opulência e do mistério daquela área de Paris.

De um lado estava *Le Dôme* e do outro, *La Rotonde*.

Convidou-me para olhar o cardápio.

— Olhe bem.

Fiquei olhando para as sobremesas, os sorvetes, as tortas...

— Percebeu?

— Não sei do que está falando...

— Em Paris, naquela Paris, a vida girava em torno dos pintores, das modelos, dos escultores, dos artistas; era uma época em que a vida, em si mesma, era um monumento. Montparnasse enriqueceu, tornou-se próspera, bem-iluminada, e então foi sacudida, triturada e exaurida... Até caviar era vendido no *Le Dôme*. O próprio Hemingway viveu essa época e a narrou desse jeito. Mas me refiro aos seus primeiros dias, aqueles das cafeterias e dos restaurantes, a Montparnasse popular de casas, estúdios, quartos de hotel onde se trabalhava sem nunca chegar a abrir as janelas, que cheiravam a sexo e à pintura ao mesmo tempo. Alguns trabalhavam, e outros farreavam no meio da manhã nesta rua, no meio da tarde, à meia-noite... A todo momento o vinho era abundante, os pintores, a solidão, os dramas, os êxitos. Falavam sobre qualquer trivialidade e bebiam algo assim como organizavam o mundo entre belas mulheres, como as das fotografias. Elas eram as donas de seus destinos. Uma delas, Kiki, reinou nessa época das fotos com muito mais força do que a rainha Vitória foi capaz de reinar durante toda a sua existência.

— Aqui está. — Finalmente tinha percebido. — Taça Kiki de Montparnasse, taça Picasso, taça Modigliani!

—*Voilà!* *Le Dôme* era o centro do mundo. Aqui, onde nos sentamos, todos se reuniam. Era o quarteirão com mais vida de Paris.

Continuei olhando para o cardápio.

— Mas... e Alice? — perguntei.

Capítulo 15

Naquela manhã, passada a sensação de ter me prostituído por alguns francos, Kisling me abraçou quando cheguei ao ateliê; deixei-me apertar entre seus braços fortes. Ele estava exultante. Muito mais do que de costume. Era um pintor inteligente e vaidoso, mas naquele dia era a personificação de um deus. Sabia que vencia todos os desafios e não sabia o que era a rejeição. Devo reconhecer que me sentia disposta a me deixar levar por aquele novo capítulo de minha vida; em duas semanas tinha tirado a roupa e depois, despido a pele. Orgulhoso de si mesmo, pediu aplausos para a obra recém-terminada. Eu.

— Alice, você devia ficar orgulhosa de seu corpo! — Seus dedos manchados de tinta desenharam no ar o sinal de vitória. — Seu corpo! Sua beleza! Seu esplendor! Toda Paris poderá ver e se deleitar na exposição de dezembro. Ouça, todas as suas poses serão expostas em uma grande sala. A melhor.

Prendi a respiração. Ele me encarou satisfeito e se conteve para não me beijar, pois havia estudantes no ateliê. Meu retrato de corpo inteiro seria a estrela de sua nova coleção.

Todos começaram a aplaudir, e eu parei no pedestal, nua e trêmula, enquanto se aproximavam de mim e exageravam as felicitações ao mestre e a meu físico. Kisling estava excitado, derrubou as cadeiras e ordenou que todos fossem ao Le Dôme para se afogar em álcool. Em suas mãos trazia a carta que o avisava que suas obras estariam na galeria de Taitbout. Pediu champanhe para todos. Não foram o sabor e as borbulhas que me surpreenderam — mesmo que nunca tivesse tomado aquela bebida na vida; era essa nova diversão que me fazia flutuar. Além disso, eu tinha de reconhecer que gostava mais de Kisling do que pensava. Não me

importava de me medir com ele e me permitir outros luxos que não conhecia ainda. Paris era única. Quando abrimos a segunda garrafa, Kiki apareceu com seu cachorro, balançando os quadris e se pavoneando de sua última conquista.

— Faltava a esta Paris uma mulher como você! — E mais nada me disse. Agarrou meu braço e foi comigo até o toailete, como uma desculpa para andar entre as cadeiras dos cavalheiros que enchiam o terraço.

— Queridíssima, vi a expressão de Kisling. Entendo tudo o que contava de você, é ainda mais bonita do que ele disse. Está claro que vamos nos dar bem. Nota-se nos olhos que você fez alguma coisa além de posar para ele. E não minta para mim. Vi como ele a olhava — disse Kiki, enquanto sorria a todos e a cada um dos homens. Deixava-se beliscar e lisonjear. Em um dado momento, parou no meio da sala, diante de um deles, e soltou, provocadora:

— Esse corpo é caro demais para vocês.

Eu estava surpresa.

Todos estavam bêbados, tiravam fotos, fumavam e subiam nas mesas para dançar. Aquilo era diferente, não havia regras, e percebi que as pessoas levavam a vida sem considerações. Não cheiravam à lenha, as roupas estavam passadas, e não se importavam de se sujar com bebida ao fazerem brindes. Quão longe estava minha casa, a poucas ruas dali. Nunca tinha estado tão distante da minha vida e, ainda assim, tão próxima. Como era possível que, enquanto morríamos de frio, mastigávamos a cebola devagar ou colocávamos batatas entre as brasas da chaminé, aqui tiravam os casacos devido ao calor produzido pelo vinho que chegava sem parar às mesas. O silêncio delas, das minhas ruas, era do mesmo tom cinzento da fumaça das chaminés, mas aqui tinha outra cor. Homens de botinas brancas, laços atados com perfeição, cabelos penteados para trás com colônias extravagantes, mulheres de salto, colares de pérolas de duas voltas, vestidos brilhantes e decotados no frio de Paris. Joias na lapela, broches prendendo os casacos, cachecóis vistosos amarrados com descuido, pulseiras que chegavam até os cotovelos, blusas sedosas que deslizavam, deixando à mostra ombros delicados de onde pendiam bolsas que, ao se chocarem com suavidade nos

quadris, tilintavam como pequenos pingentes de um lustre. Tudo era som. Os brindes, a música, os saltos dos sapatos, as taças, os colares, as cadeiras que amontoavam ao redor das mesas. Falar e conhecer uns aos outros era o mais importante, fiquei perplexa. Deveria estar com uma expressão de espanto diante de tanta surpresa. Kiki era o centro da festa e me apresentava a todos, para que eu também ficasse em evidência. Não tinha outra opção além de sorrir e estender a mão, como uma recém-nascida. Ela rompia todas as convenções sociais.

— Kiki, mostre os seios! — gritavam.

E Kiki, sem dar a mínima para o que diriam, baixava o decote e mostrava os seios no meio do Le Dôme. Em pleno terraço! Todos aplaudiam e gritavam seu nome e de seu cachorro, Peki, que lambia seu colo, enquanto passeava aninhado em seu peito. A vida tinha acabado de começar para mim. Demorou dois minutos para me dar a informação necessária: Kisling era casado.

— Sorria e aproveite, a-pro-vei-te — disse, imitando o pintor.

— Sim, mas... — interrompi-a.

— Sim, casado com Renée Gros, uma aluna da Academia Ranson, mas todo mundo sabe que é um casamento estranhíssimo; são bons amigos, gostam de arte, brincam com a vida — respondeu.

— Bem, vejo que isso é muito diferente.

— Muito diferente. — Kiki riu.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada. Dos pintores, você pode esperar sexo e quadros; não alimente ilusões. São assim. Aproveite-se deles. Você posa, eles olham. A mulher dele é extravagante.

— Extravagante?

— Foi a primeira mulher a usar calça e a ter cabelo curto. Parecem irmãos gêmeos, em vez de marido e mulher. Diferentes. Eles se conheceram em uma batida policial; o que se pode esperar disso? E o pai dela é general; quando soube que a filha estava com um sedutor dedicado à pintura, quase a matou.

Começava a achar que tinha me entregado em vão.

— Apaixonaram-se e se casaram. A verdade é que a festa foi uma loucura, todos nós acabamos nos bordéis de Saint-Germain —

completou como se fosse uma coisa normal.

Kiki e eu nos sentamos nas cadeiras que nos deram nas melhores mesas do bar. Escutava o rugir dos motores que paravam no bulevar e desembarcavam mais gente elegante. É possível que fossem pessoas conhecidas, porque todos nos convidaram para sentar com eles. Para mim, era tudo tão novo que os cumprimentava com um aceno, sem me levantar, envergonhada por ser a única que não sabia o nome de ninguém. “Modi, Dardel, venham, sentem-se conosco!” Kisling dava gargalhadas, levantando, convidando-os para conversar e, sacudindo a calça, voltava a se sentar e a propor outro brinde com champanhe. Vinha, ia, bebia e cumprimentava todos. Eu o observava, invisível no meio da multidão que gritava seu nome e aplaudia suas obras. Seus amigos eram mais bonitos que ele, sobretudo o tal de Nils Dardel, que trazia o colarinho branco preso por um alfinete de pequenas pérolas e o cabelo duro de tanta brilhantina. O outro, Modi, tinha o cabelo preto despenteado, olhos escuros e ardentes, uma pele curtida pelo tempo e manchada pela tinta; fumava sem parar e bebia no gargalo de uma garrafa de rum.

— A todos! — dizia.

— Sempre está bêbado. Passa o dia bebendo, e isso porque tem uma saúde bastante delicada, ou seja, tudo de uma vez só. Mas é tão bonito... — tagarelava Kiki. — Provavelmente é o homem mais bonito de Paris e o mais canalha; suas bebedeiras são antológicas. Não tem limite: bebe, bebe, bebe. E pinta, pinta, pinta. A única coisa que deseja é se divertir e vender seus quadros aos milionários da Riviera Francesa.

— É famoso? — perguntei.

Encarou-me como se eu fosse uma idiota.

— Gostou dele, foi? Notei isso.

Kiki gargalhou, zombando de minha timidez. Tapei sua boca com a mão para que parasse de ser escandalosa. Temia que atraísse a atenção para mim. Abriu a bolsa e tirou de lá todas as suas coisas, arrumando-as sobre a mesa, mil coisinhas, praticamente só maquiagem, e voltou a pintar os lábios, usando como espelho uma garrafa da mesa. Enquanto se olhava, exuberante, viu o reflexo de Nils Dardel no vidro. Era outro entre os pintores atraentes.

— O afetado do Nils está casado com Thora, a do véu sobre a cabeça e vestida demais. Ela é maravilhosa.

Ela me emprestou o ruge, que eu usei para dar um pouco de cor ao rosto.

— E Modi é louco e, por isso, fascinante. Você também acha isso, não acha?

Kisling não parava de olhar para mim. Lá estava sua mulher, e lá estava eu. Tentei abafar os rugidos do meu coração entre os dos carros que estacionavam à porta.

— Como você está, pequena primavera? — perguntou Modi, sem soltar a garrafa e dirigindo-se à minha nova amiga.

— Esperando posar para você — respondeu Kiki, cheia de lascívia.

— Gosto de mulheres como você, lisinhas.

A garrafa deu seu último suspiro de vida e foi lançada de encontro a um poste. “Viva!”, gritou ele. Assustei-me diante da desordem sem limites. Aquela era uma festa maluca e desavergonhada. Todos escandalosos, gritavam aos quatro ventos suas aventuras. Os trinta centavos que me custava a sopa no Chez Rosalie era lixo perto do que era gasto ali. Uma selvageria fora da lei dos que viviam em uma festa eterna. Sem limites nem pudor.

— Hoje ganhei uns bons amassos logo com o primeiro café da manhã — disse Kiki.

— Todos estão escutando! — falei.

— Querida, e o que tem isso? A metade deles já viu meus seios e já provou do meu sexo.

— Verdade?

— Esses homens se perdem com as mulheres.

— Você tem toda razão — comentou Thora, que tinha se aproximado de nós. — Olá para as duas! Mulheres são a única coisa que os movem. E não estranhe nada vindo de Kiki. Às vezes, pegava dinheiro das mesas mostrando os seios e levantando a saia. Por quanto fazia isso?

— Por um ou dois francos.

— Mas não pense que ela era só coquete com os paroquianos; quando se enfurece, é imprevisível. Uma vez, no bar Strix, um

homem se aproximou dela e lhe agarrou o seio de modo rude.

— Comecei a bater nele como uma louca.

— Ela ficou violenta. E os homens sabem disso.

— Eu decido quem me toca. Devia ter visto!

— E ela o perseguiu como uma doida pela rua, e talvez as coisas tivessem sido piores se o *barman* não tivesse aparecido.

— Lembro-me dele, um sueco alto e robusto que me agarrou por trás, me levantou e me levou para dentro.

— Isso mesmo. Essa mulher é um ser maravilhoso. Você vai se divertir com ela.

Fiquei mais relaxada ao perceber que as coisas também tinham surpreendido Thora do mesmo modo que me assombrava tanta naturalidade.

— Meninas, não parem de beber. Já pedimos outra garrafa — avisou Kisling, sorrindo da outra mesa. — Tudo para essas mulheres, as melhores modelos de Paris.

Kiki me confessou que não tinha pelos “ali”, no sexo. E que isso deixava os pintores loucos. Fiquei vermelha como as tulipas escarlates dos lustres que acabavam de se acender no Le Dôme. O salão estava lotado, úmido e sufocante pela multidão apinhada e pela fumaça dos cigarros acesos em profusão. Estava com vestido um pouco decotado, meu vestido verde de meia manga que eu mesma tinha feito, com um laço no peitilho e sapatos de fivela. Kiki estava elegantíssima com seu adorno de cabeça, um traje brilhante e saltos altos, usados com desenvoltura para andar entre as pessoas. Se eu tentasse usar sapatos iguais, perderia o equilíbrio.

— Toma, prove isso — ordenou Modi, me passando a garrafa.

— O que é? — perguntei.

— Prove e verá — respondeu, enquanto se sentava ao meu lado. O líquido era muito forte. Minha boca ardeu, e meu estômago se revirou. A garrafa não tinha rótulo.

— Ei, Modi! — chamou Kiki, aproximando-se de nós. Agarrou o braço do pintor e piscou. — Poso para você quando quiser.

As palavras da minha amiga saíam tão ardorosas quanto a bebida que eu tinha acabado de tomar. Mas, curiosamente, ele não lhe deu ouvidos e virou, me encarando:

— Estou encantado em conhecê-la.

Sorri.

— Você é parisiense? — perguntou.

— Sim — respondi apenas.

Meu bairro era parisiense — tanto quanto aquele em que estávamos — mas não parecia Paris. O que dizer a um homem bêbado que olhava fixamente meu decote?

— Você é a modelo de Kisling?

Assenti.

— Estou feliz em conhecê-lo — eu disse, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

— Não se preocupe. Não tenha medo. Você é muito bonita — retrucou, com a expressão séria. — Bonita e distante. Mas gosto de modelos assim, pois são obras de arte antes mesmo de serem pintadas.

O nervosismo cresceu dentro de mim como uma abelha zunindo na boca do estômago. Percebi como ele me encarava, ainda que tivesse baixado o olhar para minhas mãos; meus dedos tremiam.

— Os nus de Modigliani são sexualmente francos, abertos, convidativos e expressam sensações sexuais específicas: excitação, promessa e satisfação. — Berthe Weill tinha começado a falar; dona de uma galeria de arte, gabava-se de ter Picasso e Matisse entre seus artistas. — No dia da abertura, esse selvagem bêbado me levou ao céu e ao inferno, não consigo lidar com esses virtuosos, vão acabar comigo — comentou, enquanto pedia mais champanhe. Modigliani pegou sua garrafa e tomou mais um bom gole. Madame Weill pediu que a escutassem, entre a algazarra alegre de bebidas e fumaça. — Arrumamos as obras no domingo e abrimos na segunda-feira, 3 de dezembro. Nus suntuosos, rostos angulosos, quadros ótimos.

— Lembro-me perfeitamente disso — emendou Kisling, antes de começar a rir.

— Oh, que grande noite e que loucura!

Piscou para mim, fazendo um gesto para que a escutassem.

— Os convidados chegaram, caiu a noite, acendemos as luzes da sala. Os transeuntes, intrigados de ver tantas pessoas no local, paravam surpresos.

— Aquilo era uma febre — comentou Kisling, mexendo as mãos.

— Todo mundo queria saber o que estava acontecendo lá dentro, dois transeuntes, três... A multidão aumentava diante da porta. Meu vizinho de frente, que é chefe de polícia do distrito, começou a se preocupar. “Mas o que é isso? Um nu!”

— Havia um quadro de nu que dava para ver da janela dele — explicou Kisling.

— O melhor é que enviou um agente à paisana com um sotaque completamente provinciano. “O comissário mandou tirar esse nu daí.” “Meu Deus! Por quê?” O agente repetiu com a voz aguda: “O comissário ordena que tire esse nu daí”. “Meu Deus! Nem ao menos olharam para ele! E na janela não há nenhum nu!” Tiramos o quadro. Os convidados riam nervosamente, sem entender o que acontecia. Eu também não entendia nada. Lá fora, a multidão crescia a cada minuto e começava a se agitar. Um perigo!

— E como!

— E nós sem saber o que havia de errado com os quadros.

— E o que havia de errado? — perguntei, ingênua.

— Logo você vai saber.

Encolhi envergonhada.

— O policial voltou depois de um tempo para dizer que o comissário queria me ver. Ele entrou no escritório, cheio de pessoas. Perguntei: “Querida me ver?”. “Sim, ordeno que recolha todo aquele lixo!” O tom dele era de insolência requintada. Impossível de discutir. Cheio de valentia e estimulado pelos risos dos imbecis que estavam por lá, continuou: “E se minhas ordens não forem cumpridas imediatamente, vou confiscar todos esses malditos quadros!”. Eu não sabia que expressão fazer diante disso. “O que os nus têm de tão ruim?”

— Lembro-me de sua expressão — disse Nils, zombando.

— E o comissário exclamou com os olhos saltando das órbitas: “Estes nus... estes nus... mostram os p-p-p-pelos!”.

Ruborizei, enquanto todos repetiam a piada: “Mostram os pelos, mostram os pelos!”. Lembrei-me, naquele mesmo instante, de quando tirei toda a roupa pela primeira vez, e os pintores olharam para o meu sexo. Cruzei as pernas inconscientemente, como se

estivessem me vendo nua outra vez. Talvez ninguém tivesse notado, mas senti uma onda de calor subir desde o meu peito até meu rosto, que abrandei bebendo um gole de champanhe. Kiki se contorcia de rir e, quando se mexia, seus seios saltavam pelo decote, envergonhando mais a mim do que a ela. Continuaram a história, enquanto Weill me explicava em voz baixa que, apesar de terem expostos apenas quatro nus, tiveram de fechar a galeria imediatamente; os convidados que ficaram lá dentro ajudaram a tirar os quadros das paredes.

Escutamos risadas vindas do centro do salão e nos viramos, como os demais, para ver o que estava acontecendo. Um grupo de homens rodeava Kiki que girava uma garrafa no chão; o gargalo apontava quem ela deixaria que bebesse um gole ou tocasse seus seios. Se fosse escolhida essa última opção, quem bebia era ela. Vi que Kisling estava no grupo, todos impressionados com o escândalo. Tive a sensação de que Kiki queria ser a eterna protagonista daquele lugar. Modi me olhou com desejo. Era bonito, não tanto como Nils, mas sua beleza superava a dos demais homens elegantes, trajados com esmero em suas roupas caras e echarpes de seda. Talvez aquela falta de cuidado era o que o aproximava dos homens a quem eu estava acostumada a ver em meu bairro.

— Você é encantadora. Quero pintá-la. Desejo que pose para mim.

Gaguejei, sem saber o que responder. Em cada uma de suas palavras, estava implícita sua vontade de se deitar comigo. Estava muito bêbado, e eu mesma começava a ficar tonta. O álcool subia à minha cabeça, e eu não sabia como assimilar a mudança que ocorria em minha vida. Mas, sobretudo, não conseguia apreender, tão de repente, o desejo que sentiam por mim. Não estava pronta para tanta libertinagem; tão estranha que sou. Que problema havia? Nenhum. Retorci as mãos e me lembrei das palavras de minha mãe. Modi deve ter notado meu desconforto, pois, mal pousou a mão em minha perna, retirou-a imediatamente. Depois de um tempo, repetiu o gesto. Em vez de protestar, deixei.

Kiki começou a rodopiar no meio da sala e acabou bêbada no chão. Não usava calcinha; todo mundo a viu deitada, descomposta,

entre as mesas. Estava acostumada a ter os homens implorando sua companhia e, ali caída, parecia frágil, quebradiça. Nada parecida com aquela mulher forte que coroavam como a rainha de Montparnasse. Apressei-me em cobri-la antes que aquilo se transformasse em um espetáculo maior e fui com ela até a rua para que tomasse ar.

— Eu a vi flertando com Modi — resmungou, bêbada.

Kisling pediu a Thora que arranjasse para mim um vestido para a exposição de Taitbout. Queria que eu estivesse à altura do acontecimento. Usou essas palavras. Foi o que ele me disse e a mim soou como “Vou vesti-la para que seja a mulher que deve aparentar ser”. Jamais precisei aparentar nada, pois minha vida sempre foi transparente para todo mundo, como a de toda minha família. Quando se é pobre, não se existe. Somente o dinheiro o torna visível. “O dinheiro tem sinos” — dizia minha mãe —; “tudo o que é caro faz muito barulho”. Por isso, quase sempre nos calávamos, ao ver uma mulher rica passar pelos bulevares, para escutar o som da bolsa, dos saltos, das pulseiras, dos brincos... Por isso, naquela tarde, às quatro em ponto, calei-me ao entrar no céu do luxo. Emudeci.

A mulher de Nils conhecia a família Lanvin e me levou até o ateliê da estilista na Faubourg Saint-Honoré. Entramos em um edifício que exalava riqueza de tal maneira que, para mim, parecia estar chegando à casa do prefeito de Paris. Era essa a ideia que eu tinha do luxo. Escadas de mármore em curva que subiam em espiral, perdendo-se na cúpula de cristal. E ali dentro, todo o esplendor.

Empurramos a porta de vidros coloridos que projetavam um arco-íris no chão, formado pela luz que entrava pela janela e se refletia por toda parte como em um caleidoscópio. A imagem de minha mãe chegando cansada da maternidade e varrendo as cinzas da chaminé passou rapidamente pela minha cabeça. Tratei de adotar um ar de segurança, como se nada me surpreendesse, quando na verdade estava tentada a experimentar todos aqueles vestidos que, enfiados

em manequins de veludo, povoavam o salão como se fossem os convidados de uma festa de fim de século.

— *Bonjour, madame.*

Jeanne voltou-se para Thora e sussurrou:

— É muito bonita. Acho que tem o refinamento das mulheres inteligentes.

Jeanne me observava. Seu olhar me deixou tão complexada que me senti afundar no tapete do salão. Um salão enorme. Pé-direito alto, lustres de cristal por toda a parte, estantes cheias de livros, cadeiras estofadas com tecidos coloridos, uma mesa gigante cheia de sapatos femininos com todos os tamanhos de salto, bobinas cujos tecidos tinham sido arranjados de maneira a formar leques enormes. Temia até pisar no tapete que cobria o carpete vermelho. Dois espelhos gigantescos, estendendo-se do chão ao teto, duplicavam a realidade, tornando-a duplamente esplêndida. Um perfume sutil no ar, mais forte próximo das cadeiras, levava a outro lugar. Era possível haver outro lugar?

— É a modelo estrela da exposição, segundo me contou Kisling. Tem uma magreza elegante. De que parte de Paris você é?

Lembrei-me da minha rua, com suas janelas estreitas sem simetria, as bancas de frutas amontoadas entre os portões, os charcos que igualavam, com água, os buracos do pavimento, o cheiro de cinza, cebola, queijo, da roupa velha estendida, da pobreza. Talvez, pelo vestido que usava emprestado por Kiki, a mulher não tivesse notado que eu vinha daquela outra Paris, a que não aparecia nas telas penduradas ali como joias, uma Paris que se abriga mais do que se veste, que corre mais do que passeia, que se molha mais do que se banha. Escondi meu olhar entre os inúmeros móveis de madeira brilhantes, de repente envergonhada da minha família. Estava muito humilhada.

— Moro um pouco longe daqui.

— Você é muito bonita — disse a senhora Lanvin. — Que tipo de vestido quer?

Thora, me vendo tão deslocada, salvou a situação.

— Estamos em suas mãos, Jeanne; é um atrevimento darmos palpites.

— Pois você sabe que eu os adoro. Como Nils está?

— Oh, bem, bem. Sou muito feliz com ele.

— É um grande homem.

Examinei os tecidos que, em peças grandes, se amontoavam atrás de um sofá de veludo. Estava ali perdida como nunca estivera. Não queria parecer desajeitada nem aumentar a humilhação que sentia fazendo algum comentário que revelasse minha origem. Estava certa de que, quando Jeanne começou a sussurrar com Thora, tinha visto o infortúnio em meus olhos. Aquele lugar cheio de espelhos não poderia refletir mais do que a realidade: que eu não pertencia àquele mundo. Embora gostasse dele.

— Vocês são tão jovens, tão adoráveis!

Thora assentiu, suspirando.

— Vamos tirar suas medidas — disse uma moça, passando a fita por baixo dos meus seios. — Você se importa de levantar os braços?

— Oh, não — respondi.

Ali estava eu, crucificada em meio à riqueza, braços esticados, tentando não pensar no preço das coisas que me rodeavam mas sem conseguir tirar os olhos dos lustres, enfeitada. Olhei para o teto cheio de desenhos e encontrei um pássaro azul, o que me levou até a infância. Um que parava na janela e que era alimentado com migalhas. Não sei por que, mas precisei fechar os olhos por alguns segundos.

Quando os abri, a senhora Lanvin começou a me explicar por que a constituição do meu corpo, de ossos e curvas delicados, era a mais apropriada para brilhar na exposição, como uma musa algo inspirada nas divindades greco-romanas. Mostrou-me uma seda branca, que flutuava em ondas no ar, e me disse que meu vestido seria sem mangas, preso no pescoço e deixando minhas costas nuas, a cintura marcada por um cinto discreto e o tecido caindo pesadamente até meus pés, “um pouco mais comprido, a ponto de cobrir seus sapatos, como se você fosse uma escultura”.

— Sobre os ombros, vai levar uma capa com mangas, que a deixará parecida com um anjo — completou, parando atrás de mim, juntando seu próprio reflexo ao meu no espelho gigante.

Minhas mãos tremiam. Pensei em minha mãe e senti novamente lágrimas em meus olhos.

Thora estava sentada em uma poltrona verde. Mais acostumada ao luxo do que eu, me encarou com cumplicidade e disse:

— Você vai ser uma deusa.

— Essa garota já é uma deusa — disse Jeanne, olhando para a menina que tirava as medidas e para minha amiga.

— Com certeza.

Aquela noite, quando troquei o uniforme de uma garota de Paris chamada Alice pelo de *mademoiselle* Humbert, percebi que tinha entrado em um mundo novo. Talvez seja um tanto exagerado chamar de *mundo novo* um modo de vida, mas no Pai-Nosso que eu rezava em casa todas as noites, o lugar onde eu entrava agora não se encaixava nos meus sonhos.

Ninguém reparou que eu era a garota que tinha suplicado trabalho na *rue* Grande Chaumière a não ser eu, que passei a desempenhar meu papel. Fingi ser normal para mim o espetáculo de ricos contemplando quadros e brindando a cada passo. Sabia quem eu era, mas preferi esquecer. Minha entrada no salão da galeria Taitbout foi excitante.

— Você tem costas lindas.

— Que garota!

— É mais bonita do que a pintura.

— Oh, Kisling é um artista!

Continuei caminhando entre os convidados, porém mais devagar. No começo, estava tão excitada que corri, enroscando-me na pequena cauda do vestido Lanvin marfim, o que disfarçava parando para admirar as obras do pintor e de seus alunos, quando desprendia a bainha do salto. Estranhava quando me cumprimentavam pelo meu nome. “Encantada, olá, encantada. Tudo bem? Encantada” — era evidente que me sentia assim. Logo me acalmei, sabendo que não era preciso correr nem disfarçar.

Estava no meio da vida. Tudo me era tão estranho, meu nariz estava gelado, minhas mãos, frias, e minha pele, pálida como cera

— pensei que estava morta. Não podia ser real.

— Talvez estivesse. Passei minha vida, desde aquele dia, como um fantasma. Talvez já estivesse morta. Aquele vestido Lanvin era a mortalha cerúlea para uma indigente. Sem lugar, sem idade, sem passado. Por semanas tinha ficado nua; por que aquele não era o céu dos mortos? Talvez fosse. Uma vez que estava fora do meu lugar, da minha rua, como era possível pertencer ao mundo em que estava agora? Como? Comecei a dar voltas pela sala, procurando alguma cadeira ou poltrona para me apoiar, o vinho estava me deixando tonta, o estranhamento também. Ao me contemplar naquela tela, colorida e estranha, não me reconheci, mas não era difícil imaginar que aqueles seios, as pernas abertas, a pose provocante, o cabelo, a tristeza... sobretudo essa última, tudo era meu.

— Gostou?

— Olá, sr. Kisling.

— Olá, *mademoiselle* Humbert.

— Sou eu?

— Claro que é você.

Virei para a tela.

— Parece que se esqueceu das horas posando no ateliê.

— Oh, não, não me esqueci.

— Sente estranheza ao ver-se retratada assim?

— Nua?

— Sim, nua.

— Sinto-me envergonhada no meio de tantas pessoas, mas confio que não vão me reconhecer.

— Aí é que você se engana. Sua beleza está eclipsando minha obra de arte.

— Não sei nada sobre ser uma obra de arte.

— Seu corpo é poderoso.

— Obrigada, senhor Kisling.

— Você é o centro das atenções, nos faz parecer operários ao lado de tanta beleza. Está esplendorosa, brilhante. Thora acertou em levá-la ao ateliê de Jeanne. Ela sabe como ressaltar o esplendor de uma dama.

A voz de Kisling era diferente ao lado de sua mulher, a filha do general. Ela se virou com uma expressão aborrecida e se juntou a outro grupo de convidados. Não me contive.

— Está me chamando de *puta* ao dizer todas essas palavras...

— Não deixou de sê-lo. Mas só eu sei.

E isso foi tudo, porque, nesse momento, sua mulher o chamou. Lágrimas encheram meus olhos, apertei os lábios para impedi-las de escorrer pelo rosto, não me atrevia nem a piscar. Voltei a olhar para o quadro. A sala girava ao meu redor, e estive a ponto de desmaiar de ansiedade, enquanto o pintor e os críticos de arte aplaudiam as vendas fechadas e trocavam elogios entre si. Kiki me encarou no meio da multidão. Permaneci no mesmo lugar. O quadro estava ali, diante de mim. Refletindo minha nova vida: nua. Dei-me conta de que, apesar dos muitos vestidos Lanvin que haviam sido feitos para mim, dos tapetes fofos sob meus pés, do champanhe que molhava meus lábios, dos aplausos que enchiam a sala... Apensar disso tudo eu continuava sendo a garota de Mouffetard. A puta que servia aos artistas. A que posava nua junto ao aquecedor. A que sorria se pedissem, que tirava a roupa se assim o exigissem e se deixava penetrar. Não era nada além disso. Não sei se voltei a sorrir depois disso. Escutei a voz de Kiki à medida que se aproximava.

— Alice, você está bem?

As pessoas continuaram a se divertir, alheias a como eu me sentia naquele momento. Não era mais do que uma garota de Paris que durante a noite, até a manhã, tinha ganhado nome e corpo.

Tinham roubado minha ingenuidade. Que tola. Pensava que, enfiada em um Lanvin que custava uma pequena fortuna, passaria a ser uma daquelas senhoras que sorriem enquanto cobrem seus decotes com véus. Eu estava nua no meio da sala, exposta em uma tela que todos contemplavam e valorizavam. Minha inocência pueril era alimento para aqueles lobos que comiam carne crua.

Título da obra: *Jovem nua*.

Técnica: pintura a óleo.

Ano: 1918.

Autor: Kisling.

Estado de espírito: ...

— Percebo que está triste.

Era Treize, que se aproximava com Kiki.

— Não se preocupem comigo — respondi, enxugando uma lágrima furtiva. — Não tenho nada. Tudo está bem. Deve ser uma vertigem.

— Eu adoro você, Alice, você me faz bem — disse Kiki, me confortando. — Pegue uma taça e esqueça o que está preocupando você.

— Eu deveria escutar você.

— Claro que deveria.

— É só o que me resta, não é?

— Banhe-se nessa orgia de sucesso. Aproveite-se dele. Mergulhe em suas vaidades e tire tudo de bom que puder. Ninguém vai se preocupar com nossos sentimentos.

Treize assentiu.

— Uma vez aqui, e me refiro a este mundo de bebidas, modelos e pintores, só nos resta seguir o fluxo do alto dos nossos saltos. Faça da necessidade, virtude. Você tem a nós duas. Sei que parece estranho, mas venho do submundo da França, comi nos piores lugares, esmolei para continuar adiante, mostrei os seios por quatro moedas para ficar viva. Você teve a sorte de ser bonita, aproveite sua beleza, aproveite-se deles. O que mais importa?

Meus olhos continuavam ardendo — ainda por causa da bofetada moral de Kisling.

— Não somos mais do que modelos.

— Eu sei. Não sou ninguém.

— Não, não, não, é aí que você se engana! — exclamou Kiki, como que devorando a vida com os olhos. — Somos tudo! Neste momento, estamos por cima. Para eles, somos pedaços de carne que mostram os seios, o sexo, as pernas. E...?

— Não sei — respondi. — Não sei o que dizer.

— Eles são o caminho para abandonarmos o lugar de onde viemos. Você não poderia encontrar melhor entrada em Montparnasse. Este é o centro do mundo, todos querem pintá-la, fotógrafos imploram para que pose para eles, a própria Jeanne Lanvin está animada por você estar com esse vestido hoje. A exposição é um sucesso. Olhe!

Kiki me virou até a parte mais ampla do salão, com a cumplicidade de Treize.

— Olhe! — repetiu, apontando a grande tela. — Essa é você, essa é a nova Alice.

A nova Alice. É como se eu estivesse diante de outra mulher.

— Esqueça-se da outra!

Suas palavras me oprimiam e me faziam sentir diferente. De mãos dadas, uma ao lado da outra, nos juntamos à festa.

Levantei o olhar, ainda apertando as mãos das minhas amigas. O polaco, Kisling, estava de pé, sob meu retrato nu. A seu lado pude ver Modi, que me pareceu bêbado como sempre e até seus últimos dias de vida. Atrás deles, estavam os colecionadores, em pares, comentando “a obra”. Olhei para mim com outros olhos, bebi o conteúdo da taça em um gole só e me transformei na mulher que queriam que eu fosse. Durante um bom tempo banquei a indiferente, flertei com desconhecidos, olhando-os nos olhos; os homens começaram a salivar quando pedia licença em busca de alguém que me oferecesse fogo, quando procuravam tabaco e esticavam as mãos, me oferecendo suas cigarreiras abertas tal como caixas de joias resplandecentes; as senhoras começaram a odiar minha lascívia e minha maneira de andar com as costas retas, puro medo convertido em ousadia. Tudo se passou em questão de minutos. Fui me arrastando até a tela, puxando a cauda marfim que servia para demarcar meu espaço — se primeiro aquilo tinha sido para mim um estorvo, logo se transformou na maneira como a multidão se abria quando eu passava, criando uma atmosfera de diva que me provocava risadas internas e, externamente, estranheza. Pensei em mim e minha mãe sentadas diante da chaminé, descascando batatas para cozinhá-las, no cheiro de sua roupa, no calor de seus beijos na hora em que eu ia dormir. Ela gostava de me

agasalhar, de pentear meu cabelo à noite; eu também gostava. Sentava-me entre suas pernas, inquieta quando puxava as mechas, desconfortável e feliz ao mesmo tempo.

Senti outro puxão leve no cabelo. Muito diferente.

— O que foi? — perguntei, virando.

— Vai ficar distante assim?

Kisling estava bêbado de éter. Avançou sobre mim, cheirando a álcool tanto quanto seu ateliê cheirava à aguarrás. Agarrei o tecido do vestido para avançar, empertigada, pelo meio da multidão. Alguma coisa em seu olhar me pareceu tão imunda quanto sua pestilência. Senti-me violentada; lembrei-me de tudo o que Kiki e Treize haviam dito. Pisei-o com força e, quando se aproximou para beijar minha orelha, mordi seu pescoço. “Putá!”, vociferou. Ninguém estranhou. A mim soou indiferente. Havia tanto barulho que nem se deram conta do que acontecia; os mais próximos riram, achando graça. Ao começar a reclamar como uma menina, deixei-o e me virei para a multidão, mais ereta do que antes. Justo naquele momento fez-se luz. Alguma coisa se revirou dentro de mim.

— Sou seu novo dono.

— Como? — perguntei, sem entender.

— Acabo de comprar sua tela. Deixe que eu me apresente: sou Erno Hessel.

Capítulo 16

Um barulho me assustou. Era meu celular tocando na sala — e eu ainda estirada na cama com as fotos, pensando na última vez que estivera acompanhada entre lençóis. Algumas vezes por excesso de zelo, outras por pudor, outras por lembranças aridamente cultivadas... Tudo me machucava. Acabamos maquiando e apagando o passado, como quando cobria as minhas sardas com base escura para minha pele não parecer branca como a da minha tia. Não há meios de maquiagem a dor. Nós, mulheres, temos o coração costurado com linha cinzenta, o mesmo cinza do uniforme do Liceu Francês, até que o azul dos olhos comece a parecer cinéreo. Levantei-me correndo, procurando não derrubar as fotos no chão. A luz do sol invadia a sala, como em um daqueles dias luminosos com os quais os deuses presenteiam Paris depois de tantos horizontes nublados e chuvas. Atendi o celular.

— Alô? Aqui é Teresa.

Era o sr. Ardisson, com um convite para almoçarmos no La Tour d'Argent. Ao ouvir aquele nome, minha pele se arrepiou com um pressentimento. Nunca tinha comido naquele restaurante porque me parecia o típico excesso parisiense próprio de turistas endinheirados, mas um pensamento começou a se insinuar em minha mente.

— No La Tour d'Argent? — repeti.

— Você vai gostar. Acredito que esse é o lugar ideal para eu lhe contar uma coisa. Você não veio morar na Paris dos filmes? Então, esse restaurante é um *must* da cidade.

— Parece perfeito. Uma da tarde?

— Sim.

Debrucei-me sobre o parapeito da janela. Ele parecia mais interessado do que eu; por quê? As palavras entravam e saíam de meus pensamentos — algumas lúcidas, muitas aleatórias, outras incoerentes. Não entendia aquilo muito bem, mas respirei fundo e me refugiei na vista que se descortinava diante de mim. A ponte Sant-Louis era como uma peça de quebra-cabeças, encaixada entre dois pedaços da cidade. Eu estava começando a encaixar minhas próprias peças. Tudo parecia tomar forma, e isso me emocionava tanto quanto aqueles raios de sol que se refletiam no asfalto resplandecente.

— E, além disso, é perto, bem no *quai de la Tournelle*. Você consegue vê-lo de sua casa.

— Consigo... — Olhei por sobre o cais. — Passei pela entrada uma manhã, voltando de Notre Dame.

— Não acho que vou ter mais tantos dias livres — disse ele, um tanto inquieto. — Quero aproveitar os que tenho.

— Certo, à uma, no La Tour.

Percebi como alguma coisa vibrava dentro de mim, como um chocalho. *La Tour d'Argent*... Coloquei Françoise Hardy para tocar, uma daquelas músicas que tinha ouvido em Madri de uma forma estranha, como um aviso de que a vida estava começando a mudar como em uma escala musical. Dessa vez, estava tocando no lugar apropriado, Paris; não há nada mais bonito do que estar entre seus sonhos e sentir que não se está dormindo, que se está bem acordada. Essa era eu. Despreocupada e inquieta ao mesmo tempo. Como quando se pressente que alguma coisa vai acontecer. Como um aviso. Era algo mais, um formigamento que subia e descia pelo corpo desde que eu tinha chegado à minha nova cidade, e o mais difícil de explicar é que, ao mesmo tempo que desejava que a incerteza acabasse, estava nervosa por desfrutar da excitação que permitia tomar conta de mim... Muito estranho. A emoção que se sente da primeira vez que se abre uma porta, a agitação ao entrar em uma rua, ao provar um prato, o estremecimento ao se sentir comovida por um monumento só visto em fotos ou no cinema. O efeito é a sensação nova ao bater a primeira foto, cheirar o primeiro café, pegar uma rua desconhecida, com medo de se perder, curiosa;

tudo acontece à flor da pele, tudo é efervescente, você caminha impressionada pela surpresa como as crianças diante de um presente fechado, como um primeiro beijo... Tudo isso só é sentido uma única vez e nunca mais. Nunca, nunca, nunca.

Nunca, nunca, nunca. Nunca aparece uma primeira vez.

Eu caminhava assim por Paris naqueles dias, como uma criança com o sorriso da estreia. Como pude demorar tanto para começar a viver? Como pude deixar passar tantos anos vazios? O que eu tinha feito durante tanto tempo? Tanta preguiça, tantos medos, tantas inseguranças. Estava anestesiada e despertei... Dormir não serve de nada, a não ser sonhar.

Não canso de me lembrar do instante preciso. Paris e eu. Fecho os olhos, e a música que invadiu minha casa volta a tocar.

Je ne sais pas qui tu peux être, je ne sais pas qui tu espères, je cherche toujours à te connaître et ton silence trouble mon silence...

Eu me aprontei para meu encontro com o sr. Ardisson. Ele tinha algo para me contar.

Capítulo 17

Acordei na casa de Kiki na manhã seguinte à exposição de Kisling. O som da cafeteira me fez levantar. Conseguia ver, da cama, a luz do sol.

— Que dia bonito...

— Uuuuhhh! *C'est Paris!*

Fiz uma expressão de dor.

— Mas acho que estou de ressaca.

— Não estou surpresa.

— Aaahhh! Quem foi que ficou ao lado de um grande senhor durante toda a noite? — perguntou. — Fui eu?

Kiki conseguiu arrancar de mim um sorriso com tanta vitalidade.

— Não, fui eu.

— E quem era esse senhor?

— Èrno Hessel. Um arquiteto húngaro.

— Veja só a menininha recém-chegada à vida, veja!

Eu ainda sentia o tremor sob a pele. Teoricamente, tinha sido apenas uma conversa entre um comprador de uma obra e uma modelo. Uma momentânea troca de palavras. Somente a explicação do motivo de sua compra. Ele tinha, em teoria, interesse apenas naquele grande quadro do polaco que enchia de cores o salão.

— Vamos, Alice — chamou Kiki, me servindo café. — O momento em que ele se aproximou quando você fugia de Kisling foi maravilhoso. O salão pareceu emudecer. Garota, ele a olhou como um homem olha quem deseja. Como se eu não soubesse!

— Trocamos sorrisos.

— Trocaram sorrisos? Ora, Alice! Sua cara de Gata Borracheira se transformou no rosto da grande condessa de Greffulhe.

— Do que você está falando?

— Quando se olha com interesse... olha-se de outra maneira, pequena Alice.

— Estava olhando daquele jeito porque estava nervosa com a situação.

— “Nervosa com a situação”, sei. Obviamente, a situação era romântica e sexual até o infinito.

— Você ainda está bêbada!

— O brilho em seus olhos a entregou. Os olhos são o documento mais verdadeiro que existe, não há como enganar... e não se pode enganar Kiki de Montparnasse nem com todos os vestidos de Paul Poiret jogados aos meus pés. Rá! E, sim, também estou bêbada.

— Você não tem princípios.

— Tenho fins, que são mais interessantes.

— Como é?

— Isso mesmo. Deixe de resmungos.

— Meus princípios não mudam da noite para o dia.

— É bem naquela hora da madrugada que os princípios mudam...

— Fiz o que tinha de fazer.

“Fiz o que tinha de fazer.” Não sei o que tinha acabado de dizer. Porque o que precisava fazer era viver, depois de tanto existir. Ela sabia que a vida era isso, e que eu estava aprendendo aos tropeços.

— O que você tinha de fazer era ir com ele.

— Deveria argumentar contra isso, mas não vou fazê-lo. Você é uma sem-vergonha, e ele, um cavalheiro.

— Ui, e não é que a pequena Alice mostra ser uma romântica a esta altura do século...

Parou de falar e me encarou profundamente com a sobriedade de um bêbado certo de suas palavras.

— Não vá se apaixonar por um cavalheiro. Esse tipo não se apaixonava por nós — disse, me agarrando pelos ombros.

Calei-me.

— Acho que você me entendeu. Não por nós.

Continuei em silêncio. Falava tão pausadamente que senti medo. “Não-por-nós.” A vida tinha acabado de aparecer diante de mim por completo havia poucas semanas, indo de zero a cem. Tudo o que esteve dormindo em algum lugar de Paris explodiu no meu rosto

qual um frasco de perfume. Não havia como voltar atrás; embarquei em um trem, sentei-me perto da janela, estava na viagem mais alucinante de minha vida. O que poderia desejar uma garota vinda de um bairro pobre, convidada para um grande baile? Dançar. Olhar. Viver. Deixar-se levar. Quando criança, tinha visto como senhoras de chapéus e flores no cabelo dançavam, rodopiando com cavalheiros em trajes de gala em um baile de 14 de Julho, em frente ao Panteão. Para mim, aquele era o festival mais emocionante do ano, todas as mulheres com suas melhores roupas, os cabelos arranjados com alfinetes brilhantes, suas saias enredando as pernas dos homens ao dançarem. A rua era uma festa. Paris era uma festa. Eu olhava da calçada, surpresa e emocionada. Queria ser uma daquelas mulheres. Movia os pés enfiados nos sapatos gastos de domingo no ritmo daquelas músicas. Minha mãe apertava minha mão. Meu pai a tirava para dançar em alguma esquina, para não se juntar aos senhores. Eu queria ser como uma daquelas que estavam no centro, suspirava por ser uma delas, com uma saia de seda brilhante, com sapatos novos, com um grande laçarote, brincos, ruge e batom vermelho. Tudo aquilo era o máximo. Não existia mais nada. Eu só tinha dez anos. Agora podia me tornar uma delas...

— Você me entendeu?

— Sim.

— Eles são homens. Um dia, vamos ser como eles, mas ainda não somos.

Passamos alguns minutos em silêncio, enquanto eu mergulhava no café de uma das xícaras. Kiki foi lavar o rosto, passar perfume e se vestir com um *déshabillé* azul-celeste.

— Estão tocando a campainha.

— Deixe, eu atendo.

Um garoto trazia um envelope lacrado, sobrescrito com uma letra muito elegante e tão cheia de floreios que a tornavam difícil ler. O menino estendeu a mão com a palma para cima, e Kiki lhe deu uma moeda. Ao pegar a carta, esbugalhou os olhos. O rum que tinha bebido à noite tinha um efeito excessivo sobre ela, que já era uma pessoa excessiva. O envelope era volumoso. Por um segundo, pensou que a carta fosse para si. Suspirou, afetada. Cheirou-a, indo para o

lugar mais claro da sala — não trazia remetente, apenas o destinatário. Fez então uma volta muito dramática. Baixou a cabeça, afundando-a entre os ombros, e balançou o envelope. Ficou mais dramática ainda e tossiu. Leu em voz alta: “*Mademoiselle Alice Humbert*”.

— Veja só! É para a senhorita Humbert!

— Pode me dar?

— Vamos ler juntas.

— De quem é?

Ela virou o envelope.

— Não me diga que tem mesmo Ęrno Hessel comendo na sua mão um dia depois da festa!

— Quem?

— Ęrno Hessel.

— É sério, Kiki?

— É sério, mulher. Tem toda a pinta de ser ele o remetente.

Admirável Alice:

Apenas um bom começo poderia levar a uma coisa mais íntima e emocionante. Não poderia ter um início melhor. Era a primeira carta que eu recebia na vida.

Nós nos conhecemos ontem, na abertura da exposição da galeria Taitbout. Consegui descobrir que está morando com mademoiselle Kiki, uma estrela desta Paris que vai acabar ou explodir. Nossa amiga Thora Dardel foi, como sempre, tão amável diante da minha insistência ao me indicar onde você está hospedada.

Sei que pode ser uma surpresa e admito que para mim também o é. Custou-me muito escrever-lhe, mas depois de contemplar seu quadro, já na minha sala, não tive outra opção que não me lançar sobre o papel e me dirigir a você. Tenho de confessar agora algo que não pude dizer à noite, entre tantas pessoas: a obra de Kisling não lhe faz justiça. Você é imensamente bonita. Mas com a grande tela

em meu poder, devo dizer que ela me recorda nosso encontro e que desejo voltar a vê-la.

Sei que estas palavras sinceras são por demais atrevidas e provavelmente ignoro que você possa ser uma mulher comprometida e que eu não seja de seu agrado. Seja como for, entenderei se me rejeitar e não quiser aceitar minha proposta. Sei que é uma loucura, mas para que serve a vida? Gostaria de vê-la. Apenas vê-la e de novo ver como brilham seus olhos, ou como enche o ambiente com sua beleza. Hoje estou viajando para fora de Paris, meu trabalho me obriga a estar em Clermont-Ferrand, mas, na volta, desejaria encher-me de felicidade.

Entenderei se não me responder e quiser dedicar sua vida à arte e posar para grandes artistas. Se concorda que nos vejamos, espero-a para um almoço na próxima semana, sexta-feira, na mesa próxima da janela do La Tour d'Argent. Um carro em meu nome estará à sua porta para levá-la até lá.

Por Deus, que o quadro que agora enche minha sala encha também minha vida.

*Com toda minha admiração,
Erno Hessel*

Capítulo 18

Uma da tarde em ponto. Empurrei a porta do La Tour d'Argent com o celular na mão. Belisquei-me acidentalmente e decidi guardá-lo no bolso. Fazia dias que estava pensando em telefonar para a fundação, para me desculpar por minha ausência no funeral de minha tia. Confesso que ainda me sentia sob os efeitos do choque, mas cheguei à conclusão de que já estava anestesiada para sentir dor. No fundo, tinha a certeza de que naquele momento estava verdadeira e completamente sozinha no mundo. Para mim, todas as pessoas morriam sem aviso. Como isso poderia me aborrecer? Ao contrário; significava a liberdade completa ou a solidão mais dolorosa. Optei pela primeira.

— Uma mesa em nome de Teresa Espinosa.

— Estão esperando a senhora. Venha comigo.

Um garçom com certo ar militar me abriu a porta e atravessei o corredor. Parecia que estava entrando no passado de uma vida que não era a minha e que me era familiar. Como se uma legião de fantasmas tivesse entrado em acordo para me dar uma notícia nesse dia. O corredor pelo qual me conduziu o jovem esguio, cheio de afetação, tinha as paredes cobertas de fotografias de personalidades, governantes, reis, generais, coreógrafos, o Aga Khan, estrelas de cinema, da música, da moda...

Eu me sentia quase como uma criança. Nos voos, na minha imaginação, sempre passeava pelas nuvens, fantasiando que escapulia por uma janela para dar um passeio macio, fofo. Percebi que, para andar pelas nuvens, não me faltava imaginação. Pelo contrário, afundava os saltos no carpete, fofo e requintado, coisas da lembrança, até chegar a um elevador que me levou até o salão.

Quando a porta se abriu, fiquei diante de uma grande janela, tal como aparecia nas fotos, que se abria completamente para toda a Notre Dame e a torre Eiffel. Fiquei sem palavras diante do impacto que me provocou aquela vista. O tempo e o luxo tinham parado em algum lugar determinado do mundo, tudo era sublime, rico, estrondoso e adornado até o limite da sofisticação e ao bom gosto francês. Os garçons me cumprimentavam quando eu passava, como se a vida tivesse concordado em me fazer feliz. O chão, torci as mãos, eram nuvens trêmulas. Flutuava. As mesas estavam ocupadas por senhores grisalhos com as esposas; alguns casais de turistas enamorados que se olhavam perdidos em seu mundo e alheios a mim; executivos conversando em voz baixa, em volta de uma garrafa de vinho. Ao fundo, na melhor mesa do local, estava Ardisson. O jornalista sorriu ao me ver e levantou sua taça de champanhe, em um gesto de boas-vindas. Fui até à janela, tomada por um sentimento de timidez e falsa segurança — era uma perda de tempo, porque minha ansiedade era evidente através do tremor de minhas mãos e do frio gélido que subia por meus tornozelos. Tinha participado de dezenas de recepções na fundação, desde criança, mas meu currículo diplomático não oferecia nenhuma vantagem naquele momento, naqueles metros quadrados. Estar em Paris era estar ali.

Parei diante da mesa de Ardisson, que se levantou para me cumprimentar com dois beijos.

— A bela espanhola chegou! — disse.

Meu olhar nervoso ia da mesa até os vasos dourados, da fachada da catedral, à luz do Sena, e até a mesa outra vez; e, logo, minha incerteza sobre a possível notícia se avolumou quando vi papéis com o nome “Alice” sobre a mesa. Isso devia bastar para me fazer tremer de emoção.

— E então...?

O garçom apareceu às minhas costas, espontânea e silenciosamente.

— Já decidiram o vinho?

Ardisson sorriu.

— Entendo que será “o de sempre”.

— Com certeza.

— Obrigado.

O rapaz olhou para meu decote sem querer; estava em pé ao meu lado e percebi que seu olhar escapou até entre meus seios. Não me incomodei, fiquei lisonjeada. Ele, no entanto, esteve a ponto de dizer “Perdão” quando devolvi seu olhar, sem qualquer pudor.

— Está bem. É um vinho maravilhoso — disse o rapaz aos atropelos, querendo dizer outra coisa.

Encarei-o. Senti-me feminina vendo meu reflexo em seus olhos. Naquela manhã, tinha acordado vaidosa e usava um vestido verde que estreava naquele dia, um decote digno de despertar desejo. Um tanto absurdo para sair com Ardisson, um aposentado, mas queria me sentir feminina em Paris. No fundo, ele era um homem. Era minha melhor terapia naquele momento, semanas antes de abrir minha loja.

— Se me permite uma sugestão — falou o jornalista —, recomendo que viajemos até o início dos tempos deste restaurante. Vamos pedir o pato. É a grande estrela do La Tour.

— Suspeitei ao entrar — comentei, para quebrar a formalidade. — Eu os ouvi grasnar na entrada.

Ao dizer isso, senti-me boba, mas o rosto de Ardisson se iluminou diante de minha estupidez. Riu a ponto de tossir.

— Você tem família? — perguntou, enquanto limpava a garganta.

— Não. Não mais. A única pessoa com quem dividia meu sobrenome se foi há pouco tempo, minha tia. Irmã de minha mãe. Ela me criou.

— Nossa, sinto muito. Não queria ser inoportuno.

— Não tem importância. Na verdade, é um alívio — confessei. — Assim como vir aqui.

Ele me entendeu como se fosse um padre.

— E você? Tem família?

— Não sei como responder.

— Então, é melhor eu mostrar esta foto, e mudarmos de assunto.

Peguei o instantâneo que tinha tirado da minha tabuleta de madeira para que ele a visse. Queria enfatizar minha compra e meu impulso em mantê-la.

— É uma percepção que vai além do racional — expliquei a ele.

— Disse que sente coisas quando toca objetos antigos. Fala de alguma coisa negativa?

— Não, não. Às vezes é negativa; outras, é boa. Falo de sensações. Não sei se estou me fazendo entender, é que é algo mais como impressões e é difícil para mim...

— Definir — completou o sr. Ardisson.

— Sim. A lembrança fica com os objetos. Por exemplo, eu carrego esse pingente da minha mãe, não vale quase nada porque é só banhado a ouro. Mas tem muito valor sentimental. Tocá-lo — fiz o gesto, apertando a joia — é sentir que ela está comigo. Uma presença que me diz “Fique tranquila, estou aqui a seu lado”. E me faz seguir adiante; apego-me ao meu pingente, buscando segurança. E a encontro. É ela. Minha mãe me acompanha.

— O valor, então, é imenso — disse.

— O importante é que é ela. Até consigo sentir seu cheiro, se aproximá-lo do rosto. Sei que não tem cheiro, tomo banho com ele, não o tiro nunca... Mas sinto o cheiro da sua pele, seu calor, o beijo que me dava. Pode parecer bobagem...

— Não é o que me parece. De jeito nenhum.

— O certo é que as coisas que querem ficar ficam. É o que dizia minha mãe. Se agora carrego seu pingente, é porque precisei que ela ficasse ao meu lado; mais do que uma proteção, é uma necessidade. Se o tiro e depois não o encontro, fico doida. Talvez eu seja somente apegada a coisas inanimadas.

— Isso é bobagem. As coisas, como você disse, também nos dão vida.

— Aonde o senhor quer chegar?

— Refiro-me ao que você pressente com o colar de sua mãe ou com a compra dessa tabuleta de madeira, que vai além. Os objetos nos escolhem e ficam.

Emudeci, impressionada com sua frase: “Os objetos nos escolhem, os objetos nos escolhem, os objetos...”.

Estremeci, enquanto me desnudava diante de Ardisson. Estava cansada de mortes, tinha passado a vida me despedindo de todo

mundo. Dos meus pais, do meu cachorro, do meu amor. Todos morriam. E agora alguém me falava de vida.

— Alice é um nome bonito — disse, afinal, para mudar de assunto de novo.

— Sabe que já tenho tudo pensado para reabrir a loja? Organizei minhas ideias e acho que meu corpo pede um lugar com pequenas peças de bijuteria, anéis, pingentes, obras de arte de ourivesaria de pouco valor, simples, tudo muito acessível. Já entrei em contato com várias artesãs de chapéus e broches, tudo feito à mão, que tem um quê de especial. Ah, e claro, echarpes. Echarpes de todas as cores, e colares.

— Pelo que vejo, você é fascinada por cor.

— Eu precisava de cor. Não sabe o quanto.

— Eu a entendo. A vida já se encarrega do cinzento. Já se deu conta de que essa cidade é toda em tons de cinza?

— Pois para mim parece que Paris está cheia de cor.

— É que somos ingênuos. Não se procura a cor, ela aparece.

— Aqui eu me sinto melhor.

— Porque está feliz. Por isso, agora vê cor.

— Fico alegre em ouvi-lo dizer isso.

Lembrei-me das palavras do velho pintor. Os dois tinham razão, a cor aparece se os tons cinzentos são abandonados; enquanto os restos de tristeza permanecem, não há como colorir a vida. E, ainda que se empenhe em esconder, cobrir de cor, vestir-se de vermelhos, laranjas, de verdes... O olhar continua sombrio quando tudo ainda o é. Apenas quando tudo está branco é que se pode começar a pintar. As crianças felizes colorem tudo e, na dor, tudo fica apagado, pardo, sem brilho. Não se pode ser feliz no manchado, temos de limpar a tela.

— Eu já vejo tudo cinzento. A idade, suponho, se encarrega de misturar as cores. E essa maldita catarata que nubla minha visão.

Eu queria evitar a nostalgia que apareceu em seus olhos. Servi vinho em duas taças e levantei a minha para convidá-lo a brindar.

— Acho que vou ter também uma pequena coleção de objetos para noivas, agrados para o dia mais feliz de suas vidas...

— E esse é o dia mais feliz?

— Acredito que sim.

— Você é casada?

— Não, sou solteira.

— Então, como sabe que é o dia mais feliz de uma mulher?

— É o que todas dizem... A verdade é que... Para mim, é — respondi, fixando o olhar na janela. — Meu dia mais feliz foi...

Recordava muito bem qual tinha sido o dia mais feliz de minha vida, como também o mais infeliz. Assim, decidi mudar de assunto de repente para tirar Laurent da cabeça.

— E essa pasta, o que é?

— São os documentos de Alice Humbert que compilei para você.

Capítulo 19

Erno Hessel encheu minha taça com vinho tinto. Fiquei com medo de manchar meu vestido branco, sabia que não era o mais apropriado para comer com um desconhecido, mas estava tão feliz que queria ser um foco de luz.

— Seu quadro vai acabar pendurado em um museu.

— Tenho vergonha de que todos o vejam.

— Não dá para reconhecê-la, Alice, você sabe que a técnica do polonês...

— É muito diferente.

— Sei do que fala. Sua conduta não é ética.

— Não saberia o que dizer.

— Não diga nada.

— Há muitas semanas trabalho como modelo em seu ateliê.

— E...? Já pensou em deixá-lo?

— Agora é meu trabalho, entendo que não é...

— Não se justifique; graças a ele estamos aqui. O que importa agora?

— No começo, sentia-me péssima; se não fosse pela estufa que aquecia meus músculos, teria ficado paralisada desde a primeira sessão e perdido o trabalho. Não é fácil. O mestre tampouco facilitou as coisas...

— É mesmo um frívolo difícil.

— É Kisling.

Ficamos em silêncio alguns instantes, como se nós dois soubéssemos o mesmo fato e o mesmo desejo de esquecê-lo. Escondi minhas mãos sob a mesa como uma criança; ele levou a taça aos lábios, bebeu um gole e me encarou. Até aquele momento, não tinha reparado: duas pinceladas esverdeadas refletiam em suas pupilas

todo o cenário exterior. Vi o Sena em seus olhos. Estavam cheios de silêncio.

— Você é mais linda do que na tela.

— Obrigada.

— Todos os que viram o seu retrato em minha sala elogiaram sua beleza... E a obra magnífica. Kisling vai acabar sendo um grande pintor, se deixar de ficar à sombra de Modi.

— O senhor pensa assim?

— Ęrno. Eu a chamo de Alice, não é? Chame-me de Ęrno...

Naquele momento precioso, quando começamos a nos chamar pelo primeiro nome, soube que ele era o homem que marcaria minha vida para sempre. Na verdade, ao brindar com algumas palavras em húngaro, deixou cair um pouco de vinho sobre minha saia; sua assinatura ficou estampada como uma promissória sem data de vencimento nem razão social. *Em virtude do momento, o pagamento do amor se realizará até a data prevista, o fiador torna-se devedor solidário ao segurado, o credor está obrigado a receber um pagamento parcial do devedor, mas ficará com o documento em seu poder.* “Perdão, Alice, não sei o que está acontecendo comigo, minha mão tremeu”, ou “Desculpe-me, senti um pânico momentâneo na hora de brindar”. O que dissemos? Importa que eu não me lembre? Também me assustei, também me senti ruborizar, estava encolhida diante da emoção e não sei o que ele disse, não sei o que respondi, alguma coisa digna de dois malucos que soava à fantasia, um fragmento de felicidade, uma perturbação apressada no momento de brindar — era o mais provável. Desejei que as vozes dos garçons oferecendo ajuda desaparecessem e que o vinho voltasse a cair sobre mim.

O amor foi assinado com um Borgonha tinto.

— Manchei sua roupa... — ele se recriminou.

Tentei minimizar a importância do incidente.

— Não foi nada.

— Quer que eu chame a camareira do toalete? Para que providencie um vestido?

— Não é nada de mais, vinho é felicidade — respondi. — Acho que é isso que dizem.

— Então, vamos nos manchar os dois!

— O quê?

— Estava só brincando — respondeu ele, dando o sorriso mais maravilhoso do mundo. — Se pegarmos essas flores da mesa e fizermos um buquê, você pode cobrir a mancha ao caminhar; quando sairmos, vai parecer uma noiva.

Não respondi. Às vezes, é melhor ficar calada. Contemplei seu olhar luminoso. Perguntava-me no que estaria pensando. Torci minhas mãos sob a mesa outra vez e fiz uma oração à minha santa, rogando a ela que aquele momento fosse eterno.

Por isso, senti que deveria ter guardado o vestido branco para outra ocasião — tinha me adiantado, me oferecendo assim vestida de noiva. A pressa de ser aquela a primeira vez, uma vez na vida. A urgência de começar do zero, o desejo de passar uma borracha em meus dias, minhas emoções, meu coração. Ali estava eu, no restaurante mais caro de Paris, sentada diante de uma vida desconhecida. Estimulada pelo amor. A mancha aumentava em minha saia, ao mesmo tempo que eu me deixava levar, mais abandonada em seus pensamentos do que nos meus. Ele estava sentado com as costas arqueadas em minha direção, aconchegando-me com sua voz e seu sotaque rouco. Mais uma vez, percebi lágrimas escorrendo de meus olhos.

O amor se estendia da minha saia para meu peito.

Ele estava tão seguro falando sobre a grande adega do restaurante que minha vida entrou em ebulição diante daquela janela com vista para toda Paris, onde se via a velha Notre Dame e a torre de ferro da Exposição. O monstro de metal me pareceu bonito, em meio a tantas palavras. Sei que ele me falou sobre viajar, de seus livros favoritos, de seus amigos, da arquitetura, da vida de Montmartre e Montparnasse, de seu gosto pela arte, por comprar obras de novos pintores... Mas eu estava em outro lugar. Tudo era novo. Eu era nova.

Respirei fundo e, de repente, contei a ele toda a história da minha família: meu pai morto, os Fresnault, minha infância, minha mãe.

Quanto mais falava, mais ele se enternecia, seus modos eram os de um doutor que adivinha o diagnóstico. Senti culpa por não ter sido sincera, mas também aliviada por não estar contando toda a verdade. Foi o melhor a fazer.

Quando acabei de falar, Erno colocou a mão sobre a minha.

Quis olhar de novo em seus olhos, mas senti vergonha. Virei na direção da janela, e tudo estava em ordem, a Paris que não sabia de sua existência se mostrou desnuda, como eu no quadro da galeria. Voltei a tremer, desta vez pela fria realidade. O vidro, involuntariamente, refletia o rosto dele, que me observava. Eu tentava disfarçar meu constrangimento, procurando os arcos da catedral, quando ele apareceu diante de mim, desenhando na janela, tímido e apaixonado. Encarando-me.

A mancha e o amor cresciam juntos.

Capítulo 20

Ainda me sentia paralisada. Levantei devagar, para não notarem meu espanto, e corri para o banheiro — precisava encarar meu rosto no espelho. O tapete do La Tour d’Argent foi um obstáculo a ser vencido com agilidade no caminho sinuoso entre as mesas — na verdade, ele me fez perder o equilíbrio diversas vezes — até que consegui me esconder no toalete, esmagada pela informação que acabara de escutar de Ardisson. Fiquei no banheiro, abandonada, surpreendida. Escondida. Precisava ficar sozinha.

“Repita a data para mim, por favor...”

Não podia ser verdade; se fosse, seria um acaso macabro. Abri a torneira e deixei a água correr por alguns minutos; lavei minhas mãos, inclinada sobre a pia. Uma angústia opressiva me consumia, assim como a impotência de não saber o que dizer, nem o que pensar, nem como agir. Engoli em seco. Mamãe dizia que, quando se tem pesadelos, é preciso acender a luz para clarear os cantos escuros. Como o velho pintor reagiria? E eu? Como deveria reagir... Confiante? Tranquila?

“Seis de setembro de 1972.”

Respirei fundo, como o médico tinha me ensinado para atenuar a asma na adolescência. Inspirei e expirei com força. Comecei em um ritmo lento, mas prosseguir dessa maneira provou ser impossível. Inspirei todo o ar que pude e depois esvaziei os pulmões. Fiz isso de novo. Alonguei o pescoço para relaxar a tensão nas costas. Cada vez que voltava a respirar fundo, sentia que inspirava todos os acasos da vida dos últimos meses. “É uma coincidência, Teresa...”, “É uma coincidência, Teresa, mais uma...”, “Está tudo bem, é um acaso de datas, nada mais”. Depois de alguns instantes, senti a respiração

mais relaxada, e a pontada de angústia que perfurava meu peito tal como uma asfixia já era quase imperceptível, inclusive para mim.

Acendi um cigarro e esperei alguns segundos antes de decidir sair do banheiro e desfrutar a sobremesa. Precisei ficar um tempo ali. O que estava acontecendo? Uma coincidência da vida? Um daqueles golpes de sorte do destino que nos faz dar cambalhotas como o fazem os sinos? Com certeza. Fiquei tentada a achar que a coincidência de datas era apenas isso — uma simultaneidade do acaso. Até que ponto meu destino estava dominado por aquela mulher? Eu era sua descendente? Andei pelo banheiro de um lado para o outro, tendo meu reflexo no espelho como companhia. Não conseguia evitar virem aos lábios palavras sem sentido: tabuleta, antiquário, Paris, tecidos, fotos, loja...

“Seis de setembro de 1972.”

Então, senti a necessidade premente de sentar; abri a porta de uma das cabines do banheiro e escorreguei para o chão, me escondendo temporariamente. “Isso é um acaso da vida.”

Comecei a pesar no quanto minha vida em Paris era maravilhosa, em quanto me sentia renovada caminhando pelas ruas da cidade como uma estranha; visualizei a vista da minha janela e pensei no Sena correndo tranquilo, nos crepes quentes do L'Ébouillanté, nas bibliotecas centenárias, nas ideias para minha loja, na minha nova gabardina azul. Guiei meu pensamento até a cor do tecido, no quanto a balconista da loja tinha sido agradável, assim como o cheiro ao entrar na loja. E de repente...

Um barulho.

A porta principal do banheiro se abriu e ouvi os passos de uma mulher, que parou diante da minha cabine. Meu coração bateu mais forte; inspirei profundamente e retomei meus exercícios de respiração. Senti meu peito se apertar e prenda a respiração. “É ela?” Senti a mesma pontada de quando bati os olhos na tabuleta de Alice no antiquário de Madri — o momento em que soube que minha vida me dava um empurrão decisivo. A mulher ainda estava calada diante da minha porta; podia sentir o aroma de um perfume antigo, gasto pelo tempo. Estava a menos de dois metros de mim. Tentei não fazer barulho, parecer invisível. Bastava tossir ou sair com

convicção dali para saber quem era a dona daquele perfume... Por que eu estava com medo?

Apoiei as mãos na porta da cabine e me inclinei para ouvir sua respiração; entretanto, só consegui ouvir a minha. A música do piano chegava até ali, apesar de as cortinas de veludo que cobriam todo o corredor, da entrada até os banheiros, ajudarem a abafar os sons que vinham do salão. O que fazer? Não ouvia som nenhum, nem de torneiras abertas, nem de portas batendo. Contudo, continuava ali dentro, sem conseguir me mexer. Meu pavor era que ela tivesse ido embora... Ela. As notas distantes do piano me acalmaram. Depois de um momento, meu coração batia mais tranquilo.

Esperei alguns segundos antes de decidir. “Agora saio da cabine e a encontro. Não vai acontecer nada. Vou apenas lavar as mãos; nos olhamos, nos cumprimentamos e respiro aliviada.” Agarrei a maçaneta, girei-a sem pressa e saí.

“Mas como...?!”

Nervosa, virei a cabeça em todas as direções. “Nada!” “Ninguém!” A única mulher que estava ali era eu, dizia meu reflexo em todos os espelhos. Fui até as outras cabines, e todas estavam vazias; não havia ninguém, mas o perfume continuava no ar, agora diminuído por meus movimentos em círculos procurando o nada. Molhar o rosto com água fria.

“Alice Humbert morreu em 6 de setembro de 1972.” As palavras de Mathieu Ardisson continuavam na minha cabeça.

Meus medos de criança se manifestaram imediatamente para me fazer sentir absurda, irracional, mas, sobretudo, paralisada diante do invisível. Em nenhum momento senti espanto; contudo, passei a suspeitar que aquela presença feminina fosse mais importante em minha vida do que pude imaginar. Comecei a me mover lentamente para sair do banheiro; não tinha se passado tanto tempo, não precisaria inventar nenhuma desculpa quando me sentasse de novo com meu confidente. Meu pensamento agora estava mais concentrado em Alice do que nunca; sua tabuleta agora era minha, conhecia seu rosto, tinha suas fotos, sabia qual era seu perfume. Antes de fechar a porta do banheiro, de canto do olho vi os espelhos

barrocos do toalete. No reflexo, observei um par de olhos cheios de inquietude, talvez um pouco alegres, mas plenos de muita serenidade. Eram os olhos de uma mulher feliz.

Eram os meus olhos.

Saí do banheiro e fui até o salão, onde o sr. Ardisson me esperava.

Capítulo 21

— **A** respeito dessa data, queria dizer uma coisa...

— Sobre a data de sua morte? — perguntou Ardisson.

— Sim.

Ficamos em silêncio.

— Sabe que esse foi o dia... O dia em que nasci? Dia 6 de setembro de 1972.

— Que bela coincidência.

— Não creio que a palavra para definir essa coincidência seja *bela* — retruquei, aborrecida. — *Macabra* talvez seja a mais adequada. Não ficou surpreso?

— Por que ficaria?

— O mesmo dia, o mesmo mês, o mesmo ano.

— O acaso sempre nos dá o que nunca nos ocorreu pedir.

Minha cabeça continuava a dar voltas, sempre os mesmos pensamentos que ocupavam minha mente. É incrível como a incapacidade de compreender uma situação pode gerar tanto estresse. Mathieu me serviu mais vinho e apontou para uma das fotos.

— Olhe bem para este rosto. E olhe para o rosto deste quadro — falou, tentando recomeçar a conversa. — Alice Humbert foi a modelo anônima de muitos pintores de Montparnasse no período entre guerras. Ela é também reconhecível em muitas telas do Museu de Arte Moderna de Paris. Notou a semelhança entre os rostos?

Assenti, e ele continuou.

— Fui ao museu esses dias para fazer alguns testes, conheço de cor o trabalho de muitos dos pintores que estão lá. Eles utilizavam as mesmas modelos, que passavam de um para os outros, como a garrafa de vinho que passa de mão em mão em um jantar. Tenho

certeza de que essa mulher posou tanto para Kisling quanto para Modigliani, Pascin e algum outro integrante do grupo do Dôme. Esteve com os grandes durante seu apogeu e sua decadência. A arte mudou a uma velocidade surpreendente; tudo era pura evolução. Os anos 1930, os 1940, a fotografia, o cinema... Disse antes que ela morreu em 6 de setembro de 1972...

— Sobre essa data, estou tentando manter a cabeça fria.

— Teresa, quando o acaso se mostrou em sua vida, com a simples compra de uma tabuleta, talvez era isso o que devia acontecer.

— Como?

— Você já vai entender. Você chega a Paris, impulsionada pelo instinto inexplicável para mudar de vida, afastando-se de tudo aquilo que desvanecia em seu passado, e se encontra aqui com mais de uma coisa em comum.

— É justamente isso que me angustia... O que me inquieta. Eu não sei explicar... — hesitei e sorri, nervosa e emocionada. — Há uma explicação, mas que sei qual é.

— Pelo contrário, esse medo com certeza é porque a solução se aproxima. Às vezes, fugindo de nossa vida, tropeçamos com a de outra pessoa.

— Você quer dizer que, fugindo de minha vida, eu me aproximo da de Alice?

— Talvez. Ou da sua própria, de seu verdadeiro destino — assegurou Mathieu, com certa firmeza.

— Isso é terrível. Essa mulher está morta. Morreu no dia em que nasci. Não acha que isso deveria me assustar?

— Ou fazê-la correr — respondeu.

— Para onde? Não vejo como.

— Para onde for — disse meu confidente, juntando os papéis. — Faz semanas que saí fugida de Madri porque tudo lhe parecia cinzento, agora está aqui em Paris, perseguindo um...

Calou-se de repente. Ficamos ambos quietos, solenes.

— Ia dizer “fantasma”? — perguntei, quase deixando a palavra escapar.

— Sim. — O olhar de Ardisson endureceu e se desviou do meu.

— Senhor Ardisson, esqueça a palavra, há uma coisa positiva nisso tudo. Em todo caso, não vi nenhum fantasma, que fique claro; nem disse que tenho medo desse que se afigura. Lembro muito bem o dia em que vi essa tabuleta: senti uma grande inquietação. Aproximei-me como se tivesse me visto no espelho, como se ela fosse me sussurrar alguma coisa. Claro que não ouvi nenhuma voz nem nada do tipo; não sou doida nem perdi a cabeça. Foi como se me virassem e me empurrassem em outra direção...

— Pode ser. O que tem de mal? De fato, você está aqui.

— Eu quero estar aqui. Mas compreenda que me senti desconfortável quando soube a data de sua morte...

— Se você não quiser continuar, paramos por aqui.

— Oh, não! — discordei de imediato.

— Não? — perguntou ele.

— Claro que não.

— Às vezes, percebo que você duvida... — disse em voz baixa.

— Pode parecer estranho — interrompi —, mas agora não quero parar. Sendo por Alice ou por mim. É como se, por fim, tivesse colocado minha vida em movimento. Minha existência está, por completo, ligada àquela tabuleta, àquele nome.

Mathieu Ardisson tirou uma das fotos de sua pasta; era uma em que Alice Humbert aparecia com uma tartaruga. O instantâneo tinha sido tirado por Man Ray, e não era o único trazendo aquela pose. Havia outra foto, quase idêntica à de Alice, mas, agora, quem posava era Kiki. Depois, pegando um livro velho de arte, mal-encadernado, abriu as páginas marcadas com *post-its* amarelos e me mostrou os retratos dos pintores mencionados antes. Foi curioso; os rostos eram parecidos. “Estou convencido de que é Alice”, disse com sua voz rouca, fazendo uma pose de investigador. Não respondi. Apenas observava os rostos, os ângulos enquadrados, as formas dos olhos parecidas das fotografias e das telas. Mathieu deixou passar alguns minutos, enquanto minha surpresa inicial se transformava aos poucos em deslumbramento. Pedi a conta ao garçom, entregando seu cartão. Nem me mexi quando ele saiu para ir ao banheiro; voltou e sentou-se à mesa de novo, enquanto eu tentava sair do meu assombro. Continuei calada por um tempo, olhando

fotografias e fotocópias. Não conseguia acreditar. Comovia-me a possibilidade de ter entrado na vida de uma mulher que tinha posado para pintores importantes. O passado não existe até que o imaginamos em movimento.

— De onde tirou essa informação, senhor Ardisson? Como chegou a essa conclusão?

— Estão me ajudando — respondeu, enquanto guardava seus papéis.

— O senhor contou a alguém? — Fiquei assustada. — Vão achar que estou louca.

Mathieu Ardisson ficou tenso. Parecia alguém que tinha acabado de receber voz de prisão.

— Você nunca me disse para ficar quieto.

— Pois o senhor deveria ter suspeitado. Disse que era uma coisa muito pessoal — recriminei-o, dando a entender que eu era a dona das fotos. — Lembre-se do meu medo quando cheguei à sua casa.

— Sim, com certeza. Você estava muito nervosa. Bebeu meu chá.

— Como?

— Depois que tomou o seu — afirmou, esboçando um meio sorriso imperturbável às novidades.

— Deveria ter me dito. Devo ter parecido uma pessoa extremamente rude.

Mathieu deu de ombros:

— Era o de menos. Eu também estava muito nervoso, olhando a sua descoberta.

Nesse instante, eu me calei. Senti-me uma idiota.

— Além disso, que mal tem beber o chá de outra pessoa?

— Mas era seu.

— Mas você estava com sede... Não só de chá, também de informação.

— Então, peço que me desculpe.

Ardisson hesitou, endireitou-se na cadeira e afastou o prato para abrir uma caderneta Moleskine em que, ocasionalmente, consultava ou anotava frases curtas em um francês ilegível. Ambos permanecemos em silêncio até que eu voltasse ao assunto.

— O senhor disse que compartilhou com alguém nossa informação.

— Você não precisa temer nada. — Ele hesitou, olhou para a caderneta e abaixou a voz. — A pessoa é de minha confiança.

— Quanto se pode confiar nela? — perguntei, perplexa. — Tem de me prometer que não vou parecer uma excêntrica.

— Conte ao meu filho.

Enquanto respondia, rabiscava não sei o que em seu Moleskine; alguns números. Pareceu ser um subterfúgio para não me encarar. Observei seus dedos sem dizer nada e vi como a tinta da caneta manchava seu indicador. Acabei lhe oferecendo um dos meus lenços de papel.

Parecia que, pela primeira vez, notava-se uma ponta de emoção e um nó em sua fala. Supus que também tivesse alguma coisa que eu deveria saber. Era compreensível que não quisesse me contar nada; éramos dois desconhecidos, e já tinha feito o bastante abrindo a porta de sua casa para uma estranha. Contudo, voltei a me comportar como se estivesse em Madri, um tanto obtusa.

— Quer me contar alguma coisa, senhor Ardisson?

Ele me encarou, perturbado por minha abordagem, e respondeu brevemente:

— Nosso relacionamento não é o melhor do mundo, mas ele veio me ajudar com uma exposição que quero montar. Não mora em Paris.

— Isso é maravilhoso.

— Sim — respondeu, limpando a tinta dos dedos. — Suponho que seja.

Quando vi como baixava o olhar para a caderneta, para ver o rabisco perdido, compreendi que a vida de Ardisson também tinha sombras feitas a carvão, como as que eu não gostava de pintar. Não soube o que responder, fingi alegria por sua futura exposição de fotografias de época e disse que precisávamos brindar a ela.

Enquanto bebíamos, eu disse, com sinceridade:

— Transmita a ele meus agradecimentos.

— Sim, sim. Farei isso.

Talvez eu estivesse certa, e a vida de Mathieu estivesse marcada por cantos escuros em que ele não queria jogar luz. Era compreensível, não tínhamos um relacionamento de confiança. Ao fim e ao cabo, era um jornalista francês elegante, idoso e culto que tinha se juntado à minha causa com paixão e curiosidade.

Compartilhávamos apenas essa efervescência? É difícil saber.

A conversa seguiu seu curso, e as cópias das fotografias começaram a se transformar em cartas de baralho que dispúnhamos na mesa conforme encadeávamos perguntas. Quando chegamos a uma dessas imagens, Mathieu reiterou sua singularidade assombrosa, que era o que a tornava mais bonita. A julgar pelas aparências, ele me explicou, aquela mulher era uma aventureira. “O contrário de mim”, pensei. Através da voz de Ardisson, quase conseguia ouvir como Alice e as amigas riam e cochichavam segurando taças, encostadas no balcão de um piano-bar.

— Estive no estúdio de Calvier, nas galerias de Saint-Paul — explicou, rememorando. — Ele tem uma coleção curiosa de fotografias antigas; felizmente, uma delas tinha anotações semelhantes às que você tem. Parecia uma gigantesca mixórdia, mas meu filho passou horas mexendo nas caixas... O dono não é muito organizado, sabe? Tem ali pequenas joias, mas que trazem epígrafes gerais, como “século XIX”, “século XX”... E eu não enxergo muito bem.

Devido à idade. Muitos turistas compram as litografias por capricho, como peças de decoração.

— Podemos ir à loja? — perguntei.

— À loja de Calvier? Claro — sorriu, arrumando as fotos. — Mas não acredito que vamos encontrar mais alguma coisa. Eu mesmo tenho as melhores peças dessa época; parte delas foi exibida pela Prefeitura de Paris e parte é a que quero expor com a ajuda de...

Um tremor em sua voz me estimulou a mudar de assunto.

— Sabe o que tenho pensado? — disse, com uma falsa alegria. — Penso em expor algumas dessas fotografias em minha nova loja.

— Para quê?

— Como decoração.

Ardisson me encarou, voltando a parecer um jornalista francês sério:

— Senhorita Teresa, vamos fazer mais cópias.

Franzi a testa, e ele prosseguiu:

— Suspeito que, se essas fotografias ficaram no porão, é porque nossa mulher não queria que vissem a luz do sol. São muito pessoais, esse tipo de fotografias não era comum naquela época, e as poucas que sobreviveram estão nos livros de história, retratando pessoas exibicionistas, adeptas do hedonismo e da beleza. É realmente estranho que ela, Alice, tenha desaparecido da vida parisiense... Tenho uma certeza.

— Acredito que alguma coisa horrível deva ter acontecido.

Capítulo 22

Coco Chanel nos convidou para jantar em seu apartamento na avenida Gabriel. Èrno me contou que, desde que “Boy” Capel, o amor de sua vida, morrera, ela não levantava mais a cabeça, só saía de casa arrastada e passava os dias vestida de preto. Ainda assim, estávamos com ela e vários amigos seus ali, às oito.

Coco insistiu para que fôssemos pontuais. Parecia-me impossível ser convidada para um jantar daquele círculo social íntimo e, para torná-lo mais especial, Èrno mandou um pacote ao meu apartamento, duas horas antes do horário marcado. *Pour Alice, mon amour*, escrito à mão. Era a primeira vez que lia *mon amour* com exceção dos romances antigos da casa dos Fresnault. Claro que comecei a chorar. A caixa era enorme. Rasguei o papel de embrulho com cuidado, para não estragar a parte em que se lia a dedicatória, escrita com aquela caligrafia tão floreada: depois de encontrar um lugar na cama para deixar a caixa, recortei-a e enfiei o papel, dobrado, em um dos livros que Thora tinha me dado para decorar meu apartamento, um livrinho em inglês. Para mim, não havia dúvida de que Èrno era um homem maravilhoso, generoso e belo, e com um bom gosto soberbo para escolher presentes. Abri a tampa da caixa; envolto em um delicado papel branco, encontrei um vestido de chiffon verde-água, que me fez empalidecer. Vesti-o depressa e me olhei no espelho. Não pude conter uma lágrima. Amarrei o cabelo em um coque frouxo, prendendo-o com um alfinete nacarado, e deixei o pescoço descoberto para me perfumar com uma das essências de Kiki — forte, mas suficientemente feminina para aquela noite.

Olhei pela janela, e lá estava ele. Na porta. Sorrindo. Èrno piscou para mim com aquela serenidade tão sua, e que tornava qualquer gesto elegante. Era um homem bonito, forte e distinto. Ao sair do apartamento, batendo a porta, tive a certeza de ser a mulher mais feliz de Paris. Era quase inacreditável tudo o que estava acontecendo comigo; cravei as unhas na palma de uma das mãos, enquanto, com a outra, arrumava o cabelo atrás das orelhas. Claro que eu podia ser feliz; era isso que estava fazendo.

O frio da rua agitou suavemente a gaze do meu vestido.

— Você está radiante, Alice. Essa cor fica muito bem em você.

— Assim você vai me fazer ficar vermelha — disse a ele, enquanto abria a porta para passarmos ao vestíbulo.

Ele não estava enganado, eu estava radiante.

— Não quero que vá assim.

— O que você está dizendo?

— Vire, vire!

Èrno abriu todos os tipos de sorriso que um ser humano pode criar em dez segundos. Virei de costas, olhando para a entrada do prédio, onde as janelas da portaria refletiam o que se passava. Assim pude ver tudo. Ele enfiou a mão no bolso, de onde tirou uma caixinha em forma de concha, abriu-a e pousou as mãos em meu pescoço. Poderia ter me matado, eu teria morrido feliz. A janela refletiu o brilho das esmeraldas incrustadas no colar que ele tinha acabado de ajustar sob meu cabelo.

— Èrno..., é lindo. Não sei o que dizer.

— Não diga nada.

Eu não disse nada. Não sabia o que dizer. E ainda que aquela cena se repetisse mil vezes, assim o seria. E tudo por culpa dele. O impacto causado por nossa chegada na casa de Coco Chanel foi mitigado por um copo de rum, o primeiro que os garçons, uniformizados e com luvas brancas, me ofereceram. Todas as senhoras olharam na minha direção. Engoli em seco, bebi o rum e escondi o pudor. Não me acostumava com essa mudança de cenários em minha vida; tudo era desmedidamente novo para mim. Sobretudo, mais do que madeiras brilhantes e taças de prata de verdade, não me acostumava com rapidez a essa mudança de

personagens ao meu redor e a suas conversas. Claro, tinha aprendido a fingir e a não parecer uma tola completa nos lugares que, graças a Ęrno, passei a frequentar. Tinha visto Paris de fora, graças ao meu gosto por caminhar olhando para as fachadas de lugares a mim inacessíveis — o que poderia fazer? —, imaginando as histórias por trás das janelas daquelas avenidas enormes que não me levavam a lugar nenhum, e que agora me tinham como protagonista. Os edifícios sempre me pareciam porta-joias. Eu estava em uma delas. A casa de Coco era majestosa. Tudo chamava a minha atenção.

A música — “o jazz desses moços é adorável”, foi o que disse Ęrno — tomava conta da sala e desaparecia pelos corredores amplos que levavam a outros cômodos, cheios de luzes e mais móveis.

Antes de chegarmos, Ęrno me explicou que Leopold era um grande amigo seu, que se dedicava à produção de tecidos, e também era íntimo da anfitriã. Tinham se conhecido em Nova York por meio de amigo em comum, arquiteto, que estava enriquecendo na Grande Maçã com seu estilo parisiense, bem ao gosto da sociedade efervescente da indústria de metal. Os dois se vestiam da mesma forma e riam das mesmas piadas, como me contou Ęrno. Na verdade, a espontaneidade de Leopold, a meu ver, era inversamente proporcional à minha surpresa.

— Você deve ser a tão falada Alice Humbert — disse, enquanto beijava minha mão. — A beleza que conquistou meu bom amigo Hessel. Eu deveria tê-la encontrado primeiro; ao vê-la agora, entendo por que ele não a apresentou antes. Maldito patife! É um prazer, *mademoiselle*.

Ęrno e Leopold pareciam duas gotas de água: os mesmos penteados e trajes impecáveis. Contudo, o ar mulherengo do *monsieur* Vionnet, como chamou uma das convidadas, completamente curvada e dobrando as costas como uma serpente, era muito evidente; a maneira como ele se apresentou, bajulador, a três mulheres da festa, rendidas de imediato por seu encanto cosmopolita, foi implacável.

— Se me permitem... — disse, enquanto agarrava com desejo e descaramento uma das moças pela cintura. Elas se aproximaram de

nós com mais interesse por ele do que por mim.

— Que noite maravilhosa vamos ter, me alegra voltar a vê-las. Não posso suportar a ideia de passar os dias sem admirar sua beleza. Apresento a vocês *mademoiselle* Humbert. Alice, eu lhe apresento: essas belezas que me abandonaram em suas conversas sobre moda são Valentine, Isère e Loulou. Esta última, se não me engano, trabalha diretamente para Coco.

Sorriram. Ele era brutalmente agradável, e seu olhar, cruel; e elas se deixavam cortejar, seduzidas por seu perfume e sua postura de homem que tudo sabe. Èrno o conhecia bem e logo demarcou território, se aproximando de mim, encostando seu peito em meu ombro — de tal maneira que senti sua respiração em minhas costas. Nesse momento, os dois fizeram um gesto, pedindo que bebidas fossem trazidas.

— Creio que o melhor a fazer antes do jantar é brindarmos; vou servir alguma coisa, e vamos beber os seis — disse, enquanto chamava um dos garçons. Èrno se aproximou para ajudá-lo.

— Sim, por favor, seria magnífico — falou uma das moças, animada pelas outras duas.

Foram direto para o bar.

Isère rompeu o gelo, falando com Valentine.

— Uma bela de uma puta, aquela que ficar com ele.

— O maior partido de Paris.

— Eu mordo.

— Dá para notar.

Eu torcia as mãos, nervosa. Baixei os olhos para o chão acarpetado, e elas nem demonstravam preocupação.

— Quanto mais gosto dele, mais eu o olho; e quanto mais olho para ele, mais ele me evita. É terrível — disse a moça que estava à minha esquerda.

Bufou.

— Todas ficam atrás dele. E ele se achando o maior cavalheiro da cidade. Também a levou de carro?

— Inclusive me convidou para jantar. Várias vezes.

— E... nada.

— Nada.

— Pelo que sabemos, continua solteiro. Vai acabar escolhendo a pior.

Olhei para meus dedos e para mais ninguém, a luz do meu olhar sumiu como um farol que se apaga.

— Veja, esse daí é Dardel. Deve ter vindo com Thora. — Soltou um suspiro de admiração por ele. — Fiquei sabendo que estão tão encantados que parecem um casal de recém-namorados. Ela acabou de chegar a Paris, é estudante de arte e pertence a uma família sueca de alta classe. Acho que se conheceram em uma viagem de barco.

— É o homem mais lindo de Paris. Ele e Modigliani.

— Esqueça-se dele; é devotado somente a Jeanne.

— Dardel?

— Não, Modi. Se não bebesse tanto, seria o homem perfeito. Sempre pintando, sempre bebendo... Sempre bêbado! Dizem que bebe por causa da tosse.

— Eu o conheço — falei, para me juntar ao grupo. — Ele é muito, muito amável.

— Não chamaria Modi de “agradável”; sempre que o apresentaram a mim, estava fedendo a rum, as mãos manchadas, como se tivesse acabado de se levantar. Embora, talvez... — Isère hesitou, pensativa — talvez seja isso o que o faça brilhante.

Elas riram, cúmplices.

— Não se esqueça de Abdul, não existe homem como ele — lembrou Valentina, bastante atirada.

— Oh, por favor, sim. O tunisiano Abdul Wahab é o mais atraente de Montparnasse — comentou Isère, de modo sugestivo. — Ainda que não se aproxime do estilo tão tentador de Leopold, é...

— Leopold é adorável e sabe atuar em todas as frentes.

— Não se engane. É um especialista em cortejar... — comentou Loulou, rindo.

— Um arrogante encantador — completou a tal Valentine, enquanto a terceira, Isère, emendava, acabando com possíveis dúvidas.

— Mas gostamos assim. Para que nos enganarmos? Os canalhas elegantes não são assustadores, estão pelas calçadas das grandes

avenidas. Os canalhas conhecidos são menos canalhas.

Naquele momento, percebi que não eram apenas moças bonitas da cidade, sabiam onde estavam. Revivi minhas ações desde que tinha chegado para ver se tinha passado uma imagem de sentimental. Aquelas três conheciam a vida tanto quanto eu, as que se dizem mulheres do mundo — embora eu continuasse tentando demonstrar sofisticação para me juntar ao grupo.

— Bom, não sei. Acabei de conhecê-lo. É amigo de Ęrno. Mas, sim, é muito elegante. Disse que vocês trabalham com moda, não é? Parece maravilhoso.

— Algumas de nós trabalhamos com Coco — respondeu Loulou, adiantando-se. — E outras ficam no ateliê de tecidos, selecionando fazendas e cores para as estampas. Ultimamente, virou uma loucura, não tem limites. Embora nós três tenhamos passado pelo episódio extenuante das poses.

— Posar para fotografos, sabe?

Encarei-as e tive a impressão de que intuíaam alguma coisa a mais sobre minha subsistência em Paris. A vergonha se apoderou de mim em segundos e tomei um gole de rum.

— O mundo dos tecidos me fascina, deve ser muito interessante — comentei, para não falar de mim.

— Isso porque você nunca entrou no ateliê, é como uma gráfica. Tesouras, máquinas, rolos de tecido...

— Não descreva de modo que pareça uma metalúrgica, querida Isère — disse Valentine em um tom de voz mais suave. — Querida, é fascinante, assusta ver o colorido e o cuidado com que tudo é feito. E por ali passam os estilistas. O mais singular é Paul Poiret, que não para de criar aqueles vestidos tão pesados.

— Singular! Como você é enigmática, Valentine. Mas, sim, muito singular. E divino ao extremo.

— Se quiser conhecê-lo, podemos combinar uma tarde.

— Bom, seria maravilhoso — respondi, tímida.

— Alice ficará encantada em ir — completou Ęrno ao se aproximar de nós, lado a lado com Leopold, cada um segurando duas taças e acompanhados de um garçom.

— Sim, claro, vai ser ótimo — concordou Loulou, pegando uma das taças. — E você vai ver como trabalhamos na Chanel. Coco é única. Tão masculina e tão forte e, às vezes, tão feminina. Sim... Agora você vai conhecê-la.

Pela sala estavam pessoa da *maison* Chanel e algumas convidadas estrangeiras, como a recém-chegada — e um tanto louca — Elsa Schiaparelli, que conversava amigavelmente com Thora. Memorizei e repeti para mim mesma os nomes que me diziam para não parecer a novata simpática que se recorda dos rostos, mas esquece os nomes. Não demorou para que essa habilidade me fizesse falta, pois começaram a chegar mais convidados que se deslocavam entre a fumaça e as bandejas dos garçons. Aquilo não era um jantar, e sim uma festa. Um dos convidados sorriu para mim como se me conhecesse. O exotismo das senhoras e dos cavalheiros de trajes apertados pouco combinavam com minhas origens; era bem possível que algum deles tivesse tropeçado em mim, carregando cestas ao redor da maternidade.

Temia não conseguir desempenhar meu papel — mesmo usando o maravilhoso vestido de chiffon verde dado por Ęrno.

— Está se sentindo bem? — ele me perguntou, enquanto íamos até uma das janelas gigantes com vista para a avenida Gabriel.

— Se seu objetivo era me impressionar, conseguiu: eu estou impressionada.

— Mas está feliz? — perguntou, desconcertado.

— Muito feliz — respondi, levando a mão ao peito para sentir o calor das esmeraldas.

Coco pediu que naquela noite a tirassem dali, porque “a casa estava caindo em cima dela” muito mais do que qualquer outra noite. Imaginei minha mãe próxima da lenha, cheirando à cebola quente. Suspirei e bebi mais rum. Uma das coisas que mais me chocava naqueles dias era a mistura de tristeza e alegria das pessoas; tinham de tudo — elegância, carros caros, perfumes — e muitos andavam aflitos. “É o éter” — explicou Ęrno —; “muitos artistas se drogam para criar, para sair, para beber.”

— Essa ansiedade vai me matar — disse Coco. — Melhor jantarmos fora.

— Então, vamos sair daqui — disse Ęrno. — Vamos ao Chez Maxim's.

Coco pegou um casaco no armário do vestíbulo e o ajeitou sobre os ombros.

— Sabe com quem estive esta manhã? — perguntou ele, carinhoso, enquanto a ajudava.

— Surpreenda-me.

— Com Beaux. Disse que está, por ordem sua, metido entre jasmins de Grasse, em um eterno ir e vir. Sua vez de me surpreender.

— Um perfume — disse ela, lacônica. — Decidi lançar uma fragrância, e combinamos, na próxima semana, de avaliar as amostras. Não quero que se pareça com nada que todas essas desbotadas usam. O que tenho em mente deve ser algo marcante e exalar sexo.

Ęrno ignorou o tom com que Coco tinha pronunciado a última palavra.

— Sente-se mal por eu falar de sexo? É uma coisa normal; eu também acreditava que poderia viver sem um homem, mas não consigo. Não sei como.

Não fiz nada para interrompê-la. Disfarcei como pude, mas ela continuou franca como as garotas do Dôme.

— Passe perfume onde quiser que a beijem — brincou, se dirigindo a mim.

Ęrno perguntou, fingindo entusiasmo, que nome ela daria ao perfume, e Coco murmurou alguma coisa como “A última coisa em que tenho pensado é no nome”. Claro que não fiz nenhum comentário e sorri para as senhoras que se aproximavam de nós, buscando a atenção da estilista.

— Ouviu falar de Maggy Rouff? Ela está fazendo coisas lindas.

Treize começou a rir, mostrando os dentes para o mundo.

— Essa mulher está completamente equivocada. Deveria se fixar mais em Paul Poiret e menos em Lanvin. A guerra distraiu todos os novatos — respondeu Paulette, uma moça gorda da minha idade que parecia a vendedora de frutas da minha rua, se não fosse o brilho de seu vestido e de suas bochechas.

— Tem razão. Ninguém vai ser como “Le Magnifique”. Os pioneiros são os pioneiros.

— Que verdade!

— Temos de inovar, tentar coisas novas, não?

— Para as piranhas, não.

— Como você é má! — comentou Coco para a mulher de faces rubras.

— Conhece Jean Patou e o tal Molyneux?

— Querida, claro! Com certeza!

— Fazem coisas bonitas.

— Contudo, em algumas roupas estão colocando muitos adornos...

— Laços demais, eu diria.

— A comodidade! Pelo amor de Deus, o corselete é coisa do século passado. É preciso ter muito cuidado com os chapéus; não se pode cair de cabeça no excesso.

— Gosto deles.

— Vamos, vamos — disse, levantando, uma mulher que bebia apoiada no bar. — Se continuarmos com os penduricalhos de 1900 na cabeça, nos ombros, nos quadris e no cu, não haverá meio de distinguir uma mulher de uma carroça!

Juntei-me à conversa das mulheres com um sorriso; era minha única maneira de participar. A sra. Pozzati, que tinha acabado de se juntar a elas, me encarou para me dar a vez de falar, e a tal Paulette fez o mesmo. Sabiam que me intimidavam — até que comecei a falar.

— Existe um tecido específico para cada mulher. Da mesma maneira que há um homem especial para cada uma de nós. O valor do tecido, o preço da pele.

Foi a única coisa que disse. As duas mais velhas, as faces cadavéricas, me observaram surpresas, franzindo o nariz, mas Coco se virou como uma ave e me aplaudiu, enquanto gargalhava.

— *Elle a du chien!*^[1]

Meu rosto queimava; bebi um pouco da minha taça e logo tentei esconder meu embaraço com um sorriso, como se esperasse a cumplicidade entre mulheres.

— É preciso lhe dar o devido valor por falar assim com aquelas imbecis — disse, por fim, me levando até onde Ęrno estava. — Não entendem nem de homens nem de tecidos — concluiu, olhando meu vestido. — Isso, sim. Onde você a encontrou, Ęrno? — perguntou *mademoiselle* Chanel, sem tirar os olhos de mim.

— É a mulher mais maravilhosa de Paris: Alice. Apresentei-as ao chegar, mas...

— Não tinha me dado conta. Sabe como eu sou — respondeu, afetada, me oferecendo a mão. — Desculpe... Alice?

— Sim? — respondi.

— O que ele disse a você? Tenho andado estranha nos últimos tempos.

— Já lhe contei sobre ela — disse Ęrno.

Quando pensei quealaria mais sobre minha procedência, tremi. Coco assentiu, Mordi o lábio e olhei para minhas mãos. Foi um tanto mecânico recorrer à bebida para resolver a situação. Devo ter parecido uma cortesã, mas o gole me deu forças.

— De modo que... você gosta de tecidos.

Assenti.

— O tecido é importante, um bom vestido feito com tecido ruim é lixo; o mais feio dos modelos ganha vida com um tecido de qualidade.

— O tecido de seu vestido é muito suave — disse a ela.

— É seda.

— Posso tocar?

— Claro.

Deslizei minha mão por uma das dobras que esvoaçavam sobre seu quadril, como as folhas de uma árvore. Seu vestido era tão delicado que me deu a impressão de estar tocando o traje de uma daquelas moças ricas que dançavam no 14 de Julho e que eu tanto gostava de olhar quando era pequena.

— Você sabe apreciar o tecido; percebe-se pela maneira como o toca. Poderia trabalhar no meu ateliê. Gostaria disso?

Emudeci, sem conseguir pronunciar palavra, talvez porque Ęrno me encarava.

— Pense nisso. A moda passa, cai em desuso, o estilo permanece. Você tem estilo e é bonita. Nós, mulheres, precisamos da beleza para que os homens nos amem...

— Claro! — brincou Ęrno, lisonjeiro.

—... e da estupidez para que nós os amemos — concluiu Coco, gargalhando.

Estremeceu, e então olhou fixamente para Ęrno.

— Cuide dessa garota — disse, antes de voltar para os outros convidados, para fugir de casa.

Depois de agradecer suas palavras, fiquei ao lado de Ęrno. Felizmente, o salão estava bastante cheio, e passamos despercebidos. Ele acariciou meu ombro ao me guiar até a porta. Vi meu reflexo no espelho gigante da entrada e por instantes me vi absorta: tinha passado pela prova da alta sociedade parisiense e gostei de como tudo tinha transcorrido. Lá estava eu, vestida de chiffon verde. Encolhi de vergonha, eu me sentia uma recém-chegada que levava tempo para falar, caminhar, beber, imitar os gestos e para me fazer esquecer dos meus. As damas e suas conversas, os luxos e o hedonismo de suas atitudes, todos tinham a vida resolvida e a existência girava em torno dos vestidos. Eu também. Endireitei os ombros e arrumei o pingente que iluminava meu peito. Começava a me deixar contagiar por uma vida que jamais teria imaginado junto à chaminé de mamãe.

— O que está incomodando você, Alice?

— É essa maldita fumaça. Detesto cigarros.

— Você vai acabar fumando; acontece muitas vezes.

Respirei fundo para conter a pontada de nostalgia, e Ęrno secou uma lágrima minha com seu lenço.

— Vi como você conquistou Coco. Chanel é uma casa de modas maravilhosa. Não consegui não me emocionar quando falou de você. Por que suspeito que não me enganei a seu respeito? É o que você gostaria de fazer?

— Queria uma loja de tecidos, fazendas para vestidos, estantes cheias de rolos, sabe como eu a imagino?

Tocou meu rosto com a palma da mão, como se me respondesse e perguntou, quase em um sussurro:

— Esse é o seu sonho de verdade? Uma loja?

— Uma loja em Paris — respondi.

Descemos a escada até a porta, e vários carros nos levaram, a todos nós, até o Chez Maxim's. Acomodados no banco de trás, Ęrno colocou a mão sobre a minha, fazendo o sangue começar a circular pelos dois corpos como cavalos de corrida. Quando entrelaçou seus dedos nos meus e os apertou com força, me veio à cabeça o modo como Kisling tinha tocado meus seios. Contemplei meu reflexo na janelinha do carro com aversão e soltei sua mão, com medo. Não temia o sexo; tinha sobrevivido por meio dele no ateliê e o usado para sair da miséria. Tinha medo de me apaixonar. Ęrno era um homem, e eu queria desfrutar de ser uma mulher.

Capítulo 23

As semanas que se seguiram àquela noite foram cheias de esperança; quanto mais me aproximava dele, mais me afastava de minha vida. Com Kiki e as garotas, corria para os antros de Montparnasse, as festas do The Jockey, as loucuras. Com Èrno desfilava por teatros, restaurantes e lojas, as mais caras de Paris. A cidade era a mesma, mas eu, não. Não era uma zona cinzenta: era o preto no branco. Pela primeira vez na vida eu era uma mulher admirada, que todo mundo conhecia e com amizades de prestígio reconhecido. A sociedade parisiense tinha me acolhido de braços abertos. Por outro lado, tinha descoberto as normas e costumes do bom gosto, que abriam tantas portas para além de Montparnasse. As senhoras me viam — eu, a doce Alice — como a noiva perfeita para Èrno; os homens suspiravam ao me imaginar como amante, porque corria de boca em boca minha procedência e meu *savoir faire*. “Seja mulher e os faça acreditar que pode voltar a acontecer: isso vai fazê-los ficar sempre no limite do desespero por você”, dizia Kiki. Assim, tinha adaptado meu físico às oportunidades que se apresentavam em cada lugar. Sabia exatamente quando ficar calada até a obsessão e quando me transformar em uma descarada. A aventura era a nova mulher que tinha despertado em mim. Totalmente frívola e feliz.

Èrno era perfeito. Sempre havia pessoas cumprimentando-o e que queriam sua atenção, sua opinião sobre um assunto ou outro. Tinha procurado desenhistas e me apresentado a fotógrafos interessados na minha beleza para que, ao mesmo tempo que me divertisse, eu ganhasse os francos com os quais me sentia segura, ainda que ele pagasse por tudo. Reconheciam-me, levavam-me, esperavam-me nas portas das lojas, os porteiros me conheciam, me recomendavam o

que levar, pediam minha opinião como se pedissem a do próprio Érno Hessel. Tudo era assim. Tanto que eu já tinha me acostumado o suficiente.

Tinha me instalado em um bonito apartamento de frente à ilha de Saint-Louis, muito próximo do Hôtel de Ville, entre a *rue* des Barres e a *rue* du Pont Louis-Philippe. Pagava com as sessões semanais de fotos que fazia para revistas de moda, com todos os fotógrafos educados que conhecera graças às amigas de Coco e Thora e que me vestiam para catálogos de novidades. Daí que me vestir se tornou quase uma ocupação, sob os olhares assassinos das costureiras e dos alfaiates que lutavam para fazer de mim a mulher mais linda de Paris.

Quando tomávamos rum nas calçadas próximas ao Le Dôme ou ao La Rotonde, Hessel fazia questão que eu me arrumasse de modo bem chamativo. “Seja um farol que ilumina o lugar”, eram suas palavras. Não pretendia me enganar; Érno insistia para que eu não posasse para os pintores, aqueles “loucos”, como ele os chamava, menosprezando-os. Eu estava ciente de que entre tanta fumaça e gente bêbada exaurida pelas noites e pela vida corrida, a melhor forma de me ver ou de me vigiar era eu estar vestida de festa. De fato, era um farol no meio da noite. Ele tampouco pretendia me enganar: conhecia bem esse mundo, tanto o luxo como o outro lado. O que não o agradava era ver como me faziam, diversas vezes, propostas para ficar nua nos ateliês com a desculpa de uma nova exposição.

— Sou amigo de muitos deles, mas... Você sabe como são.

— Não se preocupe, só fiz isso por necessidade.

— Eu sei.

A visão do meu corpo diante dos aprendizes e pintores é o que o atormentava; ficava parado, com um semblante sério. Nesse momento, eu tentava ser doce.

— acredite em mim. Não quero que me olhe desse jeito. E tampouco deveria rejeitar isso como se fosse uma coisa ruim; afinal de contas, foi graças a esse trabalho que nos conhecemos.

— Não quero nem imaginar o que seria da minha vida agora sem você.

— Repita o que disse.

— Não quero nem imaginar o que seria da minha vida sem você.

Naquele momento, depois de um instante nos olhando, ele terminou a frase com um carinho. Ainda que Ęrno, vestido de maneira impecável, atraente como poucos, sóbrio quando falava e desenvolvido nas conversas, quisesse aparentar segurança, percebi um tremor em sua voz, como um sinal de desassossego. Ficamos olhando para o chão, de um jeito adolescente, e levantamos a cabeça juntos. Bem quando eu ia falar para romper o silêncio, ele, constrangido, chateado, lançou-se em meus braços e apertou meu rosto contra seu peito.

— O que me inquieta é imaginar você nua na frente deles.

Quando disse “nua”, eu me dei conta de que ainda não tinha me despido para ele. Era curioso, mas ainda não tinha acontecido nada. Era um homem sensível, que passava os dias tentando me deixar feliz e acolhida. Eu não tinha de competir com ninguém.

Naquela noite, ao sair do Le Dôme, Kiki disse que nos preparássemos para uma festa “grandiosa” no Le Boeuf.

— Alice, não gosta da ideia? Quer outro rum? — perguntou a fabulosa Kiki de Montparnasse rodopiando à porta do lugar. — Vão adorar a festa, convença Hessel! Ah, Hessel, não sou a mesma se não danço com minha amiga.

— Não, obrigado. Está tarde.

— Tarde, nessa área de Paris? Quando é tarde em Montparnasse? Mas Fujita está lá! E Toutain, Moysès, Wiener, Doucet... Todos vão para o Le Boeuf.

Ęrno me encarou para que eu decidisse.

— Hessel tem razão, Kiki, está tarde. Prefiro ir para casa.

— Oh, não! Alice! Você sabe como me animar... Oh, perdão, *monsieur*! Quero dizer que ela sabe como... Eu entendo. Bom, rapazes, venham todos, e não se fala mais nisso.

De fato: 10 de Janeiro, um frio terrível, e lá estava todo mundo. Os arredores do Le Boeuf sur le Toit estavam abarrotados de carros e pessoas tentando entrar. Os poetas, os músicos, homens de negócios, editores... Amontoavam-se até o Boyssy d’Anglas para ver os donos, Cocteau e Moysès. O som do jazz era estrondoso, e só era possível

ver as mesas. Estava claro que Hessel tinha influência até nos antros mais barulhentos de Paris. Kiki, com o maior decote de todo o lugar e acompanhada pela adorável Treize, apontou uma mesa que estava reservada, por acaso, para nós.

— Sabia que vocês viriam.

— Você sempre sabe demais, Kiki — recrinei-a, enquanto ela me mostrava a língua.

— Olhe, esse aí é Jean, foi apresentado a mim por Max Jacob. É encantador, brilhante e apaixonado... Sabe tirar o melhor de cada pessoa. Mora com a mãe.

— Mas você não está apaixonada pelo fotógrafo? — perguntei surpresa.

— Sim. Mas é de noite, e tudo é possível à noite. Algumas das fotografias ao fundo são suas, as que estão ao lado daquele quadro...

— Bem, vejo que não temos bebida — disse Ęrno, enquanto chamava um dos garçons. — O que acham de pedirmos champanhe?

— Oh, perfeito! Queremos, não é, Alice?

— Ah, sim, Kiki.

Hessel foi tão rápido em pensamento quanto o garçom ao nos abrir uma garrafa de champanhe e trazê-la à nossa mesa. Diante de nós estava Leopold, que também tinha sido convidado para a festa e conhecia um dos anfitriões, Moysès.

— Você viu que loucura? Isto supera o local pequeno de Charleville, que se tornou apertado. Brindemos, meu querido Hessel... Às mulheres! — Ęrno se mostrou frio com o amigo ao se dar conta da quantidade de modelos que havia se aproximado. Não era o único.

— Olhe, este bar é de Pascin — explicou Kiki a Treize. — E essas ao redor também são modelos, bom... Modelos. Sempre aparece assim, rodeado de amigos e garotas. Não falha. Aqui ou ali. Sempre igual.

— Conheço Pascin.

— Sério? É como Jean, só falta dar dois gritos, levantar a taça para brindar e se tornarem donos do lugar.

— Mas quem são os donos? — perguntou Ęrno, interessado.

— Antes, tudo isso era de um *barman* local, o tal de Charleville, amigo de um pianista amigo meu...

— Jean Wiener — apostou Treize.

— Esse mesmo. Foi o próprio Wiener que, não faz muito tempo, disse a Moysès que o espaço da Gaya, na *rue Duphot*, estava ficando pequeno para eles. Acho que desde o dia da inauguração toda Paris falava dele, como o Le Dôme. Ele chamou Milhaud e Cocteau, e conseguiram mudar de lugar. Mas eles só ajudaram, embora pareçam os donos.

— Compreendo.

Para mim, tanto esplendor continuava me fazendo parecer uma desajustada social ao realçar minhas inseguranças, enquanto o mesmo não ocorria com Kiki.

— Jean é maravilhoso. Às vezes, vem me ver cantar e, uma noite, me presenteou com um colar digno de uma rainha.

— O que você não consegue... — alfinetou Treize, bebendo de sua taça.

— Aqueles ali não são Thora e Nils Dardel?

— São eles. Está todo mundo aqui, na verdade.

— Não fique surpresa, são amigos de Marie Laucencin e Irène Lagut, que trabalham com o grupo. Estão sempre aqui, trocando fofocas intelectuais.

— E falando sobre o que não é intelectual.

— Bom, imagino que gostem de viver rodeados de mulheres.

— Não duvide disso.

— Claro! Aliás, vou cumprimentar Nils. — Kiki deu um pulinho e foi direto para as mesas onde estavam alguns de seus conhecidos.

— Bom, acho que vamos embora.

Levantei com Ęrno, e começamos a nos despedir das garotas. Aquele lugar estava tão cheio que só precisávamos dizer adeus para sair. O jazz ecoava pelas paredes e fazia vibrar os lustres que desciam do teto. Tivemos de serpentear pelas cadeiras para encontrar algum espaço e sair. Lá fora, o chofer nos esperava.

— Conversamos amanhã, Alice! — gritou Kiki, já tomada pelo espírito da noite: tinha começado a dançar e a cantar em cima de

uma das mesas, enquanto todos aplaudiam e gritavam “Kiki! Kiki! Kiki!”.

Ërno me deu um sorriso, entre cansado e pasmo por aquele espetáculo. Eu o procurava com o olhar, como sempre, como se esperasse sua aprovação para compartilhar a cumplicidade. Não demoramos nem um segundo. Começamos a dar gargalhadas, apesar do frio que fazia, assim que colocamos os pés na rua.

— Ah, Kiki! — disse, suspirando. — Não vai mudar nunca. É dinamite pura.

— Mas... — disse, tentando desculpar o comportamento dela — não é má. É o jeito dela. Cheia de vitalidade.

Ele acenou e se aproximou do carro, pela porta do outro lado da rua. Sentia-se poderoso e protetor ao meu lado. E eu, como eu me sentia? Era uma nova mulher. Incapaz de me lembrar da anterior. Encarei Ërno e não precisei fazer mais perguntas.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada... Estou só com frio — respondi, enquanto me aproximava do veículo.

E era verdade. O frio era a única coisa da qual poderia me queixar.

— Bem, cubra-se com isso.

Fez um gesto que me tirou todo o frio do corpo, não só a sensação física; colocou seu casaco sobre meus ombros e levantou as lapelas, para que eu ficasse resguardada do vento que soprava naquela noite de janeiro. Tomou minhas mãos nas suas e as esfregou para esquentá-las. A vida se comporta, às vezes, como deveria ser, só que em alguns momentos demora muito. O carro parou na nossa frente e, ao levantar a cabeça para entrar, olhei sem querer para a outra calçada.

Naquele momento, senti que desmaiaria.

Era minha mãe.

Estava enrolada em um cobertor, como nos dias em que faltava lenha e precisávamos nos cobrir por completo, para que o frio que entrava pelas rachaduras da pequena janela não acabasse nos matando. Dava para ver apenas seu rosto e seus olhos brilhando de tristeza, sob o tecido que a escondia. Ninguém a notou. Apenas eu.

Estava tremendo, e era a mulher em que eu me aninhava nas noites de frio para me aquecer. Agora, eu era incapaz de fazer o mesmo por ela.

— O carro está nos esperando, entre — disse Hessel, me forçando a entrar.

Minha mãe esperava do outro lado, lívida. Ela me encarava dura e entorpecida pelo silvo que faz o frio quando corta o ar. Fiz tudo o que não deveria ter feito. Hesitante, indecisa e oprimida pela situação e sob seu olhar sem qualquer sinal de ira, mas cheio de compaixão... Entrei no carro. Entrei procurando o calor e me senti a mulher mais entorpecida do mundo. Deixei-a ali, do outro lado da calçada. Entrei no carro e me deixei cair no assento.

— Você está com frio?

— Não sabe o quanto.

Capítulo 24

Chovia como há tempos não acontecia. Cheguei ao Museu de Arte Moderna encharcada e com as mãos rígidas, apesar do guarda-chuva, das luvas e da capa. Chuva com vento — não existe nada pior: acaba-se como um saquinho de chá. Era um temporal do tipo em que o céu era varrido por relâmpagos. Entretanto, chegava disposta a tudo e com o olhar receptível de quem espera um sinal que clareie seus dias. “Algo” que mudasse este exaustivo argumento da busca em círculo; não encontrava justificativa e cada dia me preocupava mais a ideia de voltar para casa e me lançar às garras da incerteza. O roteiro daqueles meses em Paris estava sendo uma sequência de perguntas, possibilidades, imaginação e calda de chocolate. Dia sim, dia não passava experimentando o cardápio da *crêperie* de Saint-André des Arts, inclusive aos domingos. Tinha engordado dois quilos nem tanto pelo doce, mas pela tranquilidade que a cidade me trazia. E por sorte já não havia ninguém para me humilhar com um “Você engordou!” dito do alto das escadas. Minha tia havia morrido e deixado a herança mais importante: a liberdade. De comer, de falar, de vestir... Ela me ameaçava com a mão aberta, cheia de ossos e pronta para a bofetada, e eu me sentia cada vez mais inútil, como um animal perdido. Um estalar de seus dedos me dizendo para deixar de comer, e eu me desintegrava; assim eu cresci.

Fechei os olhos, toquei meu corpo e me abracei: estava livre. Não era um bicho perdido arrastando a corda, era um animal que decidia sua rota. Talvez extraviada, abandonada, mas redimida em meu novo lugar.

Tinha previsto uma estadia em Paris muito mais agitada; a distância, parecia ter se convertido em uma ilha cheia de sonhos e

de vida nova. Entretanto, a reforma de minha loja estava sendo uma dor de cabeça de carpinteiros e pedreiros incapazes de consenso. Alguns queriam derrubar as escadas “por serem velhas”; eu queria deixar quase tudo. Eles, ao contrário, se empenhavam em fazer uma limpeza geral e começar do zero. A ideia de perder a essência daquele pequeno lugar me espantava. Se havia ali algo de mágico, era precisamente por todas aquelas imperfeições de desníveis e recantos antigos. Não tinha previsto que meu empreendimento se eternizaria em detalhes. O carpinteiro tinha vindo expressamente recomendado pela dona da loja ao lado, a de Orphée, Hélène. Na primeira conversa com os franceses supostamente especialistas em restaurações sobre minhas ideias para a loja, parecia que tudo tinha ficado claro. Antecipei trinta por cento dos gastos, como disseram, mas nem assim. O dia a dia era um tormento de idas e vindas. Não que soubesse muito sobre eletricidade, madeiras com cupins e ajustes de vigas, mas... os operários tampouco facilitavam.

Estou convencida de que estavam me cobrado o dobro por tudo e qualquer coisa. Dizia isso a Hélène e ela ria: “Não dê moleza, ou estragam tudo. Coloque suas decisões à frente”.

Ora.

A obra seguia devagar, mas seguia. Eles mantiveram as vigas estreitas do chão do mezanino pintadas de branco. E as vigas verticais da parede direita, em madeira original, envernizadas de leve depois de um tratamento para limpá-las e lhes dar vida. A escada inclinada era desconfortável e muito vertical, mas eu gostava, e, felizmente, eles a deixaram como estava. Embaixo dela, descascaram a parede para que, segundo um deles, a pedra ficasse exposta. A fiação da iluminação ficou toda visível, com algumas lâmpadas halógenas funcionais bem escondidas e que não incomodavam visualmente. Não era tão difícil, só queria manter o sabor original.

— Não vou mentir, senhora: é um trabalho longo e difícil, que vai demorar mais do que o previsto.

— Só se deixarem a parede como estou dizendo.

— Devíamos ter nos metido nisso muito antes.

— É o plano que eu apresentei a vocês na primeira semana.

- Não, isso é impossível...
- Não, não é impossível.
- Existem muitas dificuldades em realizá-lo assim como está.
- Claro, eu imagino. Como tínhamos combinado.
- Não é o que quero dizer. Nosso método de trabalho não é assim. Não trabalhamos assim, desculpe.
- Bem, vamos ver o que acontece.

Assim eram as conversas entre os operários, os eletricitas e eu. Uma espécie de jogo de azar. Às vezes, eu ficava ansiosa, depois confiante, logo pensava que perdia a razão com eles e, sobretudo, a tolerância.

— Paciência, melhor que não se note — dizia Hélène. — São como elefantes, conseguem farejar uma tragédia.

Foi necessário decidir de que cor pintar a vitrine, mantida inalterada, a coluna de ferro e a antiga luminária do teto, um lustre de latão. Nesses momentos de tortura e dúvida, eu me colocava na pele de Alice: o que ela teria feito? De que cor pintaria todas as coisas?

— A encomenda da tinta não vai demorar para ser entregue. Só falta a senhora decidir.

— Espere um pouco — dizia a eles, em tom amável.

— O tempo que demorar já não é mais problema nosso.

Mordia a língua. Ardia de impaciência com eles e vice-versa.

— Azul. Eu quero azul.

— Ah, muito bem, madame. Mas que tipo de azul?

Pensei em Alice e respondi, esticando o braço para o céu que tinha Paris naquele momento.

— Aquele!

Eu queria o céu de Paris. O encarregado da obra tirou um papel do bolso da jaqueta e depois de ponderar as possibilidades, metade por rejeição e metade por desafio profissional, olhou para o céu por um longo minuto e anotou alguma coisa. Ele queria provar que não eram necessárias mais perguntas, que sua credibilidade como especialista não abria espaço a nenhum tipo de dúvida, e ainda assim percebi como disfarçava suas dúvidas.

Eu me movi pelo impulso de Alice. Queria acreditar nela, mas tinha tanto medo de errar...

O café da esquina da rua George V, aberto e abarrotado de gente, foi meu refúgio naquela manhã tão desagradável em que havia marcado com Ardisson para ver o Museu de Arte Moderna. Pedi um café e perguntei se estava perto do meu destino.

O café estava fervendo. O leite também. O garçom me trouxe um pequeno copo de água, como se não tivesse o bastante com a que estava caindo lá fora. Bebi e ganhei de novo a rua.

Assim, tremendo, cheguei à praça próxima ao museu por volta do meio-dia. Queria arejar meu cérebro e oxigenar a vontade de ver o quadro de Alice Humbert. No entanto, a chuva e o vento terrível da tempestade arruinaram meu passeio. Tive de correr pela calçada, saltando as poças.

A tranquilidade dos parisienses com a chuva me enervava — tão calmos, tão acostumados ao mau tempo e, sobretudo, ignorando-o com aquela tranquilidade tão francesa. Repetia mentalmente: “Ande como eles, sem agitação”. Parei por um segundo em frente à chama dourada da Pont de l’Alma, que se levanta sobre o túnel onde a Princesa de Gales perdera a vida, e levantei o olhar para as janelas dos edifícios tão imponentes do distrito 8. De vez em quando, alguns trovões alteravam a cantilena permanente do tráfego no bairro.

A princípio, fiquei esperando na porta, ao lado da colunata na entrada, próxima à bilheteria para grupos, mas, como a multidão também começava a aproveitar para se proteger da chuva no mesmo lugar que eu, optei por comprar uma entrada. Afinal, meu amigo Mathieu Ardisson tinha avisado por mensagem de texto que não demoraria muito.

— Você não imagina como custa encontrar um táxi em Paris.

Era Ardisson que falava. Vinha ofegante e deixando um rastro de água do guarda-chuva molhado.

— Já me dei conta, é impossível. Que diferença de Madri, você não pode sequer imaginar.

— Oh, pequena turista. Vejo que sente falta!

— Não, não, me refiro à quantidade de táxis em Madri. É tão fácil encontrar algum livre! Aqui chego atrasada a todos os lugares. Estou mal-acostumada.

— É lógico. Em Paris você precisa memorizar bem o mapa do metrô.

Achei melhor me esquivar da verdade de um assunto tão pueril; não quis contar que não conseguia suportar as catacumbas dos túneis porque tinha uma claustrofobia infantil que carregava desde do tempo que brincava de esconde-esconde.

— Bem, se quiser, é melhor entrar. Vou acompanhá-la.

— Bem, eu tinha pensado em primeiro passear um pouco pelo museu, mas... Se você quer...

— Você está nervosa.

— Muito — respondi, desamparada.

— É apenas um quadro.

— Talvez seja apenas um quadro, mas para mim isso está se transformando em algo mais emocional. Não quero parecer medrosa. Mas há algum tempo todas as possibilidades dão voltas na minha cabeça, e nenhuma leva a uma conclusão sensata.

— Mas você por acaso tem vontade de ser sensata? Não viemos à vida para sermos sensatos! O medo é o que mais nos paralisa e o que nos deixa infelizes.

— Agora eu estou feliz.

— Você diz isso muito timidamente. Quando a vi na minha casa pela primeira vez, percebi que estava diante de uma aventureira que queria esbanjar a vida.

— Começar a vida, diria eu.

— Você se sentou com medo, quer que a lembre? Decidida a me explicar seus mistérios com a tabuleta de madeira e esse nome. Levantei e fui até a janela, fiz isso para que você relaxasse. Dei-lhe espaço.

— Acho que ainda estou nervosa por aquele momento. Pensei que você me acharia maluca.

— Todos somos loucos! Em alguns se nota, em outros não.

— Não tenho nenhuma dúvida.

Ele me fez sorrir enquanto continuávamos caminhando em direção à sala em questão.

— Como você quer que seja sua vida em Paris?

— Não sei o que dizer. — Hesitei. — Nova. Quero que seja nova. Eu deveria ser... — Voltei a duvidar e respondi com cautela — feliz.

— O que a impede agora? — perguntou ele, com voz franca.

— Acho que eu mesma.

— Eu insisto: o medo nos paralisa e não nos faz ser felizes. Você tem tudo para ser feliz. Inclusive mora na cidade onde quer morar.

— Sim.

— Então?

— Não sei. Acho que sou eu mesma que não consegue ver o que está ao meu redor. Quer que lhe conte o que dizia o meu professor de pintura?

Mathieu assentiu e pegou meu braço, me levando até um amplo corredor. Estávamos caminhando em direção à sala em questão.

— Ele me dizia que eu deveria aprender a começar de novo, saber colocar um ponto-final e arrancar o papel para começar outro desenho. Sem medo do erro. Eu me envenenava disfarçando as falhas para que não fossem vistas, e ele me injetava um tremendo impulso para rasgar o papel e começar.

— Pintar é bom para se distrair, por que você não faz isso também aqui em Paris?

— Não sei. Aqui não preciso. Lá era para passar as horas. Para me distrair.

— Quando você conhecer Paris a fundo, também vai precisar se distrair de novo. As cidades não mudam se não mudarmos.

Fiquei completamente desconcertada. O que eu poderia responder? Sem dúvida, Ardisson era aquele tipo de pessoa que mistura lucidez e sutileza analítica. Só que, para mim, naquele momento, obviamente, não me importava. Sou realista: eu estava na cidade onde queria estar, fazendo o que queria fazer; era completamente diferente. Procurando a ilusão que tinha sido perdida ao longo dos anos. E mudar de lugar tinha sido inquestionável para meu bem-estar.

— Você já se apaixonou? — perguntou de repente.

— Mas... o que é isso? Você parece um repórter!

Diante de meu manifesto incômodo, me sondou, franzindo a testa.

— Não se esqueça: apesar da idade, ainda sou um jornalista.

— Bom, mas prefiro responder ao amigo.

— A resposta vai ser a mesma, imagino.

— Bem...

Levantei o olhar para encará-lo, sem saber se desejava responder. Lembrava-me perfeitamente do momento em que tinha sido feliz. Então, ele me encarou firmemente com seu semblante de homem tranquilo e voltou a me perguntar, sem hesitação. Mantive o contato visual sem responder. Calada.

Fora do museu se ouvia o aguaceiro, e os relâmpagos da tempestade faziam tremer os vidros das janelas e minha tranquilidade.

— Bem, então falemos sobre sua loja enquanto andamos.

— Acho que vai ficar pronta em poucas semanas.

— Já? Ah, que bom!

— Pessoalmente acho que é impossível, está sendo tão complicada a restauração... Mas finalmente tudo vai dar certo. Eu sei.

— Tudo vai sair bem, também sei disso.

Meu coração parou. A sala do museu para onde íamos ficava depois da curva do corredor.

— Chegamos — disse ele.

— É estranho estar aqui.

— É interessante.

Ele se sentou em um dos bancos e expirou com vontade, reconhecendo seu cansaço.

— Este é seu lugar — disse então devagar, com voz profunda. — O quadro que estamos procurando está aqui.

— Como quer que eu fique calma quando você me conta assim de uma vez?

— E como você quer que eu diga? Não é a cripta do Santo Graal.

Então lançou um olhar arrogante.

— Teresa...

Mantive seu olhar enquanto ele se tornava mais paternal.

— Eu a trouxe aqui porque talvez este seja o lugar que você tanto procurou nestes dois meses. A resposta a quem foi esta mulher ou quem é você.

Senti minhas pernas fraquejarem. O que ia conseguir ali? Nada. Ver um quadro? Sentir cumplicidade com uma pintura do início do século? A coisa mais sensata a fazer era olhar, tomar um café e sair de lá com Ardisson. Talvez tivesse ido longe demais. Meus anseios de me sentir ligada a uma mulher que deve ter tido uma vida diferente da minha estavam imersos na fantasia de uma adolescente. No entanto, alguma coisa tinha me trazido até ali. Algo irracional.

— Veja, ali está.

— Quem?

— Meu filho, eu disse a ele para vir. Estava à procura de fotos nos arquivos, é apaixonado pela fotografia, pela pintura...

— Ah, que bom. Perfeito.

— Estamos aqui! Aqui! — gritou Ardisson.

Apareceu entre a multidão de turistas como uma visão a contraluz com seu casaco, seu chapéu e um cachecol violeta que se movia ao caminhar. Fiquei muito emocionada pela surpresa e pela alucinação. Realmente, estava nas mãos do destino, e aquele era o lugar onde deveria ter chegado anos atrás. O homem que vinha retirando as luvas e sorrindo no meio dos turistas era... Laurent. Meu querido Laurent...

Um arrepio percorreu meu corpo, não podia ser verdade, não, aquilo devia ser o resultado da tensão. Laurent, Laurent... Ficamos imóveis. Calados durante longos segundos, nos olhando nos olhos. Ele parecia tão assustado quanto eu.

— Teresa...?

— Olá...

— Teresa.

— Laurent...

Senti que desmaiava. Ele não estava morto. Seu perfume, o mesmo de anos atrás, voltou a preencher a atmosfera de felicidade, tal como quando senti sua respiração em minhas costas aquele dia na exposição. “Você gostou?” O trem dos sentimentos atropelou

todos e cada um dos dias do calendário que tinham passado desde que ele tinha me abandonado naquele sótão de Madri e fiquei órfã de amor. De seu amor. Eu vi o espanto em seu olhar assim como ele devia estar vendo em mim. Naquele momento éramos um espelho de sentimentos, incapazes de reagir. Acordei de uma letargia de anos ao ver que em seus olhos também estavam surgindo as lágrimas, ardidadas pelo sal.

Ele não disse nada. Nem eu. Ardisson nos olhou tão atordoado que só quebrou o silêncio para perguntar, como um raio a mais dos que soavam no exterior do museu.

— Vocês se conhecem...?

Dei um passo na direção dele para quebrar o gelo, mas só pude abraçá-lo sem dizer nada. Assim ficamos por um longo tempo, sem falar. Senti como seu coração batia com a mesma força que o meu por ele, por mim, por aquele adeus, pela dor insuportável que tinha causado sua despedida.

Capítulo 25

Fazia dias que a imagem de minha mãe na rua, com frio e enrolada em um cobertor, dava voltas em minha cabeça. Não existia como voltar atrás; já havia me distanciado dela tanto quanto da minha vida. Não só havia afastado seu olhar como também ignorado sua presença, quando ele me perguntou se eu conhecia “a senhora coberta que me encarava”. Senti medo e, hesitante, neguei com a cabeça. Quanto mais avançava, mais repulsa sentia pela mulher que eu estava me tornando.

Fui obrigada a admitir que me tornara muito parecida com Kiki na falta de empatia pelas coisas e pelas pessoas. Era uma nômade com relação aos sentimentos. Capaz de tudo. Levei muitos dias para começar a me esquecer da dor na expressão dela. Naqueles dias, minha vida avançava com rapidez.

Às vezes, fugíamos para uma casa de campo, onde também se hospedavam muitos artistas. Ficava próxima de uma pequena cidade chamada Le Blanc. Sempre havia aniversários a celebrar, como o de Pascin, no restaurante Dagorno. Ele apareceu vestindo um robe e um chapéu coco dourado, presenteado por amigos e que se transformou em seu amuleto. Ali estavam alguns conhecidos de Ęrno, Valentine, Leopold e Isère. E sempre havia as modelos, jovens que mudavam de nome e aspirações. Pascin, que me retratou várias vezes, dizia que “os quadros devem ser pintados de dentro para fora”. Nesse sentido, eu estava me apaixonando, de dentro para fora. No começo, Ęrno me dizia que eu era tímida, mas logo começou a me acusar, reclamando que eu “não parecia me animar” quando ele chegava com um novo presente. “Não sei como surpreendê-la”, disse uma tarde, no La Rotonde.

— É muito bonito.

— Já sei que é bonito. É o mais bonito.

— Gostei muito, meu querido Ęrno.

— E por que seus olhos não brilham?

Não sabia como explicar que estava me apaixonando como os retratos de Pascin, de dentro para fora. Pelo pouco que sabia de amor, tinha certeza de que essa era a pior maneira de se apaixonar, porque o medo do fracasso poderia colorir as coisas, mas como maquiar a dor interior? Como? Thora tinha me dito que, se continuasse assim, com “essa cara de aflição”, acabaria afastando Ęrno de mim. E eu estava tentando não me apaixonar, não me apaixonar, não me apaixonar...

Não me apaixonar mais.

No dia seguinte à minha volta de Saint-Tropez com Thora, Nils, Kiki e as garotas, minha dor evanesceu pouco a pouco com a notícia de uma viagem de Ęrno a Nova York com Leopold. Aquilo confundiu todos os meus instintos, porque me dei conta de que Ęrno estaria a quilômetros de distância, o que me daria tempo para pensar.

— Vamos, Alice — disse ele —, sabe que adoro você de todo coração. Vou porque preciso ir; preciso contar com você.

Ęrno andava pela sala, nervoso, e a única coisa que fazia era torcer as mãos e começar uma frase que não sabia como terminar. Levou a mão ao peito e encarou meu retrato sobre a lareira, aquele que nos uniu por acaso. A cicatriz de seu pescoço ficava mais visível quando ele estava nervoso, porque começava a se coçar sem deixar de inclinar a cabeça. Eu não gostava de testemunhar sua fraqueza, nem sua vulnerabilidade. Ele era o meu recife. A minha rocha. Precisava que fosse forte para que eu me agarrasse a ele como uma criança que não sabe nadar.

— Você sabe que vou para Nova York.

— Sim.

— Você precisa se divertir com as meninas, me contar tudo o que fizer, o clube, o ateliê de Coco, lembre que deve ir... Lembre-se de me escrever, e não se atreva a se esquecer de mim — disse, entrelaçando os dedos. Esforçava-se para conter as lágrimas, mas seus olhos estavam úmidos.

Por dentro, eu só conseguia ficar ansiosa diante de sua fraqueza.

— Venha aqui, me diga o que quer me dizer.

Seu olhar estava vidrado no meu quadro. Inclinou-se em direção à lareira, onde se apoiou. Pensei que, se estava tão nervoso, era porque havia alguma coisa que iria me desagradar; mesmo em um castelo de ouro e cristal, eu não era uma mulher feliz. Ao vê-lo apoiado no console da lareira, lembrei-me daquelas faíscas de lenha que ardiam na casa de minha mãe com meus irmãos e que queimavam os nossos pés, enquanto mamãe abrandava as queimaduras com sua saliva. Essa imagem me fez tremer, porque uma pessoa pode deixar a pobreza, mas a pobreza jamais deixa a pessoa. A vida tinha me levado até os grandes bulevares, mas quando sonhava, ou pior, quando tinha pesadelos, os lugares não eram as alamedas nem os parques pelos quais passeava agora com Ęrno; eram ruas estreitas, cheias de umidade e pacotes de comida que os Fresnault nos davam por caridade. Essa cicatriz era muito mais profunda do que meu amado escondia em seu pescoço.

— Preciso que me diga que sim — pediu Ęrno.

Levantou o olhar do mármore e se virou. Sorriu para mim.

— Tenho medo que você viaje com Leopold. Ele é um canalha — disse, afinal.

— Não poderia tê-lo definido melhor — retrucou, quando dei um passo em direção à janela, tentando me aproximar da luz.

— Pode confiar em mim. Mas hoje quero confiar em você.

Devo ter feito uma careta, pois ele repetiu a frase, antes de enfiar a mão no bolso.

— Claro que pode confiar em mim... — disse, nervosa.

— Vou sentir sua falta estas semanas — disse Ęrno, mais seguro do que eu de suas palavras.

— Eu também — respondi.

Cravei os olhos no chão reluzente e supliquei que terminasse alguma de suas frases. Eu queria desaparecer.

— Passo o tempo todo pensando em você e... — continuou, enfiando a mão no bolso para pegar uma caixinha de veludo. Ęrno engoliu em seco e acabou a frase em um tom de voz rouco. — E quando voltar da viagem quero me casar com você.

O recife, minha rocha, tinha se transformado em um solitário que só tive um segundo para olhar pois, nervoso, Ęrno pegou minha mão, procurou meu dedo anular e enfiou nele o anel. O sangue me subiu à cabeça, e uma lufada de ar preencheu meus pulmões. Talvez, se tivesse sido capaz de respirar e afogar minhas lágrimas, eu poderia ter dito a Ęrno Hessel o quanto o amava e o quanto estava sofrendo, porque ele era o homem que tinha mudado minha vida, porque estava louca por ele, adorava-o... Mas a única coisa que consegui fazer foi sorrir de modo estúpido e me jogar em seus braços.

— Por que você está chorando, Alice?

Agarrei-me ao seu pescoço, acariciando sua cicatriz como se fosse a enfermeira de guerra que o curou sem nenhum interesse. No meu dedo brilhava o diamante, e meu coração se encheu com toda a esperança do mundo, engolindo todas as minhas frustrações.

— Tenho medo de acreditar que podemos chegar a ser incrivelmente felizes.

Naquela noite, decidi ficar em sua casa. Abracei-o, beijei-o, agarrei-me a ele e coleí meu rosto em seu peito. Pensei na fragilidade de meus sonhos, na fraqueza que tive com outros pintores, enquanto saía com Kiki de madrugada. Ela dizia que a vagina era um passaporte para uma vida melhor e para fazer amizades. “Não é nada além de carne, use-a.” Contudo, era a primeira vez que me despia por amor e me assustei.

Tremia. Todo o meu corpo palpitava.

Não queria que parecesse eu estar pagando por minha felicidade com sexo. E nesse tremor de dúvidas e inseguranças, toda Paris me tornou pequena em sua cama. Quantos medos cabem em uma história de amor?

Tremia. Mais ainda. Se me mostrasse cheia de desejo, o que o meu corpo pedia, Ęrno perceberia minha falta de pudor, me entregando às suas explosões sexuais e por isso não pude relaxar durante a noite inteira. Era melhor que essa primeira noite passasse rápido para que não se detivesse nos detalhes; assim, reprimi meus instintos. Pedi que ele saísse do quarto para eu me despir, deitar na cama e esperar que entrasse. Ęrno aceitou e, quando apareceu de

novo, me encontrou como um pássaro, aninhada entre almofadas, delicada e indefesa.

— Ęrno, por favor, pode apagar a luz? — perguntei.

O quarto ficou quase escuro. Quase.

As cortinas estavam abertas e havia luz suficiente para iluminar seu corpo e ver como ele se despia aos pés da cama, sem deixar de me olhar. Tinha o corpo musculoso, sem pelos, firme. Senti vontade de sair dos lençóis e ir até ele, para tomar as rédeas daquela situação. Ficou claro que ele gostaria, mas queria ser diferente com Ęrno. Não tínhamos passado dos beijos, do roçar de mãos ou dos abraços intensos nas despedidas depois da ópera, dos jantares, das festas. Ele tinha mantido a prudência que, nesse momento, ali em pé, completamente nu, não conseguiu esconder: a luz que vinha dos postes da rua iluminava seu membro, disposto a selar nosso amor. Inclinou-se sobre mim, sem afastar o lençol que me cobria, e começou a se mover ofegante, enquanto balbuciava palavras de amor. Ęrno era um homem inteligente e com um corpo perfeito, mas agia de modo muito delicado para tanta beleza. Foi nesse momento que eu mesma afastei o lençol e me fundi a ele.

Capítulo 26

—Disseram que você estava morto.

— Disseram que você não queria me ver.

— Laurent... Você não sabe como tem sido a minha vida...

Então, meu pintor suspirou, exausto e, virando-se para meu lado da cama, disse as seguintes palavras:

— Teresa, meu amor...

Capítulo 27

— **D**iga-me que você terá todo tempo do mundo para mim quando voltar.

— Diga que você quer que eu volte de Nova York.

— É, não... Não deixe de pensar em mim.

Então, meu general suspirou, exausto e, virando para mim, ao lado da cama, disse as seguintes palavras:

— *Alice, mon amour...*

Capítulo 28

Fizemos amor a noite inteira. Várias vezes, até ficarmos exaustos de suor e cansaço. O desejo havia se transformado numa carapaça a ser rompida, e a ansiedade de nossos corações quase adolescentes, naquele momento, fez todo tipo de confusão na hora de nos abraçarmos, acariciarmos e nos beijarmos. Jamais o ato tinha sido tão desajeitado e ansioso. Parecia que perdíamos a virgindade outra vez, com os mesmos medos, os mesmos desejos. As únicas coisas que dizíamos eram frases entrecortadas por beijos, como se nunca fosse amanhecer, enredados em *amo você*, lembranças e juramentos.

Não conseguimos adormecer. O dia chegou e iluminou nossos rostos, como se dissesse que se fez dia em nossa vida. Por isso, consegui começar a falar.

— Conheci outros homens, mas duraram pouco. Todos me lembravam você, mas nenhum era você... Era como tentar procurá-lo nos corpos de outros. Também tentei ir à sua casa. Lembrava-me do caminho.

— Nós nos mudamos várias vezes — ele me interrompeu, cortando minhas justificativas. — Também começamos a ir de casa em casa, era uma forma de procurar ou fugir de um problema.

— Nós? O que aconteceu, Laurent?

— Meu pai e eu pouco temos contato, vim a Paris para ajudá-lo em sua exposição. Suplicou-me para morar com ele e ser seu braço direito.

— Conte para mim — pedi, em voz baixa.

Ele não respondeu de imediato. Desviou o olhar para além da janela, que mostrava um dia iluminado.

— Não sei por onde começar.

Suspirou.

— Laurent... — Comecei a falar para ajudá-lo. — Levou muito tempo, mas não perdemos a confiança...

— Eu sei.

Respirou fundo. Era visível o seu desconforto.

— Meu pai está morrendo.

— Seu pai? Ardisson?

— Sim.

— Oh, eu não fazia ideia! Em nenhum momento se mostrou fragilizado. Ou tenho sido uma idiota e não notei. Estou tão cega com o assunto das fotografias...

— Ele também está entusiasmado com a ideia.

A tristeza formou um vazio entre nós dois na cama.

Nós nos levantamos, sentando para conversar melhor naquele momento de desespero. O velho Mathieu, meu confidente, pai do meu amor, estava morrendo.

— Teresa, eu e ele nunca nos demos bem... Faz muito tempo. Eu me afastei dele porque não conseguia ver seu rosto, nem sequer vê-lo respirar.

— Mas...

— Meses depois de conhecê-la, meus pais me chamaram. Senti que deveria atender e, por isso, voltei para casa, mas logo ao chegar, vi que o relacionamento deles era um horror. Minha mãe era cheia de vida, era adorável, carinhosa e divertida. Não fazia nada além de cantarolar pela casa e me abraçar por qualquer coisa, como se eu fosse seu menino de quatro anos. Quando nos reencontramos, não tirava os olhos do chão e passava o dia bebendo, escondida na cozinha, na sala... Demorei meses para saber o que estava acontecendo, então tentei ajudá-la, levando-a para passear todos os dias. Íamos a cafeterias, teatros e pequenos concertos... Eu era mais seu pai, seu marido, seu protetor, do que seu filho. As tardes eram somente para ela, para ficarmos juntos e fazer planos que eu organizava, ainda que fosse apenas dar uma volta pelo Jardim das Tuileries, tomar alguma coisa e voltar. E toda vez que eu voltava, era a mesma coisa: minha mãe presa na angústia, sentindo uma dor tão profunda que terminou por vencê-la.

— Você fez todo o possível...

De repente, os olhos de Laurent endureceram e se encheram de lágrimas.

— Não sei. Ela se suicidou em uma das tardes que íamos ao teatro, porque eu a deixei sozinha. Disse que estava bem, que eu saísse naquela noite com meus amigos, que a deixasse em casa porque estava cansada. Então, atendi sua vontade, fui beber e voltei de madrugada. Nem percebi que estava caída, morta, na sala. Os médicos disseram que eu poderia ter salvado sua vida, que os comprimidos a fizeram dormir, que... Eu nem me dei conta de que ela agonizava a poucos metros de mim. Nem percebi... Fui direto para o quarto.

— E Mathieu, seu pai?

— Ele chamou a polícia antes de me avisar. E esperou que os agentes chegassem para que o barulho me despertasse. Ele sabia, ele sabia que ela estava mal, sabia o que poderia acontecer e não mostrou nenhum sinal de arrependimento. Ela, coberta com um lençol, saindo em uma maca, e ele telefonando de costas para não olhar. Percebi como uma dessas vozes era familiar — a voz de uma mulher que lhe pedia tranquilidade. Você já pode imaginar o resto. Não consegui mais ficar naquela casa, nem vê-lo, nem sequer recolher as coisas de minha mãe. Essa ideia se transformou quase em uma obsessão para mim, eu poderia tê-la salvado.

— Você não acredita nisso...

— Sim. Acredito — disse ele, sem levantar os olhos.

Ele duvidava de tudo.

— Ninguém teve culpa — garanti para evitar mais dor em suas palavras.

— Como você pode ter certeza? — ele questionou, com um tom dolorido.

— Você está mais velho, ele está mais velho... Doente... Já não vale a pena.

— Com certeza quanto a isso você tem razão. Não me pareço com ele, não sou como ele.

Voltou a se lamentar, e seus olhos se encheram de lágrimas de novo.

— E... Por que você veio?

Laurent me encarou em silêncio, depois encolheu os ombros e continuou falando.

— Sei que o tempo passou e também sei que sua doença serve como meio de chantagem para me manter ao seu lado, mas... Não posso arcar com mais culpas. Não suportaria, nem sou tão forte. Além disso, a exposição é sobre a mulher francesa e sei, conhecendo o meu pai, que é uma forma de expiar seus pecados, recordando da minha mãe. Reconheci suas mãos no cartaz que estão preparando na gráfica. Não poderia esquecer os dedos finos da minha mãe, sem anéis, cheios de vida. Esse gesto tão dela de segurar uma das mãos com o polegar e torcer os dedos.

Levantei-me e estendi a mão para tentar recuperar a proximidade entre nós.

— Não negue a ele esses dias, Laurent, posso ajudá-los a se aproximar.

Pensei em uma forma de dizer que, assim, eu também estaria mais próxima dele. Tinha demorado mais de quinze anos para aparecer, e o acaso o havia colocado ao meu lado de novo. Entretanto, percebi em seu rosto, quando tive coragem de olhar para ele, que no fundo não tinha perdoado seu pai e que sua presença em Paris era circunstancial. Mas ele, que desejava controlar tudo, havia engolido a exposição, com seu pai e com as lembranças. Esperei até sua respiração se acalmar para abraçá-lo e murmurei, incapaz de formar uma frase coerente:

— E eu? Nossa Paris... Você vai embora, de verdade?

Ele me olhou com generosidade.

— Não sei o que fazer. Quero ajudá-lo com a exposição, porque é seu último sonho, mas não suporto ficar próximo dele.

Engoli em seco. O golpe me abalou de tal maneira que me impediu de escutar sua justificativa.

Capítulo 29

Alguns dias depois de Ęrno partir para Nova York, comecei a trabalhar no ateliê de Coco Chanel. Como esquecer a imagem perturbadora daquele lugar? Ela era a imperatriz daquele batalhão de modistas distribuídas ordenadamente entre mesas amplas repletas de tecidos, tesouras e linhas. As garotas da costura entoavam baixinho sempre a mesma música — a trilha sonora de tardes que, para elas, eram rotina e, para mim, todo um acontecimento indiscutível, impossível de descrever por conta da minha fascinação: não paravam de chegar, acompanhadas de suas damas de companhia, senhoras da burguesia que desejavam ouvir os conselhos de *mademoiselle*, sem resmungar. Para Chanel, elas não eram mais do que clientes a quem impunha seu estilo simples e impessoal. Quando perguntavam o motivo, dava de ombros. Chegavam sem parar cartas, bagagens, pacotes do estrangeiro, presentes...

— Deixe isso aí! — dizia ao mensageiro depois de lhe dar uma gorjeta. Não olhava no rosto de nenhum deles, temendo que algum se parecesse com “Boy”.

Para mim, aquele lugar era um salão de baile, sempre brilhante e recém-encerado, em que as costureiras se moviam com a harmonia de um exército eslavo. Mamãe ficaria exultante só de ver minha felicidade atrás de algum dos biombos que ornavam os cantos. Pensava em levar para ela alguma coisa que não era usada. Às vezes, sentia o impulso de voltar para casa e lhe contar que, naquele lugar, minha dor tinha se transformado em festa.

— Um grande fotógrafo da Croisette tirou uma foto com um chapéu parecido com aquele, querida Gabrielle — disse uma bela

cliente, enquanto desabava na *chaise-longue*. — Não faltaram admiradores naquela noite — completou.

— Eu me lembro — cortou Coco. — Não vale a pena.

— Levei vinte chapéus — insistiu em lembrar.

— Vinte! São muitos! — deixou escapar uma das garotas ao meu lado.

Em seu tom de voz havia a mesma surpresa que eu sentia.

— À noite, perdi um — explicou outra, em voz baixa. — Vai saber onde.

— O que você não perde...

— Ora, cale-se! Como se você pudesse falar de mim.

A vida nunca parava naquele ateliê. As malandragens da vida alegre das garotas — a nossa vida — diminuía quando as senhoras, como princesas de casquete apertado na nuca, narravam com entusiasmo suas viagens por Nice, São Petersburgo, Deauville, hotéis sob o sol de Saint-Tropez... Em silêncio, participávamos das crônicas — como ignorá-las? — e descobríamos que só falavam de amantes, generais, leituras, móveis, cristais Lalique, joias Cartier e filmes em que apareciam os modelos de vestido que queriam ter. A reação de Coco, naqueles momentos perdida nas trevas, era de aversão. Não queria enfeites, porque tudo em demasia era supérfluo; qualquer adereço ia direto para a lixeira de desenhos, sem qualquer consideração. Da mesma forma que manuseava um figurino com muita compostura, fazia piada descaradamente com as cafonas que, quanto mais dinheiro, mais laços pediam. “Não”, era sua resposta. Coco era uma mulher frágil e forte ao mesmo tempo, e, então, compreendi o quanto aquelas três letras eram adequadas. Era o último muro que se erguia entre minha vida anterior e eu. Também aprendi a dizer não. Algo que para Kiki e as garotas pareceu terrível.

— O amor não é incompatível com a diversão, querida.

— É que estou exausta, passo as manhãs com Coco — eu dizia, para dar uma desculpa e não me juntar a elas em suas aventuras noturnas. — Acordo muito cedo. E prometi a Èrno.

— Chata, entende? A futura sra. Hessel é uma mulher chata.

— Você sabe que estou ansiosa pela volta dele...

— Oh, não! Não tinha percebido. Entre você e Thora, vou ficar sem amigas. Ainda bem que os homens ainda me querem.

— Todos eles?

— Se for preciso, todos! Não tenho objeção. Além do mais, com você fora do mercado, sobra mais para mim.

— Quando Ęrno voltar faremos planos, mas agora quero tirar todo o proveito do ateliê de *mademoiselle*. Isso é tão apaixonante, você nem imagina... Na verdade, ela me disse que vai me ajudar, se eu quiser montar meu próprio negócio.

— Ainda pensa em sua loja?

— Você sabe que sim.

Kiki murmurou algo. Apertou os lábios, como se estivesse tentando ler meus pensamentos. O melhor e o pior da minha amiga era que sabia ler as entrelinhas — até calada conseguia arranhar minhas preocupações. Teria dado minha vida para saber o que ela estava pensando naquele momento e, ainda assim, podendo perguntar, não tive outra opção a não ser me calar e evitar ser dissecada por completo.

— Quero que saiba que estarei ao seu lado, como estive quando saía manchada de tinta e batom dos outros ateliês — disse-me Kiki, enquanto saíamos da cafeteria.

Estalou os dedos — gesto típico que fazia quando queria mudar de assunto —, retocou o batom e, agarrada ao meu braço, me acompanhou de novo até a porta do ateliê de Coco. Minha amiga sabia muito bem que eu era uma mulher que vinha da outra Paris que não usava vestidos de chiffon nem brincava com as pérolas na saída dos restaurantes; eu conhecia o sabor da cebola e já tinha mendigado queijo para dividir com meus irmãos. Tinha o estômago afeito a tudo e a pele acostumada ao frio, por isso meu maior medo agora era despencar em queda livre se me faltasse o apoio de Ęrno na alta sociedade. Com ele, todas as demais portas, que agora estavam abertas para mim, poderiam se fechar. “Tudo vai ficar bem”, pensei. Prendi o fôlego para me despedir de Kiki e percebi como mergulhava no oceano de minhas preocupações.

— Um homem não separa duas amigas. Nem mesmo dois homens. Você sabe que estou aqui.

— Sei disso, Kiki.

— Lembre que Leopold é um *playboy*, que Ęrno é seu amigo... Que são homens, que os homens...

— Pare já com isso!

— Falo com carinho, porque amo você... Não faça muitos planos. Eles são de um jeito; nós, de outro.

Percebi que, ainda que na aparência, minha teimosia em não ouvir Kiki servia, pura e simplesmente, para que eu não tivesse de lidar com minhas contradições. Talvez ela tivesse razão, mas eu queria, suplicava, que fosse só uma hipótese.

— A propósito, preciso me apressar, porque estão me esperando — disse, brincando com as pontas do cabelo *a la garçonne* para banalizar o momento. — Não quero perder um minuto!

A rainha de Montparnasse estava envolvida com outro de seus amores, mas continuava, como sempre, combinando-o com rum e canções. Na verdade, era agora mais uma das estrelas que povoavam os cenários, atuando, cantando, pintando e deixando-se fotografar por sua cara-metade, Man Ray, em todo tipo de publicações. Sempre nua. Desprovida de pudor e de medos. Minha adorada Kiki era o centro de Paris e exauria as vinte e quatro horas do dia com tanta paixão que renascia e morria a cada amanhecer, como um bicho da seda. Eu, ao contrário, me reprimia para evitar a tentação. Os medos nunca me deixavam, por isso me maquiava tanto.

Assim que Kiki partiu rumo ao seu destino, subi até o ateliê da *rue Cambon*. Entretanto, acreditava ter tocado meu ponto fraco e meus medos sobre meu futuro. Para que os sonhos aconteçam, é preciso sonhar muitas vezes, e eu estava com tanto medo de perdê-lo que não conseguia traçar uma linha reta entre dois pontos. A chave da minha segurança estava em meu mundo, no bairro de Mouffetard, que já era uma mera lembrança. Fora dele, eu precisava de outros apoios. A chave, agora, era ele. Meu futuro. E todos os meus esforços para ficar atenta às tesouras e linhas foram em vão.

Ainda estava perdida em meus pensamentos sobre meu lugar no mundo quando vi que Coco vinha em minha direção, como sempre vestida de preto da cabeça aos pés. Seu olhar cruzou com o meu, perdido na janela, e fingi que não percebi. Para minha desgraça, o

que eu tinha nas mãos era um vestido de madame Arnauld, uma de suas amigas. “Lição número 1: estar atenta. Lição número 2: não manchar os tecidos.” Virei a cabeça bruscamente e percebi que tinha começado a sangrar em cima do vestido.

— Sinto muito, *mademoiselle* Chanel! — disse, atordoada, limpando na saia o sangue que saía da minha mão.

Desconcertada como eu, ela me estendeu seu lenço para cobrir a ferida.

— Alice, vi como você se cortou com as tesouras e nem percebeu.

— Não vai acontecer de novo — eu disse, envergonhada por ter manchado o tecido —, garanto que não.

— Sei que não. O que você tem? Conheci uma garota segura de si mesma, além de atrevida. E agora estou diante de uma que parece ser uma recém-chegada à cidade.

— Sinto muito.

— Você já disse que sente muito. Quero saber o que está acontecendo. Como você mudou desde que a conheci... E não me diga que são só seus nervos.

As costureiras se esconderam, ouvindo nossa conversa.

— Volte ao que você era — disse ela, com certa arrogância.

— É... Como dizer? Medo.

— Medo? De quê?

— Bem, medo de estar aqui, de falhar, de não estar à altura do que espera de mim...

Ela me encarou em silêncio, a mão apoiada na cintura e a outra na mesa, onde ainda se via uma mancha de sangue, junto às tesouras. Ficou assim um bom tempo, indiferente, me olhando com os olhos bem abertos. Pareceu que não acreditava em mim e, por fim, acabei sendo honesta.

— Não sou a mulher que aparento ser. E temo que Erno se dê conta disso.

Seu olhar mostrava discordância. Pegou as tesouras e, decidida, rasgou por completo o tecido onde o sangue havia caído.

— O que a senhora está fazendo? Eu podia lavar o vestido.

— Minha querida Alice, esse tecido é só um pedaço de vestido. A sra. Arnauld pode pagar duzentos vestidos como esse. Muito mais.

Eu mesma posso convencê-la a escolher outra cor, outro desenho, outro tecido. Entretanto, não posso convencer um homem que decidiu amar uma mulher. Erno está apaixonado por você, eu o conheço bem, e não há tesouras capazes de romper seus sentimentos.

Ela deu meia-volta e, ao chegar à porta de seu escritório, virou.

— E não manche mais nada! — advertiu, esperando uma reação das outras garotas do ateliê.

Terminado o trabalho, fui para casa. Meu apartamento era tão acolhedor que quase me esquecia que era uma mulher feliz e apaixonada. Ainda estava com o lenço de Coco amarrado entre os dedos para conter o sangue da ferida; ao tirá-lo, já seco, descobri que entre as linhas da minha mão tinha se formado outro sulco que partia em dois a linha da vida.

Reconheci meu medo no espelho, mas não o rosto refletido, fragilizado pelo pessimismo. Procurei no armário o colar de esmeraldas que Erno tinha me dado na noite da festa na casa de Coco, e o acariciei como se estivesse roçando a cicatriz de seu pescoço, ele vestido como naquela fotografia de general. Logo percebi que, ao apertar a joia entre os dedos, a ferida também se abria, e o sangue manchava as pedras.

Estremeci sem querer.

Capítulo 30

A viagem de Ęrno estava se prolongando, e as palavras de Kiki não faziam nada além de me perturbar. Por menos que eu quisesse, se ele demorasse mais para voltar, acabaria dando razão a ela. Um dia sim e outro também, tinha de me afastar do ateliê para molhar as tēmporas, enjoada pela pressão dos dias e pela ausência. Nova York era tão longe que eu contava os dias da travessia como se, com isso, fosse acelerar as caldeiras do navio, quando a única coisa que fazia era aumentar o ritmo das batidas do meu coração. Vomitava cada vez que pensava em Ęrno olhando pela janela para aquela banheira gigantesca que era o mar. Iludida, como se ele fosse chegar a cada tarde, olhava o relógio e, apressada, punha em ordem minhas coisas no ateliê a fim de ir para casa. Acreditava que, ao correr para trocar de roupa e esperar sua chegada, faria o tempo andar mais depressa. Coco me entendia bem. “Os nervos são ótimos para começar a parecer apaixonada”, dizia.

— Quem dera pudesse nadar para encontrá-lo.

Falava dela. De sua perda. Então, entendi que eu podia esperar; ela, não. E que a espera pode ser tão angustiante quanto prazerosa.

— Quem dera! — eu disse, tocando um dos tecidos que, por conta da minha impaciência, escorregava da mesa dos moldes. Aquilo me pareceu injusto, e escondi minhas emoções para me acalmar. Resolvi meus assuntos entre fios e tecidos e saí rápido. Não sei como cheguei em casa. Talvez o “quem dera” de Coco tivesse me levado até o limite de minha angústia. Quando percebi, estava na banheira, brincando com a espuma e olhando minha imagem distorcida nas bolhas de sabão que me refletiam de um modo infinito, de fora para dentro.

Eu, no meio do meu mar.

Soprei as bolhas como quem sopra as velas de um barco ao vento.
Ele estaria no meio de outro mar.

Fiz o que fazia todas as tardes desde que ele tinha partido para Nova York, cada dia da semana, esperando... Esperando por ele... Escolhi o vestido que me caía melhor, vi que o meu cabelo estava perfeito, passei perfume e, depois de me olhar no espelho não sei quantas vezes, porque ia e vinha correndo do banheiro até o quarto de vestir, ajeitei o colar no pescoço para que Erno encontrasse a Alice que esperava. Assim fiquei por um tempo. “Pensei que não fosse chegar, que tivesse se esquecido de mim, achei que...”

As odiosas vigas do teto vibraram pela presença de alguém subindo as escadas do prédio. Sorri alegre.

Bateram à porta.

Capítulo 31

Uma das vantagens da felicidade é que ela pode fugir ou chegar à porta em segundos. Um jovem simpático perguntou pela srta. Humbert.

— Sou eu. Alice Humbert.

— Esta carta é para a senhorita.

Os remetentes eram os Fresnault, sem mais nenhuma informação. Nada indicava qual deles tinha enviado a carta. Supus ter sido o marido, porque reconheci a letra. Rasguei o envelope com cuidado e retirei a folha, em que se lia.

Querida Alice,

Creio que esta carta chegará tarde. Deve saber que temos muito carinho por você e nunca esquecemos sua companhia, sempre tão feliz e amável conosco. Essa ausência não fez mais do que aumentar nosso amor à sua família, e entendemos que, se você não está aqui, é porque a vida tem sido generosa com seus sonhos, e o rumo que escolheu será sempre o que sua família desejou para você.

Tanto minha esposa quanto eu temos boas lembranças de sua infância e adolescência e sabemos que você será uma mulher feliz. Sem dúvida, seu anjo da guarda deve estar protegendo você como tem nos protegido. Assim desejamos que continue. Contamos que venha algum dia em nossa casa, porque sempre foi e será bem-recebida, mas não pudemos encontrá-la em Paris até agora. Imaginamos, contudo, que ainda não saiba da terrível notícia. Sua mãe faleceu depois de uma doença longa, seus irmãos já não estão...

Não havia ar suficiente, eu não conseguia respirar; mamãe tinha morrido. Balancei a cabeça e amassei o papel, não conseguiria suportar ler mais nenhuma palavra. Nenhuma mais... Nas ruas, ouvia-se uma banda de música agitando as calçadas com corridas e danças que acabaram por me destruir, a música da felicidade alheia se mesclava com a imensa tristeza que encheu subitamente meu quarto. Eu era um cadáver vivo. As pessoas gritavam canções, e eu estava envenenada de dor, enrugada, com o mesmo frio que minha mãe deve ter sentido naquela noite que a tornei invisível. A angústia me atravessava o corpo até me fazer chorar. Conseguia perceber minha pulsação no pescoço, afogando minha respiração. A dor me fez sentir a mulher mais miserável da terra, porque enquanto tentava assimilar a morte, escutar a música, respirar, ficar em pé, não conseguia tirar da cabeça a imagem de minha mãe, envolta em um cobertor, paralisada de frio, enquanto eu me escondia no carro de Ęrno. Naquela noite, fugi dela, mas também de mim, sem saber que seria a última vez que a veria viva, me encarando, esperando alguma coisa de mim. De um modo, nós duas tínhamos morrido. Com uma diferença: eu não pude me despedir.

Deixei a carta cair no chão e me sentei, olhando para a porta; o garoto tinha acabado de ir embora. Nunca voltei a me sentir tão mal em minha vida — posso repetir isso até esgotar as palavras que me restam — porque nunca senti tanto assombro de mim mesma. Naquele momento, percebi que estava sozinha, e assim ficaria para sempre. Sozinha. Quem foge da verdade acaba tropeçando nela. Acredita-se que viveremos para sempre e que existe tempo para corrigir seus erros, mas não. Os erros se encarregam de jogar sal em nossos olhos.

Desci à rua vestida como estava: cheirando à dor e a perfume.

— Desculpe — disse um dos que iam batendo tambores, enquanto eu secava minhas lágrimas com os punhos.

Ele carregava uma bandeira cheia de franjas; agarrou-me pela cintura e me obrigou a dançar com eles.

— Venha, beleza!

— Solte-me! — gritei.

Minhas costas endureceram, lembrei-me da noite que aquele médico tinha tentado abusar de mim. Tratou-me como o que deveria estar aparentando ser, um desperdício. O músico bêbado, que me agarrava pela cintura, tentou me beijar. Eu me safei, correndo entre os tambores, tropeçando neles, rasgando o vestido como se rasgasse a alma. Nas ruas por onde corria, vagabundos e meliantes que começaram a me assustar como jamais tinha acontecido me rodeavam. Aquele frio proporcionado pela solidão real e que antes não me assustava. As pessoas andavam pelas calçadas com vigor, pulando poças, e a água corria pela sarjeta cheia de lixo.

Cheguei à casa de minha mãe com a esperança de que tudo fosse mentira; esmurrei a porta para que a abrissem. Não havia ninguém. A porta cedeu, e caí no que havia sido meu lar durante tantos anos de pobreza. Engatinhando como devo ter feito quando criança, procurando minha mãe, segui pela casa às escuras, chamando “Mamãe, mamããããe?”, sem nenhum êxito. Tropecei nas cadeiras, desabei em uma delas, na qual ainda senti o calor de tantos invernos. A solidão que as casas têm depois da morte é infinita. Minha mesa estava onde tinha de estar, junto à janela em que olhávamos o rebuliço da rua e onde comíamos o que os Fresnault nos davam. Arrastei a cadeira até as janelas, tratei de não olhar para o cobertor com o qual mamãe cobria as pernas, e fiquei horas, entorpecida, no frio do que tinha sido um lar.

Afastei o rosto das fotografias que tínhamos sobre a lareira — agora escura como a entrada de um túnel — então alegre como se fosse sempre Natal. No aparador, imortalizados, estávamos nós quatro, os rostos limpos e os cabelos penteados para trás. A blusa da minha mãe, emprestada para aquela sessão, era de rendas abertas, sobre as quais ela pusera um broche, também emprestado da esposa do fotógrafo, que nos olhava com inveja da felicidade alheia. Ela beliscou nossas bochechas para ressaltar a alegria que já vinha de casa — porque essa não havia como esconder com joias emprestadas — e nos beijou. Depois, veio o flash ofuscante. Minha boneca estava sobre o peitoril das janelas, junto do cesto de vime com agulhas e linhas.

Aparentemente, a casa estava viva; também era perceptível o calor dos corpos que tinham acabado de sair pela porta. E as pegadas estranhas, que em outro dia pareciam visita, agora se tornavam intrusas na calma de uma casa que nunca seria um lar. Um silêncio tóxico encheu o ar de solidão. Colei o rosto no vidro gelado da janela, e a respiração delineou minha silhueta. “Mamãe, mamããe...?”, voltei a chamar, sabendo que não teria resposta.

— Mamãe...

O laço de seu avental pairava atrás da porta, pendurado no prego em que sempre o deixava para sair e nos abraçar. Usei seu espelho para secar as lágrimas e ver o deserto que tinha se instalado em meus olhos. Limpei-me com o pano e foi pior, porque todo seu cheiro de mãe me impregnou até os ossos. Ansiei por abraçá-la.

Aquele era um lar pequeno e tranquilo; era minha casa. Apenas onde sua mãe está é sua casa. Assim, sentei, destruída, em sua cama. O quarto era pequeno e austero; ao centro, tocando na porta, ficava sua cama de madeira e metal que, inexplicavelmente, não estava tão gelada quanto o resto daquela que sempre fora uma casa que congelava as articulações. Às vezes, dormíamos juntas para evitar que amanhecêssemos congeladas de frio, esfregávamos as mãos antes de sairmos das cobertas, para pelo menos conseguirmos nos vestir. Uma luzinha vinda da rua iluminou seu lado da cama, como se me obrigasse a olhar naquela direção.

Podia vê-la dormindo, quando se deitava antes de mim.

Olhei, prendendo a respiração.

Perguntei como pude ser tão má, fugindo naquela noite, e a cama rugiu ao me deitar sobre a manta de lã. Senti-me abandonada. Passaram meus cinco anos, meus sete anos, meus doze, meus catorze, meus quinze anos, e ela aparecia de qualquer lugar, com as costas curvadas para me abraçar. O que teria sido de mim sem ela? Ou pior — o que seria de mim sem ela...?

O ruído da madeira da cama foi a única resposta, como um lamento que se fundiu ao meu, agonizante.

Finalmente, quando o som se perdeu, saí pela porta, fechei-a e fui embora, perdida pelas ruas, para o meu novo lar.

Na fachada escurecida, onde tinha vivido tantos anos, vi a figura de minha mãe na janela, como quando eu ia para a escola, bem cedo, com meu livro e meu lápis bem-apontado à faca. Pareceu-me ver sua mão colada ao vidro; levantei a minha, como se a tocasse em uma tentativa absurda de me despedir ou pedir perdão. A dor subiu pelo pescoço até meu rosto.

Chorei.

Ao chegar ao fim da rua, um homem fez um gesto displicente com a cabeça e me chamou pelo nome, no meio da noite.

— Alice...

Escutei com medo como, zombador, voltou a repetir meu nome em voz baixa. Não havia muito para ver, apenas um poste ao fundo, que devia me iluminar como um fantasma errante. Passei a mão pelo peito para acalmar o medo e mudei de calçada, tentando evitar a silhueta do animal que caminhava até mim.

— Bem, bem, pequena Alice.

Era a voz de Kisling que caminhava, bêbado. Entretanto, a solidão me fazia sentir medo apenas de mim.

— Não imaginava que a encontraria por aqui, a essa hora...

Com certeza, minha expressão me traiu, porque ele se aproximou.

— Você sempre foi uma ave noturna.

Beliscou com força meu bumbum e me apertou contra ele, aquecido pelo rum consumido em algum bar. Eu estava gelada e incapaz de expressar meus sentimentos. Kisling parou e me abraçou para não cair no meio-fio, encharcado de frio. Abracei-me a ele para não cair no abismo.

Não tive de dizer nada para que me levasse até sua casa. Esse era um de seus segredos.

— Não fica longe — disse. — Ali vai ficar mais aquecida.

Com certeza, não me lembrava de que já tinha estado em sua casa. Tampouco precisava de alguma explicação para sair por aquelas ruas, porque foi ele quem, me cobrindo com seu casaco, me fez mudar de pele como as cobras. Não há muitos lugares onde encontrar o objetivo, mas há muitos lugares para onde fugir. Suas mãos ásperas, sujas da pintura e rescindindo a tabaco e rum,

serviram de incentivo para que eu saísse dali e deixasse minha pele nos esgotos.

Sem dúvida, percebeu meu desamparo, porque me levou caminhando, colada a ele para me proteger do frio da noite, ao mesmo tempo que me empurrava presa como uma borboleta em um frasco de vidro.

Seu ateliê não ficava mais na *rue Campagne Première*; tinha se passado muito tempo desde a última vez. Agora se escondia no número 3 de Joseph Bara, onde Modigliani pintara até sua morte, pelo que soube pela última conversa com Kiki.

— Desculpe — disse, lutando com suas mãos lascivas que entravam pela minha roupa.

Kisling agarrou meu pulso e me obrigou a despi-lo.

— Alice, não é a primeira vez. Veio aqui para que eu a pintasse, lembro-me de que gostou de se sentir observada, era tão provocante, quando pendurava a roupa... Lembra-se? Você precisa encarar a realidade. Este é seu mundo. Esqueça-se dos grandes salões e volte.

— Moïse, você está me assustando — eu disse. — Por favor, me deixe sair. Estou arrasada.

— Você já não é mais criança. Estamos sozinhos.

Kisling balançou a cabeça.

— Olhe como está pálida, beba um pouco de rum — falou, se aproximando com uma garrafa que tinha aberta sobre a mesa dos pincéis. — Tome um gole.

Ele era capaz de qualquer coisa, e eu, naquela noite, estava perdida e mais vazia do que nunca, de modo que meu corpo não era mais do que o invólucro de um pacote oco. Kisling e eu começamos a fazer amor aos tapas, com sua violência habitual que tantas tardes havia me capturado depois de fechar o estúdio. Agarrei-me à mesa para não cair. As mãos suadas percorriam meu corpo em uma euforia que misturava bebedeira e paixão. Eu estava tensa no começo; logo me deixei levar por sua excitação e seu calor. A ideia de pensar que estava gostando me dava arrepios. Não era preciso dizer nada.

Meus gemidos deixaram claro que ninguém fazia amor comigo como Moïse. Agitamo-nos de maneira desesperada.

— Vou me vestir — eu disse. — Quero ir para casa.

Seu rosto se contraiu.

— Quero pintá-la.

No começo, fiquei surpresa, mas nessas horas em que o dia despontava por entre os telhados de Paris era a mesma coisa, fugir ou ficar.

— Está bem — balbuciei.

— Fique como está.

— Assim?

— Sim, isso — respondeu.

Sentia-me incapaz de mover um só músculo depois de vomitar tantos sentimentos. Permaneci impávida, apoiada no sofá, como se tivesse sido abandonada. Ele me observava como se estivesse longe, seus olhos vítreos como os de um réptil que sabe que a presa já é sua.

— Afaste esse tecido — continuou. — Não encolha as pernas, deixe-as assim, abertas. Está linda, não existe pintor que possa retratar a imensidão de sua beleza.

— Tiro *isso*? — perguntei.

Kisling balançou a cabeça. Inclinando-se para a frente, sussurrou.

— Para mim, tanto faz.

“Isso” era o colar de Ęrno que, entretanto, eu ainda carregava preso ao pescoço, as esmeraldas com que havia me presenteado aquela noite em que eu deveria estar feliz e que eu tinha sido incapaz de tirar. Soltei um lamento nervoso, que Moise entendeu como um suspiro lascivo, e respirei fundo para não vomitar o terror que começava a subir por minhas veias.

Capítulo 32

Aquele inverno foi muito duro, talvez o mais rigoroso de minha vida, porque significou um antes e um depois em meu modo de ser. Eu nunca tinha confiado em mim mesma, mas agora temia que tampouco pudesse confiar nos outros. Isso era o pior. Na manhã seguinte, decidi vagar pelo meu velho bairro para contemplar o que restava de mim naquelas calçadas velhas; ter forças para voltar a entrar em casa. Andei pelo bairro perdida, fingindo procurar uma determinada porta, parando caprichosamente em cada número, respirando o cheiro das bancas de verduras, de frutas, dos queijos, da lenha queimada, das flores... Perdida até tropeçar em uma criança que saía correndo da minha porta e que lembrava a mim, quando sabia que nada poderia me acontecer porque mamãe estava em casa.

A pequena me sorriu de leve, como se tivesse lido meus pensamentos.

“Olá, senhora”, cumprimentou, enquanto arrumava o vestido e passava diante de mim.

— Olá — respondi, de repente, aflita. De trás dela saiu a mãe, pedindo que abotoasse bem o casaco. “Sim, mamãe, sim, mamãe...”, respondia, correndo livre entre as bancas.

— A mamãe cuida — balbuciei, sabendo que não me escutavam. Aos olhos de qualquer pessoa que passava por ali, eu era uma estranha que vagava sem rumo. Peguei todas as coisas da minha mãe do pequeno armário que tinha aos pés da sua cama, de maneira automática, tentando evitar emoções e deixar me levar pela lamentação que cada peça me evocava; ajudei os Fresnault, dando a eles alguns de nossos pertences humildes, e fechei à chave a porta. Antes de sair, me apoiei na parede, em um choro infantil que não

aliviava nenhum dos meus lamentos. Gostaria que fosse tudo um sonho para poder acordar, mas ali não estava nada além de mim e dos meus arrependimentos. As lágrimas não me deixavam escutar o silêncio que escapulia dos quartos. Não soube para onde olhar. Concentrei-me em minhas mãos, que se pareciam muito com as dela. Quando terminei de chorar, me recompus e desci as escadas sem fazer barulho, para não chamar a atenção dos vizinhos. Era o fim de uma etapa. A minha e de mamãe. Despedia-me de tudo aquilo que acabava com um beijo na testa, um café com leite quente, um “Cubra-se, Alice”, um abraço forte do qual sempre queria escapar para sair à rua e agora, agora, queria que fosse eterno. Sempre desejamos o dia quando a noite chega. Sempre quis crescer. Para quê?

Enquanto voltava para casa, pensava nela. Lembrei-me do dia em que fiquei diante de uma cafeteria, em que começavam a esquentar as chapas, e desejei comer um crepe açúcarado de café da manhã. Eu era uma criança e levantei a mão para indicar meu desejo, mas com tanto azar que encostei os dedos no ferro quente. O desejo resultou ser bastante doloroso. Talvez, naquele momento, não percebi o verdadeiro amor de minha mãe quando, em meu desespero, colocou minha mão em sua boca, para aliviar a dor com sua saliva.

Como aliviaria agora meu desconsolo? Não voltando a pisar na minha rua, nem na minha casa.

Capítulo 33

Semanas depois, Kiki me disse que Ęrno estava chegando de Nova York. Não sei como sabia de tudo, mas descobria antes de todo mundo. Ela me disse isso enquanto esvaziava seu bolso na mesa do Le Dôme e retocava o batom vermelho.

— O que vamos fazer para celebrar a chegada de seu amor? — perguntou, admirando seu reflexo no espelinho. — Se você não estivesse com essa cara tão aborrecida, poderíamos dar uma escapadela e, com Thora e Treize, procurar uma roupa que deixasse você linda para a chegada dele. Mas desanimada desse jeito... Que cara!

— Você tem razão.

— Claro que tenho — disse Kiki, levantando uma sobrancelha. — Eu sempre salvo você.

— É verdade.

— Bem, querida... Thora tem um gosto excelente, e você decidiu ser uma senhora de respeito. Ela é a conselheira mais adequada; eu tenho certa queda para decotes profundos.

Kiki me encarou, inclinou a cabeça com condescendência e bateu repetidamente os cílios, como uma mariposa a levantar voo.

Uma parte de mim queria voltar a ser aquela garota sem limites.

O céu de Paris estava azul, sem nuvens. Anunciava a chegada de Ęrno — sempre impecável, resplandecente, rescendendo a perfume e sabonete. Fiquei aliviada ao constatar que, apesar da minha mudança, todo o resto permanecia igual: Kiki, o burburinho em nosso clube, o céu, as ruas, o céu. As garotas chegaram, não se sabe como, avisadas por uma amiga, lindas de se ver: viviam pela e para a felicidade.

— Muito bem, meninas — disse Kiki como se também já soubesse que teria de me animar, encobrendo a dor com frivolidade. — Vamos fazer com que nossa adorada Alice comece a parecer a senhora Hessel. A belíssima e educadíssima mulher de Ęrno Hessel.

Todas elas assentiram, brindando com entusiasmo os drinques com rum pedidos por Kiki e por conta do ambiente festivo que sempre contagiava a louca de Montparnasse.

— Precisamos vesti-la como se fosse a representante na terra da *maison* Chanel.

— Não tenho certeza de que isso vai ser adequado — opinei, sendo solenemente ignorada.

— Coco! Coco vai ficar encantada em vestir você para a chegada de seu amigo íntimo.

— Coco Chanel e esse moço são íntimos? — surpreendeu-se Treize, que nunca sabia o que estava acontecendo.

— Mas é claro — declarou Kiki.

— De qualquer modo, se dermos uma volta podemos achar algo mais divertido — apostou Thora, animada pelo álcool.

— Bom... Eu deveria me contentar só em estar apresentável. Essa roupa que estou usando é bonita... — disse. — Não quero parecer como se estivesse indo ao baile de 14 de Julho, sejam sensatas. — Kiki levantou a sobrancelha mais uma vez. — Acho que só preciso me animar — continuei.

— Bem, eu já a vi mais felizinha, pode apostar.

Abriu a bolsa de novo, esvaziou o conteúdo em cima da mesa e começou a passar ruge em mim, para me emprestar alguma cor.

— Cor é vida, não é, Treize?

Eu nunca liguei para suas habilidades de maquiadora, mas me deixei contagiar por seu ímpeto e suas mãos.

— Cor é vida — repeti.

— Assim espero, porque gastei meu último pagamento em duas peças de Carine — disse a prudente, prática e doce Thora Dardel, mulher de Nils, sempre um espelho da felicidade mais sensata.

— Oh, Thora — exclamou Kiki, emocionada. — Em você qualquer coisa fica bem. Mas não sei quem é Corine.

— Carine — corrigiu Thora.

— São peças bonitas? — perguntou Kiki, apanhando o batom.

— Lindas.

— Então não há o que discutir — sentenciou.

Kiki se movimentava mais entre as cores dos artistas do que entre a cores da moda, e isso lhe dava uma visão geral das coisas

Ela dizia que viver era o quadro mais bonito, e estava certa. A beleza transformada em liberdade era seu modo de vida.

— Você devia descansar, Alice — aconselhou Treize, olhando para as outras em busca de apoio. — Por Ęrno e por você.

— Eu fico com vocês.

— Não, não, não — disse Kiki. — Treize tem razão. Vá descansar, para estar com a pele boa logo mais. Hoje pode ser sua grande noite, não?

Não pude evitar; olhei irritada para ela. Pareceu-me que, sabendo de tudo, não precisava enfeitar a realidade, não precisava pisar em ovos para falar comigo.

Quando fui deixar dinheiro sobre a mesa para pagar minha parte, Thora grunhiu e abanou as mãos sobre os copos.

— Nada disso.

O garçom se aproximou, e Thora não me deixou pagar.

Inclinei a cabeça, agradecida, e fui para casa, andando.

O céu se avermelhava sobre Paris, aquele rubor vivo que, paradoxalmente, anuncia a chegada do frio. A silhueta da cidade se desenhava como uma pintura rasgada sobre os telhados. O carro de Ęrno tinha chegado. Apoiei-me no capô sobre o motor; ainda estava quente. Passei as mãos pelo rosto para me recompor do estado de ânimo que o desamparo na casa de minha mãe tinha me deixado. A porta se abriu. Escutei o barulho de malas grandes sendo arrastadas pelo chão. O portão se fechou de repente. Diante de mim caminhava minha ansiedade, como se fosse uma desertora de mim mesma.

A porta de casa estava aberta, e fui para a sala. Vi várias caixas de presentes na mesa e imaginei que eram para mim.

— Você os abrirá depois de me beijar.

— Ęrno! — Virei para o corredor.

— Vi como os olhava — ele disse, apontando os embrulhos envoltos em laços vermelhos.

— Posso? — perguntei a ele, sem querer parecer ansiosa.

— Ei, e eu? — perguntou. O rosto cansado pela viagem de semana se iluminou ao me ver.

Ërno aproveitou que eu estava lá de pé para me abraçar com um gesto tão tipicamente seu como acariciar minha nuca enquanto me beijava. Desfiz o laço de um dos presentes que ainda tinha nas mãos, brincando com a fita.

— Você está muito bonita — disse ele.

— Kiki me maquiou hoje de manhã.

— Como estão as garotas? — perguntou.

— Maravilhosas. Você sabe... — expliquei, para não parecer desanimada. — Você estava em Nova York, e tive de me divertir com elas.

— Tenho certeza de que você ficou bem.

Respirei fundo.

— Não se engane. Já sabe como sou.

Ërno sentou comigo no sofá e me ofereceu um dos presentes. Fiquei tão culpada que, nervosa, tirei os sapatos.

— Tudo isso é para mim? — perguntei.

— Pensei que faria você passar vontade, não está certo deixá-la sozinha justo quando vamos ficar juntos...

— Vou abri-los.

— Parece que adivinhei — comentou Ërno, em um tom de voz brincalhão enquanto olhava meus pés no tapete. — São...

— Sapatos? Diga que sim!

— Espero ter acertado o número... — murmurou, tirando os papéis que cobriam meu presente. — É um dos motivos pelos quais a amo. Você tem pés bonitos.

— Você está brincando?

— Claro que não, sua boba. Comprei-os em uma loja próxima da Grand Central. Leopold me levou às compras, você o conhece. Teve tempo de visitar vários alfaiates, empenhado em adotar um estilo nova-iorquino.

— Parece-se com Paris?

— É diferente. Lá estão obcecados com o céu, tudo precisa ser altíssimo. Perfeito para os negócios e exaustivo ao mesmo tempo —

respondeu, voltando a me beijar. — E então? Gostou?

— Hum... Adorei. Olhe.

Levantei.

— São maravilhosos. Vou ser motivo de inveja das garotas quando falar que você os trouxe para mim de Nova York.

— Bem... — hesitou, apontando as outras caixas. — Você terá de se gabar muito, porque tem vários para escolher.

— Diga que não está brincando. Mais sapatos?

— Sim. Quer abrir os pacotes?

— Por favor, por favor...! — repeti, como uma menina no Natal.
— Deixe-me descobrir o que você trouxe.

Desta vez, fui eu que pulei em seus ombros para me pendurar em seu pescoço, agradecida por sua generosidade. Beije-o. Cheirava à limpeza, recém-saído do banho e perfumado, como sempre. Lembrei-me do sabor de sua pele ao morder carinhosamente o lóbulo de sua orelha. Senti, por sua reação, que estava ansioso para me possuir.

— Para que veja o quanto me lembrava de você — disse. — E... não pense que essa é a única surpresa. Pensei muito em você e, também, resolvi algumas coisas.

Com meus sapatos novos, atravessei o quarto e fui até a mesa, pensando que ele falava de casamento. Fiquei de costas para ele, para disfarçar minha preocupação, brincando com o embrulho das caixas. O vermelho da tarde tinha sumido por entre os telhados, e as janelas de alguns prédios já começavam a se iluminar.

— Futura senhora Hessel — disse, ressaltando cada palavra, como abrisse seu coração para mim —, quero informá-la do presente que mais vai agradá-la.

— Como...? — perguntei apenas

Veio em minha direção e respondeu:

— Acho que os sapatos que você colocou são os mais adequados para levá-la para onde vou fazer...

Como se houvesse um sinal combinado entre ele e o motorista, ouvi o ronco do motor na rua. “Vamos”, ele me chamou com um sorriso.

Estendi a mão e, sem falar mais nada, me deixei levar por sua surpresa, como se já fosse a senhora Èrno Hessel. Lá fora, o chofer esperava pacientemente que entrássemos no carro para nos levar a outro lugar em Paris.

— Você sabe aonde estamos indo? — perguntou, cúmplice, ao empregado.

— Claro, senhor.

O carro partiu em uma nuvem de excitação e tensão para o destino que meu noivo tinha definido. Mais uma vez esqueci minha traição, quando, feliz, peguei sua mão como naquela noite em que saímos do Maxim's, com Coco Chanel. Um concerto de pardais me acompanhava em minha cabeça, não conseguia articular palavra nem responder aos gestos contínuos de afeto de Èrno.

— Senhor? — chamou o motorista ao atravessar uma ponte da qual não me lembro.

— Já sabe — respondeu ele, como se tivéssemos chegado ao nosso destino.

Meia hora depois de ter calçado os sapatos novos, o carro parou na *rue* Pont Louis-Philippe. A porta se abriu, e desci, a água correndo rápida pela calçada. Tentei não me molhar.

— Alice... — disse com sua voz profunda, esticando o braço em direção à fachada.

Ali estava. Uma senhorita de uniforme azul sorriu para nós da vitrine e abriu a porta, nos convidando a entrar. As campainhas soaram alegremente; senti meu coração batendo e o sangue correndo como a água que descia apressada pelo meio-fio, procurando uma saída.

— Alice, você sempre me falou do seu sonho — disse ele ao meu ouvido. — Então aqui está ele.

Olhei para todas e cada uma das coisas que enchiam a vitrine, com os olhos úmidos. Ao fundo, meu nome em letras vermelhas: Alice Humbert, Tecido de Vosges. Não sei exatamente o que disse naquele momento, em que Èrno sorriu com toda a sua satisfação, e eu tremi de felicidade. Ele me deu tapinhas no ombro para ver se eu tinha alguma reação porque estava paralisada, dura de emoção e de frio. Era minha futura loja. Uma pequena butique de tecidos que,

iluminada desde a parte de dentro, parecia um caleidoscópio de cores girando até mim.

— O que você acha? — perguntou, hesitante, da porta, com a mão apoiada na maçaneta dourada.

— Ah... ainda não sei — respondi, sorrindo.

E entramos na loja.

Eu, que tinha aprendido a viver aos tropeções, algumas vezes empurrada por minha ânsia de chegar em primeiro, outras pela timidez de não querer chamar a atenção, me vi refletida naquela cascata de tecidos coloridos que cobria todas as paredes da loja. Quantas horas teria passado ali, alienada de tudo, pensando em minha felicidade, nos tecidos? Era meu lugar no mundo: aquela loja, que cheirava à madeira limpa e pintura nova, com a qual minha mãe sonhava nas noites de vigília e de frio — o sonho que tanto perseguira, e que eu tinha herdado em minhas ilusões, estava ali comigo. O que fazer quando um sonho é sua única herança? Por isso, fiquei imóvel e em silêncio por vários minutos, digerindo as cores como se fossem uma miragem. Minhas mãos ainda hesitavam quando me aproximei dos rolos do produto. O que poderia dizer? “Eu amo você.” Soltei no meio da loja, calçando meus sapatos novos e me entregando a ele entre tecidos coloridos. O silêncio ecoou na loja.

Sorriu.

— Sabe disso muito bem.

— Esta manhã acreditava estar morta — disse. — Agora, acredito que serei a mulher mais feliz do mundo.

— E ainda tem uma loja como sonhava!

— Não, Erno, me perdoe, mas continuo sonhando.

— Devo acordá-la?

Olhei para ele. Sorria com muita tranquilidade, seguro de si mesmo.

— É a primeira vez na vida que não quero despertar dos meus sonhos. Vale a pena continuar assim.

Um nó cresceu em minha garganta assim que pronunciei as palavras.

— E agora, o que foi?

— Nada. É que estou com vontade de chorar.

— Mas me diga que é de felicidade!

— Claro!

— Sempre que estiver ao meu lado, cada noite que passarmos juntos, cada vez que me perguntar se a amo, direi a você que sim; cada vez que me esperar de uma viagem, que conte as horas, dias, semanas... Estarei prestes a chegar. Quero ser seu único pensamento, pois você já se transformou em meu único destino. Você. A culpa de tudo isso é sua, não sou nada além daquele que torna seu desejo realidade...

— Não sei o que dizer.

— Era sua vontade, não é?

— Sim — respondi, mordendo o lábio.

— Então, não precisa dizer nada — disse, sorrindo. — Quer voltar para casa?

— Você está orgulhoso de mim? — Caminhei hesitante depois que suas palavras ressoaram pela loja.

Ele levou as mãos ao peito e suspirou. Entre suas mãos batia um coração sereno, um homem que jurou a si mesmo me amar para sempre, sem desculpas, sem pretextos, e que com certeza estava ciente de que o meu batia em outra velocidade.

— Quando cheguei ao seu mundo, vivia de tirar a roupa. — Desculpei-me, incapaz de evitar a emoção que pairava em meu rosto. — Agora quero ser aquela que veste todas as mulheres de Paris.

Ele me encarou, entendi a expressão em meu rosto. Sabia que eu ainda sentia vergonha daqueles dias.

— Não vou negar que esqueci esse tempo, querida Alice, mas eu a amo demais para imaginar. Não suportaria que você voltasse a se despir como naquela época.

Inclinei a cabeça, como se fosse beijá-lo para que pensasse em outra coisa.

— Nunca mais?

— Nunca — respondi, com os lábios trêmulos. — Por mim e por você.

— Só você e eu.

— ... Só você e eu — repeti.

A garota que andava pelo andar superior da loja desceu ao ouvir a porta, apagou as luzes, se despediu e foi em outra direção, quando entramos no carro.

— Bem, e você, como está?

— Estou pensando em vir amanhã para ver se a loja continua aqui.

Ërno começou a rir e apertou minha perna.

— Para sua tristeza, senhorita Alice, esta loja é sua e vai estar aqui amanhã esperando seus esforços — respondeu, brincando para me arrancar um sorriso.

— Cale-se, Ërno, não diga isso.

— Pois então, vamos ficar na loja, boba, vai que amanhã aparece uma cafeteria no lugar de seus tecidos.

— Posso garantir que consigo ficar ali esperando o dia de abri-la ao público.

— Claro... Acredito em você. — Ele respirou fundo, antes de me propor uma coisa. — O que acha de irmos encontrar Leopold? Ele está com o grupo no Le Dôme. Acho que vão beber alguma coisa. Esta é a noite dos sonhos, vamos fazê-la durar.

— Mas se você está exausto...

— Talvez, mas não acredito no cansaço se eu estou com você.

— Pois então vamos. Não vamos perder a noite.

Ërno disse ao motorista aonde deveríamos ir e me puxou contra seu peito. Paris estava contente; eu dizia então que, quando se fantasia com felicidade, a cidade parecia mais bonita, até que você se sintasse mais bonita. Assim me parecia esse momento: perfeito. A noite era um reflexo do meu desejo, tanto que a cidade me parecia irreal quando olhei pela janela, não por descuido, e sim por sua aparência estranha. Sobretudo porque tinha começado, de novo, a esquecer de mim. A maior parte da minha felicidade coincidia com o momento em que eu deixava de ser eu.

A superfície do Sena, em compensação, me pareceu muito escura quando atravessamos uma das pontes na direção de Montparnasse. Os detalhes que me lembravam de que as viagens têm sempre um

destino. Olhei pela janela, procurando os reflexos prateados de outros dias. A água se agitava, muito escura.

— No que está pensando? — perguntou Ęrno, se aproximando de mim.

— Em nada, só olhei pela janela, nada mais.

— Noite sem lua, não é?

— Nem percebi — menti. — Acho que não.

— Deixe-me ver — disse, inclinando-se para olhar. Aproveitei o momento para olhar para ele um bom tempo.

— É verdade — concluiu. — A noite está mais densa do que o habitual.

Agitei-me, nervosa, ao me lembrar das noites sem lua. Era o único farol para o meu bairro, quando o dia desaparecia, e se instalava a escuridão naquelas ruas cheias de cantos e umidade. Tive uma epifania na metade do trajeto: no momento em que observei o céu, lembrei-me do quanto precisei de mamãe em muitas daquelas noites em claro, quando ela tardava em chegar da maternidade, carregada de roupas velhas no meio das ruas escuras, sem lua — do tipo que me assombrava ao me ver aproveitando a distração das pessoas, as horas de espera junto à lenha, com os Fresnault, a morte de papai, pouco antes de terminar a guerra... Tudo acontecia em noites sem lua. A intranquilidade me acertou como uma marreta e, de repente, me senti vazia, sem forças para chegar à festa. Eu me aninhei nos braços de Ęrno, fingindo dormir, mas ele estava tão feliz que não percebeu meu desassossego. A ausência da lua voltava sempre à minha mente, angustiante, enquanto nos aproximávamos de nosso destino.

— Está mesmo cansada?

— Foi um dia muito cheio...

— Você me esperava?

Um instante mais tarde, depois de olhar encantada o céu escuro de Paris, respondi:

— Claro, Ęrno, você diz cada coisa!

— Parece que você ficou muda...

— Não diga isso! — disse a ele, me alegrando. — Observava a noite, estava absorta. Estou aqui, com você, está vendo?

— Claro que sim. — Suspirou. — E gosto de senti-la de novo.

Enquanto voltávamos a nos beijar para ter certeza de que nós dois estávamos ali, juntos, felizes, sem notar a noite sem lua, o chofer anunciou:

— Senhores, chegamos.

Ërno arrumou o colete, a gola do casaco e saiu do carro para abrir a porta para mim. Nas janelas do Le Dôme, misturavam-se fumo, vapor e muitos movimentos de braços, como se todos estivessem dançando a mesma música. Agarrei-me a ele e entramos. Não houve tempo para cumprimentar ninguém, todos correram até nós, vinham bêbados de rum e cheirando a tabaco. Entre os primeiros, Kiki e Man, que, bêbados, pediram bebidas para nós. Enquanto nos aproximávamos da área onde havia um círculo de mesas e cadeiras, Hessel cumprimentava todo mundo e explicava, sem se aprofundar, que tinha sido uma viagem muito proveitosa, que tinha feito grandes negócios e que seriam anos de muitos lucros. Fui com Treize até uma das cadeiras postas contra as janelas, onde uma bêbada bafejava os vidros e desenhava corações, entre as risadas de um grupo de marinheiros que enchiam o lugar. Logo percebi que era uma amiga de Fujita, Marie. Cumprimentei Kurt, Marcel, Jean. Todos atordoados, passando garrafas de rum e garotas. Kiki começou a cantar com gêmeos acrobatas do circo Medrano em cima de uma das mesas, dançando freneticamente, levantando a saia até acima dos joelhos, correndo o risco de acontecer o que todos prevíamos.

— Poderíamos ir ao Bal Bullier — gritou ela de cima da mesa. — Todos queremos festa, nossos amigos vieram... Os futuros senhor e senhora Hessel, Alice e Ërno!

— E, bem, o que acham? — perguntou Pascin, animado pela artista.

— Temos amigos no The Jockey — falou Treize. — Podemos aparecer.

— Fantástico!

— Os artistas se juntaram, hoje inauguraram alguma coisa nova na galeria de Moïse.

— Então, vamos!

— Já?

— A noite não é eterna. O que quer? Que amanhã?

Tentei me agarrar a Ęrno quando todos saímos juntos farejando a festa, mas ele seguia explicando seus assuntos financeiros para Jean. Estava claramente feliz e cheio de ímpeto; percebi que havia conquistado o homem mais seguro de si do mundo. Respirei fundo o frio daquela noite sem lua e me deixei levar pelas garotas, de braços dados, unidas em uma amizade que nada conseguiria romper.

Quando entramos na galeria em bando, fingi que conhecia aquele lugar, a turba e a agitação dos artistas e amigos mergulhando no salão em uma festa improvisada, a vontade de provar todos os pedaços da vida. A maior parte do grupo tinha vindo com uma garrafa na mão; assim, só faltava colocar música para que a multidão se agitasse. Procurei Ęrno entre o grupo, mas foi impossível encontrá-lo; entretanto, ao olhar para todos os rostos, encontrei um que tratei de evitar: Moïse Kisling. Agarrado a uma modelo de cabelo curto, agitava-se no oceano de cabeças, dançando, delirante. Viu-me e veio em minha direção. Fiquei assustada.

— Por que não me convida para beber? — perguntou, excitado.

— Perdão, estou ocupada. Vim acompanhada.

— Eu estava pensando em outra coisa...

— Mas eu não.

— Você é a única da festa que consegue me tirar do sério — falou, enquanto colocava a mão na parte da frente de sua calça.

— Por favor, Moïse, por favor.

— Esperei que voltasse esses dias para casa.

— Eu, não. Deixe-me, vou procurar Ęrno.

— Como todas, o que você mais gosta é de pegar nele, não é?

— Solte minha mão.

— Não sou eu quem tira a roupa.

— De que isso me serviu?

— Não sei, me diga você.

— Você sabe como se aproveitar da fraqueza, primeiro quando eu precisava de dinheiro; na última vez, porque estava arrasada.

— Se me lembro bem, era você quem procurava abrigo.

— Naquela noite, nem sabia quem eu era! Eu estava morta!

— Não parecia.

— Moïse, por favor. Sou uma mulher feliz, tenho um homem feliz ao meu lado, quero apagar toda minha vida, quero que até meus pesadelos desapareçam, não suporto nada que você representa, não quero nada que venha de você. Não quero nada! Entende?

— Em troca, eu quero tudo — disse, bebendo da garrafa que alguns amigos lhe passavam. — Quer?

Levou o rum até minha boca.

— Não!

— Alice, há coisas que precisamos concluir...

— Do que está falando?

— Daquilo... — disse, apontando para uma das paredes.

Aquilo era eu. Um quadro por terminar estava exposto na parede, e nele se via uma mulher nua, de olhar triste, e com apenas algumas esmeraldas cobrindo seu busto. Meus olhos se encheram de lágrimas, e me senti incapaz até mesmo de enlouquecer.

— Você tem a mínima ideia do que acaba de fazer? Está orgulhoso de si mesmo?

Kisling não se intimidou.

Naquele mesmo instante soube por que Ęrno tinha desaparecido da galeria. Era impossível que tivesse me deixado sozinha naquela noite sem lua. Eu o havia perdido. Quero dizer, para sempre. Senti-me apartada do mundo de repente, muito sozinha, com um sentimento de angústia crescendo dentro de mim. Caminhei até a porta — sem nenhuma pressa, porque nada estava à minha espera — tropeçando nos que dançavam, frenéticos, bêbados, e cheguei até a rua.

Ęrno Hessel estava ali. Prestes a entrar em seu carro. Olhou-me calado, como se já não me conhecesse. Parei a quatro metros dele, tão fria e morta como devia estar minha mãe, do outro lado da calçada. Ignorou-me da mesma forma que fiz com ela.

— Eu disse que não era um *playboy*. Por que fez isso? — perguntou.

— Você vai embora de verdade? — devolvi, tremendo.

— Seria melhor que não tivesse voltado.

O carro em movimento me indicou que tudo terminava ali, que eu não estava convidada para aquela viagem, e que minha vida, com certeza, começava e terminava naquele momento.

— Ęrno... Me perdoe.

— Alice, não.

Procurou em seu bolso um lenço e me entregou para que secasse minhas lágrimas.

— Fique com ele — disse.

Segurei-o e o torci entre as mãos.

— Fique também com seu colar, com sua loja em Paris. Eu... — disse, enquanto fechava a porta e abaixava a janela. — Eu ficarei com as lembrancas. Não são muitas, mas me bastam.

Os faróis iluminavam a rua como se fosse um túnel infinito. Aproximei-me da janela. A festa inteira refletia, para mim, minha desgraça no vidro, onde conseguia apenas ver seu rosto. Coloquei a mão no vidro gelado e li em seus lábios o que me dizia, do lado de dentro: “Adeus, Alice”.

O carro desapareceu no fim da rua, ao virar a esquina que levava à avenida em que procurara trabalho pela primeira vez. A dor acumulada desabou sobre mim e, de repente, senti-me vazia, sem vida. Levantei os olhos para o céu, procurando uma estrela que iluminasse meu tormento, um sinal; mas a penumbra lá em cima era mais forte do que a que estava em meu coracao.

— Alice! Estamos festejando! — gritou Kiki. — Entre, está muito frio aí fora!

— Muito frio... — murmurei, incapaz de esconder minha dor. — Muito frio.

Capítulo 34

— Você precisa curar as feridas.

Laurent me encarava como se eu não entendesse sua dor antiga.

— Meu pai e eu não vamos nos entender nunca, Teresa, nunca.

— Mas nada disso vai devolver a felicidade que sua mãe não teve.

Desta vez, foi Laurent quem deu de ombros. Ainda assim, pude perceber, suas mãos tinham abandonado aquela tensão que as acometia cada vez que o nome de seu pai, Mathieu Ardisson, era mencionado.

— Agasalhe-se — disse ele. — Está começando a esfriar.

Capítulo 35

Querido Ęrno,
À medida que se passaram os dias, as semanas, reuni forças para lhe escrever esta carta. Não quero que pense que pretendo me desculpar pelo que fiz, nem por ter rompido nosso compromisso, nem lhe suplicar algum tipo de resposta, nem perdão; escrevo apenas para lhe desejar a maior felicidade do mundo e para lhe agradecer por todos os dias que passei em sua companhia. Sabe, não me desfiz nem de seus sapatos... Kiki me disse que você buscou novos rumos em Nova York e que, depois de sua viagem, não fez nada mais além de se ocupar de seus negócios além-mar. Suspeito que acabará ou que viverá do outro lado do oceano. Lembro-me de sua expressão quando chegou, animado, e não é preciso ser muito esperta para saber que lá será o seu lugar no mundo. Notei a segurança em seus olhos.

A loja vai muito bem, meus irmãos fazem parte do negócio. Pensei que também os tinha perdido; consegui que as garotas fizessem propaganda dos meus tecidos, inclusive nas revistas de moda, e não há um dia sequer que não haja um trabalho ou um pedido para o pequeno ateliê que montei no primeiro andar. Não imagina como organizei tudo... Foi uma grande façanha, até mesmo cansativa, mas o sabor gratificante que fica é a melhor sensação do dia. Passo as horas pedindo tecidos, procurando como tirar o melhor proveito dos meus próprios desenhos — tudo para fazer do seu presente o lugar mais maravilhoso de Paris. Sei que, apesar de tudo, ficará orgulhoso de mim.

Na maioria das vezes passo a noite aqui, e reformei o porão para que fosse possível morar na loja. O céu não é visível da minha cama, você sabe o quanto eu gostava de procurar a lua da janela, mas quando tudo se acalma e fecho a loja, vou até a ponte para olhar a lua, na esperança

de que ela sempre ilumine meu rosto... Deve ser a mesma que você vê em Nova York. Consegui ser feliz à minha maneira. E o mesmo desejo a você: que seja imensamente feliz onde estiver.

Gostaria de lhe dizer uma porção de coisas, mas me vejo incapacitada moralmente de roubar um minuto de sua vida que seja. No fim das contas, você tinha razão: este era meu sonho.

Alice

Capítulo 36

O porão ficou fechado durante a inauguração da minha loja. Era o único segredo que queria esconder dos meus convidados; na verdade, empurrei um dos mostradores para encobrir parcialmente a portinha no chão e mantê-la oculta às perguntas curiosas. Minha cúmplice era Hélène. A mesma que, uma tarde, me convenceu a cortar o cabelo para parecer “mais francesa, mais adaptada” e que se prontificou a convidar os vizinhos, pequenos empresários da rua e alguns dos meus amigos, com os quais, durante todo o período de reforma, tínhamos tomado café, comido e discutido política nas escadas de Chez Julien. Ela tirou os óculos, se maquiou e perfumou “apenas para o caso de”, como dizia; “nunca se sabe”.

— Nesta rua nunca acontece tanta coisa, você não acreditaria.

Seu comentário me pareceu estranho.

— Minha vida... Parece-lhe pouca coisa?

— Tem razão, Teresa — concordou, com uma autoridade que a fez cúmplice da minha ilusão.

— Minha loja, minha vida, minha liberdade... — continuei, falando animada por minha nova perspectiva.

Hélène não se surpreendeu. Levantou as sobrancelhas.

— Ouça — disse, em voz baixa —, tudo ficou ótimo, mas deve ser acompanhado de vontade. E não vou tolerar — enfatizou cada uma das palavras — que esta loja volte a ficar abandonada.

— Vou parecer uma *hippie* para você, mas essa é minha única missão — respondi, aliviada.

— Tudo isso que você enumerou?

— Minha liberdade. Esta loja. Eu. Fazer o que me dá vontade — disse, sem encontrar palavras adequadas por conta da minha

familiaridade com ela.

Mantive o contato visual, enquanto ela abria um sorriso.

— Então, me sirva vinho. É uma ordem! — alfinetou.

Ela era mãe solteira, e as amigas de sua filha transformaram a festinha em um acontecimento no bairro: portas abertas, presentinhos embrulhados em papel celofane e vinho tinto que escondemos atrás do balcão para brindar com os amigos e desconhecidos. Colocaram música e arrumaram plantas aromáticas na porta. Hélène bancou minha madrinha, até que, levemente embriagada, disse “a coisa é sua” — ou seja, minha —, quase perdendo o equilíbrio.

— À vida — disse ela, apoiando-se na vitrine.

— E ao acaso — completei, olhando disfarçadamente a porta do porão. — O acaso.

— Então, brindo a esse acaso.

— Não tenho nenhuma dúvida.

De canto de olhos, vi que alguns dos convidados observavam uma das fotos emolduradas e penduradas na parede. Pensei que, ainda que ninguém a conhecesse, ela não passava despercebida. Sorri e o reflexo do meu sorriso brilhou no vidro.

Logo comecei a cumprimentar todos os convidados, graças ao vinho e à alegria que tinha investido naquela loja renovada. Bastava olhar ao meu redor para ver que não só tinha restaurado aquelas paredes velhas e cheias de fantasmas, como também a mim mesma. Recuperar cada viga de madeira tinha sido uma forma de endireitar meus ossos, remendar meu passado — de corrigir o rumo ou de escolher, por fim, um caminho para me instalar e compensar os anos em que nada tinha acontecido. Nada tinha mudado por anos.

— Que nome você deu à loja? Não sei ainda.

Fomos até a rua. Hélène me encarou em silêncio, depois perguntou:

— “Mi Amor”?

— Não me diga que...

— Sim... Laurent?

Ficamos caladas por um momento, sorrindo uma para outra. Tinha reconhecido a música que tocava, naquele instante, dentro da

minha loja em Paris, ainda que estivesse a mil quilômetros de distância dali: “La question”. Aquela música que me despertara da letargia em Madri, quando comprei uma velha tabuleta de madeira, sem sentido algum na época. Tinha o olhar perdido de quem consegue o que quer. Em poucos segundos, naquela tarde, sentira uma reviravolta e uma necessidade irreprimível de mudar de vida. Tinha um nó na garganta, igual ao que sentia naquela tarde. Hélène percebeu que eu estava tendo trabalho em conter as lágrimas.

Sabia muito bem o que me diria.

— Não sei se você lembra como chegou aqui — começou Hélène, falando devagar. — A mulher parada diante dessa loja era cinzenta, talvez iludida, mas uma mulher cinzenta.

— Aceito sua sinceridade...

— Sei que nunca me contou tudo; afinal, sempre acaba falando dessas fotos e de suas pinturas, mas imagino que temos muito tempo, não é?

Disse isso com a taça de vinho na mão e aquele olhar intrépido e adulto de pessoa intuitiva que consegue adivinhar até o signo dos outros. Vi que me olhava contente, contagiada por minha felicidade incipiente.

— A festa está acontecendo lá dentro. Sua festa. Vamos entrar.

Empurrou-me até a loja e disse:

— Entre... Esse é o horário em que começa a esfriar em Paris. O frio.

— Tenho com que me agasalhar — disse a ela.

Cravou em mim seu olhar lícido, cúmplice.

— Entendo.

Laurent estacionou sua moto na calçada e, ao tirar o capacete, sorriu ao me ver, como se seu destino fosse eu.

Capítulo 37

Laurent arrumou o casaco verde sobre meus ombros, e caminhamos até a casa de seu pai, quando a festa acabou. Era um daqueles momentos em que se é feliz, e nada especial aconteceu. Como explicar? Peguei fotos de Alice Humbert para entregá-las a Ardisson. Era minha maneira de colaborar com a exposição de mulheres parisienses que ele estava preparando. Do que elas me serviam, se aquele homem se emocionava sempre que tinha as fotos entre seus dedos? Eu o vi tremer ao acariciar o rosto das modelos, como se parte de sua vida estivesse parada nos anos 1920. Felizes anos 1920. Era curioso. A felicidade que eu tanto procurara na cor, agora a tinha em preto e branco. Pensei em telefonar para o velho pintor e contar que tinha começado a esfumaçar, a distinguir os azuis do céu, as cores das telas, os cachecóis e presentes da minha nova loja, os matizes da vida — da minha vida que, basicamente, tinha arrancado uma folha para começar do zero...

— Você estava usando verde quando a conheci em Madri? — perguntou Laurent, tentando se lembrar, enquanto me olhava.

— Estava de azul, lembra? — respondi, sorrindo melancólica. — Isso não é *Casablanca*.

— Azul... — pensou. — Azul cobalto. É verdade, era como o fundo de um dos meus quadros...

— Foi isso que você disse — afirmei.

Ele ficou em silêncio alguns instantes.

— A cor lhe cai bem, você está muito bonita.

— Eu tinha esquecido.

Essa felicidade que as mulheres das minhas fotos transmitiam tinha tanto cor quanto vida, e seus movimentos respiravam. Os

chapéus, os decotes, os sapatos, os lenços ao vento, os sorrisos, as risadas... E, curiosamente, tudo estava em preto e branco. Três das fotografias que emoldurei para decoração da loja e para homenagear aquela mulher que deve ter sido feliz diziam muito sobre mim. Estou me referindo às que escolhi, porque pareciam um resumo de minha vida, desta e da que eu tivera. Uma fotografia de má qualidade em que se via a mulher que eu tinha sido: Alice sentada à mesa de uma cafeteria, com o olhar perdido na xícara e uma rua que desaparecia ao fundo. Outra que falava da mulher que eu gostaria de ter sido: Alice nua, em um sofá, sorrindo entusiasmada junto com três amigas posando sem preocupações. E a terceira: Alice abraçada a um homem, que não poderia ser identificado, pois estava de costas. Ela beijava seu pescoço ferido, ele, vestido para uma festa.

Uma hora depois de uma longa caminhada, tocamos a campainha do prédio dos antigos ateliês, onde Ardisson morava. A mulher de cabelos brancos, que arrastava as latas de lixo, sorriu para mim com familiaridade.

— Acho que o senhor Ardisson não está bem. Saiu para passear, como faz todas as manhãs, e não chegou até a esquina; inclusive hoje não saiu.

— E como está agora? — perguntou Laurent, nervoso.

— Ele me disse que, se chegassem, entregasse a vocês as chaves para que pudessem entrar.

Um pensamento me passou pela cabeça.

— Por que ele não me chamou? Se estava mal, devia ter me chamado — disse Laurent.

— Vamos subir, talvez esteja só cansado — tentei tranquilizá-lo.

— Estou preocupado.

Apesar de tudo, sorri. Percebi que o amor que Laurent sentia pelo pai era visível, ainda que se esforçasse para disfarçá-lo em ódio. Com certeza, eram tão parecidos que haviam caminhado por ruas paralelas sem nunca terem cruzado olhares nem caminhos. Tinha certeza de que criara um homem maravilha, e que ambos colocavam paixão em tudo que tinham feito, longe de inibições. Apertei a mão de Laurent quando abrimos a porta da casa, e ele retribuiu o gesto.

Suas mãos estavam escorregadias de suor. Então, ele me soltou e entrou aos berros em uma casa que mal conhecia.

— Papai! Papai! — gritou Laurent, ao pisar na sala envidraçada do ateliê.

— Precisamos... — mas não consegui pronunciar as palavras seguintes para tranquilizá-lo, porque voltou a chamar o pai, rugindo um lamento seco.

— Papai!

Sua voz ecoou pela sala onde me apresentei àquele senhor pela primeira vez, naquela tarde cheia de aflição, em que espalhei as fotos sobre sua mesa. Eu nunca rezava, mas naquele momento de silêncio e de eco no vazio da casa, orei para que seu pai estivesse ali, vivo. Todos os meus medos voltaram em um só golpe, esses que fizeram de mim uma criança solitária, sem qualquer outro afago a não ser morder as pontas dos lençóis para deixar de ter pesadelos.

— Papai! — repetiu, agarrando minha mão dessa vez. Seu rosto estava pálido.

Laurent gritou com tanta força que senti sua dor. Fui até o quarto, como se quisesse impedi-lo de ver alguma coisa. O silêncio se fez ao meu redor. Minha mente se voltou para o rosto de minha tia Brígida, quando velava o corpo da minha mãe, impávida, naquele espelho duplo e sinistro de morte e vida. Uma gêmea velando a outra. Não queria mais dor em minha vida e empurrei a porta do quarto do sr. Ardisson.

— Mathieu...

Laurent ficou do lado de fora, impassível à notícia, apenas atravessando aquele muro de anos de receios e desconfianças, que naquele momento assumia a forma de uma porta.

Cheguei perto da cama, toquei-lhe o rosto. O medo, contagiado por meu amor, tinha secado minha garganta e voltei a chamá-lo em voz baixa.

— Senhor Ardisson...

Abriu os olhos. Olhou-me com benevolência. Tinha o olhar cansado, sem cor; estava pálido e sonolento como um pássaro.

— Estou aqui.

Nesse momento, seu filho entrou no quarto, ofegante.

— Papai... Por que não respondeu?

Ele ficou em silêncio, mas me olhou com tanto amor que entendi que aqueles dois homens tinham estado mais próximos do que separados. O amor tantas vezes se encobre de ódio...

— Parece que ele está piorando. Olhe para o rosto dele.

Encarei-o. Eu me reconheci em sua perda de controle e nessa dúvida infinita de amor e dor, ódio e discórdia, a ladainha de carinho que provoca desavença e o silêncio de anos.

— Vou buscar um casaco e chamar uma ambulância — disse, ao deixá-los sozinhos.

Contemplei como o homem de cabelo cinzento me olhava, como se estivesse, ao mesmo tempo, se despedindo e me agradecendo tudo o que eu tinha feito por ele. Desviei o olhar, porque começava a sentir as lágrimas se formando e não queria que ele presenciasse minha fraqueza.

— Teresa... — chamou o pai baixinho, me procurando, quando atravessei a porta, fugindo. — Teresa!

Voltei para o quarto.

— Esse armário... Quero que abra a caixa que está na primeira gaveta.

Laurent, que tinha derrubado o muro de indiferenças, entrelaçando a mão na do pai como se também segurasse ali os dedos de sua mãe, olhou para nós, desconcertado.

Como aquela menina que esquadrihava os armários do palacete onde não fora feliz, procurei naquele outro armário de espelhos aos pés da cama de Mathieu Ardisson uma surpresa. Dessa vez, a presença à espreita de tia Brígida não me preocupava como acontecia na infância e ali a minha curiosidade, a do presente e a do passado, se reuniam sem medo, mais uma vez à procura de uma resposta. A vida é um fio e, em algumas ocasiões, ele se desfaz. Agachei, apoiada no guarda-roupa, e abri a gaveta, cujo peso atingiu meus joelhos, revelando lençóis brancos bordados com iniciais, como os de minha casa, novos e engomados; havia roupa de cama e toalhas com as bordas muito gastas. Um cheiro forte de lavanda tomou conta quando me inclinei para ver melhor. Ao procurar entre as dobras dos tecidos, achei uma caixa de papelão.

— E então? — perguntou ele, em voz baixa, da cama.

— Uma caixa? — busquei a confirmação, puxando-a com cuidado entre os lençóis.

— Sim.

Mathieu esboçou um sorriso triste.

— Você, querida Teresa, sabe bem o que é.

Abri a caixa, mas fechei os olhos.

— Agora é seu. Como o foi delas.

Levantei impressionada, porque o tom esverdeado das esmeraldas era exatamente o mesmo do quadro do museu. Ardisson esperava na cama que eu dissesse alguma coisa. Não consegui.

— Minha mulher usou-a apenas uma vez, no dia em que esteve mais linda do que nunca. Em nosso casamento. Sua avó, Alice, lhe entregou ao nos ver tão apaixonados — “Entrego-lhe a felicidade”, disse ela. Eu... — Olhou para o filho, que chorava. — Eu rompi essa corrente de amor... Querida Teresa, peço que seja feliz. Exijo que seja feliz. O colar é parte da família. De uma família que, aos tropeços, tem buscado o amor. — Olhou de novo para o filho e completou: — E que você seja feliz como fui por muito, muito tempo, com sua mãe. Dediquei minha vida a ela, a todas essas mulheres em preto e branco que coleciono, porque é o único modo de obter o perdão da minha mulher. Cuidando delas, recuperando sua beleza e lhes devolvendo o lugar que merecem ter.

Laurent começou a chorar.

— Alice Humbert, sua Alice, brincou com o destino. Às vezes, um pouco de loucura faz falta.

Laurent me encarou. Respondi com um aceno de cabeça, enquanto, nervosa, erguia o estojo. Uma caixa de papelão velha e puída, com desenhos chineses, que durante anos guardara a maravilhosa e imponente gargantilha de esmeraldas.

— É sua. Os objetos nos escolhem. Eu não disse?

Minha cabeça começou a dar voltas.

Mathieu esboçou um sorriso melancólico.

— Para você — repetiu.

O instinto me levou diretamente para o quadro do Museu de Arte Moderna: o colar de Alice tinha me levado até Paris. Estremeci. E

tudo se agitou velozmente em meu cérebro: a tabuleta do antiquário, a primavera seca, a música que tocava, o endereço dos ateliês, as fotografias de Alice Humbert no porão, as festas no Le Dôme, as risadas daquelas garotas nuas nas fotos, os pintores, o baile, o almoço no La Tour d'Argent, o acaso, o porão escuro, o olhar iluminado de Alice, a fotografia. A última fotografia. Claro. A última fotografia.

Senti um formigamento que me conduziu até aquela outra imagem — como não tinha percebido antes? A mais bonita e pessoal entre todas as que eu havia encontrado, aquela que, por instinto, tinha deixado pendurada em minha loja: um abraço no qual a jovem Alice Humbert, vestida de branco, fundia-se a um desconhecido, beijando-lhe o pescoço, acariciando com os dedos a cicatriz pouco visível no papel gasto em preto e branco.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— Nunca respondi, querida Teresa, uma de suas perguntas — disse, enquanto se acomodava nos braços de seu filho. — Alice Humbert foi feliz. E quis que todas as mulheres de sua família o fossem. Perguntou-me muitas vezes. Procurou ser imensamente feliz. Ela procurou a própria felicidade.

Capítulo 38

A exposição póstuma de Mathieu Ardisson na Prefeitura de Paris foi um sucesso. Ali estavam todas as mulheres parisienses, desde o início do século, sob o maravilhoso título “A felicidade em preto e branco”.

Laurent e eu nos mudamos para o sótão de Pont Louis-Philippe, onde eu vivia muito sozinha. Em um ataque de vitalidade, trouxe todos os amigos para improvisar a mudança de suas coisas, que arrumamos entre as minhas de tal maneira que, desde aquele dia, comecei a desfrutar do caos e da despreocupação. Paris tinha sido uma festa e começava a sê-lo outra vez; não eram os felizes anos 1920, mas para nós era a mesma coisa. Ele transformou o escritório do pai em um ateliê, para buscar sua felicidade no que mais gostava: pintar. Encontrei minha felicidade na loja de presentes, a muitos quilômetros de onde tia Brígida tinha construído para mim uma infância correta, em que nunca se pôde improvisar, correr, marchar, cantar, rir até gargalhar, andar descalça, caminhar nua... Juntei todos os pedaços de pano que guardei desde criança naquela mala, todos aqueles vestidos que guardei e que me deram uma espécie de bem-estar, para fazer com eles um edredom e, embaixo dele, Laurent e eu nos abrigamos do frio. Um mapa de cores que falava sobre mim e das coisas que tive de destruir para voltar a ser inteira. Paris tinha despertado a primavera com um daqueles dias de sol. Como se houvesse luz por todos os cantos da velha cidade. Caminhamos até o cais da ilha, de onde o Sena começa a seguir com força até o mar, entre as duas margens. Preparei um lanche para nós dois, e compramos uma garrafa de vinho tinto no caminho para aproveitar o tempo bom.

“Prometa que você nunca mais vai embora sem avisar”, eu disse, afundando a cabeça em seus braços. Senti que todos os males de minha vida tinham sido desfeitos, que por fim tinham se afogado nas profundidades do rio de tudo o que me restou, que meu medo de começar de novo tinha se evaporado. Livre do peso familiar e das ansiedades tinha me tornado pequena e, como se voltasse a esperar que minha mãe entrasse no quarto, mordida a gola da blusa... “Não tenha medo”, pareci escutar a voz dela no barulho da água.

— Está com frio? — perguntou Laurent, me abraçando.

— Prometa que não vai morrer de novo — respondi, sem fazer sentido.

Ele esboçou um sorriso e me beijou.

Em um acesso de ternura, escreveu meu nome e o dele na rolha da garrafa e a lançou para longe, na água.

— Ela vai flutuar — disse, olhando para mim. — O amor de verdade sempre flutua.

Nesse instante, o Sena começou a ficar dourado, e todas as cores das fachadas às margens começaram a mudar em um jogo de espelhos reluzentes, e então lembrei-me do velho pintor. Peguei meu celular no bolso, procurei o número e esperei ouvir sua voz. Depois de tocar várias vezes, temi o pior; o céu explodia em vários tons de azul, roxos e dourados, uma mistura infinita de tonalidades que iam “mais além do azul”. Como na canção, as nuvens também fazem parte da paisagem.

A secretária eletrônica atendeu; sorri ao saber que meu desenho estava quase terminado, que ele tinha começado de novo em uma folha em branco e, sem duvidar de nenhuma das minhas palavras, disse, convencida como se estivesse outra vez naquela sacada de vidros e pinturas a óleo: “Professor, encontrei a cor”.

Ao levantarmos para voltar para casa, meu vestido ficou preso em uma das pedras do cais. Laurent me puxou, e minha saia se rasgou. Junto de um pequeno prego enferrujado, invisível entre o limo e a ponta aguda, tinha ficado um pedaço de pano do tamanho daqueles que eu recortava, quando criança, para esconder em minha mala. Agachei para pegá-lo e, ao soltá-lo, a brisa que bateu o levou, como se estivesse à procura de Alice...

FIM

Todos os lugares mencionados neste livro de fato existem, inclusive a loja. “Mi Amor” fica no número 10 da rue Pont Louis-Philippe em Paris. Eu a visitei muitas vezes e me emociono ao imaginar Alice Humbert. E não apenas isso; ao terminar este livro, fiz como Teresa: joguei uma rolha com o nome dela no rio, para que o amor flutue...

Bibliografía

- BOUVET, Vincent e DUROZOI, Gérard, *Paris Between the Wars. Art, Style and Glamour in the Crazy Years*. Londres: Thames & Hudson, 2010.
- CHARLES-ROUX, Edmonde, *Descubriendo a Coco*. Barcelona: Lumen, 2009.
- DENUELLE, Sabine, *La parisienne dans l'Art*. Paris: Citadelles et Mazenod, 2011.
- KLÜVER, Billy, MARTIN, Julie, *El París de Kiki. Artista y amantes, 1900-1930*. Barcelona: Tusquets Editores, 1990.
- KRASE, Andreas, *París. Eugène Atget*. Colônia: Taschen, 2008.
- VV. AA., *Man Ray. Despreocupado pero no indiferente*. Madri: La Fábrica, 2009.
- ZOLA, Émile, *El vientre de París*. Madri: Alianza Editorial, 2008.

¹ Tecidos de Vosges, Alice HUMBERT, novidades (N. T.)

² “Não sei quem você pode ser, não sei quem você espera ser, continuo tentando conhecer você, e seu silêncio perturba meu silêncio...” (N. T.)

¹ Hoje/Atum branco/Salada de brotos de espinafre, rúcula e nabos/Vinagrete de manga. (N. T.)

² Folhado de queijo de cabra e torta cítrica. (N. T.)

¹ *Bouquinistes* são as barracas que vendem livros, gravuras, fotos e postais antigos, dispostas ao longo da margem do Rio Sena, em Paris. (N.T.)

¹ Mas que cachorra! (N.T.)

A JOVEM E RICA TERESA ESPINOSA segue sua vida sem sal e sem graça após a morte de seus pais. Criada sob a rigorosa tutela da tia Brígida, ela se mantém quase reclusa em seu imenso apartamento, em Madri, vivendo das lembranças da mãe e de um amor que sumiu sem deixar rastros e nem despedidas dignas.

Sua história começa a mudar de rumo quando compra uma tabuleta de uma antiga loja de tecidos de Paris, em um antiquário. Ao pendurá-la no escritório de sua casa, Teresa passa a sentir uma estranha presença em sua imensa casa. O rádio começa a tocar, sozinho, sempre a mesma música francesa de melodia triste, e ela acredita que a dona da tal loja da placa, Alice Humbert, tem a ver com esses fenômenos.

Decidida a entender esses acontecimentos, Teresa se muda para Paris e compra a antiga loja onde há muitas décadas funcionara o comércio de Alice. Na romântica cidade, ela não só irá esclarecer o mistério da loja de tecidos, como também encontrará um sentido para sua vida, antes cinzenta e solitária.

Além de tocar o coração e a alma, esse delicado e emocionante romance do espanhol Màxim Huerta revive os apaixonantes “anos loucos” da Paris dos anos 1920, com seus artistas e musas libertárias a festejar pelos bairros boêmios de Montparnasse e Montmartre.



© David Linares

Màxim Huerta iniciou sua carreira de jornalista em programas de rádio e veículos impressos de Valência, Espanha, onde nasceu, em 1971. No fim da década de 1990, migrou para os telejornais do

Canal9. Atualmente, apresenta e é colunista do jornal de variedades *Programa Ana Rosa*, na emissora Telecinco.

O caminho do jornalismo para a escrita foi natural e Huerta começou a percorrê-lo com o livro *Que Sea La Última Vez que me Llamas Reina de la Tele*, sobre o dia a dia de uma apresentadora de TV, lançado em 2009.

Além de *Uma Loja em Paris*, ele também é autor dos romances *El Susurro de la Caracola* e *La Noche Soñada*, coautor da peça *Más Sofocos* e já atuou em filmes e seriados da TV espanhola.

Num dia qualquer, quando andava sem rumo pelas ruas de Madri, Teresa, uma órfã rica que vive sob o rígido controle de sua tia Brígida, se vê impelida a entrar em um antiquário, atraída por uma tabuleta de uma antiga loja parisiense de tecidos.

De volta ao seu apartamento, após fixar a tabuleta em seu escritório – que compra sem saber muito o porquê –, a jovem é atormentada por uma série de sensações, percepções e visões que, ao que tudo indica, fazem referência à dona da tal loja, Alice Humbert, que viveu na Paris dos anos 1920.

Quem terá sido essa mulher e por que a sua história agora lhe bate à porta de uma maneira tão intensa, Teresa se pergunta. Sem perder tempo, ela parte em busca das respostas na mágica, romântica e colorida capital francesa, para onde se muda.

Inspirado pelos “anos loucos” vividos na Paris de Hemingway, Modigliani, Coco Chanel e Paul Poiret, o jornalista espanhol Màxim Huerta apresenta uma história de amor que resistiu ao tempo e transpassou décadas até atingir em cheio o coração de Teresa.